



Primeiro Concurso
Literário Esportivo
do São Paulo F. C.



1 9 4 2

AO
Sr. Samuel Godwin
Filho.

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE


PRESIDENTE

Primeiro Concurso
literário esportivo

do

São Paulo F. C.

Handwritten notes:
"Sem" "C" "F" "C."
Ao Sr. Samuel Godwin
Concurso de
S.P. 25.4.66
Comissão

Agradecimentos

O S. Paulo F. C. agradece a valiosa contribuição que recebeu, para editar esta obra, do dr. Horacio Lafer e das Industrias Klabin, do sr. Francisco Monteiro Machado, diretor da "Asapress" e das oficinas do "Legionario".

*Primeiro Concurso
Literário Esportivo
do S. Paulo F. C.*

patrocinado pela

*Associação dos Cronistas Esportivos
do Estado de São Paulo*



1942 - São Paulo (Brasil)

**Serie “Evolução da tecnica e do estilo
do nosso futebol atraves dos anos”**

P R E M I O S

1.º — “40 anos de evolução tecnica futebolistica”

Autoria de Thomaz Mazzoni (Olimpicus)

2.º — “A evolução do nosso futebol”

Autoria de José de Moura

COMISSÃO JULGADORA

Dr. Taciano de Oliveira

Prof. Leopoldo Sant'Anna

Snr. Roberto Pedrosa

40 ANOS DE EVOLUÇÃO TÉCNICA FUTEBOLÍSTICA

TUDO EVOLUE

Nada existe sob o sol que, com o transcorrer dos tempos, não evolua. Como na arte, na ciência, na política, na moda..., o esporte também evoluiu. E o futebol — o esporte mais popular e espetacular do mundo — não poderia igualmente fugir a esse fenômeno natural da mudança de épocas, quer na sua organização, técnica, popularidade ou ainda em seu aspecto social. Assim é que quando o futebol foi introduzido entre nós tornou-se uma diversão elegante. Esteve muitos anos restringido a determinado círculo de rapazes da sociedade. Enquanto não se popularizou, predominou o puro diletantismo dos seus praticantes. Mais tarde, democratizou-se; passou a atrair a atenção geral e sua evolução social transformou-o no esporte de todas as camadas. Do puro amadorismo passou-se ao «falso amadorismo», e por fim, com o sempre crescente cunho espetacular do esporte-rei, chegou-se ao profissionalismo, evolução essa que, na Inglaterra, já se havia dado em 1883! Com o passar dos anos foi-se modificando tudo, inclusive a técnica e o estilo, segundo as alterações das regras, as novas táticas, tendências e estilização... É fato que em cada país acabou vingando o estilo próprio, em contraste com o clássico padrão inicial das escolas escocesa e inglesa. A índole, as qualidades, o temperamento de cada povo, o clima formaram, assim, uma característica própria no futebol; e como era inevitável os brasileiros, dentro do estilizado futebol sul-americano, acabaram sendo dos mais típicos futebolistas do mundo, especialmente depois de instituímos o jogo noturno.

Tudo evoluiu. Não é mais possível comparar-se a nossa época à do passado. É inútil e lamentável pretender-se sustentar discussões entre o futebol de trinta anos atrás e o de agora.

Jamais se chegaria a uma conclusão exata... Nada existe que possa ser medido ou calculado, na técnica do futebol, para se saber se o «az» ou o quadro de ontem renderiam mais que os de hoje. O grande «crack» da época inicial faria sucesso hoje?

Para o crítico, para o afeiçoado de ontem, porém, tudo foi maior e melhor, indiscutivelmente. É mais perfeito. Mas, isso não ocorre somente com o futebol. Para o homem antigo, o seu tempo de jovem continua sendo sempre o melhor. Nossos avós dizem e juram que, na sua mocidade, o mundo atravessou a época de ouro... Não adiantam os argumentos em contrário. Não querem saber se estamos no século da eletricidade, do aranhacéu, do rádio, do avião... Tudo isso foi pior... O mundo foi mundo

somente no tempo em que eles eram moços... Assim sucede também com os jogadores e adeptos do futebol do Velodromo de 1910... E o mesmo acontecerá com os velhos de 1970, que hoje são «cracks» ou torcedores no Pacaembú... O tempo da nossa juventude foi o melhor, em tudo e por tudo. Por isso, é humanamente impossível convencer um futebolista do passado sobre a evolução toda natural do «association», através dos anos.

No futebol, porém, não existe nenhuma matematica, nenhuma logica que possa nos levar a uma comparação certa e... medir a diferença.

Já o mesmo, por exemplo, não acontece no atletismo, esporte em que se vence uma prova, marcando-se tempo ou medindo-se distancia. Destarte, é muito facil constatar-se o que faziam os famosos campeões de anos atraz e o que fazem os de hoje, para se saber ao certo que grau atingiu a evolução na tecnica. Podemos, assim confrontar os seguintes resultados, récordes brasileiros, obtidos em varias especialidades, antigamente e hoje:

100 metros rasos:

1926 — Alvaro O. Ribeiro — 10'' 8/10

1942 — Bento de Assis — 10'' 5/10

200 metros rasos:

1921 — Olegario Ortiz — 23'' 2/5

1942 — Bento de Assis — 21'' 4/10

5.000 metros:

1926 — Alfredo Gomes — 16' 49'' 1/5

1942 — Nestor Gomes — 15' 57''

Vara:

1926 — A. Wockeckn — 3 mts. 505

1942 — Lucio de Castro — 4 mts. 12

100 metros rasos (recorde mundial):

1921 — C. Paddock — 21'' 1/5

1942 — Jesse Owens — 20'' 3/10

Na natação, também, os campeões de hoje são muito mais aperfeiçoados do que os de ontem, e ai estão os recordes para confirmar o que afirmamos. Simples produto da evolução que se operou na tecnica, nos metodos, na organização, no ambiente enfim...

No futebol, ha apenas um terreno onde se pode medir e calcular bem, matematicamente, o passado com o presente: o publico e as rendas. Temos então diante dos nosso olhos toda a realidade da evolução. Assim, por exemplo, no maior jogo de campeonato de 1925 (Corinthians x Paulis-

tano), pagaram ingresso 16.575 pessoas, enquanto que no maior prelio de campeonato de 1942 pagaram ingresso 63.000 pessoas! Esse progresso espetacular; calculada em 500.000 habitantes em 1925, passou a ser de 1.400.000 pessoas em 1942, e desde que o maior campo, ou seja, o velho Parque Aantartica de 17 anos atraz, passou a ser agora o Pacaembú!

Isso tudo é evolução!

Vê-se, portanto, que onde é possível medir e comparar, matematicamente os resultados, como no atletismo e natação, os campeões modernos levam grande vantagem sobre os do passado, consequencia natural do evoluir da tecnica, do estilo, do aperfeigoamento, etc.. No entanto, si lembramos os nomes de Mateus Marcondes, Alfredo Gomes, Bianchi, Malagutti, Wili Sheweld, Alvaro O. Ribeiro, teremos a impressão de que foram muito mais famosos e vitoriosos do que os campeões atuais. É a mesma impressão e convicção que se tem no futebol, em relação aos idolos do passado. No atletismo, é facil confrontar os resultados para se saber quem estabelecia e estabelece melhores tempos, distancias e recordes; no futebol, porém, nada disso é possível.

Mas, a evolução, sem duvida, trouxe grandes transformações de ordem geral. Não querer reconhecer que a tecnica evoluiu, no futebol, seria o mesmo que desconhecer o progresso da tecnica no atletismo, no tenis, na natação, etc.. Para se ter uma idéa de como os tempos mudam, tambem no «association», vamos transcrever um artigo que publicamos em 1936, e em que se lê que o jogo de cabeça, no passado, era tido como prejudicial. Imaginem! Prejudicial o jogo de cabeça!

Leiamos, porém, o artigo:

«Recentemente, na Inglaterra, o anuario de futebol «Athletic Rens» comemorou a sua quinquagessima edição. Vê-se, pois, como é antiga a imprensa esportiva, na Europa. Por essa ocasião, aquele anuario publicou um interessante numero comemorativo, naturalmente com farta materia de colaboração tecnica, estatisticas, etc.. Entre as muitas cousas curiosas, foram publicadas varias respostas e perguntas previamente formuladas pelos editores, de abalizadas personalidades do «association» britânico: 1.º — **Quais são os maiores condições do progresso do jogo?**; 2.º — **Que modificações são desejaveis nos anos futuros?**

As respostas foram varias e dignas de estudo. Chamou a atenção a parte do livro dedicada á critica do passado. Assim, foi reproduzido um artigo tecnico, publicado na primeira vez que se editou, em 1887, o «Athletic Rens». O autor do artigo foi um campeão daqueles tempos, Norman C. Beiley, que jogou dez vezes na seleção ingleza. Na sua opinião, o jogo de cabeça, então, era exagerado, prejudicial. Vejamos alguns trechos daquela critica do seculo passado:

«Combinação e jogo impessoal são duas cousas distintas. É verdade que não pode haver combinação sem jogo impessoal, mas pode haver jogo impessoal com pouca ou nenhuma combinação. Que o habito de jogar com a cabeça está sendo levado ao exagero e que o jogo de futebol é prejudicado com isso, não pode haver a mais

ligeira duvida, e talvez se possa colocar a questão de si o jogo, materialmente, não se aperfeiçoará tornando os golpes de cabeça tão ilegais como o jogo com a mão. O excessivo uso do jogo de cabeça é tão prejudicial, à frente da meta adversaria, como em qualquer outra parte do campo. Tal como o jogo é praticado agora torna-se impossível aos dois «juizes de goals» e aos juizes decidir sempre com infalibilidade, nas caleidoscópicas mudanças que sucedem num jogo rapido, si no momento em que «A» tocou pela ultima vez na bola haveria tres adversarios entre «B» (que está quasi no lado oposto do terreno) e a meta.

Nenhum medio ou avante tem o direito de chegar ao fim do encontro «fresco como pintura».

Quando carregado, o guarda-rede deve sempre lançar ou bater a bola para um dos lados da baliza e nunca a direito para a frente.

Como principio, passes rapidos através do gramado é mais eficaz que passes altos e compridos...; para este fim passar com a parte externa do pé é muito util».

Cada epoca tem suas tendencias. Tambem no futebol, jogo sujeito a grande evolução, como de fato tem sucedido. Si em 1887, jogar muito de cabeça era tido como prejudicial, hoje, por exemplo, o passe curto, grande virtude do jogo do passado, já não é mais aconselhavel, porque não leva ao jogo celere, pratico e util. Quem sabe o que pensarão das nossas criticas tecnicas sobre o jogo atual, daqui a cincoenta anos...

* * *

Sim, cada epoca tem suas tendencias, e o esporte não pode fugir, com mais razão, a esse fenomeno. E um dos aspectos mais tipicos da evolução do futebol é, por exemplo, o equipamento e os apetrechos dos jogadores. Veja-se, assim, como se fardava o futebolista de 1905 e como se farda hoje. A tendencia é outra. Hoje, quasi está de todo desaparecida a joelheira volumosa de dez anos atraz, quando os jogadores, além da joelheira, usavam a caneleira, a tornozeleira e a meia grossa, ficando com as pernas envoltas e protegidas por um verdadeiro... arsenal de apetrechos. E agora? Aumenta cada vez mais o numero de jogadores que se apresentam com as pernas livres e com as meias caidas! Num dos ultimos encontros Corinthians x São Paulo, não vimos um unico jogador de joelheira, enquanto que um bom numero de elementos atuou de meias caidas. Ha quinze anos atraz, seria julgado louco um jogador que se apresentasse com as canelas de fora! Tudo muda...

FATORES EVOLUCIONISTAS

Para ser completa, a historia da evolução tecnica do nosso futebol deve ser feita sob varios aspectos, pois são diversos os fatores e as contribuições decisivas, como por exemplo: «jogadores», «quadros», «acontecimentos», «clubes», «feitos». Assim é que devemos levar em conta os

maiores «cracks», os ídolos, os jogadores — padrão, desses singulares elementos que muito contribuíram para o aperfeiçoamento estilístico das respectivas posições e que pela sua popularidade mais atraíram e incentivaram os novos. Os «esquadrões» — escola tiveram épocas diferentes e impuzeram seu próprio padrão, revolucionando a técnica e as táticas de conjunto, durante sua supremacia. Os acontecimentos da nossa vida futebolística, com as novas organizações e transformações, imprimiram grande impulso, em vários períodos distintos, provocando situações progressistas. Os clubes também — aqueles típicos — muito influíram, logo após a sua fundação, nesse evoluir constante, assim como os feitos e as glórias do nosso futebol, abrindo novos horizontes á marcha do «association». Nesses fatores é que devemos encontrar, detalhadamente, a evolução do nosso futebol através dos tempos, sem esquecermos ainda da influencia que trouxe o jogo noturno, indiscutivelmente muito mais rápido e volúvel e que dá aos jogadores maior disposição e resistencia. E o Brasil é o paiz em que mais se joga á noite, com a ajuda do clima tropical.

OS QUADROS-ESCOLAS

A evolução técnica do nosso futebol pode ser traçada através das épocas predominantes dos nossos maiores quadros, que fixaram o melhor padrão nos respectivos períodos de apogeu. Assim, por ordem cronológica, temos os seguintes conjuntos escolas:

S. Paulo Athletic — Foi o primeiro «esquadrão» do futebol, não só paulista como brasileiro. Nele — pode-se dizer — nasceu a primeira escola do futebol em nosso paiz. Reuniu, em quasi sua totalidade, somente futebolistas inglezes. Praticou o «association» de cathedra, vencendo inicialmente o campeonato de 1902, 1903, 1904.

Paulistano e Fluminense — Os dois primeiros quadros líderes indígenas foram o Paulistano e o Fluminense, assimilando muito bem e superando logo os estrangeiros, tanto assim que coube a ambos a primeira predominancia técnica de parte dos quadros formados pela maioria ou quasi de jogadores brasileiros. O XI do Paulistano — que melhor se aproximou da técnica que os inglezes nos haviam ensinado — obteve o campeonato de 1905, e o Fluminense foi o primeiro campeão carioca, muito superior aos demais durante vários anos. Apenas o Botafogo passou a ter o mesmo padrão com que, em 1910, arrancou o título do Fluminense.

Palmeiras — O progresso técnico do nosso futebol deixava para traz seu período embrionário e assim, lá para 1906-1907, começou a rejuvenecer sua técnica e a dar melhor feição estilística ao jogo. Então, o melhor «onze» renovador do nosso padrão foi o Palmeiras, que empregou mais rapidez, mais desenvoltura. O sistema do Palmeiras era mais fixo e característico.

Americano — O Americano, porém, a partir de 1911, revolucionou a política de organização dos nossos conjuntos e culminou em formar um quadro de super-campeões, com os quais foi o «onze» — padrão dos nossos campos, em 1912-1913. A técnica do Americano já aparecia muito madura

e somente encontrou no Paulistano um serio adversario. O Americano foi o precursor do «falso amadorismo», esboçando as mesmas diretrizes que, anos depois, vingaram na formação de «esquadrões» classicos e espectaculares.

Muito evoluiu a tecnica com o Americano, embora o seu classico modo de jogar o tornasse um quadro massiço. Foi o unico vencedor dos uruguaiois, em 1911. Levou a efeito a primeira excursão ao estrangeiro, onde obteve sucesso. Em seu apogeu, não perdeu para os cariocas. Conquistou 17 taças!

Flamengo — Embora o America, em 1913, fosse a maior expressão dos campos cariocas, coube ao Flamengo fazer surgir um novo «onze»-padrão, no Rio, com um futebol elegante e pratico, em 1914 e 1915, no seu primeiro apogeu.

Corinthians Paulista — Em São Paulo, porém, o jovem e humilde XI do Corinthians revolucionou o estilo de então, trazendo para os campos officiais a malicia, o instinto e o arrojo do futebol varzeano. Nada de classico trazia a escola do Corinthians e sim todas as características do futebol aprendido, com o nosso temperamento, nas ruas e nos campinhos de bairros. Foi tão intensiva a tecnica renovada do Corinthians que, em breve, (1914-1915-1916) não encontrou quem o superasse.

São Bento e Palmeiras — Na arte classica do futebol culminaram o São Bento (1914) e Palmeiras (1915). O São Bento, continuação do Americano, apenas aproveitou os ultimos campeões da velha geração, e o Palmeiras, com mais sucesso, apresentou um padrão renovado no sistema atacante, sensivelmente realizador.

Paulistano — O Paulistano, embora sempre fosse um «esquadrão» dominador, somente a partir de 1916 principiou a deixar atraz a velha escola classica do tempo do Velodromo. Já naquele ano começou a cultivar um estilo que nada mais tinha com o passado. A grande evolução da nossa tecnica e do estilo, o esplendor da nova geração de «azes» — com a cathedra dos Fried, Benedito, Rubens, Gallo, Sergio, etc. — atingiu o apogeu no conjunto alvi-rubro, a maior academia futebolistica, no passado, a perfeição na «costura», e que com os seus quatro consecutivos campeonatos vitoriosos, fez escola até o ano de 1925.

Fluminense — No Rio, triunfava até 1919 o quadro do Fluminense, com o seu maior XI do passado, apresentando novas características, e com um «az»-padrão em cada posto.

Palestra — Em São Paulo, porém, o XI do Palestra lançava tambem sua escola, a escola da eficiencia e do sistema pratico de atacar e defender, com os Bianco, Picagli e Heitor. Nessa mesma epoca começaram a criar fama e prestigio, no Interior os «esquadrões» do Comercial, Paulista, Rio Branco, Corinthians de Jundiay, Guarany, Taubaté, etc..

Corinthians — Enquanto o Paulistano e o Palestra cultivavam seu padrão, o Corinthians agigantou-se com um sistema solido na defesa e potente no ataque, e com uma escola celebre de «azes» da classe e da tem-

pera dos Amilcar, Neco e Nando, com os quais culminou, outra vez, em 1912, 1923 e 1924.

Flamengo e America — No Rio, nessa altura, os XI de maior evolução tecnica foram o America e o Flamengo.

Vasco — O Vasco, porém, causou verdadeira revolução, quando em 1923 trouxe todo o progresso tecnico e a bizarria do futebol suburbano que, dai por diante, soube tão bem caracterizar no «association» carioca, culminando outras vezes com as maiores expressões da tecnica e da indole dos campos futebolisticos dos suburbios. O seu quadro revolucionou o estilo do futebol carioca, com os Italia, Jaguaré, Fausto, Tinoco, Russinho, etc. até 1931.

Santos — Tipico quadro atacante tradicional, o Santos foi o ultimo grande gremio da escola do Paulistano, com a caracteristica de «costura» e sensivelmente realizador, por parte dos 5 atacantes, preciosos no sistema de atuar em forma de leque. Para ficar bem gravada a potencia ofensiva do Santos, entre 1916 e 1931, basta dizer-se que marcou muitos recordes de «goals» e colheu vitorias surpreendentes, em cotejos internacionais e interestaduais, além dos de campeonato local.

Corinthians — Entre 1918 e 1930, o «esquadrão mosqueteiro» do Corinthians transformou o sistema de ataque, segundo o novo padrão em voga pelas modificações das regras, e pontificando no XI os mais exemplares valores de nossa evolução tecnica, como De Maria, Filó, Rato, etc..

Palestra e São Paulo — Ao mesmo tempo em que o Corinthians lançava o novo sistema de ataque, matriz até agora, o Palestra — com Amilcar, Pepe, Serafini, Goliardo, etc. — fazia escola com a nova tatica defensiva, passando os medios a manobrar. Esse padrão de jogo levou o quadro palestrino a culminar em 1932, 1933 e 1934, ao lado de outro «esquadrão» escola, o São Paulo da Flóresta, tipico quadro de ataque realizador.

Palestra, Fluminense, Corinthians e Flamengo — O profissionalismo não veio apenas revolucionar a organização e a administração. Na tecnica, no preparo e na formação dos quadros passaram a vingar tambem outras diretrizes, e diretrizes espetaculares. Dois clubes, em São Paulo (Palestra e Corinthians), e dois no Rio (Fluminense e Flamengo), fizeram escola, neles evoluindo e se aperfeiçoando nossa tecnica e nosso estilo. O progresso, no entanto, vai se estendendo e ampliando, e neste ano de 1942 atinge mais dois quadros: o São Paulo e o Botafogo.

*

* *

Fora dos dois grandes centros, destaca-se, entre 1936 e 1940 um quadro que foi toda uma expressão, uma academia, um verdadeiro termometro da evolução tecnica: o Atletico Mineiro.

Mais recentemente, o S. C. Recife trouxe a inequivoca realidade do progresso tecnico do futebol do norte do paiz, assim como o selecionado gaúcho tem atestado, inconfundivelmente, a ininterrupta evolução do «association» no sul.

JOGADORES TÍPICOS, IDOLOS, PADRÕES

É fora de duvida que os dois maiores «cracks» dos primeiros tempos do nosso futebol foram Charles Miller e Hermann Freese, ambos avantes, pertencentes respectivamente ao São Paulo Athletic e ao Germania. O primeiro, além de jogador-padrão, contribuiu decisivamente para fazer vingar o «association» no Brasil; pois trouxe a primeira bola para o nosso paiz. Foi o maior «crack» dos cinco anos iniciais, tendo-nos deixado o lance conhecido pelo nome de «Charles», mais tarde «Chales». Foi o prototipo dos primeiros campeões.

Logo que aqui chegou, Freese começou a fazer furor e tanto foi sua projeção que o seu XI — o Germania — deixou a ultima colocação, alcançando o titulo de campeão, em 1906! Ambos foram para nós mestres da tecnica pura ingleza, ou por outra, do estilo classico europeu. Todos, a principio, procuraram imita-los. E quais foram os primeiros grandes discipulos indigenas? Indiscutivelmente, o nome de Belfort Duarte aparece em plano superior. O seu lance, conhecido por «belfort», ficou para sempre. Além disso, foi Belfort um verdadeiro bandeirante do futebol, pois durante muitos anos divulgou a tecnica e a organização do esporte da bola em varios centros do paiz. Alicio, O. Andrade, Ibanez Salles, Argemiro. Aquino e Tutú Miranda foram os melhores. Este ultimo, talvez, o primeiro valor de classe apurada, pelo menos na primeira partida internacional se revelou o melhor jogador local. Foi o maior arqueiro, com o estilo daquele tempo. Surgia, porém, a nova geração, que trouxe Hugo de Moraes, Irineu, Alencar, Chico Neto e outros. Os mais tipicos: os irmãos Gonçalves (Bibi e Anibal) avantes de grande vivacidade. Rubens Salles, o maior idolo daquela geração, creou uma escola toda sua, como centro medio, mais caracterizada pela pontaria do tiro á meta e tambem pela certeza dos seus passes, assim como pela voz de comando que possuia, sendo não só o modelo do centro-medio como de capitão.

Ao mesmo tempo que se afirmava Rubens Salles, surgiam Friedrich e Formiga. O primeiro foi o tipo ideal e o idolo maximo de varias gerações, o maior de todos, a ciencia acabada do futebol; Formiga fez vingar a escola da finta elegante e miuda, criando um tipo unico de extrema. Surgiu Lagreca e, como Otavio Egidio, estilizou o jogo de cabeça, verdadeiro jogador-padrão nessa caracteristica, sendo que Lagreca — a maior revelação de 1914 — se completou tambem no posto de capitão. A vinda de Bertone, do Uruguai, veio contribuir muito para o aperfeiçoamento da posição de centro-medio, classico entre nós, assim como Chico Neto fez evoluir o padrão de zagueiro. A Rachou devemos, depois, a introdução do «mergulho», que trouxe a evolução do estilo do arqueiro. Decio Vicari estilizou o seu «bico»; foi o unico avante que somente chutava com a ponta do pé. A escola classica de Mac Lean, escossez, como ponta e «meia», foi prodigiosa e constituiu verdadeiro padrão o jogo de ala, com Hopkins, inglez, assim como Welfare, que fez vingar a tecnica do centro avante atacar a ingleza, adaptando-se ao nosso jogo.

No Rio, Marcos de Mendonça e Mimi, e depois Nery, constituiram tres «azes» indigenas-padrão. Desde 1914, começou a aumentar muito o numero

de jogadores estilistas nas duas Capitais. Nazareth — a maior revelação de 1915 — trouxe rapidez e senso de realização, como «artilheiro»; Casimiro iniciou seu apogeu no arco, e Arnaldo estilizou a vivacidade na extrema, seguido depois de Ary Patúsca, que estilizou o jogo de cabeça, entre os avantes. Orlando criou o tipo de zagueiro fintador, sereno e calculador. No Rio, tivemos em Gallo um medio bizarro.

A onda dos «cracks» modelos começou a crescer — com o a. b. e. futebolístico dos bairros — mais extraordinariamente, surgindo então Heitor, como primeiro centro avante da escola de Fried, aliás feito na varzea. Neco foi outra revelação de 1917, enquanto que Mario de Andrada e Sergio enriqueciam, como «meninos de ouro», o estilo e a técnica jovens; Amilcar, que com Neco começou na varzea, se transformava de centro avante em centro medio da escola de Bertone, e Picagli revelava-se centro medio de características agressivas e incentivador; Agnelo trouxe a velocidade como arma principal para o extrema, e Caetano a potencia do tiro. O padrão de Neco, na «meia», entrou também em voga, ao lado do de Mario Andrada, o primeiro «motorzinho», primando «meias» de alto valor, como Ministro e Imperato I. No Rio, nesta altura, faziam escola Cantuaria, Pindaro, Zezé, Petiot, Arlindo, Nelson e outros idolos da época. Não somente aperfeiçoavamos o jogo de avantes como o de defesa. Bianco poz em moda o tipo do zagueiro equilibrado e impecavel, cabeceiador, e Palamone criou o tipo do zagueiro «mignon», que mais tarde, no Rio, teve uma grande «reprodução» em Penaforte, como atualmente em Osvaldo. Barthô trouxe a potencia destruidora como zagueiro rompedor, e Grané, que se iniciou em 1917 e culminou até 1929-1930, ressuscitou o zagueiro gigante, com a característica do tiro mais forte que surgiu no futebol brasileiro.

Na arte de guarda-redes, surgiram grandes revelações. No Rio, Ferreira, si bem muito breve, e em São Paulo Tuffy, que apareceu com um padrão novo que ficou até agora. No futebol carioca, até depois do sulamericano de 1919, a maior revelação foi Fortes, o medio que cultivou e aperfeiçoamento em seu posto. Depois, entre nós, apareceu Clodô, que se tornou com os anos o mestre dos zagueiros, em senso de colocação e no bloqueio da bola.

Findo esse periodo, rico de revelações de jogadores de defesa, começou a aparecer uma nova onda de tipos característicos atacantes, dos quais os maiores foram Feitiço, Tatú e Petronilho, cada qual com um padrão diferente e sugestivo, enquanto estavam no apogeu Fried e Formiga, Neco, Heitor e Mario Andrada, as maiores expressões da geração passada. No Rio, também, surgiu Chiquinho, tipo vivaz de centro avante, e Oswaldinho, com a «fineza» do estilo e técnica de Heitor, que depois pontificou até como centro medio. Foi nessa época, ainda, que o Rio revelou Kuntz, no arco, o mais completo arqueiro de todos os tempos nos campos cariocas, assim como teve em Sissom um dos seus mais classicos centro medios. Seguiu-se uma fase em que o futebol do Rio produziu maiores expressões atacantes que o de São Paulo, firme nos seus idolos já creados. Nilo, Candiota, Lagarto, Nonô e Moderato muito contribuíram para a evolução do jogo ofensivo carioca. Nilo foi um sensível realizador; Candiota o «prin-

cipe dos passes»; Lagarto, o «Neco» carioca; Nonô deu um outro estilo ao tipo «Welfare», e Moderato completou o jogo dos extremas com a velocidade. O padrão dos medios teve também outros cultores em Serafini, Floriano, Nascimento e depois Pepe.

São Paulo não produziu outros avantes padrões, mas as grandes expressões estavam sempre no apogeu. Filó e Araken, garotos, surgiam em 1923-1924, em meio de tantos campeões, para culminarem anos após, como produtos de uma escola celebre. No Rio, Russinho foi o que melhor assimilou a escola de Fried.

As novas levadas de «cracks» foram aparecendo e tivemos a consagração de Del Debbio, o zagueiro-tank...; De Maria, que revolucionou a tática dos extremas; de Ministrinho, um dos mais brejeiros jogadores de todos os tempos e idolo de 1929; Carrone, Lara, Siriri e Camarão, «meias-maquinhinhas»; Guimarães e Goliardo, dignos discipulos de Amilcar. Enquanto isso, o Rio lançava mais jogadores padrão, como Italia, Fausto, este o maior centro medio nacional de sua época, e Jaguaré, arqueiro excêntrico. Depois, veio mais uma grande leva, com o singular Domingos, que se tornou o maior zagueiro do mundo; C. Leite, o maior «artilheiro» dos campos cariocas; o classico Martin; o esperto goleiro Vitor; o realizador Gradim e, por fim, o malabarista-mór Leonidas.

São Paulo começou então a apresentar a nova geração, trazendo outros tipos característicos de campeões, como os elasticos Junqueira e Orozimbo, o acrobatico e fogoso Jaú, o malicioso Romeu e Brandão, que fez voltar ao auge, com novas características, a posição de centro medio modelo, ao lado de Zarzur, centro medio combativo. Waldemar foi o fenomeno de 1933. Batatais trouxe á cena novamente o goleiro calmo e seguro, sem espetaculo, e Jurandyr fez reviver a classe de Tuffy, Athié e Amado. Depois, surgiu outra falange de «azes»-padrão, como Teleco, que tomou o lugar de «artilheiro» de Feitiço, com o estilo de centro avante improvisador; Carnera foi o continuador do zagueiro impetuoso; Tim revelou-se um malabarista estilizado como poucos, sucedendo-lhe depois Canhoto. Enquanto isso, no Rio de Janeiro se firmavam outros «azes» de estilo inconfundivel, como Afonso, Walter, Peracio, Carreiro, Og e Zezé Procopio, apresentando por sua vez os clubes paulistas novos padrões de «azes», como Del Nero, Servilio, Dino, Remo, Claudio, Lima, Pipi e por fim Antoninho. Não poucos dessa extensa lista de campeões e idolos das varias épocas vieram de outros centros. É fora de duvida, porém, que esses valores se aperfeiçoaram no Rio e em São Paulo. Os maiores «cracks» de todos os tempos, de outros Estados, que não saíram de seus campos, quando no seu apogeu, foram Popó, baiano; Lara, gaúcho; Guará, mineiro e Cajú, paranaense.

O CAPITÃO TAMBEM EVOLUIU

Terminado o campeonato brasileiro de 42, colocou-se em grande evidencia a missão do treinador: o nosso, recebendo as homenagens de vitorioso, e o carioca, arcando com o peso da decepção pelo revés... Hoje em dia essa responsabilidade, como se vê, está a cargo de um só tecnico,

profissional. Até mais ou menos á altura inicial do profissionalismo, tínhamos, na direção dos selecionados, comissões compostas de dirigentes, cargo que era mais politico do que tecnico... sendo raras as exceções, ou seja um ou outro realmente fazia trabalho eficiente. Muito antes ainda, como é sabido, o tecnico, organizador e orientador verdadeiro da seleção era o capitão do conjunto. Então, esse cargo equivalia ao de um dos principais dirigentes. A principio, mesmo, depois do presidente, a maior autoridade em um clube era o capitão. Tempos dos Charles Muller, Casimiro da Costa, Freese, Belfort, etc.. Diz-se mesmo que a cisão no Paulistano, em 1905, da qual resultou a debandada para a A. A. Palmeiras, foi motivada por divergencias surgidas em torno do cargo de capitão! Imaginem, pois, até crises nos grandes clubes se originavam em virtude daquele cargo! Sem duvida, não devemos esquecer que, até ha quinze anos, muitos jogadores de grande projeção e capitães foram habéis politiqueiros, quer nos seus clubes, quer fora... Quantos capitães, jogadores famosos, não derrubaram diretorias!... A evolução do futebol transformou o capitão á importancia e á ação que é hoje. Por que? Porque — já o dissemos — não estamos mais na epoca do futebol primitivo, ou no tempo da primeira juventude do esporte-rei. O capitão futebolistico do passado era uma especie do prefeito de Pito Aceso, que, ao mesmo tempo, é o delegado, coveiro, dentista, carteiro, juiz de Paz, enfim, o «faz tudo» do lugar. Assim fazia o capitão. Não jogava apenas e, sim, era um dos principais dirigentes de um clube. Basta se diga que o saudoso Rubens Salles, que com Lagreca foi o prototipo do capitão da respectiva epoca, teve influencia decisiva na fundação da Apea! A eleição do capitão, quando das novas diretorias, era o que mais mexia com a politica interna dos clubes... Lagreca chegou a mandar tanto quanto o presidente, no São Bento... Mais tarde, o saudoso Bartô fazia e desfazia no São Bento, como capitão do quadro. Hoje o capitão joga apenas e não tem nada que ver com a vida interna do seu gremio. Amilcar, por exemplo, outro prototipo de capitão, tinha grande influencia, como Neco, na vida interna do Corinthians; tanto assim que, devido a divergencias com os diretores, abandonou o clube. Não foi o jogador que se destacou do seu velho gremio e, sim, um socio influente, um diretor, como antigo capitão que era. Tudo isso, como se vê, não é mais possivel hoje; os tempos são outros! Ora imaginem si, por exemplo, hoje em dia, pode caber a um Brandão intrometer-se na vida administrativa de um clube de 10 mil socios, ou de ir influir na escolha dos novos dirigentes da entidade maxima; ou si, no São Paulo F. C., se pode agitar uma assembléa para a escolha do capitão do seu quadro! Certa vez, Neco, si nos nos enganamos em 1919, vinha jogando contrariado e, por isso, o quadro alvipreto não «andava». Chegou a falar-se que Neco abandonaria o Corinthians! Para encontrar-se um remedio, os diretores o elegeram capitão, e tudo se normalizou. Si, hoje em dia, o capitão de um quadro joga contrariado, — aumentam-lhe os premios ou lhe prometem a renovação do contrato com maiores vantagens, e tudo volta ás boas. Os tempos são outros. Até mais ou menos 1930, o capitão não perdêra de todo a sua influencia, embora esse cargo já não mais fosse dos principais nas diretorias, como ha 30 anos. Por isso, os Amilcar, Clodô, Del Debbio,

etc. eram figuras de projeção, como capitães, tecnicamente, nos seus quadros. Mas a evolução foi se completando. Os capitães tinham, então, como é sabido, atrás de si as «celebres» comissões esportivas, depois, acabou-se com esse... mau costume e se elegeu apenas um diretor esportivo. Já, daí, diminuiu mais a responsabilidade organizadora e de orientador do capitão, fora do gramado. Com o progresso do futebol espetacular, também o diretor esportivo acabou perdendo muito da sua importância e da responsabilidade que agora está pesando, ao invés, cada vez mais, sobre o técnico contratado. Esse é o que dirige, tecnicamente, e o capitão não passa, na realidade, de um seu simples auxiliar. Vejam, pois, quanto caminho percorremos, quanta transformação natural se operou entre a época do amadorismo romântico do nosso futebol provinciano, em que um Charles Muller era, ao mesmo tempo, capitão, presidente, treinador, organizador de festas, representante junto à Liga, enchedor de bolas, cobrador de recibos, distribuidor de convites para festejos e jogos, etc., do São Paulo Athletic, e a época atual do futebol-espetáculo, do Pacaembú, em que um Brandão, sem deixar de ser um bom e prestigioso capitão, não tem nenhuma influência diretiva ou administrativa; não lhe cabe responsabilidade pela organização do quadro, como acontecia com os Rubens Bianco, Arnaldo, Formiga, etc., uma vez que hoje nem sequer mais «comissões esportivas» existem, arcando com todas as responsabilidades o técnico profissional, tanto assim que, como acabamos de ver, no campeonato brasileiro findo, o técnico ganhou os mesmos prêmios, como se fosse jogador, e as honrarias de um dirigente. Não existe nenhuma faceta no futebol na qual não tenhamos que reconhecer a natural evolução que se operou através dos tempos. De maneira nenhuma podemos comparar o capitão de 105 ou 1915 com o capitão de agora.

AS VARIAS GERAÇÕES DE FUTEBOLISTAS

Os milhares de jogadores que tivemos, de 1900 até agora, podem ser divididos em quatro gerações. A primeira, mais ou menos até 1912; a segunda, até 1920; a terceira, até 1931, e a quarta está madura, dando já o lugar para a nova. A segunda e a terceira, pode-se dizer, confundiram-se muito, a segunda foi a que mais resistiu, pois somente acabou quando desapareceu a terceira! Da segunda (quando a varzea e o interior começaram a influir muito) e terceira gerações, podemos citar os Tuffy, Lagreca, Picagli, Barthô, Primo, Filó, Grané, Ministrinho, De Maria, etc.. Assim, Casimiro apareceu no início da segunda geração, e Clodô no fim; Feitico e Araken, no início da terceira; e Agostinho e Goliardo, no fim; Mario de Andrada e Sergio, na metade da segunda; Serafini e Debbio, na metade da terceira, etc. Romeu e Luizinho fizeram-se no finzinho da terceira. Fried foi excepcional: apareceu no fim da primeira e jogou ao lado dos moços da quarta geração! Formiga chegou a atuar entre os da terceira. Mas, não resta dúvida, a segunda geração foi a de maior atividade, coletivamente. Nasceu lá pelo ano de 1912 e ainda tinha representantes jogando em 1930-1931! A quarta, como é sabido, chegou em 1932 e ainda está ativa.

Durante a segunda geração — cheia de nomes famosos — Rubens Salles foi o idolo, a principio, e depois «El Tigre». Note-se que ambos nasceram para o futebol na primeira geração, culminando porém, soberbamente, durante a segunda. Da terceira geração, os idolos foram varios, mas julgamos que as maiores expressões foram Petronilho e Feitico. É certo, porém, que alguns super-«cracks» da segunda, como Amilcar, Neco e Bianco, tiveram mais popularidade durante o «reinado da terceira». E da quarta geração, qual a maior expressão? Sem duvida que é Brandão. Foi prodigiosa tambem essa leva, porque é alto o numero dos seus campeões, varios dos quais — como Romeu, Waldemar de Brito e Junqueira, dos derradeiros da terceira — culminaram anos depois. Genuinos representantes do inicio da quarta geração, temos ainda em grande evidencia, além de Brandão, Fiorotti, Begliomini, Jango, Rato (goleiro) e outros. A quinta geração já está tomando vulto. Pode ser que este ano dela se esboce alguma grande expressão. Mas, é de se esperar ainda que muitos «azes», da metade ou dos ultimos da quarta geração — como um Dino, um Lima ou um Teixeira — se mantenham, durante muitos anos, entre os melhores, e pode ser que tambem — a exemplo de muitos «cracks» do passado — se tornem os maiores entre os da geração seguinte, os jovens atuais Claudio, Antoninho, Helio, Genga, Barbosa, etc.

OS ACONTECIMENTOS QUE DERAM MAIOR IMPULSO AO FUTEBOL PAULISTA

Nestes quarenta anos de campeonato, a vida do «association» paulista pode ser dividida em varias epocas distintas, segundo os seus acontecimentos, a sua evolução. Os primeiros dez anos constituem uma só epoca, com os varios acontecimentos de real importancia para o seu progresso. A Apea, em 1913, iniciou uma nova fase que, antes de mais nada, creou a grande rivalidade entre Rio e São Paulo, especialmente com a instituição da Taça «Correio da Manhã». Adquirimos, assim, a supremacia tecnica de longos anos.

A entrada do Corinthians para a Liga Paulista trouxe um novo interesse, pois o alvi-preto, como unico e primeiro clube da classe operaria, muito contribuiu para a democratização do futebol. A mesma influencia decisiva que trouxe o Palestra, que passou a atrair metade da população paulista, desde 1916. No entanto, o maior impulso para o futebol adquirir grande popularidade verificou-se em 1917, quando Corinthians, Palestra e Paulistano se juntaram no campeonato. Essa triplíce concorrencia deu-se em virtude da pacificação que se operou em consequencia da Apea ter absorvido a antiga Liga Paulista.

No Rio, grande impulso e novo rumo tomou o futebol depois da inclusão do Vasco, em 1923, no campeonato superior, e com a fundação da Amea, em 1924.

A cisão Apea-Laf, em São Paulo (1926-1929) trouxe uma pacificação (1930) que abriu novos horizontes para o nosso futebol, que evoluiu muito até 1933.

No Rio, deram grande impulso o Estadio do Vasco e o futebol noturno, introduzido oficialmente, em São Paulo, em 1930.

Iniciou-se, depois, uma nova e prospera fase, até 1933. O profissionalismo marcou uma época-recorde, arruinada por outra caprichosa e inútil cisão. Da prosperidade de 1933-1934, passamos á miseria e decadencia de 1935 a 1938, enquanto que os cariocas subiram ao maximo... Novos rumos, porém, tomamos desde 1939. No ano seguinte, a inauguração do Estadio do Pacaembú foi o marco da nova era do nosso futebol, a maior de todas em popularidade, ordem e organização, trazendo a recompensa pela reconquista da hegemonia paulista no futebol brasileiro. 1942 está ai como ano recorde!

Eis, sinteticamente, os varios periodos distintos do nosso futebol em quarenta anos de vida oficial.

A INTELLECTUALIDADE OU NÃO DOS «AZES» INFLUIU NA SUA TECNICA?

Quando o futebol saiu de sua adolescencia perdeu grande parte de sua carateristica inicial: o de ser praticado por jovens de classes abastadas. Sendo assim, em pouco tempo se transformou tambem, intelectualmente, desaparecendo, em consequencia disso, a elevada porcentagem de futebolistas intelectuais (medicos, engenheiros, advogados, estudantes, etc.) que militavam em nossos clubes. Mais tarde, nasceu a convicção de que esse foi um grande mal para a tecnica do nosso jogo.

Pode, porém, a intelectualidade, ou seja, a cultura geral, ter alguma influencia sobre o futebol? Leva a intelectualidade a uma superioridade tecnica e de estilo sobre a não intelectualidade? Que relação tem a cultura, ou o analfabetismo, a posição social de um futebolista, com as suas carateristicas, seu estilo, sua inteligencia, seu temperamento, sua educação esportiva enfim?

Em primeiro lugar, no esporte deixa de ser a intelectualidade ou não que leva o praticante a ser um grande valor tecnico ou um elemento disciplinado. A tecnica, o estilo, são instinto, intuição, argucia com os quais um individuo nasce. É ao mesmo tempo, em se tratando de educação esportiva, questão de genio, temperamento. Um analfabeto pode ser ultra educado elemento em campo, enquanto que um intelectual pode ser um irracional. A disciplina não depende da instrução e da distinção social do futebolista e sim de indole, de temperamento, do ambiente. Dá-se o mesmo na tecnica.

Não ha duvida de que, antigamente, a maioria dos futebolistas provinha dos collegios e ginasios. Depois, com a cada vez mais crescente popularidade do futebol, surgiram de todas as camadas sociais, com grande predominio, porém, da classe media e pobre. Foi justamente em pleno auge desta transformação que o futebol brasileiro atingiu seu apogeu tecnico (1917-1922). Então, a geração já era dos Fried, Tatú, Picagli, Bianco, absolutamente elementos não intelectuais.

Si a intelectualidade influísse tão decisivamente, como se explica que a grande supremacia do futebol paulista sobre o carioca se deu, justa-

mente, quando a nossa seleção não mais contava com a totalidade de intelectuais e a dos cariocas era formada pelos Pindaro, Nery, Oswaldo Gomes, Marcos, etc.? Não era a cultura geral dos «azes» paulistas que levava vantagem sobre os academicos do Rio e sim a sua melhor ciência de jogo, a sua maior disciplina, espirito de luta e organização.

Como vemos, temos um conjunto decisivo de fatores, sem nenhuma influencia da intelectualidade. Não devemos, talvez, confundir cultura geral com intelectualidade futebolística. Neco, um dos heróis do campeonato sulamericano de 1919, e Leonidas — o nosso jogador numero um do campeonato mundial — Dino, Lima, etc., não podem ser chamados de literatos e sim de artistas insuperaveis da bola. Nasceram e cresceram com a inteligencia para o futebol, independente de sua instrução. Não devemos esquecer de que o instinto do futebolista revela-se quando ainda criança talvez mesmo antes de ir para o grupo escolar, ou por outra, antes de revelar sua inteligencia e amor ou não para os estudos. Muitos futebolistas, que se formaram medicos ou advogados, já tinham uma «intelectualidade» futebolística, antes de aprender a ler e escrever.

O «declínio tecnico» jamais poderá ser justificado com a alegação da transformação em causa, e sim devido a outros fatores. Si fosse assim, em outros paizes, teria se produzido o mesmo fenomeno. Assim, por exemplo, na Italia, antigamente o nivel intelectual dos jogadores era igual ao nosso, pois em sua maioria os jogadores provinham das escolas superiores, dos liceus, etc.. Hoje, lá como cá e em toda parte, os jogadores italianos não são intelectuais. Como se explica, todavia, que o futebol italiano melhorou, na tecnica, mil por cento? E assim o de outros paizes, inclusive o francês.. É verdade que os universitarios italianos ganharam o campeonato olimpico; porém, essa superioridade não foi devida aos estudos academicos dos «azes» e sim graças a sua maior classe futebolística sobre os demais concorrentes. Si a intelectualidade influísse tanto, os alemães, franceses e suecos seriam os melhores do mundo. No entanto, os suecos foram, tecnicamente, os piores que conhecemos na «Taça do Mundo», entre os adversarios dos brasileiros, dos menos intelectuais entre todos e no entanto terceiros classificados. O nivel intelectual do povo inglez é alto, mas não se julgue que influe sobre a tecnica futebolística. Sim, porque os profissionais britanicos tambem surgem das camadas sociais menos privilegiadas.

A maior sensação causada, desde que existe o futebol, num torneio internacional, foi o triunfo do XI uruguaio no certamen olimpico de 1924. Pois bem: qual o nivel intelectual desse conjunto? Nem medio era...

Entre nós, temos mais exemplos, mesmo da epoca dos Rubião, Rubens, Nazareth, etc. O Palmeiras, constituido por futuros medicos, advogados e engenheiros, foi campeão da Apea e, na Liga Paulista, ao mesmo tempo, foi campeão o Corinthians, uma grande revelação, formado exclusivamente por operarios, varzeanos... O confronto entre ambos resultou numa grande vitoria dos quasi analfabetos... E foi dai que começou a vingar a geração dos Casimiro, Neco, Amilcar, depois reforçada pelos Tatú, Petro, Feitiço, Grané, etc.. É verdade que, no Rio, em 1914-1915, o «onze» intelectual do Flamengo foi campeão, mas por outro lado, em São Paulo, o

Mackenzie College, naquele tempo, nunca conquistou o campeonato, com seu XI cem por cento intelectual.

A técnica, o estilo do futebol carioca, igualmente, atingiu o seu apogeu entre 1924-1932, época... suburbana, época dos Fausto, Russinho, Domingos, Gradim, Leonidas, Italia, etc., todos elementos «não intelectuais».

Não é o caso para fazer-se alarde com a intelectualidade da seleção nacional, campeã sulamericana de 1919 e 1922. Si na primeira tivemos apenas o dr. Pindaro e na segunda somente o dr. Palamone, na seleção vice-campeã sulamericana de 1937 tivemos os drs. Nariz, Carvalho Leite e Luizinho.

Sob o aspecto técnico, puramente futebolístico, a diferença intelectual entre o passado e o presente não nos pode levar absolutamente a nenhuma conclusão contrária ao futebol moderno.

OS JOGADORES DE CÔR REVOLUCIONARAM AS CARACTERÍSTICAS DO NOSSO FUTEBOL — OS GRANDES CLUBES DA VARZEA, NINHOS DE CAMPEÕES

Um dos principais aspectos da evolução técnica e estilística do nosso futebol, especialmente nestes últimos 20 anos, reside no triunfo do futebol «colored», em nossos campos oficiais. Teve influência decisiva na nova tendência que se apoderou do nosso jogo, dando-lhe cada vez mais cunho de malabarismo e improvisação, tornando-o enfim típico, bem brasileiro.

Os jogadores de côr — todos vindo da Varzea: Interior e Subúrbios — foram os maiores revolucionários de nossas características, como por exemplo, na América do Norte, os negros triunfaram na música popular. Veja-se, assim: os três maiores «cracks» de 1919 foram Fried, Neco e Bianco. E os três maiores da atualidade são «colored»: Domingos, Leonidas e Brandão!

Todos os «azes» mais típicos brasileiros — salvo poucas exceções destas últimas gerações de futebolistas, são negros, e por seu intermédio ganhamos méritos no confronto internacional. Si no campeonato mundial de 1930 o melhor «az» do Brasil foi Fausto, os melhores jogadores brasileiros da «Taça do Mundo» de 1934 foram Waldemar e Leonidas, e no campeonato sulamericano de 1937 os mais completos — ao lado de Jurandyr — foram Brandão e Jaú! Na «Taça do Mundo» de 1938, Leonidas e Domingos assombraram. No campeonato sulamericano de 1942, os melhores, em sentido absoluto, foram Domingos e Brandão. De côr são os jogadores brasileiros que mais sucessos alcançaram até agora, defendendo clubes estrangeiros: Fausto, Petro e Domingos.

Lista gloriosa, pois.

Que pena, que grande pena que essa glória esportiva e essa recompensa que o profissionalismo oferece não pudessem estar ao alcance da geração passada! Antigamente, não havia remuneração e muito menos, até 1917, os pretos eram incluídos nos quadros oficiais, de modo que todos os grandes «azes» negros militaram na varzea. Um punhado desses campeões já em declínio ainda chegou a figurar no Mackenzie, quando este

clube, também em completa decadência, resolveu apelar para a gente de côm... .

A principio, como é sabido, o futebol entre nós era quasi um privilegio de gente de posição. Não era somente os pretos a serem recusados nos clubes que jogavam no Velodromo e no velho Parque Antartica; os proprios brancos, operarios, não tinham lugar ali. Na verdade, nunca existiu essa proibição nos regulamentos, tanto da primitiva Liga Paulista como depois da Apea. Havia apenas prevenção... O futebol, porém, foi evoluindo e anos depois se tornou... instituição publica, transformando-se em esporte do povo, para todos...

Mais ou menos em 1916-1917, foram tentadas as primeiras timidas experiencias com os jogadores pretos nos gramados officiais. Foi dai que os pretos ingressaram no futebol superior. No entanto, os maiores «azes» negros daquela epoca já nesse tempo estavam em declinio.

O Corinthians, por exemplo, teve em David um centro medio notavel (muitos o julgavam da mesma classe de Rubens Salles) mas por ser preto teve receios de inclui-lo no seu quadro, em 1914. Começara, então, o ponto alto do futebol da varzea, pois o futebol praticado no Velodromo não era para qualquer um... O proprio Corinthians, campeão da Liga, em 1914, não conseguiu vaga na Apea, em 1915... Nesse periodo aureo, os pretos faziam furor na Varzea. Primeiro se espalharam no Aliança (até 1910); depois, no Argentino, Diamantino, Paraíso, 11 de Agosto, Jaceguai, Belo Horizonte, Rio Branco, Tiradentes, Heroi das Chamas e São Geraldo (mais tarde), clubes esses que tinham como grandes rivais gremios onde menos jogadores pretos militavam, como o Paraiba, Botafogo, União Brasil, Cruzeiro do Sul, Silva Teles, Guanabara, Estrela do Braz (depois Roma), Domitila (depois Lira), Ruggerone e tantos outros. Daquella inesquecivel geração preta, que começou e terminou sua carreira na varzea, poderíamos citar mais de uma centena de autenticos valores, jogadores de todos os tipos, das mais variadas carateristicas...

Antenor foi um goleiro agil e esperto como um gato. Deodato, falecido, centro medio do South Africa, jogador elegantissimo e academico; Afonsinho outro falecido, foi um romantico da bola, por assim dizer o «pierrot» do futebol; Bugre, também falecido, foi de uma habilidade rara em construir jogadas, embora pessoalista no jogo; Congo foi um arqueiro mais alto que os postes da meta e quando abria os braços...; Dica foi um seu emulo; Ladislau, do Rio Branco, fintador, tinha o diabo no corpo, tanto... endiabrado era seu jogo; Alibabá, também falecido, sem duvida o mais extravagante e que fazia na extrema esquerda o que um artista de circo não fazia num picadeiro...; Aguiar, arqueiro excentrico, que chegou a defender tiros penais, jogando pedrinha na linha de meta...; o classico Salimbano, que ainda alcançou o futebol official, pois atuou no Mackenzie, mas já longe de ser a perfeição que fora na varzea. Muitos outros já morreram. Dos grandes «azes» varzeanos que naquele tempo se destacaram, entre os «azes» da Apea, devemos citar o centro medio Virgilio de Araujo, também falecido, e que chegou a ser reserva da seleção paulista, no apogeu de Amilcar e Picagli! Extraordinario foi Zezinho, um pigmeu: parecia que tinha dois centimetros de pernas, ria sempre, mas era terri-

vel, especialmente no «calço»... Acrobatico, veloz e ás vezes excessivamente agressivo e aspero, foi Paulino, o «papai do XI de Agosto». Benedito Leite jogava futebol por instinto; sensivelmente intuitivo, foi um «az» em qualquer posição e chegou a ser chamado o «Gullo da varzea». O ecletico Francisquinho foi outro «az», jogador de rendimento certo em varias posições e que, depois de cerca de 15 anos de atividade no XI de Agosto, ainda foi figura de projeção na Laf, no quadro campeão do Internacional.

Pedro Ferreira, «o grande capitão do Argentino»; Horacio, do U. Brasil; Arlindo, «o 420 do Heroi das Chamas»; Euclides, do XI de Agosto; Juvenal, «come fogo»; Anibal, do Rio Branco, foram zagueiros de nomeada e de carateristicas diferentes. A parrelha de avantes Felipe-Africano fazia sucesso, onde quer que aparecesse.

No quadro Belo Horizonte, os pretos davam a nota: Zé Campeão, Tatú (zagueiro potente), Cipriano. Em 1919, o Corinthians teve em seu ataque, por pouco tempo, um extraordinario avante de côr: Bingo. Os corintianos daquele tempo sabem porque se apagou tão depressa aquela estrela preta... Quanto valeria hoje o contrato de um jogador como Bingo? Aguiar foi outro avante esguio, no Jaceguai, e Molinhana, o jogador preto de maior fama no Pari.

É certo que si fossemos citar todos os clubes e «azes» negros do passado e os clubes de todos os bairros, seriam necessarias varias paginas... Citamos apenas alguns, jogadores e clubes, os mais famosos. Foram eles, embora sem culminar no futebol oficial, os grandes mestres a escola primaria de muitos campeões. No Interior, os mais famosos pretos foram Camargo, Carabina, Nabor e Augusto Americo.

*
* *
*

Anos depois de serem admitidos nos «esquadrões», eis que os pretos começaram a se agigantar, junto aos maiores campeões brancos, muitos dos quais também vindo dos pequenos clubes varzeanos e do interior. O primeiro foi o saudoso Tatú, que de avante do Heroi das Chamas, ao lado de seu irmão, se transformou em campeão pualista, brasileiro e sul-americano. No campeonato de 1922, apareceu igualmente o «fenomeno» Petronilho, depois de termos conhecido o valor daquele ataque «incrível» do Paulista de Jundiai, que tinha como dirigente uma «perola colored»: Camargo. Foi o tempo dos Carabina, no Rio Branco de Vila Americana, e dos Nabor, no Carioba. Os pretos, nessa altura, ingressaram cada vez mais as fileiras dos clubes da divisão principal.

Em 1926, Bisoca tornou-se ponta direita da seleção. Em 1927, na Laf, os pretos (Gibi, Pixo, Barros, Mono, Rogerio, etc.) predominaram, tanto assim que levaram a melhor no cotejo «Branços x Pretos». O valor dos mesmos aumentou sempre mais. Em 1933, tivemos um novo «astro», De Brito; todos recordam o que Waldemar fez naquele ano... Em 1934, São Paulo ganhou um dos mais acirrados campeonatos brasileiros. Pois bem, na partida final, meio quadro paulista foi «colored»: Jaú, Jarbas, Rafa, Brandão, Orozimbo. Tres anos depois, chegou a vez da seleção

brasileira contar negros entre os seus melhores valores. «Azes» pretos vice-campeões sulamericanos, e na Taça do Mundo a nossa delegação contou com 9 campeões de côr!

No Rio, desde Epaminondas, centro medio dos principais, pertencente ao S. Cristovam. em 1919, até os maiores valores atuais (Domingos, Florindo, Jaime, Zizinho, etc.), passou pelos seus campos uma legião de «coloreds» famosos, os maiores dos quais foram Fausto e Leonidas, que chefiaram, com Domingos, a revolução na tecnica e no estilo do futebol carioca e brasileiro.

Em São Paulo, Argemiro, Rafa, Jaú, Brandão, Guanabara, Gradim, Dino, Servilio, C. Leite, Silva, Barbosa e tantos outros contribuíram ou contribuem decisivamente para a renovação da nossa tecnica e, recentemente, para a reconquista da supremacia que havíamos perdido.

EXIBIÇÕES QUE TROUXERAM BONS ENSINAMENTOS

Até o presente, setenta e um quadros estrangeiros se exibiram nos campos nacionais. Grande parte dessas temporadas, porém, pouca historia deixaram, pois os hospedes não causaram profunda impressão, trazendo-nos poucos ensinamentos. Uma quinzena desses quadros, porém, veio dar grande impulso, quer contribuindo com bons e novos aspectos tecnicos e estilísticos, quer reforçando a popularidade do nosso futebol.

A visita do South Africa, em 1906, não foi mais do que uma utilissima e proveitosa lição academica que os nossos campeões da primeira geração receberam. Tudo nos ensinaram os sulafriicanos, assim como as duas vezes que o Corinthians, de Londres, nos visitou, exibindo a tecnica mais moderna inglesa, na execução de passes, no jogo de cabeça, na combinação. Qualquer elemento dessa turma foi, então, para nós, um mestre. Eramos os alunos, que tudo tínhamos a aprender.

Nesse intermedio, o primeiro contato com os argentinos e uruguaioes, no Velódromo, pôs em confronto a escola sulamericana. Cientificamente, os nossos adversarios do Prata tinham progredido mais e os ensinamentos que tiramos dessas exhibições foram das mais vantajosas. Em poucos anos, já eramos outros...

A vinda do Torino e do Pró Vercelli, em 1914, deu um grande impulso para a popularização do nosso futebol. Tecnicamente, nada tivemos a aprender, mas o interesse pelo «soccer», desde aí, subiu muito. O Torino, quadro mais jovem, trouxe uma novidade: a harmonia e rapidez do seu conjunto, muito apreciadas. O Pró Vercelli apenas de notavel teve um jogador-padrão: Milano I, que com o seu jogo de cabeça impecavel fez escola.

A maior exhibição de todos os tempos de um quadro estrangeiro no Brasil, coube ao combinado Dublin-Nacional-Wanderers, em 1916, uma verdadeira maravilha de futebol elegante, eficiente e estilístico, digna expressão do apogeu do futebol oriental. Muito serviu essa exhibição para aprfeioarmos mais nossas carateristicas. A finta subtil, a elegancia do passe, a manobra, o bloqueio de bola e a desmarcação de jogadores consti-

tuíram um inesquecível espetáculo por parte de Romano (o rei do drible), Benincasa, Caballero, Mangarinos, etc..

Na segunda vez, em 1918, repetiu-se o espetáculo magistral, com Urdinaram, Scarrone e outros «azes-padrão» do futebol uruguaio. Essa monumental escola que exibiram os orientais foi confirmada pela sua seleção, no certamen sulamericano de 1919, em que os nossos «azes», superando os mestres, talvez demasiadamente confiantes em sua superioridade, revelaram valores que criaram muitos ensinamentos e discípulos, como Gradim, Zibecchi, Varella, além de Romano e Scarrone, novamente. Cam-pões típicos, matizes...

Somente muitos anos depois é que chegamos a ver — entre muitos — um outro «onze»-padrão. Desta vez, em 1926. Veiu da Argentina o selecionado «amateur», e foi uma novidade, com o seu estilo jovem e pratico e profundamente realizador, sendo mesmo uma revelação para nós. Trouxe alguns dos mais característicos jogadores argentinos de todos os tempos: Manoel Ferreyra, Luna e Evaristo.

Em 1929, conhecemos, após muitos anos, um quadro europeu e pela primeira vez um «esquadrão-rei» da Hungria, cujo futebol estava então ainda no apogeu: o Ferenevaros. Foi também uma revelação no jogo matematico, na combinação mecanica de seu conjunto, provocando não pouca admiração e discussões, tecnica e taticamente, discussões muito proveitosas. Seus jogadores-padrões foram Buckary e Tacacks.

Dos pratenses — entre os muitos quadros que conhecemos, nesta altura — somente o Rampla Junior, de Montevideo, deixou profunda impressão pela sua uniformidade de rendimento e pela sua solidez defensiva. A pausa foi grande até que, em 1935, passamos a ter diante de nossos olhos a realidade do aperfeiçoamento e evolução da tecnica e do estilo do futebol argentino. O Boca e o River trouxeram todo esse progresso que levou o futebol argentino a supremacia demorada. Conjuntos típicos, com muito «azes»-padrões. O Boca exibiu os Lazzatti e Varalo, os mais famosos, e o River, Bernabé Ferreyra, Santamaria e Peucelle, que deixaram nome. Finalmente, em 1939-1940, tivemos na seleção argentina que veiu disputar a «Copa Roca» outra temporada de grandes ensinamentos, com a marcante superioridade com que os portenhos nos venceram. Garcia, Sastre, Valussi, Moreno e Gualco foram os «azes» modelo dessa dupla exibição.

OS FEITOS INTERNACIONAIS, TERMOMETRO DO NOSSO PROGRESSO TECNICO

Ainda que pareça exagerada e absurda a comparação, no futebol, como na guerra, a evolução das taticas de combate, os maiores periodos de progresso, os grandes ensinamentos são provocados pelos acontecimentos extraordinarios dos grandes feitos. Assim, si na guerra os maiores combates e vitorias revolucionam a arte de batalhar, no futebol as maiores competições e as vitorias de extrema repercução marcam o inicio de novos rumos no progresso tecnico, na arte de jogar. Esses acontecimentos e as

vitorias que obtivemos serviram como marco da evolução do nosso futebol, em distintos periodos, rasgando novos horizontes para a nossa tecnica e trazendo novos progressos á classe do futebol nacional.

O primeiro grande feito do futebol indigena esteve a cargo do Paulistano, em 1902, no proprio campeonato paulista e foi acolhido como uma demonstração do progresso tecnico dos jogadores locais. Nesse dia, o Paulistano abateu o São Paulo Athletic, que até então não conhecia o que era perder. Com essa vitoria, mediu-se bem o avanço tecnico dos nossos jogadores. Vitoria que deu um grande e incalculavel impulso ao nosso valor. «Vencemos os ingleses», eis a frase que se usou naquele 1 a 0 dos «azes» da geração inicial, resultado milagroso e que foi todo uma promessa para o futuro.

Muitos anos depois, começaram realmente os cotejos internacionais, e após alguns insucessos sonoros e boas lições, tiveram inicio os triunfos beneficos, si bem que poucos, a principio. Coube, em 1911, ao Americano dar uma demonstração de nosso valor, quando derrotou os uruguaioes, no Velodromo, por 3 a 0. Vitoria singular, repetida um ano depois pelo Paulistano, por 4 a 3, contra os argentinos. O mesmo jubilo e incentivo trouxe a vitoria (a unica) obtida pelos cariocas sobre o Corinthians, de Londres, por 2 a 1, em 1913. Sinal de real progresso. No mesmo ano, o Americano era capaz de ir a Buenos Aires e vencer por 2 a 0 um combinado local! Ainda no mesmo ano, entre as maiores exhibições de quadros estrangeiros em São Paulo e no Rio, causou surpresa extraordinaria a derrota que o Mackenzie, o quadro mais voluvel de então, infligiu aos portuguezes, por 5 a 1. Os alunos já não recebiam lições... A começar de 1914, as vitorias sobre clubes, por parte dos brasileiros, já não mais constituiram feito notavel, pois tais vitorias se tornaram frequentes. Procurou-se algo mais, visamos maiores objetivos, expressamos maior tecnica, mais valor.

Assim, o ano de 1914 trouxe-nos dois triunfos representativos, de ordem nacional, como pura expressão do progresso da nossa tecnica e cujas consequencias foram as mais beneficas possiveis, no aperfeiçoamento da nossa escola futebolistica. O primeiro desses triunfos foi obtido contra o Exter City, por 2 a 0, na primeira vez em que se formou o combinado Rio-São Paulo, numa jornada epica. No segundo desses belos triunfos, verdadeira matriz do nosso progresso, ganhamos a «Copa Roca», por 1 a 0. Grata e formidavel vitoria, porque nessa tarde-padrão de nosso futebol, não só tivemos o batismo de fogo, oficialmente, no terreno internacional — pois foi essa a primeira vez que organizamos a seleção brasileira para jogar com a de um outro paiz — como foi ainda a primeira vez que se exhibiu no estrangeiro.

Nesses dois feitos é que começou a existir verdadeiramente um «estilo brasileiro». Foi o trampolim para o nosso comparecimento ao campeonato sulamericano de 1916, onde nada ficamos a dever aos argentinos e uruguaioes. Haviamos progredido muito em relação a velha escola pratense, mas a nova geração que surgia, no Uruguai, algo de formidavel aparecia em estilo renovador, e essa evolução viemos conhece-la pouco depois, com a vinda do Combinado Dublin. Para abatermos esse quadro

impecavel, tivemos que recorrer ao Paulistano, maxima expressão do nosso futebol, naquela epoca. O triunfo alvi-rubro teve repercussão ampla sobre os artistas do Dublin. A contagem foi de 2 a 1. Na segunda vez, para vencermos o mesmo quadro, sempre impecavel, tivemos que acertar com uma das tardes mais gloriosas do selecionado paulista. A vitoria, por 1 a 0, serviu para derrotar, uma unica vez, o Dublin na sua segunda excursão ao Brasil, como tambem serviu de «revanche» da nossa seleção, que na primeira temporada tinha sido esmagada por 5 a 1!

A vitoria paulista não deixou duvida quanto ao progresso gigantesco que haviamos feito, tecnicamente, em poucos anos. De fato, já em 1919 a formidavel escola uruguaia era igualada pela nossa geração de «azes» de então, com o maior de todos os nossos triunfos do passado: o campeonato sulamericano de 1919! Atingiu o auge a nossa juventude de futebol, apenas com 20 anos de vida. Encerrou-se uma epoca, de aprendizagem e aperfeiçoamento, e iniciou-se outra de profunda evolução.

A nossa nova vitoria no complicado e obscuro campeonato sulamericano de 1922 não foi tido como um feito extraordinario, mas serviu para demonstrar que já estavamos maduros nos cotejos internacionais. E assim chegou, em 1925, a reveladora excursão do Paulistano á Europa, onde os nossos jogadores foram chamados de «reis do futebol». Exibiram um estilo, uma tecnica que somente um ano antes os uruguaios, campeões olimpicos, haviam mostrado. As vitorias do Paulistano fizeram renovar-se o entusiasmo nacional do campeonato continental de 1919. No mesmo ano de 1925, confirmavamos no certamen sulamericano de Buenos Aires o nosso progresso no futebol tipico, especialmente na ofensiva. Fizemos, depois, algumas pausas, e em 1929 voltamos a nos empolgar quando a seleção Rio-São Paulo venceu primeiro o aguerrido Rampla Junior, por 4 a 2, e depois do classico Ferenevaros, por 2 a 0. Entretanto, coube ao Palestra, ao vencer o Ferenevaros, por 5 a 2, fazer reviver uma vitoria igual a que o Paulistano obteve sobre o Dublin, tantos anos atraz, por parte de um nosso clube. Depois, já em plena afirmação do novo estilo carioca, chegamos em 1932 á reveladora vitoria na «Copa Rio Branco», por 2 a 1, em Montevideo, sobre os campeões do mundo! Em 1935, teve repercussão a unica vitoria contra o Boca e o River, por parte do Corinthians e São Paulo, respectivamente, assim como, depois, fez sucesso a temporada do Botafogo no Mexico. Mas, outra indiscutivel afirmação da nossa renovação tecnica, trazendo extraordinario prestigio internacional, foi o nosso feito no campeonato sulamericano de 1937, com o empate que obtivemos no primeiro posto, contra os argentinos, que depois desempataram de modo pouco convincente. Um ano, depois, chegou o maior acontecimento de todos os tempos para o futebol do Brasil: o III Campeonato do Mundo, onde com uma carreira singular chegamos ao terceiro posto!

Não desmentimos, absolutamente, esse nosso progresso quando comparecemos ao campeonato sulamericano de 1942, onde revelamos um padrão defensivo insuperavel e um estilo inconfundivel.

OS FEITOS LOCAIS COMO GRANDES IMPULSOS NA RENOVAÇÃO E CONSAGRAÇÃO DE NOSSOS CAMPEÕES

Não foram somente os altos feitos internacionais que tiveram grandes influencias na nossa evolução tecnica. As vitorias mais expressivas, tanto para os paulistas como para os cariocas, marcaram novo periodo progressista, cada triunfo foi uma afirmação coletiva e motivo para novas revelações individuais. Quantos «azes», por exemplo, não lançou o classico cotejo Rio-São Paulo, a partir de 1913, quando de fato o confronto entre as duas Capitais creou um vulto surpreendente e cultivou, cada vez mais, até chegar ao maximo a rivalidade, e pelo ideal da vitoria pareciam se aperfeiçoar continuamente os futebolistas das duas Capitais? São Paulo — que obteve um longo periodo de prevalencia quasi inalterado até 1924 — teve em cada sua vitoria sobre o Rio um novo impulso, um novo reforço á sua tecnica, u'a maior perfeição de classe. Os 4 a 2 de 1914, os 8 a 0 de 1915 e os 8 a 1 de 1918, etc., foram os feitos de maior projeção. O Rio teve que marcar passo, embora tambem evoluísse seu futebol. Mas, é fato que São Paulo tinha nas suas vitorias uma verdadeira valvula de progresso que atingiu o maximo. Depois, veio o campeonato brasileiro e, após os primeiros sucessos da melhor classe paulista, chegou a vez dos cariocas. Sua primeira vitoria, por 1 a 0, em 1924, foi o marco inicial para uma evolução técnica de amplas repercussões no futuro do futebol nacional. Logo no ano seguinte, os cariocas venceram novamente a classica final e chegaram ao apogeu com a sua geração de campeões na ativa. Talvez a final de 1925, em que venceram por 3 a 2, tenha sido a maior de todas as suas vitorias, no passado. No ano seguinte, São Paulo foi ameaçado de decadencia, devido á cisão; foi possivel vencer o titulo sem os elementos do Paulistano, e por isso nossa vitoria teve um verdadeiro alento, servindo para valorizar novos campeões. Mas, o Rio tomou cada vez mais impulso e voltou á sua supremacia, nos anos seguintes, até que em 1929 — um dos mais acirrados e tumultuosos campeonatos em que a rivalidade foi cultivada perigosamente — os paulistas fizeram renascer sua tecnica e com um padrão de alta qualidade obtiveram um triunfo que teve sua profunda significação.

Surgia, no entanto, a nova geração de «azes» cariocas, e é fato que no campeonato de 1931, nos 6 a 1 amistosos, e no primeiro jogo noturno de 1932, nas vitorias do Rio vimos a consagração de «azes» jovens e a afirmação de seu renovado estilo, um novo padrão. Entretanto, por uma grata coincidência, tambem nesse ano de 1932 São Paulo imitava o Rio, lançando sua nova geração futebolistica, começando a se divorciar nossa tecnica e nosso padrão do futebol veterano. Prodigiosamente, essa renovação paulista fez de sua classe, em plena evolução, uma dupla vitoria no campeonato nacional de 1933-1934. Verdadeira revelação, como havia sido o Rio em 1931-1932. Infelizmente, São Paulo, devido a outra cisão, teve um brusco tombo, em 1935, e o futebol do Rio, revolucionado e valorizado pelo grande enxerto de campeões paulistas, chegou a ser padrão modelo.

Mas, ainda em sua grande vitalidade e inesgotável fonte de valores, São Paulo se reanimou com o título de campeão brasileiro que alcançou em 1936, quando também os gauchos trouxeram até aqui, como finalistas todo o seu real progresso técnico. Forte era, porém, a superioridade carioca, dominando em qualidade e quantidade, e daí tivemos que assistir ao seu triunfo triplo de 1938-1939-1940, quando a técnica do Rio chegou ao máximo. Entretanto, estava reservada a grata surpresa de os paulistas, em 1941, sempre lançando mão da nova geração, reconquistar o ideal da vitória. E assim, a juventude, o estilo mais sutil dos nossos jogadores, constituindo o «Onze» primavera, conseguiram brilhante vitória, vitória essa que foi para o futebol paulista uma das mais benéficas, em senso absoluto, de todos os tempos, e sob todos os pontos de vista.

COMPARAÇÕES IMPOSSÍVEIS

A evolução espetacular do futebol, aqui como em toda parte, não mais permite, como acontecia antigamente, o onze... estereotipado, de principio a fim do certamen. De fato, em outros tempos, um clube organizava seu quadro para o campeonato e assim o deixava até o termino da temporada. Dificilmente sofria modificações, salvo, por exemplo, quando se tornava necessaria a substituição de um titular, por acidente ou enfermidade. O conjunto era, pois, sempre o mesmo e ás vezes um clube só possuía 11 «cracks», sendo que os reservas eram os jogadores do 2.º quadro. Convém frisar que, antigamente, um «az» não assinava absolutamente inscrição para um clube si não tivesse promessa formal de que iria ser o titular do seu posto, durante todo o ano. Era um privilegio a que tinha direito o «crack» amador. Por isso, os clubes não podiam contar com mais de 11 «cracks»... Raramente, um famoso jogador deixava seu clube para ir desempenhar o papel de reserva em outro clube, ou seja, submeter-se a jogar no 2.º quadro. Desde que entrava para seu novo gremio, um campeão tinha seu posto assegurado como titular. O papel de reserva era considerado por um «crack», no amadorismo, como humilhação...

A evolução do futebol-espetaculo, nos ultimos dez anos transformou completamente essa mentalidade. O «az» passou a ser engajado sem saber que papel irá desempenhar; tanto pode ser reserva, como titular; tanto pode atuar no campeonato todo, como pode passar o ano inteiro «na cerca». Quem o escala é o técnico ou o diretor esportivo, a seu criterio, segundo sua forma técnica e física, enquanto que antigamente o direito de titular era adquirido desde que assinasse inscrição. Era difícil, pois modificar-se um quadro 25 anos atrás.

*
* *
*

Não é fácil, como se julga, comparar-se o passado ao presente, no futebol. Diz-se, ainda, muito frequentemente, que em outras épocas os jogadores duravam mais. É verdade. Trata-se, como se vê, de outro tema interessante. Essa maior duração tem, também, sua explicação. Não parece um

fenomeno, como se pensa. Antigamente, os jogadores não tinham a super atividade de hoje em dia, em que, além do campeonato regional estafante, disputa-se uma serie enorme de torneios extras, interestaduais, internacionais, noturnos, viagens interminaveis, etc.. Tudo isso obriga os jogadores a uma atividade que chega a ser tripla, em comparação ao que era a dos «cracks» amadores de um quadro de seculo atrás! Em 1914, por exemplo, o São Bento, campeão paulista, disputou 10 jogos de campeonato e 3 jogos com os cariocas! Que beleza! Treze encontros, em um ano, sustentaram os campeões paulistas de 1914.

Si antigamente si dizia que «os jogadores não são de ferro», hoje podemos afirmar que «os jogadores não são maquinas de jogar futebol». No passado, a media de jogos disputados por um quadro de fama durante um ano era de um prelio cada tres domingos. Hoje, si tomarmos em conta a atividade do Corinthians, a media é talvez superior a um jogo por semana, devido a que são aproveitados não somente os domingos e feriados como também os dias uteis (prelios noturnos). No Rio, o Flamengo, campeão de 1914, jogou um só prelio com os paulistas e os poucos restantes do campeonato carioca.

Antigamente, um quadro de grande potencia podia resistir muitos anos, como de fato se deu com o Paulistano, sem sofrer as consequências do cansaço e sem que o «onze» ficasse super esgotado. Outrora, um jogador, uma turma, mesmo sendo a lider, não eram obrigados a uma temporada tão estafante, tão continua como o é nos tempos atuais. Tudo era reduzido, desde o campeonato paulista aos jogos da seleção, amistosos, interclubes, intercidades, internacionais. Não havia o movimento de hoje. Em 1917, por exemplo, o campeonato paulista contava apenas nove concorrentes. O Paulistano disputou, pois, ao todo 16 jogos. Depois de cada prelio, seu quadro descansava duas e ás vezes tres rodadas. O certamente também terminava cedo e no tempo do calor intenso os jogadores não eram sacrificados como o são agora. Além do mais, não existiam então as temporadas noturnas, campeonato brasileiro, etc..

De 1916 a 1918, o Paulistano disputou apenas tres jogos com os clubes cariocas. Neste mesmo lapso de tempo, o alvi-rubro não enfrentou quadro algum, as outras atividades acabam de estenuar nossos jogadores, tais, como teve seus jogadores empenhados treze vezes nos jogos da seleção paulista. O Corinthians, dez anos depois, 1929, cedeu seus jogadores á seleção de São Paulo nada menos do que 17 vezes! Mas, essa enorme diferença de atividade não para ai. O Paulistano, em seis anos (1916-1921), jogou somente dois prelios contra os estrangeiros. Em seis anos de grande forma, o alvi-rubro esteve muito longe de se desdobrar, de se esgotar tanto como acontece agora. O campeonato paulista, por si só, tal como é atualmente, torna-se um forte esgotador de energias dos jogadores. Si fosse só isso, porém, seria possivel disciplinar a temporada, mas os tempos estão mudados. Além do grande esforço que requer o torneio citadino, sem descanso algum, as outras atividades acabam de estenuar nossos jogadores, tais como o campeonato brasileiro, os jogos Rio x São Paulo, etc..

Não é pois de admirar si o Paulistano resistiu tantos anos aos esfor-

ços dispendidos, sem acusar o declínio de forma, a fraqueza enfim que se apodera dos «esquadrões» atuais.

Em 1941, tomemos a atividade dos campeões Fluminense e Corinthians e veremos a que altura chegaram! É verdade que o regimen de treinos, o tratamento dos «cracks» profissionais é muito superior, muito diferente, mas não esqueçamos que os profissionais não são de ferro... Eis porque, muitas vezes, nos parece algo inexplicavel quando se diz que, antigamente os «azes» duravam mais. Pudera! Si em um ano inteiro não disputavam pelos seus clubes sequer 15 jogos!... Nos tempos atuais, chegam a disputar 50!...

*

* *

Não se julgue, igualmente, que no passado todos os «azes» tiveram longa carreira. Sem duvida, Fried, Amilcar, Neco, Bianco, Grané, Formiga, Bartô — em São Paulo, e Oswaldo Gomes, Japonês, Fortes, Marcos e alguns outros «cracks» cariocas foram recordistas de... longevidade futebolística, mas atualmente temos também «azes» que já passaram a casa dos 12 anos de carreira da bola e ainda estão na brecha: Domingos, Junqueira, Waldemar, Romeu, Luizinho, Carola, Guimarães, Machado, etc..

Os «azes» de longa carreira, sem duvida, foram muitos no passado, mas devemos convir também que, antigamente, grande numero de «cracks» deixou muito cedo o futebol, por diversos motivos, a saber: 1.º — pelo atraso em que se achava a cirurgia esportiva; 2.º — por opposição da familia ou devido aos estudos; 3.º — por falta de bons processos de treinamento e de regimen a que se submetem os profissionais da atualidade.

Em São Paulo, por exemplo, o grande Lagreca se perdeu para o futebol, após somente quatro anos de apogeu, e por um mal no joelho que hoje seria curado em dois mezes! Devido aos seus estudos, o extraordinario Nazareth, artilheiro do Palmeiras e centro avante da seleção paulista e do selecionado Rio-São Paulo, teve que desistir, moço, do futebol, e com poucos anos de atividade; o singularissimo Mario de Andrada desistiu, com 25 anos de idade, apenas porque não podia se submeter a um regimen especial de saude para continuar jogando; Orlando, o super zagueiro, companheiro de Nery na seleção nacional, teve que renunciar a sua bela carreira porque, naquele tempo, a cirurgia não estava tão adiantada para curar a sua perna, acidentada no campeonato continental de 1916. Esses são exemplos tipicos de carreira de «super azes» truncada lamentavelmente ou por não terem tratado suas pernas — por falta de operação do menisco — ou porque os estudos e os empregos não os deixaram proseguir ou ainda por não se terem submetido a regimens especializados, por serem amadores, etc..

Enfim, vê-se que não foram todos os «cracks» que tiveram longa duração no passado! Citam-se apenas os exemplos de longa carreira, esquecem-se porém os exemplos de carreira rapida truncada por motivos imperiosos que, no entanto, no futebol de hoje, podem ser superados facilmente.

*

* *

Quanto aos exercicios, no passado, os jogadores não se submetiam tão rigorosamente como o fazem os futebolistas de hoje. Repetimos, porém, que para se jogarem um ou dois prelios por mês não é o mesmo que se disputar cinco ou seis. Acontecia antigamente que o trabalho dos jogadores nas oficinas, nas fabricas e os continuos exercicios em conjunto e nos «bate-bolas» quasi diarios serviam de bom treino. O «esquadrão» do Corinthians, tricampeão de 1922-1923-1924, era quasi exclusivamente composto de jogadores operarios de oficinas e fabricas. Atualmente, o profissional observa outro regimen, não se submete a outra profissão, si é da classe operaria, e si estuda treina, tecnicamente. Outrora, não existiam os exercicios fisicos como agora. Isso não quer dizer que, durante a semana, os jogadores se deixavam ficar inativos. Não tinham a direção e a orientação e muito menos as obrigações que possuem os jogadores modernos; mas, os treinos «puxados», em conjunto, se efetuavam duas e até tres vezes por semana!

Com o andar dos tempos, modificou-se apenas a orientação, a ciencia do preparo.

Tudo é questão de se comparar o passado e o presente, levando-se em conta a evolução muito natural que se deu no futebol, como na aviação, no automobilismo, na cirurgia, na arte, etc.. A evolução trouxe tambem novos rumos e mais profundas transformações ao «association».

QUANDO SE INICIOU O MALABARISMO

Quando Petronilho de Brito surgiu em nossos campos principais, em fins de 1921, causou uma verdadeira revolução na tecnica do nosso futebol, então ainda dominado pelo classicismo da escola que o levou ao seu apogeu, em 1919. Sem exagero, Petro pode ser chamado de Marinetti ou de Graça Aranha do futebol brasileiro, porque revolucionou sua arte, seu estilo... Naquele tempo, por coincidência, estavam em voga o futurismo e os nomes dos seus criadores. Dominavam... Petro trouxe para o nosso futebol o «futurismo futebolístico», até então, na verdade, quasi impedido, combatido, sabendo-se que os jogadores de côr tinham pouco acesso ao futebol superior... Petro foi, pode-se dizer, o primeiro super az, o primeiro idolo «colored» do futebol paulista e quiçá conseguiu a fama e as glorias de um Rubens, Marcos, Amilcar, Nery, Lagreca, Carlito, Fortes, etc.. Basta dizer que não encontramos «coloreds» nas seleções paulistas e brasileiras, até 1921. Petro foi o primeiro lançado a grande altura. Sua arte — como frisamos — provocou um mundo de discussões: que era um maluco, um intruso, a querer arruinar a classe do nosso futebol, com as suas improvisações e fantasias; que ninguem sabia o que pretendia fazer, quando estava com a bola nos pés, etc... Enfim, Petro era o futurista a pretender arruinar o padrão da nossa tecnica...

Enquanto, porém, Petronilho ganhava fama com suas «estravagancias» e seus «goals», mais entrava na moda o tipo do campeão indigena; nacionalizava-se cada vez mais o estilo, tornava-se mais tipico nosso futebol deixando para trás o classicismo escocês... A improvisação, a velocidade e o malabarismo, introduzidos por Petro, em 1922, começaram a

errear uma escola toda nossa. A arte de Petro, discutida, quasi repelida a principio, como um mal para o nosso estilo, creou cada vez mais escola e alunos... Prototipo do futebolista indigena, Petronilho foi capaz de ser um «az» singular até em Buenos Aires, quando já veterano em idade e carreira! O destino quiz que, em São Paulo, o seu maior discipulo fosse seu proprio irmão: Waldemar, a revelação de 1933, enquanto que no Rio surgia Leonidas, a maior expressão do futebol dos tempos atuais do paiz. Já em 1934, Waldemar e Leonidas — enquanto Petro ainda dava lições de estilo nas «canchas» portenhas, com as suas bizarras «chilenas» — se consagravam no Segundo Campeonato do Mundo. Não tiveram muita sorte, porque o nosso XI, improvisado e quasi modesto, apenas tinha duas pontas de diamantes: os dois meias. Em um só jogo, como poderiam se impor a critica, ganhar fama? Pois mesmo assim, Waldemar e Leonidas foram tidos pelos rigorosos criticos europeus, como dos mais sugestivos valores do torneio. Quando, porém, a seleção realizou varias exhibições em Portugal, Leonidas e Waldemar deixaram de boca aberta todo o mundo, com o seu futebol tipico!

DE EPOCA EM EPOCA

Afinal, em que distancia certa estamos, tecnica e taticamente, da evolução inicial de 1902?

É dificil uma resposta a essa pergunta, si nos vem diretamente, sinceramente, de um «crack» ou de um entendedor daquele tempo, porque já ai se intromete o saudosismo, acabando tudo, falsamente, em comparações absurdas, contra a atualidade...

Mas, é fora de duvida que aquela foi a epoca homérica do futebol dos chutes gigantescos, das fintas heroicas, das corridas loucas... Faltam documentos, porque naqueles tempos não se escrevia sobre tecnica, sobre estilo... Um historiador, porém, deixou-nos um documento raro, fiel, sincero, desinteressado de como se praticava o futebol entre nós, inicialmente. Encontramos esse documento no livro «**Historia do Foot-ball em São Paulo**», de Antonio Figueiredo, livro publicado em 1918.

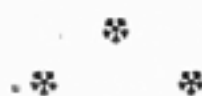
Leiamos ás paginas 77-78:

«Á primeira fase se costumava denominar, até ha bem pouco tempo, «os tempos aureos». Si o cronista via uma multidão imensa dizia logo — «Os tempos aureos, os tempos do apogeu do futebol»

Mas, em que sentido se falava nessa epoca? Para se recordar o jogo desenvolvido? Porventura se praticava bem o futebol, com mais perfeição, mais pericia? Acaso os «teams» tinham mais homogeneidade, mais vigor no ataque, mais ediciencia na defesa?

Não. Não havia nada disso. Si se pudesse hoje reunir os velhos «sportsmen» (Charles Miller, Ibanez, Boyes, Alvaro Rocha, Belfort) com o mesmo jogo, eles cairiam no ridiculo. O publico, insatisfeito como é ele atualmente, era até capaz de apupar... E — vamos lá — tinha carradas de razão. Sabem qual era o jogo de antigamente? Bem diferente do de hoje. Um «back» que tivesse «shot» forte, e que

atravessasse o campo, era um estupendo jogador; um «forward», que varava sozinho por meio de «driblings», a defesa contraria, era endeusado; um «half», que dava cabeçadas, com essa exclusiva preocupação, era amado por todos; e mesmo os jogadores que davam «kicks» de arranha-céus, eram apontados na rua, pela petizada, como super homens. Havia outras extravagancias originaes: certos «backs» — caleulem! — percorriam o campo, de lado a lado, por meio de enganos; alguns «keepers», para se exhibirem, saiam de seu posto, ficavam na area, enganavam de todos os lados os «forwards» que, furiosos, avançavam para eles! Assim fizeram escolas os Tutú, os Belfort, os Alicios, os Alvaro Rocha, os José Rubião e tantos outros'.



A tecnica e o metodo foram, aos poucos, se modificando, e quando, em 1926, depois de 60 anos, foi renovada a regra do impedimento, o modo de jogar sofreu profunda transformação. O futebol noturno trouxe, para nós, maior improvisação. Em poucos anos, a velha teoria foi perdendo sua grande influencia, por não se adaptar mais convenientemente. A concepção tatica do ataque e da defesa adquiriu outras carateristicas. O «dribling» (finta) demorado, constante, entrou em desuso, para dar lugar á esquivas, ao destaque da bola dos pés, na corrida, para se bater o adversario.

Começou a se jogar em profundidade, com as grandes aberturas e improvisação das jogadas, ao envez do ataque harmonioso, de desenhos arabescos nos avanços da celebre academia dos tempos dos maiores idolos. A velocidade e o arranco substituiram as combinações vistosas, prodigas de fintas e troca de bola. Agradava melhor o futebol. Mas, hoje, é ele mais pratico. Procura-se atingir o mais depressa possivel a meta. A isto, sacrifica-se tudo. É mais individual. Por isso, o jogo perdeu o perfeito equilibrio coletivo de outrora (1914-1925), em que as avançadas começavam no meio do campo e terminavam diante do arco, com os cinco avantes operando. Hoje, por exemplo, faz-se um tento com um simples passe esticado á extrema, numa ação isolada em dois jogadores.

A jogada simples, fria, insinuante, arrojada, substituiu a jogada coletiva; emotiva, rica de lances, em passes, fintas e controle. Eis porque se diz que não se joga mais como outrora. É verdade. Mas, como vemos, foi a evolução do sistema que transformou o estilo, a tecnica e não a decadencia, a falta de habilidade dos jogadores. As duas escolas estão perfeitamente postas na sua epoca.

Tomamos, por exemplo, o «esquadrão» do Corinthians de 1922-1923-1924 e o de 1928-1929-1930, que foi o primeiro grande executor do sistema contemporaneo, após a modificação da regra do impedimento. O ataque alvi-preto do Centenario, composto de Perez, Neco, Gamba, Tatú e Rodrigues foi um dos maiores «fabricantes» de tentos, e um dos mais perfeitos da escola que passou. Não menos «fabricante» de tentos foi, porém, a linha composta por Filó, Perez (Aparicio), Gambinha, Ratto e De Maria. No

primeiro turno de 1922, por exemplo, o Corinthians fez 50 tentos em 11 jogos; e em 1929, 32 tentos em 7 jogos. Como vemos, a media é a mesma, cerca de 5 tentos por jogo. O mesmo valor, a mesma potencia, pois. Mas, muito diferente era o sistema de jogar do ataque de 1922 e o de 1930. No primeiro, os principais «azes» e «artilheiros» eram os meias (Neco e Tatú) e no segundo foram os extremas (Filó e De Maria).

Bem outro, pois, foi o metodo de atacar e fazer tentos. Os de 1930 não jogaram como os de 1922. E estes, por sua vez, não atuaram como aqueles. Cada qual, porém, foi poderoso, na sua epoca, no seu metodo.

Os palestrinos, ás vezes, costumam fazer alarde com a lembrança dos tentos que marcaram Ministro, Caetano, Heitor, etc.. Jogavam vistosamente, mas não fizeram, em 1917, por exemplo, mais tentos que os Romeu, Imperato e Lara, em 1932, e de Luizinho, Moacyr e Rolando, em 1936-37. Ha diferença de feitura entre os tentos de Pipi, que joga bem, como o metodo atual requer, e os de Caetano, naquele tempo. Então, os meias eram grandes marcadores (Ministro foi recordista de tentos dos palestrinos, como Mario de Andrada, do Paulistano), enquanto que, agora, os «artilheiros» são o centro avante e os pontas.

A este exemplo, temos o exemplo de Fried, no ano de seu apogeu (1919), que fez 20 tentos em 17 jogos. Em 1931, conquistou 32 tentos em 26 encontros. Não ha diferença de relevo na media, mas devemos ter presente que Fried fez muitos tentos em 1931, aos 39 anos de idade!

Por que Fried se tornou então «artilheiro» em 1931 melhor que em 1919?

— Porque o sistema moderno tem, no centro avante, o jogador para realizar o tento, enquanto que no passado ele preparava para os meias. Ha, pois, esta superioridade do jogo de hoje sobre o do passado, porque é mais pratico, embora menos «floreado»; mais viril e muito veloz, embora menos combinado; mais improvisado do que estudado.

Um campeão de hoje, em outros tempos, teria jogado, tecnicamente, como os Lagreca, Millon, Caetano, etc.. Estes, hoje, jogariam com o estilo e a tecnica dos Leonidas, Brandão e Lima, etc..

Igualmente, algumas virtudes de muitos jogadores hoje, não seriam bem sucedidas em 1910...

Nem todos os campeões do passado poderiam, tambem, impor seu estilo, seu jogo, hoje em dia.

E, assim, com os conjuntos, com o sistema de jogo, que se transformou, distanciando distintamente uma escola da outra. Ambas definidas e vitoriosas na sua epoca.

O ATAQUE EM PROFUNDIDADE

Si lembramos do Amilcar de 1922, consideramo-lo então na melhor fase de sua grande carreira.

Aquele ano faz parte ainda do periodo «do passado».

Pois bem. No futebol moderno, isto é, desde 1927, Amilcar iniciou tatica jamais empregada, no passado, nem por ele e nem pelos demais

«azes» da posição. No Palestra e na seleção, Amilcar foi o grande iniciador do jogo combinado entre os tres medios.

Nenhuma das mais famosas linhas medias de outros tempos controlou e executou o jogo com alta concepção tecnica, como Pepe, Xingo, Amilcar e Serafini. Goliardo sucedeu otimamente a Amilcar, nesta tatica, que se generalizou e vulgarizou.

Seria um erro querer-se ver, hoje em dia, um centro medio atuar como no passado, pois que o sistema de jogo evoluiu para ele como para o guarda-dão, os extremas, etc.. O centro medio, por exemplo, deve estar, naturalmente, sempre mais em contato com o centro avante contrario. Mas, antigamente, este contato dava-se mais no centro do campo, porque o chefe do ataque dirigia. Agora, o contato entre ambos dá-se mais adiante da area, ou mesmo, dentro dela, porque o centro avante não dirige mais, como uma vez. Ele joga muito adiantado, e tem a missão de realizar. Outra é, assim, a tatica do centro medio, que muito mais que o de outrora necessita de maior mobilidade e de melhores dotes defensivos. Isso entre nós, onde o jogo se basea todo na rapidez e improvisação, voluvel, como tambem nos paizes onde mais se joga metodicamente, com a formula de ataque em W. Na Inglaterra por exemplo.

O centro medio de hoje é bem outro...

*

* *

Cada epoca com seus usos e costumes.

Assim, no futebol. Ao envez da tatica do «pivot» ser mais ofensiva é agora mais defensiva. Às vezes, observa uma atuação de terceiro zagueiro, principalmente quando o metodo de jogar em W é bem executado, quer pelo seu lado ou quer pelo lado contrario.

Hoje, o centro medio deve ser veloz e mais resistente, devido ás bruscas mudanças de jogo, todo feito em profundidade. Sua vigilancia, na entrada da area, requer bons dotes combativos e energia. Nem todos os melhores centros medios do passado teriam, com o seu jogo, qualidades no futebol de agora. Outros — como por exemplo Rubens Salles — possuíam uma alta qualidade que no sistema atual seria de extraordinaria influencia á turma, como não o foi então.

Como devem estar lembrados os afeiçoados de 25 anos atrás, Rubens Salles praticava o tiro certo, e não só contra o arco. Desempenhava, ao contrario do que o metodo atual exige, o papel do 6.º avante, como tambem executava o tiro em forma de passe. Servia o extrema com uma precisão de centímetros... Naquele tempo, porém, não se jogava em profundidade. Pouco ou nada os extremas desfrutavam diretamente, com ação pessoal, tais passes, como sucede agora.

Hoje, quando um extrema, que está sempre deslocado, aproveita uma abertura, isola-se o mais possivel, e corre, velozmente, area a dentro, fechando sobre o arco para atirar. Nada disso permitia o sistema antigo, isto é, antes de se modificar a regra do impedimento.

Rubens fazia um excelente passe a Agnelo. Este levava a bola para o lado, e depois servia Mario de Andrada. Começava, assim, a «costura»

da avançada. E operava todo o ataque. Às vezes, uma ação de sucesso demorava um minuto para fazer o tento. Com o sistema atual, o extrema, ao ser servido, interna-se e em dois ou tres segundos se acha diante do arqueiro, para fazer o tento diretamente, ou então, é improvisada uma jogada em frente ás redes, para o sucesso desejado.

O SISTEMA W...

O sistema W foi a tática revolucionadora do futebol. Diz respeito á forma de atacar. Os dois meias jogam atrasados, procurando não perder a ligação com os seus medios, e o centro avante, por sua vez, faz o papel de ponta da vanguarda, isto é, joga adiantado, quasi em contato com os dois zagueiros contrarios.

E os extremas ficam, o mais possivel, isolados na sua posição. O sistema de jogo que, teoricamente, se requer com a formação W é a de aberturas, em profundidade, aos extremas, que correm e cerram, ou centram de improviso. Deve-se fazer ainda jogo adiantado ao centro avante, para este realizar. O elemento desta ultima posição, pois, mais que um condutor, dever ser realizador. O papel dos meias é importante, pois são os constructores do jogo, os motores da turma, por assim dizer.

Sobre esse tema, daremos a seguir a palavra a um dos mais autorizados criticos e tecnicos portugueses, o capitão Ribeiro dos Reis:

«No sistema de «passe largo», os dois extremas e o centro avante são os elementos mais salientes do ataque. Os meias, jogando atrasados em relação aos outros tres elementos da linha da frente, fazem as grandes mudanças de jogo, destinada a lançar os seus companheiros e a fatigar e enervar o adversario.

O grande fim em vista é ganhar terreno rapidamente, por meio de mudanças largas e bruscas de jogo, fazendo o movimento envolvente pelos extremas.

O meia tanto lança o extrema do seu lado, com um passe em profundidade, como «cruza» o jogo com um passe largo ao outro extrema».

*

* * *

Antigamente, exigia-se dos extremas que fossem apenas bons colaboradores; hoje, devem ser os jogadores mais desfrutados, e melhores atiradores, com o centro avante.

Na actualidade, o passo largo, o ataque em profundidade e improvisado, com a maior velocidade da bola e dos jogadores, se impôs definitivamente ao classico jogo do passado, dos passes curtos, das grandes tramas coletivas, que em outros tempos tiveram grandes executores. O sistema de atacar sofreu uma acentuada evolução, depois de modificada a regra do impedimento. Vingou o sistema de ataque em W, tática quasi natural, mas que, no entanto, rende muito quando é feita com inteli-

gencia. Definindo o jogo atacante de agora e do passado, assim escreveu um crítico estrangeiro: «a insidia sucedeu-se á manobra».

Outrora, os extremas e o centro preparavam e os meias finalizavam (Mario de Andrada e Neco foram os maiores «artilheiros» da famosa escola dos passes curtos), enquanto que, no futebol atual, acontece justamente o contrario. Primeiros, os pontas e depois o centroavante são os que realizam, com oportunidade e astucia, enquanto aos meias está reservado o preparo da ofensiva.

Hoje, por exemplo, um Pardal, um Jeronimo devem trabalhar duas vezes menos do que faziam Formiga e Arnaldo. Mas, em compensação, devem marcar muito mais, quando desfrutados pelos companheiros que lhe crearão as grandes ocasiões, servindo-os o mais possivel isolados e em condições de poderem fechar á meta, ou de aproveitar, deslocados para o meio, o envolvimento da defesa contraria. O papel do centro medio em abrir o jogo sobre os flancos, deve ser agora mais importante que o do passado. Neste particular, tivemos em outros tempos perfeitos mestres em servirem os extremas. Deviamos te-los, hoje, em maior quantidade.

OS MEDIOS MANOBRADORES

A tatica em conjunto dos tres medios sofreu, entre nós, com o andar dos tempos, uma verdadeira revolução, especialmente quando Amilear, já aquem dos pinaros da sua carreira, e portanto jogando mais com a experiencia e com os recursos de «crack» consumado, pondo em pratica a lei do minimo esforço — iniciou e fez escola o padrão do passe lateral e o sistema de deslocação, no jogo dos medios. Padrão soberbo que permite aos tres medios sustentar continuamente a ofensiva de perto. Esse padrão, porém, quando os passes e as deslocações são demoradas e repetidas trazem imperfeições no desenvolvimento do ataque. Toma-se conta do terreno contrario, domina-se, mas a manobra torna-se lenta, sem improvisação e o tiro custa a partir. Foi um dos graves defeitos do nosso jogo na «Copa do Mundo» e no ultimo campeonato sulamericano. O passe lateral e a devolução da bola do medio de ala para o centro medio são soberbos, científicos como recurso e como articulação de jogo que cream base para a manobra; porém quando se abusa desse jogo, mesmo executado por campeões consumados, afeta-se o resultado pratico e imediato do ataque. Não insistindo muito nos passes curtos e macios entre eles os medios podem fazer mais alvo e dai acertarem com as redes muitas vezes.

O asa medio moderno conta com muita ajuda dos meias, e por isso pode mais colaborar na ofensiva. Aliás, os asas medios e os meias são jogadores mais taticos, em um conjunto. São sempre eles que animam ou variam as taticas. O nosso centro medio de 25 anos atrás, com qualquer carateristica, não teria muito a perder, no padrão da atualidade, qualquer que seja a tatica; o mesmo, porém, já não se dá com o medio lateral.

No futebol de outrora, a missão do asa medio era a rigor, a de marcar o extrema contrario. O tipo ideal do medio de ala foi o «carrapato», que «grudava» no ponta adversario e he dava combate de principio a

fim do jogo (Fez época o «duelo» Gallo x Formiga...) Muitos desses antigos «azes» hoje seriam nulos com essa tática. A evolução do jogo trouxe o meio de ala de grande mobilidade com dupla função de atacar e defender, não tendo uma missão fixa de marcar. Segundo a tática observada, pode limitar-se mais a defesa, como ter liberdade de colaborar mais no ataque. O padrão atual, porém, exige mais sentido ofensivo dos meios laterais. Aliás, o renovar-se das táticas na Europa deu mais credenciais para o asa médio avançar; daí a fórmula de atacar com sete elementos, retrocedendo um pouco ou muito o centro médio.

A ESCOLA DA FINTA

A velha teoria do «association», aplicada ao futebol da atualidade, dá em resultado um treinador ensinar errado e um jogador atuar sem estilo adaptável, e portanto com um rendimento que não pode ser o melhor. E o crítico e o afeiçoado, por sua vez, agarrados a essa teoria, por sentimentalismo (na maioria das vezes) acham que o futebol nunca é bem executado, comparando-se ao do passado.

Estando modificada a prática, é natural que o extremo, o arqueiro, o conjunto, o sistema, o jogo, em suma, não sejam os mesmos em seu estilo, em sua tática, em sua teoria, aos de 20 anos atrás.

Tomemos por exemplo o cinema. De mudo passou a ser falado. E a técnica do film tornou-se outra. É grande a diferença entre o representar por gestos e o falar. Muitos artistas, que nada poderiam ser antes, hoje são «astros», ou porque tenham boa voz, ou porque possuem outro predicado próprio para o cinema falado. Muitos «astros» antigos da cena muda tornaram-se «imprestáveis» para o film moderno. Não perderam as qualidades artísticas, naturalmente, mas foram postos á margem porque não puderam ser, por motivos diversos, aproveitados, com o mesmo sucesso de antes. Típico é o exemplo do desuso em que caiu o «dribling» do passado, no futebol atual. De fato, onde estão em nossas «canchas» os virtuosos fintadores-especialistas de outros tempos? Desapareceram, um por um. E não deixaram discípulos. Aos poucos, a finta constante e demorada foi se tornando menos útil e eficiente ante a evolução da técnica de jogo.

Quando se iniciou o sistema chamado moderno (1926), com a renovação da regra do impedimento, decretou-se quasi a morte da finta. É o bastante um jogador, hoje, abusar um pouco em lidar com a «superball», afim de «brincar» com o adversário, para inutilizar a sua própria atuação e a do quadro. O jogo muito improvisado, feito em arrojo e velocidade, com passes largos e á frente, não admite mais que um jogador pare e atraia os adversários, afim de finta-los. Em outros tempos, deleitava-nos ver a serie de fintas classicas durante um encontro. Agora, por isso, diz-se que se joga muito mal porque não ha jogadores com a habilidade de fintar como os «azes» antigos. É um erro, como se vê. Não se «salamea» mais como em tempos passados, porque o jogo está modificado.

Reparem o engano de hoje. Consiste em passar com um ligeiro toque na bola, afastando o couro um tanto do pé para, na corrida, esquivar-se

do adversario. Característica típica do jogo noturno, que deu mais velocidade ao futebol. Quer dizer que a finta existe ainda, mas é bem outra, menos aparatosa, mas mais simples e pratica, e talvez não requeira menos inteligencia e intuição de quem a pratica.

Quem eram os maiores fintadores do passado?

Eram os extremas. Revolucionado que foi o seu jogo, os pontas quasi que deixaram completamente de fintar. A sua habilidade está, agora, em fugir, superando o adversario em velocidade, destacar a bola á frente para alcança-la e apontar ou centrar forte, ou então cerrar contra as redes, quando a sua deslocação é propicia.

Formiga foi o prototipo do extrema fintador, da velha escola. Poderia atuar hoje como atuava em 1915? Certamente que não. O seu estilo, a sua tecnica deviam ser outras, de acordo com o sistema atual. Formiga foi um driblador nato. E não duvidamos que seria hoje o mesmo valor. Mas, o seu jogo, ao envez de ser feito de fintas, ás voltas com os adversários perto das linhas lateral e do fundo; ao envez de centros, devia ser de deslocações, descidas e tiros de poucas jardas.

Waldemar, o fenomeno de 1933, foi outro exemplo. O «artilheiro» tricolor se revelou com um talento de jogador malabarista. É capaz de fintar todo o quadro contrario... No passado, Waldemar teria sido uma... fabrica de «driblings». E hoje, não, embora seja capaz disso. Tomamos ainda por exemplo Waldemar dos encontros contra o Vasco e o America, em 1933. Foram as suas duas melhores partidas. Ele foi improvisador, brilhante, fantasista. Fez 10 «goals»! Esteve muito rapido, mas em todas as vezes eram lances de esquivas, para acionar a ação decisiva. Executou enganos que nem chegaram a ser aplaudidos como «letra», porque a rapidez do lance já havia feito partir o seu tiro ás redes...

Lima, o meia palestrino, é um «az» que ha 25 anos passaria uma partida «salameando». Hoje, os seus «driblings», quando são feitos a moda antiga, constituem o fracasso do sistema do jogo avançado do seu quadro. Mas, quando Lima acerta as tardes de venia, em que dá utilidade aos seus enganos, não afetando as mudanças de jogo, a velocidade das descidas, torna-se o n. 1 do ataque.

Fried, mestre do jogo e da tecnica, ha muito tempo, antes de se aposentar, que não mais applicou fintas em serie contra um ou varios adversarios. Devemos lembrar de suas atuações de 1930 e 1931, quando ainda não havia entrado seriamente em declinio e foi o «artilheiro» do tricolor.

Citaremos, tambem, o exemplo de Filó, que foi tipico. O ex-ponteiro do Lazio começou sua carreira na escola passada (1923). Jogava otimamente, como o jogo do extrema de então o exigia. Mudando o sistema, suas habilidades tornaram-se mais extraordinarias ainda porque tinha dotes naturais que mais se adaptaram ao novo metodo. Todos devem estar lembrados que especie de extrema foi no Corinthians, onde, do outro lado, jogava De Maria, o prototipo do extrema moderno, como Formiga o foi do passado. Por isso, preferimos o Filó de 1930 ao de 1925...

Ninguém esqueceu Ratto, o mais incorrigível fintador paulista durante muitos anos. Fintava muito. E si detia e demorava em manter a «superball» em seu poder, embaralhava a descida. Sempre foi mais pratico seu jogo quando ao levar o couro serviu em profundidade De Maria, ou fez infiltrar Gambinha.

A falta que se nota cada vez mais da finta não significa decadencia do jogo e nem falta de «azes» típicos. É todavia, o resultado logico da evolução do sistema de jogar.

O ESTILO DO GUARDIÃO

Houve uns tempos que não se permitia qualquer hostilização ao guardião. Isso aconteceu tanto nos campos europeus como nos sulamericanos. Com isso, abusaram muito os arqueiros. Então, a exemplo do que sempre succedeu e nunca deixou de acontecer até agora, na Inglaterra, exigiu-se a fiel interpretação da regra, no tocante a carga ao guardião, segundo a qual o mesmo pode ser carregado, regularmente, uma vez que esteja de posse da bola. Assim, não é permitida a violencia e sim ataque regular. Quando estivemos na Copa do Mundo, em 1938, não vimos os europeus aplicar brutalidade contra os arqueiros que, entretanto, não se demoravam com a bola nas mãos, assim como não eram ameaçados de pontapé quando estavam caídos, apitando, logo, os juizes, o jogo perigoso. Essa proteção, é verdade, vimo-la posta em pratica, com muito mais rigor, pelos juizes do sulamericano que não permitem até a carga regular!

Nestes ultimos tempos, entre nós, as regras começaram a ser melhor observadas, nesse particular; mas, si uma vez os arqueiros abusavam pela excessiva proteção que mereciam dos juizes, agora passaram a ser os arbitros que abusam, dando muita liberdade aos avantes, permitindo que ameacem os arqueiros e ás vezes os atinjam quando estão caídos e em situação delicada. Dai os accidentes. Nos tempos passados, a excessiva violencia contra o arqueiros era muito usada, sem a minima consideração. Atacava-se brutalmente o guardião a ponta-pés e ás vezes não se esperava que se apoderasse da bola para ser jogado no fundo das redes... Tornava-se difficil ao arqueiro se arrojar, porque com isso se arriscava a sofrer pessimas consequencias. Os europeus nos ensinaram então o modo primitivo de jogar na meta. O goleiro pouco se atirava, defendia-se sempre de pé e a socos... Tutú Miranda, o maior arqueiro dos primeiros tempos do futebol paulista, era perito nos punhos... Socos de baixo para cima... Quando, porém, começou a ser combatida a violencia sem limites contra os arqueiros, a tecnica e o estilo destes sofreram profunda evolução. Nascu então o «mergulho», e fixou-se a «catada» no terreno, o encaixe ajoelhado; estilizou-se cada vez mais o jogo do arqueiro até os dias de hoje, em que seu jogo é todo arrojado, elasticidade e coragem. A proteção, que foi ganhando cada vez mais, o tornou excessivamente audacioso, a ponto do arqueiro moderno defender mais em se arrojando no chão do que em pé... O primeiro arqueiro brasileiro, mestre no estilo «mergulho», foi Rachou, cremos que quando de sua volta da França, onde se tornou futebolista. Marcos creou o estilo de recolher a bola

no terreno e embolsa-la elegantemente; Casimiro primou pelos encaixes, sem perder, porém, seu padrão a antiga; Tufy revolucionou, desde 1917, a arte de guarda redes, um verdadeiro padrão completo, que fez muita escola. Seguiram-se Kuntz, Athié, Amado, Vitor, Nestor, Aimoré, Juran-dir, Jaguaré, Walter, Batatais, Pedrosa, etc., cada qual aperfeiçoando mais o estilo guardião.

OS ZAGUEIROS TAMBEM SEGUEM OS TEMPOS...

Os zagueiros como coragem e decisão em atacar os adversarios, são os mesmos, tanto hoje como ontem; atualmente, porém, exige-se deles mais velocidade, dadas as grandes deslocções que são obrigados a fazer.

O zagueiro, naturalmente, aliviava sempre para romper, com decisão, ás vezes precipitadamente; agora, porém, fora da agitação, procura construir mais, passando á frente ao companheiro mais proximo, resultando assim que uma ação defensiva se transforma em ação ofensiva. A principio, o zagueiro se impunha mais pela sua potencia destruidora. A evolução do seu jogo acabou, porém, dando-lhe mais estilo do que potencia. A transformação que sofreu o jogo atacante transformou tambem a tática dos zagueiros. Assim, antigamente, existia o zagueiro de avanço e o de espera. Colocavam-se mais perto. De preferencia, marcavam o trio central, enquanto os medios de ala tomavam conta dos pontas.

Com o tempo, surgiram novos sistemas atacantes, e então os dois zagueiros passaram a jogar na mesma linha, porém colocados muito mais distantes um do outro. É que, em geral, marcam os extremas, sem muito observarem, pelo menos como em outros tempos, a posição quando a descida contraria é improvisada. De modo que, já em pleno desenvolvimento da ação ofensiva diante das redes, vemos o zagueiro direito transformar-se momentaneamente em zagueiro esquerdo e vice-versa. Enfim, trocam muito de posto. O mais veloz ou o que menos se faz surpreender pela improvisação contraria acode e rompe onde está o perigo.

Outra carateristica que destaca os zagueiros de outros tempos dos de hoje é que atualmente não se vê mais, como no passado, o «zagueiro atrazado» ir atrapalhar o arqueiro ou mesmo jogar sobre a linha da meta, quando do assalto ás suas redes.

A EVOLUÇÃO DO NOSSO FUTEBOL

O futebol de São Paulo comemorou em maio de 1942 o 40.^o aniversário de instituição de seu campeonato. Charles Miller, o introdutor do empolgante esporte bretão em nossa terra, foi, ainda, o recordista de tentos nesse primeiro certame futebolístico nos rincões de Piratininga.

Esse pioneiro do futebol no Brasil trouxe da Inglaterra, em 1894, as primeiras bolas de futebol e ingressando no São Paulo Athletic iniciou, desde logo, em nosso país, a prática do «association», envidando esforços, trabalhando com afieco para reunir os primeiros adeptos do futebol no Brasil, formando-se assim o núcleo que foi a célula mater da nova modalidade esportiva em nossa terra. Os primeiros ensaios não passaram de meras tentativas, mas os ingleses do Athletic insistiram e poucos anos depois já não praticavam sosinhos o «association». Assim é que teve início a trajetória luminosa do futebol paulista e pátrio. Amparado por um pújilo de homens de fibra, ele foi crescendo cada vez mais até que se tornou uma atividade esportiva completa, organizada com seus clubes, seus jogos que vieram quebrar a monotonia das distrações outras da Paulicéia, reunindo nos campos onde eles se realizavam sempre maior número de adeptos e simpatizantes.

Charles Miller não foi, porém, somente o iniciador e o incentivador incansável da nova atividade esportiva. Foi um dos maiores senão o maior «crack» dos primeiros tempos. Mestre do futebol, jogador de animo forte e de conhecimentos técnicos que se aprimoravam cada vez mais, Charles Miller era, além de introdutor do esporte em nosso país, o mais completo esportista, o esportista exemplar. Artilheiro número um, conquistou o maior número de «goals» de todos os jogadores da época, e até suas últimas atuações nunca perdeu a qualidade de célebre marcador de tentos.

Depois de Charles Miller, aparece no cenário futebolístico de nossa terra, Casimiro da Costa, outro pioneiro, grande jogador e que foi também um dos mais seguros baluartes do esporte rei em São Paulo e no Brasil. Foi ele quem doou a primeira taça disputada em campos nacionais a qual recebeu o nome do doador, circunstancia essa que deve ser evocada como justa homenagem àquele que foi sem favor o sustentáculo do esporte e que, trabalhando pelo Internacional, um dos clubes da época, não foi menos benemérito dessa atividade esportiva em toda a extensão imensa de nossa Pátria.

Estava, portanto, iniciada com êxito a vida futebolística do Brasil. Tudo indicava, pelas realizações sadias e pelo entusiasmo crescente de nossa mocidade em torno dessa atividade esportiva, que o «association»

tinha iniciado o caminho das conquistas, a estrada do progresso, o trajeto luminoso do êxito, incremento e perfeição a que chegaria, em tempos não longos, o futebol pátrio. São Paulo não era a cidade dinâmica. Não era a metrópole estuante de vida e de grandeza que constitue robusto expoente de progresso da Nação. Estava também nos primeiros passos. E onde os arbustos e os campos predominavam, hoje erguem-se os arranha-céus, multiplicam-se as fábricas e suas numerosas chaminés estão a indicar que São Paulo é, realmente, o «maior centro industrial da América Latina».

Ao lado do esforço titânico do homem do Brasil, nesta e em outras plagas de nossa terra, no sentido de contribuir para o maior engrandecimento industrial, comercial e agrícola do país, não faltaram os esforços dispendidos no setor das atividades esportivas, cujo papel na perfeição da raça e elevação da nacionalidade, pelo aperfeiçoamento físico da mocidade, disciplina e respeito aos adversários nas competições atléticas, era bem conhecido dos nossos patrícios daqueles tempos.

Por isso mesmo, os esportes acompanharam a evolução do país. E de todos os esportes foi o futebol que maior amplitude ganhou e que mais tem progredido no cenário esportivo da Nação. A linha de ascendência, amparada pelas iniciativas sadias e fecunda pelo interesse e dedicação de seus praticantes, não conheceu ainda interrupção. Não sofreu solução de continuidade e é em nossos dias uma formosa realidade, uma grande força construtora a qual poucos são os que deixam de compartilhar, pois ao lado da distração que proporciona, deleitando os espíritos, arrebatando multidões num espetáculo verdadeiramente deslumbrante, o futebol é modalidade esportiva de onde têm saído os mais positivos valores e que muito tem elevado o nome do Brasil esportivo no conceito das Nações onde a educação física, numa palavra o esporte, se encontra em pleno desenvolvimento.

Jogadores dos mais salientes e dos mais perfeitos surgem constantemente, formando expressão positiva do quanto temos progredido nessa arrebatadora modalidade esportiva.

Em quarenta anos de campeonato do «soccer» em São Paulo muito fizemos. Muito aprendemos e muito ganhámos. A experiência é ainda a melhor das mestras e com ela temos conseguido muita coisa de prática, de util, de interessante. Contudo ha ainda muito que fazer, porque não atingimos, por enquanto, a um grau de aperfeiçoamento modelar.

REGIME PROFISSIONAL

Jamais os problemas técnicos do futebol assumiram contornos importantes como nesta época luminosa de recordes de rendas, de tentos, de entusiasmo. O profissionalismo, como imperativo da força incoercível do moderno «association», trouxe novos alentos, novos rumos de progresso e de disciplina aos espetáculos do esporte das multidões. O profissionalismo foi, portanto, um bem ao nosso futebol. Sofreu guerras tremendas dos adeptos do amadorismo disfarçado. Ficou durante muito tempo sob a ver-

gasta do temporal das paixões e dos interesses clubísticos. Trazia, no entanto, a semente fecunda. Encontrou terreno safaro. Mas, germinou e venceu. E aí estão, bonitos e sazonados, os frutos dessa transição providencial. O profissionalismo estabeleceu ordem na desordem e trouxe disciplina ao caos. Os tempos das questiúnculas e dos dissídios, quando se derrubava uma entidade e se fundava outra por causa da derrota de um quadro de futebol, estão mergulhando na poeira do esquecimento.

Falando agora sobre a evolução do futebol devemos fazer justiça ao regime em que vivemos. As considerações de ordem histórica, aquelas que focalizam os episódios ligados à vida esportiva de Artur Friendereich, Rubens Sales, Orlando e Sérgio Pereira, Bianco, Amilcar, Bartô, Marcos de Mendonça, Píndaro, Emanuel Nery, Nêco, Formiga, Dionísio, Lidney, Cantuária e muitos «cracks» do passado sugerem-nos também confrontos bastante expressivos. No futebol de outras épocas — as épocas doiradas do Velódromo e da Floresta — surgiram os valores individuais. Eram eles a garantia das vitórias que até então assinalávamos. O futebol de hoje, sem que tenhamos atingido o esplendor do regime profissional — exhibe-nos valor massivo, valor conjunto, valor base, valor esteio.

Arregimentar a mocidade para a instruir nos seus grandes deveres morais, dar-lhe perfeita noção de que é o futebolista em campo e fora dele, eis um dos lemas do futebol profissional que estatue deveres e estabelece direitos!

As lições de hoje são clarões que brilharão amanhã e depois.

O que se observa no momento não é uma vitória com as evidentes proporções dos milagres, mas sim o prodigioso dedo da Providência refletindo todos os bens que o novo regime trouxe ao nosso futebol, hoje função do Estado! O profissionalismo salvou-o das garras tremendas da politicalha que o asfixiava e que o estrangulava.

Respiramos, pois, um ar mais puro e temos as mais justificadas esperanças de melhores dias para o nosso futebol que marcha, agora, na estrada luminosa e segura do progresso.

RESERVAS

Desde que se implantou entre nós o regime do futebol profissional, sempre constituiu motivo de divergência a realização dos jogos preliminares outrora disputados pelos segundos quadros. Uns eram favoráveis à conservação das turmas secundárias e outros se manifestavam abertamente contrários, alegando que elas traziam não poucas despesas e não poucos aborrecimentos. Enquanto existirem duas pessoas na terra as opiniões são sempre diversas e, assim, si os responsáveis pelos destinos do nosso futebol fossem ouvir uns e ouvir outros, não chegariam a uma conclusão. O público exige bons espetáculos e é claro que si o prélio principal ceder equilíbrio, lancees técnicos e corresponder, portanto, à expectativa, os «fans» ficarão naturalmente contentes e não maldizem o tempo gasto em longas esperas de onibus ou nas filas intermináveis junto aos guiches para a aquisição do indispensável ingresso.

Como escola de valores e preparo de reservas, os segundos quadros eram, não ha negar, de grande utilidade aos clubes. Contudo ha outro aspecto a encarar e esse mesmo de ordem financeira, tão importante como qualquer outro, ou talvez mais ainda.

Um segundo quadro de profissionais representa uma fonte de despesas forçadas, despesas quasi iguais às dos primeiros quadros sem nenhuma esperança de renda, posto que a atração principal está sempre reservada ao embate dos grandes esquadrões. Acresce a circunstância de que mantendo profissionais para os prélios secundários os clubes estariam do mesmo modo a manter os reservas ganhando tambem bons ordenados e aumentando consideravelmente as folhas de pagamento sem que fosse possível estabelecer o equilíbrio entre a receita e a despesa.

Sabemos que o futebol profissional, sendo espetáculo e objeto de renda, exige dos seus praticantes uma forma completa, preparo físico, treinamento em conjunto, enfim, exibição perfeita.

Acusando declínio técnico e dando demonstração de incapacidade, os quadros acabam desanimando os «fans» e ferindo a fundo o verdadeiro objetivo do profissionalismo: a renda.

Argumenta-se então que a exibição dos segundos quadros será indispensável para suprir possíveis falhas, o que, aliás, não está certo. Mantendo um grupo de reservas, jogadores completos e capazes de assumir a responsabilidade de uma substituição, sem grandes danos para a harmonia do conjunto, os grêmios futebolísticos terão sempre à mão, como têm tido até aquí, material humano necessário para manter com eficiência a turma representativa.

Não vemos, portanto, sob o aspecto de atração ou mesmo da conveniência de um recurso de suplentes, a necessidade da manutenção dispendiosa de um segundo quadro. O profissionalismo exige reservas à altura dos efetivos e exige de todos os jogadores o que todos devem ter: classe.

Os clubes não devem, portanto, descurar dos suplentes. Não importa quantos sejam. Podem ser poucos, mas bons. O reserva é, como o próprio titular, um elemento indispensável ao quadro. Mas, não vai aí a necessidade da existência de todo um segundo quadro com vastissimo corpo de outros reservas. Não. Basta que os suplentes estejam sempre em forma. Alem disso, devem os clubes cuidar da prática do futebol entre os adolescentes e preparar os campeões de amanhã. Mantendo seus quadros de amadores e não se esquecendo das turmas juvenis, os clubes terão cumprido seu dever, incrementando a prática do «association» sem arcar com grandes despesas e abrindo horizontes amplos a todos os jovens que queiram tentar no futebol uma carreira gloriosa.

PROGRESSO DO FUTEBOL PROFISSIONAL

Ha os inimigos arraigados do futebol profissional. Não ha muito, numa crônica dos grandes órgãos da imprensa diária do país, o cronista descreveu, com tiradas patéticas, a morte súbita de um «torcedor», deplorando que o último dos apaixonados do esporte de Friedenreich viesse a

morrer por causa de um espetáculo pago, quando os «artistas» não mais demonstram amor aos clubes que defendem...

Tal afirmativa encontraria um mundo de contestações, com argumentos sólidos e indesmentíveis. O futebolista de hoje tem tanto amor à sua bandeira quanto o tiveram os «azes» do passado. Há uma infinidade de exemplos de dedicação e de estoicismo como verificamos neste mesmo campeonato de 1942. Em Santos, privado do concurso do guarda-linha, o Corinthians precisou lançar um zagueiro na defesa do seu último reduto e só mesmo um esforço sobrehumano desse elemento, esforço bem compreendido pelos demais integrantes do quadro, poderia evitar o que até então se julgava impossível — a derrota da falange desfalcada... E essa derrota não se verificou. No Pacaembú, numa pugna de grande significação na história do campeonato, Waldemar de Brito, o «virtuoso» da pelota, contundiu-se gravemente. Não obstante, permaneceu em campo, todo o primeiro tempo, arrastando-se penosamente e conseguindo, assim mesmo, assinalar um tento que fez o estádio delirar! Só mesmo no intervalo é que festejado campeão pôde receber massagem e curativos, retornando ao campo com novo ânimo e nova disposição. Seu trabalho excedeu às expectativas. Embora machucado, Waldemar de Brito compreendeu que sua presença era indispensável e que, por isso mesmo, qualquer sacrifício seria pouco...

Falando ainda sobre a atitude deveras elogiável de Waldemar de Brito naquela pugna inesquecível, a crônica esportiva da cidade resalta a atuação desse emérito futebolista, dizendo que o que mais enriqueceu sua estupenda partida foi o espírito de sacrifício, agressividade que exibiu, especialmente depois de acidentado. Estava na obrigação de se deixar ficar no vestiário. Os próprios dirigentes já estavam certos de que Waldemar não voltaria ao campo. Somente a seu pedido encontrou-se uma solução. Waldemar pediu que na parte da perna ofendida lhe injetasse uma dose de novocaina e esta matou-lhe a dor e pôde novamente participar da luta. Poderia ainda chegar em campo e fazer somente ato de presença. Tal não aconteceu. Waldemar quiz voltar para ganhar o jogo! Não precisava fazer ele aqueles dois últimos «goals». Seus méritos em regressar a campo, em atizar a luta, em incentivar sua ofensiva seriam suficientemente altos assim mesmo. Mas, para culminar de vez, coube-lhe ainda aquela dupla marcação com o duplo valor de terem sido dois tentos à Waldemar!

O último campeão dos Britos tem uma história muito longa, rica e detalhada na sua já extensa carreira de «az». Citamos, porém, esse episódio para provarmos que no futebol profissional ainda há o amor às cores, mais do que tudo, o espírito de luta, que faz do jogador de hoje um elemento compenetrado de seus deveres e de sua alta missão.

Muitos outros casos poderíamos mencionar. Mas, o nosso desejo agora neste capítulo referente ao progresso do futebol profissional é mostrar a eloquência dos algarismos.

RENDA

Fator positivo da evolução do futebol

O resultado financeiro de uma peleja, ou melhor, a quantia que entra pelos guichês de um estádio, é o termômetro exato do interesse que o prêmio desperta nos afeiçoados.

Em São Paulo a ascendência das rendas tem sido notada de maneira verdadeiramente espetacular. Ainda em 1939 rendas que alcançassem a casa dos cem contos não eram verificadas com grande facilidade. Só mesmo num campeonato brasileiro, quando o paulista não olha quais os jogadores em campo, mas sim as cores da Federação, e quando enfrentávamos quadros estrangeiros, é que o Parque Antártica, até então o maior estádio de nossa Capital, abarrotado, conhecia cifras que enchiam de orgulho o «fan» da paulicéia, ao mesmo tempo que melhoravam os cofres da Federação, dos clubes, etc.

Surgiu o Pacaembú e, com ele, aumentou o interesse do afeiçoado pelo futebol. De fato, São Paulo ganhou o que merecia. No prêmio decisivo entre Palestra e Corinthians, nos festejos da inauguração do majestoso estádio, registrou-se uma cifra que, si não foi de conhecimento público, alcançou a casa dos duzentos contos.

Ficaria aí?

Para muitos, aquele entusiasmo estava concentrado na abertura do novo Estádio. Dalí para diante jamais veríamos rendas desse quilate, diziam os pessimistas.

Em 1941, no entanto, no primeiro turno, o campeonato fazia delirar tal como acontece atualmente. São Paulo, Palestra e Corinthians, em posição invejável, superaram por quatro vezes o recorde anterior.

O primeiro prêmio que causou sensação, pela concorrência, foi o encontro São Paulo x Palestra do primeiro turno. Caiu o recorde de renda de campeonato, então de posse dos protagonistas do «derby». Aquele encontro entre os tricolores e alvi-verdes acusou 106 contos, ou dois contos a mais que o recorde anterior. Foi alguma coisa comentada durante uma semana!

Um domingo depois tivemos o «derby».

Palestra e Corinthians, com uma assistência que abarrotou todas as dependências do Pacaembú, superaram, de novo o recorde, registrando a soma de 159 contos!

Ainda em 1941 São Paulo e Corinthians produziram 127 e Corinthians e Palestra 138 contos ambos assinalados no segundo turno.

Aos terrotistas aquelas cifras tinham apenas significação pela importância dos três ponteiros, na tabela de classificação. Conseguiram, no ano seguinte, esses clubes, rendas tão monumentais? Cairiam novos recordes?

E a resposta aí está. O Campeonato Paulista de 1942 responde a essas perguntas. Quasi todos os clubes que jogaram com o São Paulo, no Pacaembú, tiveram seus próprios recordes superados. Vimos um São Paulo x

Portuguesa render 94 contos. Um São Paulo x Santos com 102 contos (o Santos nunca atingira a casa dos 100 contos).

Depois, uma pugna São Paulo x Corinthians superou todos os recordes de campeonato citadinos do Brasil, acusando a cifra de 244 contos. Domingos após, Palestra e São Paulo produziram 242 contos e ainda sete dias seguintes o «derby» rendia 189 contos!

Neste segundo, jogando à noite, no Parque Antártica, Palestra e Ipiranga alcançaram 98 contos! São cifras expressivas. Falam por si. Dispensam comentários.

Em Santos, entretanto iremos encontrar detalhes interessantíssimos nessa questão de rendas.

Note-se mais do que nunca, que a cidade praiana sente o reflexo do impulso, da popularidade e do sucesso que vem assinalando o futebol paulista nestes últimos anos. O campo de Vila Belmiro é pequeno demais para tão grande entusiasmo dos «fans» embora os quadros praianos não tenham sido muito felizes nos resultados das pelepas disputadas.

Neste ano, por duas vezes, lemos em jornais de Belo Horizonte que, demonstrando também o sucesso que vêm alcançando o futebol mineiro, dois jogos naquela Capital haviam registrado rendas surpreendentes: ambas quasi alcançaram a casa dos 40 contos! Nada, pois, como os confrontos.

Rejubilam-se os mineiros com o sucesso incrível dos 40 contos! Aqui se apresenta, então, outro cotejo mui significativo: num simples jogo do Palestra em Catanduva a renda subiu a muito mais! O São Paulo em Bebedouro — em Bebedouro, no interior do Estado! — conseguiu renda superior a 40 contos milhares de pessoas não puderam comprar ingressos porque os portões se-lhes fecharam...

Na parte financeira evoluimos assombradamente. Na parte técnica, a evolução não foi menor. Disciplinarmente, estamos hoje, com furos acima dos velhos tempos do amadorismo, das invasões de campo, dos conflitos entre jogadores e torcedores. Aliás, o profissionalismo tem sido o fator de êxito garantido dos campeonatos de todo o mundo!

No Brasil, principalmente, a consolidação do regime do profissionalismo legalizado trouxe-nos benefícios passando uma esponja sobre as ruínas do amadorismo hipócrita que infelicitou e atrasou por muitos anos a fase progressista e vitoriosa que agora abre novos horizontes à vida do futebol nacional!

POR QUE O PACAEMBU' E' PEQUENO

Quando o Pacaembú surgiu, não ha muito, pois a sua inauguração é relativamente recente, parecia grande de mais para uma Metrópole que se contentava com as acomodações acanhadas dos poucos campos de futebol existentes em São Paulo. Imponente, em suas linhas arquitetônicas, o Pacaembú, cedo, muito cedo, aliás decepcionou porque em pleno Campeonato Paulista de 1942, antes da realização de um torneio Sul-Americano, ou mesmo de um jogo Rio-São Paulo, já não comportava a multidão de «fans», que, nesta Capital, apreciam os bons espetáculos esportivos. O belo

Estádio Municipal é, hoje, o que era o Velódromo em outros tempos, o que era o Jardim América na época áurea de Friedenreich, do Bianco, o que era, afinal, o campo da Floresta em 1928 e o estádio do Palestra em 1929, quando o alvi-verde, enfrentando os húngaros do Ferencvaros, assinalou retumbante vitória por 5 a 2. Crescendo assombrosamente, em todos os sentidos, erguendo prédios de hora em hora, aprimorando também a cultura física de sua gente, São Paulo não se deteve, na marcha vitoriosa dos esportes, levantando, em 1941, todos os campeonatos brasileiros que foram disputados! Ganhámos no futebol, em esgrima, atletismo, natação, polo aquático, saltos ornamentais, remo, tennis, natação feminina, cestobol, etc., enfim, fizemos verdadeira «razzia», trazendo para São Paulo um mundo de títulos que se não nos envaidecem, servem, no entanto, para demonstrar à evidência que São Paulo é o Estado líder dos esportes na Federação. E' por isso que o Pacaembú não é, agora, o Estádio que nós sonhávamos. É pequeno demais para qualquer campeonato sensacional de pugilismo, de natação, de tennis, de futebol. Não vai além da capacidade dos estádios de alguns clubes argentinos ou europeus. E, se agora é pequeno, imaginemos o que não será no ano de 1960! É tempo, pois, de irmos pensando num estádio maior e melhor porque São Paulo cresce e com ele crescem também o entusiasmo pelas suas manifestações esportivas, índice perfeito e bellissimo da cultura de nosso povo. Um povo que ama os esportes é um povo perfeito. E' um povo civilizado.

CALCANHAR DE ACHILES...

A debatida questão do «mando» de jogos nos campos pequenos e impróprios às grandes assistências constituiu o «calcanhar de Achiles» neste campeonato de 1942. Realmente, com a inauguração do Pacaembú, os demais campos permaneceram como que esquecidos, o que, sem dúvida, representa grande mal. Cada clube deve ter sua praça de esportes e na ocasião dos jogos de responsabilidade, jogos de importância, que possam despertar o interesse das multidões — perderiam eles o direito de «mando» para prevalecer uma determinação superior quanto à designação desses jogos, que atraem milhares e milhares de espectadores e que não podem, portanto, serem disputados em locais acanhados e impróprios.

Dois jogos no campo do Juventus chegaram a abarrotar as pequenas arquibancadas e gerais, ficando sem ingresso milhares de pessoas que desfilaram, em vão, junto às bilheterias fechadas por determinação da polícia!

Esse é um mal que precisa ser evitado. Um mal incompreendido ainda por aqueles que teimam em fazer prevalecer a vontade própria, embora em prejuízo de milhares de pessoas e em prejuízo do próprio esporte.

Admira-se ainda que no período cintilante do futebol profissional haja um regulamento arcaico, regulamento infantil, que outorga a clubes sem campo o direito — neste caso uma aberração — de «mando» de jogo.

E agora que o novo regime não aceita divergências nem pode criar casos — ainda surgem questiúnculas por causa disso.

Os clubes devem ter suas praças de esportes. As realizações dos jogos só poderão ser permitidas em campos que possam acomodar uma assistência relativa à importância desses mesmos jogos. Exemplo: um Comercial poderá perfeitamente enfrentar o S. P. R. em Comendador Souza. Mas, um Corinthians já não poderá fazer o mesmo, por isso que o público seria sacrificado quando se sabe que aquela praça de esportes não comporta grandes multidões. A propósito, convem assinalar que os regulamentos, neste particular, merecem modificações profundas e radicais. Algumas, senão as principais, são estas: — o clube que não tiver campo não poderá, em absoluto, ter direito a «mando» de jogo. Os clubes que tiverem pequenos campos, só poderão realizar em suas praças de esportes os jogos que não possam atrair grandes multidões...

VARZEA, CELEIRO DE CAMPEÕES!

A mania pueril, muito nossa, de julgarmos sempre melhor aquilo que vem de outras plagas parece que, felizmente, não vingou no futebol e nos demais esportes no Brasil. Contamos, isso sim, com a prata de casa, com os nossos valores, com as nossas possibilidades, que são riquíssimas e preciosas. O próprio Conselho Nacional dos Desportes, pondo um dique ao sistema da importação de jogadores estrangeiros, veio permitir uma alvorada aos novos e abrir perspectivas aos esportistas suburbanos, aos aspirantes e reservas. A várzea, por exemplo, tem sido verdadeiro celeiro de campeões, forja incomparável de figuras rutilantes do nosso esporte. Depois de experiências, provados os méritos, do elemento bisonho, cumpre ao técnico a missão de corrigir defeitos, cortar arestas, evitar vícios comuns entre aqueles que batem bola, sem as noções indispensáveis, inerentes à técnica moderna.

Em toda a evolução do esporte-rei em São Paulo e no Brasil, a várzea tem sido e será sempre a instância dos grandes valores, dos grandes «azes» do passado e do presente, que projetaram e projetam com seus feitos notáveis, suas qualidades exímias, neste e noutros continentes, o nome futebolístico e esportivo do Brasil.

Chutando bola nas ruas, exercitando na prática do esporte sem campo e sem mesmo conhecer as regras do futebol, os meninos de vocações manifestadas pela carreira esportiva ingressam nos grêmios varzeanos e ali iniciam o esmero de suas qualidades, a familiarização com as regras do «association», o amor às cores do clube, o fortalecimento de entusiasmo ainda esboçante e juvenil, enfim, disciplinando o espírito e educando o físico eles começam a caminhada que poderá ser de vida ou de morte, de vitória ou derrota, de glórias ou irremediáveis fracassos, ascendendo na prática do esporte, brilhando e conseguindo atingir aos parâmetros da perfeição e do valor esportivo ou então caindo, desaparecendo na obscuridade...

Eis o que representa a várzea no engrandecimento, na disseminação, no evoluir vitorioso e nas conquistas maiores e mais meritórias do futebol pátrio. Assim, não seria demais que esse importante setor de atividade do futebol fosse objeto de maior atenção por parte das altas autoridades

esportivas, proporcionando-lhe meios para maiores possibilidades, dando-lhe regulamentos adequados, mais amplos recursos, e, desse modo, tornando essa instância dos reais valores futebolísticos da Nação uma verdadeira e grandiosa organização dentro do crescente progresso em que se encontra o futebol brasileiro.

IGNORANCIA DAS REGRAS E REGULAMENTOS DO FUTEBOL

Marcamos passo e devemos avançar!

Não é de hoje que se nota o completo desconhecimento das regras do futebol por parte do público e jogadores. Evoluimos bastante, é certo. Mas, continuamos a marcar passo no que se refere a esse ponto de capital importância: conhecimento amplo das regras do «association».

Urge uma providência nesse sentido. É mister um movimento que traga à luz penumbra! A propósito, não será demais repetirmos, aqui, alguns capítulos de trabalhos que divulgamos pela imprensa e no rádio, focalizando essa questão que não pode e nem deve ficar esquecida!

Nem todos os frequentadores dos campos conhecem os regulamentos que os responsáveis pelos destinos do futebol deveriam distribuir aos espectadores durante os jogos, inculcando-lhes no espírito os conhecimentos necessários à boa ordem das reuniões esportivas. Nessas publicações, além das regras impressas com autorização oficial, não seriam supérfluos também muitos conselhos e advertências, visando, tanto quanto possível, educar e disciplinar a massa. Fala-se abertamente que o público desconhece as regras do futebol e que por isso grita contra o juiz. Grita sem razão. Mas, não se fala como poderá esse mesmo público aprender o b-a-ba do futebol.

Ninguém pode ensinar aquilo que não sabe e daí toda a confusão, pois, não raro, um assistente interpela o visinho a propósito de uma decisão do árbitro. O visinho também não pode responder porque não sabe e estende a pergunta a um segundo, a um terceiro, a um quarto, a um quinto. E não seria de se estranhar si em todo o campo ele não encontrasse alguém capaz de tirá-lo da dúvida, com conhecimentos técnicos, pois até mesmo nos recintos especiais ha muita gente boa que discute por não conhecer as regras.

É curioso que até mesmo numerosos jogadores, jogadores que fazem do futebol a sua profissão, demonstram publicamente, em partidas oficiais, o desconhecimento infantil das primeiras lições da cartilha futebolística. Não é, portanto, de se admirar que os jornais e estações de rádio recebam, diariamente, numerosas cartas pedindo esclarecimentos para este ou aquele episódio desenrolado em campo quando, a rigor, nada disso deveria surgir, pois as regras são claras e o que falta é o seu conhecimento por parte do público e dos jogadores.

O maior dos exemplos dessa deplorável ignorância tivemos num jogo noturno, em Santos. Às tantas, verificou-se um ponto nascido de uma decisão do árbitro, decisão incompreendida pela assistência e pelos pró-

prios jogadores que protestaram injustamente! Aliás, o tento foi conquistado por inexperiência também do guardião do «onze» punido, ficando provado dessa forma quão necessário se torna o ensino das regras do futebol aos jogadores profissionais!

Vejamos o lance:

O arqueiro defendeu um tiro e correu pela área com a bola presa às mãos! Infração visível mas que muitos árbitros deixam passar. O juiz, porém, mui acertadamente, puniu a falta porquanto o guardião não pode dar mais que quatro passos com a pelota sem fazê-la tocar no solo. Nesse ponto a regra IX do estatuto adotado universalmente, estabelece no seu artigo 34:

«Se o arqueiro der mais de quatro passos, dentro da área da pena máxima, carregando a bola nas mãos ou atirando-a para cima sem deixá-la tocar no solo, será punido com um tiro livre, batido do local onde tiver dado o quinto passo. Da cobrança dessa infração não é válido o «goal» marcado diretamente».

E veio o complemento. O jogador atirou sobre o «goal», com inerível violência. Si o guardião tivesse deixado passar a bola, teria morrido o lance sem validade do tento. Entretanto, desconhecendo as regras, procurou defender, rebatendo a bola e colocando-a ao alcance de um adversário que — rápido — assinalou um tento legítimo. Brotaram protestos! Vários jogadores quizeram convencer o árbitro de que o «goal» não era legal...

A assistência fez coro a esses protestos e hostilizou o juiz que foi vaiado ruidosamente por aqueles que deveriam, antes de mais nada, aprender o b-a-ba do futebol.

Aí está um dos episódios comuns nos campos do futebol. Protesta-se por qualquer motivo e até sem motivo algum...

Devemos, pois, acompanhar o ciclo evolutivo das coisas. O futebol nasceu, cresceu e progrediu assombrosamente. No tangente ao conhecimento das regras por parte do público e dos jogadores ha, porém, muita coisa a ser feita...

PREVIDENCIA

Agora, que todo o mundo se admira com o contrato de Leônidas com o São Paulo, contrato que assumiu contornos verdadeiramente sensacionais, é oportuno frizarmos um ponto que não tem passado em branca nuvem aos que acompanyam a história do futebol em nossa terra.

Referimo-nos ao profissional que é, hoje, em face da Legislação Trabalhista, um operário como outro qualquer. A diferença, porém, reside neste ponto: o operário ganhando pouco procura guardar muito e o campeão de futebol, ganhando muito, talvez não procura guardar um pouco.

O engajamento de Leônidas pelo São Paulo pôs em alvoroço os meios esportivos de todas as camadas sociais do Brasil. Oitenta contos para o Flamengo e mais de setenta para Leônidas, honorários de advogados, gratificações, empregos, etc. são cifras astronômicas e tentadoras.

Despertaram por isso mesmo, a curiosidade de todos nós deixando mesmo muita gente com água na boca. Nesta época de dificuldade, de falta de emprêgo e de crise financeira, um contrato dessa ordem causou sensação e muita gente maldiz o tempo em que esteve quebrando as pestanas nos livros quando poderia ter treinado futebol...

O que, entretanto, nos sugere este comentário, é a situação de muitos jovens que, bem remunerados, hoje não terão amanhã as mesmas facilidades de ganho no futebol. Estes jovens campeões pensarão no futuro? Saberão que após a bonança poderá surgir também uma tempestade? Conhecemos, é certo, muitos jogadores que procuram fora do futebol a sua estabilidade econômica, sendo tão bons empregados em firmas acreditadas, quanto bons jogadores nos melhores conjuntos da cidade.

Nem todos, infelizmente, agem assim. Ha muitos e muitos «cracks» que, vivendo exclusivamente do futebol, esbanjam a mancheias todo o numerário que recebem. Esta é uma faceta que não deve escapar ao espírito atilação das autoridades esportivas de nossa terra.

O empregado no comércio, o industrial, o funcionário público, o militar, o jornalista, todos enfim, têm garantida, por leis do trabalho, a sua subsistência no futuro. O futebolista não. É tempo, pois, de estudarmos este ponto de capital importância. Devem os clubes, as Federações, as entidades, estabelecerem o fundo de reserva à maneira do que se faz em centros esportivos profissionais de algumas Rpublicas vizinhas. Destinar-se uma quota das rendas para a Caixa dos Futebolistas — eis uma coisa facilima de ser feita e cujos resultados serão os mais sublimes e elevados. A previdência é um bem, uma necessidade no profissionalismo. Sem ela, estaremos sujeitos ao drama pavoroso da doença, da miséria — drama de que poderão ser protagonistas os ídolos de hoje e que, amanhã, arrastando-se pelas ruas, mendigando, implorando, não poderão fazer a apologia do futebol remunerado. Ao contrário, serão os maiores detratores...

Que atentem para isto os responsáveis pelos destinos do esporte das multidões em nossa terra. E que façam, nesse sentido, alguma coisa de prática e de imprescindível, amparando nos dias incertos de amanhã os jovens que hoje abraçam o futebol como esporte e como profissão.

A EVOLUÇÃO DA TÉCNICA E DO ESTILO DO NOSSO FUTEBOL ATRAVÉS DOS ANOS

A evolução do «association» não é das mais completas. O regime profissional apresenta ainda falhas que estarão destinadas a desaparecer com o passar dos anos e com a experiência que é excelente guia.

Assim, para que o futebol alcance, nesse particular, maiores resultados em menos tempo, é necessário instituir-se a escola do futebol, a escola destinada a formar jogadores, com regime, instrução e, sobretudo, constante assistência técnica. É verdade que, encarando-se pelo lado dos valores futebolísticos em conjunto, pela expressão homogênea do «association» contemporâneo, nota-se perfeitamente a grande diferença que vai do futebol de ha duas dezenas de anos para o futebol de nossos dias.

Naquela época, muitos e muitos foram os esportistas que souberam defender com verdadeiro amor as cores dessa modalidade esportiva, não ha dúvida. Eles se projetaram no cenário esportivo da Nação como exemplos dos mais frisantes, servindo de paradigma àqueles que deveriam, posteriormente, ascender-se nas lides futebolísticas nacionais. Mas, cumpre observar que eram raras estrelas de brilho intenso, poucos astros da constelação formada pelos núcleos onde se praticava o futebol em nosso país. Hoje, porém, o aspecto é bem outro. Progredindo, disseminando-se por todos os recantos de nossa terra, o esporte bretão havia de modificar-se profundamente, evoluindo-se, passando por diversos postos na marcha que ainda hoje se encontra em busca de maior rendimento técnico e de um estilo que possa evidenciar, de maneira positiva, a sua conquista no campo da prática através dos anos.

Considerando, pois, que o futebol de nosso s dias apresenta mais homogeneidade no que diz respeito à produção técnica dos quadros, tendo-se em vista ainda que são numerosos os futebolistas de classe, com possibilidades mais ou menos equiparadas, pode-se afirmar que, tanto na técnica como no estilo, o futebol encontra-se atualmente numa situação privilegiada. Entretanto, muito falta para chegar à perfeição, porque para isso é necessário, como já dissemos, que seja criado a escola futebolística. Trata-se de um empreendimento perfeitamente realizável no futebol profissional e que muito virá contribuir para o maior progresso do «association» em todos os sentidos.

Por intermédio da escola, o clube profissional poderá cuidar do futebolista adolescente. Dar-lhe assistência técnica, estudo, alimentação adequada, prepará-lo, enfim, para ser o campeão de amanhã. Conhecer seus hábitos, seus instintos, afastar defeitos e transformá-lo num atleta no sentido rigoroso da palavra. Os esportistas educandos, sob rigoroso regime e constante observação dos dirigentes da escola, poderão obter, pelos méritos, sua promoção ao quadro de suplentes ou de amadores. No exame de seleção dos jovens esportistas para o ingresso na escola, ter-se-ia em vista a perfeita aptidão física do candidato, sua vocação manifesta pelo esporte, qualidade esta que poderia ser evidenciada por meio de «tests» ou outros processos usados em certos estabelecimentos educandários.

Sendo o futebolista remunerado, o futebol de hoje é como outra profissão qualquer e, como tal, não pode fugir ao que é indispensável em outros setores da atividade humana onde dia a dia surgem novos métodos, novos processos, visando exclusivamente o maior rendimento dos trabalhadores com o cabal desempenho de suas atribuições.

Eis porque no futebol profissional a instituição da escola é perfeitamente viável e não pode ser dispensada para a maior grandeza e perfeição do «association» em nossa terra. Só assim o esporte das multidões, o esporte que ocupa longo capítulo na história esportiva de nossa Pátria, o esporte que é sugestivo pelas suas características e impressionante pela sua movimentação, poderá alcançar extraordinária eficiência técnica, ao lado de um estilo vigoroso e belo...

Serie "Doutrina esportiva"

P R E M I O S

1.º — "Amadorismo, profissionalismo e os novos rumos do esporte"

Autoria de Thomaz Mazzoni (Olimpicus)

1.º — "Ser dirigente, mas esportista acima de tudo"

Autoria de Ary Silva

1.º — "Nossa evolução esportiva e alguns dos seus aspétos atuais"

Autoria de Caetano Paioli

2.º — "As origens de nossa má educação esportiva"

Autoria de Thomaz Mazzoni (Olimpicus)

2.º — "A natação como esporte através dos tempos e a sua evolução no Brasil"

Autoria de Alvaro Duarte

COMISSÃO JULGADORA

Dr. J. Lyra Filho

Cap. Silvio Magalhães Padilha

Dr. Paulo Meirelles

AMADORISMO, PROFISSIONALISMO E OS NOVOS RUMOS DO ESPORTE

A GRANDE QUESTÃO

Finda a primeira guerra mundial, o esporte sofreu um grande e profunda transformação, tomando decisivamente um rumo todo espetacular. Sendo assim, forçosamente deveria nascer um conflito entre o amadorismo e o profissionalismo, ambos, por princípio, inimigos de morte. Cada um deles, porém, quiz se impor, exterminando um o falso amadorismo e o profissionalismo mascarado e combatendo outro qualquer profissionalização. A tendência espetacular trouxe o profissionalismo integral. O puro amadorismo não desapareceu, por sua vez, e o devemos cultivar. Mas, é o falso amadorismo? E o profissionalismo mascarado? Esses é que devem desaparecer.

Foi precisamente nas Olimpíadas de 1920, em Antuérpia, que se deu início ao grave problema, quando a Inglaterra não aceitou como licita, dentro dos princípios olímpicos, a participação de vários países no torneio de futebol. Insurgiram-se os ingleses contra o fato de não poucos quadros participantes serem constituídos de amadores... remunerados, enquanto que os seus diletantes prestaram e cumpriram o juramento olímpico. Desde aí, os ingleses se separaram da Fifa, fiéis aos seus princípios amadoristas. O profissionalismo futebolístico, no entanto, não tinha ainda vingado, em nenhum outro país, enquanto avançava mais o falso amadorismo... Surgiu, então, no cartaz das discussões, o «manque a gagner», isto é, a indenização dos jogadores pelo tempo perdido. Essa fórmula, longe de resolver a questão, não satisfez os amadores intransigentes e muito menos impediu que o profissionalismo acabasse com o falso amadorismo.

A questão pegou fogo, cada vez mais. Como se vê, deveria caber ao futebol provocar o estouro, porquanto — embora existindo há muito tempo a profissionalização no box e no ciclismo — jamais se precipitara tão decisivamente.

A começar de 1924, o profissionalismo do futebol passou a ser adotado por outros países e a questão — logicamente — mais evoluiu, mas nunca encontrou uma verdadeira solução. Com o tempo, saiu da esfera do futebol e generalizou-se. De congresso a congresso, quer das federações internacionais quer olímpicas, o «manque a gagner» fez consumir toneladas de papel aos críticos, dirigentes e orientadores esportivos. Impossível uma solução. O Congresso de Praga, se não nos enganamos, em 1924, confirmou a designação de amador na concepção com que foi adotada pelo Congresso

anterior, de París. — «Sobre o problema do reembolso ocasional do salário perdido, em consequência do esporte, o Congresso, no estado em que se encontra a questão, atribue às associações nacionais a competência de resolver provisoriamente, de acôrdo com os próprios estatutos. — Eis o que se decidiu.

Assim, o Congresso de Praga julgou encontrar um meio do futebol não brigar com as leis olímpicas. É o que parecia... Mas, tal não sucedeu. Que fazer então? Os dirigentes olímpicos estavam dispostos a não incluir o futebol nas Olimpíadas de Amsterdam. No entanto, seria impossível efetuar os jogos sem o futebol. Fracasso na certa. Por fim, foi preciso ceder... E isso animou outros liberalistas a propor o «manque a gagner» também para os demais esportes!

De fato. Em sua reunião, em Lausane, na Suíça, o Comité Executivo Olímpico manteve a decisão anterior concernente a concessão de indenizações em dinheiro dos amadores de futebol inscritos para o torneio de Amsterdam, a título de compensação pelo afastamento dos respectivos empregos, etc.

Nesse melindroso assunto, o Comité limitou-se àquela manutenção, não atendendo, portanto, à solicitação de varias federações europeas, que desejavam ver a propina estendida aos atletas das demais especialidades nem tão pouco prestando ouvidos ao protesto do Comité Olímpico Britânico, que por meio de seu representante, brigadeiro general R. J. Kentish, se insurgiu contra semelhante compendio, por julga-lo — com toneladas de razão — mortalmente venenoso para o principio olímpico, amadorista na mais pura acepção do vocabulo, não admitindo a mais leve distribuição de valores, muitos menos dinheiro!

A surdez ao protesto de Kentish causou escandalo na Inglaterra, onde a celeuma foi ainda forte, e contribuiu para que o país ameaçasse a não se fazer representar em Amsterdam, tanto em futebol como em hoquei, box e remo. As principais autoridades desses quatro esportes publicaram categóricas declarações a respeito. Na assembléia que o Comité Olímpico Britânico fez realizar, afim de decidir a atitude dos outros esportes ingleses em face da Olimpíada, os delegados do ciclismo, da luta romana e da luta livre eram francamente pelo não comparecimento, enquanto que os paredros da «Amateur Association» (a popular A.A.A.) e da «Amateur Swimming Association» (superintendente das cousas da natação) estavam divididos, achando o presidente desta ultima que o caso devia ficar limitado ao futebol. Mas, aproveitando-se a concentração dos dirigentes esportivos de todo o mundo, na Holanda, em 1928, urgia celebrar um congresso que regularmentasse definitivamente a questão, afim de que nas outras Olimpíadas, a se realizarem em 1932, em Los Angeles, não pairassem mais duvidas a respeito. Vingou, porém, o futebol, o principal esporte olímpico, do ponto de vista pratico, isto é, da renda. O exemplo do torneio de 1924, em París, em que as rendas produzidas pelos encontros de futebol excederam de muito a renda de todos os outros esportes reunidos — pesou bastante na balança. Assim, quando não fosse uma questão

gravissima de principios, é claro que essa crise futebolística abalou o instituto olimpico em seu alicerce...



Naquela época, um autorizado doutrinador e critico esportivo europeu, o espanhol Pedro Rico, assim abordou o magno assunto, no seu livro «El Sport em Espana»:

Compartilhamos da repulsa geral contra o profissional vulgar, sem profissão definida, viciado por natureza, que faz de sua habilidade esportiva uma baixeza. Consideremos, porém, que os puritanos perdem lamentavelmente seu tempo ao pretenderem manter sem macula o manto de arminho do «amateurismo» integral, no integerrimo conceito que serviu de base aos Jogos Olimpicos modernos, redimidos à sombra da recordação da brilhante Olimpia, no recinto de marmore branco do novo estadio ateniense, reconstruido com os milhões de Averoff, o banqueiro alexandrino.

Os exegetas do esporte, os homens do Olimpo esportivo, fecham os olhos a realidade, procurando na ignorancia o unico fator de salvação de um principio que pertence a outros tempos.

Cincoenta anos de progresso no esporte não podiam manter inamovivel a pedra angular de seu principio etico. O «fair-play», que foi o ideal inicial dos britanicos, ainda é, em nossos dias, assinalado como principio. Mas, a conquista da massa democratica, a invasão dos humildes no campo do esporte, anteriormente reservado às classes mais elevadas, não podia impedir a evolução desse principio do «amateurismo» absoluto, que obrigava aos esportistas pagar não só seus gastos, como até seu equipamento.

O esporte foi até ao operário. Essa evolução do «standard» de vida, que é o progresso colminante da humanidade, coloca em transe de morte o que até agora foi o baluarte da etica esportiva moderna.

O Comité Olimpico Internacional continua defendendo esse arrazoado. Dia a dia, seus raciocinios se chocam na rocha. E a onda avança como a maré.

Os Jogos Olimpicos, tão puros e castos em seu ideal, estão se parecendo mais aos gregos do que aos que Coubertin creara. E o transe é tão difficil que os proximos Jogos segundo o conde Baillet Latour, serão celebrados com etiqueta. Quer dizer, concorrerão unicamente os americanos, de cujo autentico «amateurismo» poderiamos falar muito, e os europeus de tal qualidade que ou são verdadeiramente aristocratas ou amadores de ocasião.

No entanto, o conceito de amadorismo integral corre para um naufragio certo, no mar tormentoso da realidade: a democratização do esporte, que em sua difusão entre as classes desherdadas tende a converter-se em uma necessidade social, e portanto sua vida bri-

lhante e animada se vê forçosamente orientada no sentido de ser subvencionada e auxiliada pelo Estado ou pelos clubes.

O problema resurge. Os olímpicos, como representantes de uma classe ultra conservadora, não aceitam a democratização «a outrance», que outra coisa não é que o «manque a gagner», a indenização por dias perdidos. A F.I.F.A., personificação do futebol, o esporte operário, exige a aplicação deste princípio. É uma moderna luta de classes que crea um novo socialismo: o do esporte.

A intransigência pode ter já representado o fracasso dos Jogos Olímpicos de Amsterdam. Uma transação, que era um «pastiche», permitiu aos holandeses salvarem a fortaleza da organização arruinada sem o torneio de futebol. Mas, isso não foi mais de que uma tregua. Olímpicos e futebolistas, o C.I.O. e a F.I.F.A., conservadores e socialistas do esporte, se preparam para travar uma batalha que reflete em certo modo a eterna pugna dos tempos modernos, entre o capital e o trabalho, representando o dique que detem o avanço dessa maré de socialização, que caminha a passo seguro, como em busca de um mundo melhor.

Os pontos são tão contravertidos, que se torna difícil encontrar a formula de concordia.

«Os esportes — dizem os olímpicos — não devem ser jamais, para um atleta, a sua ocupação principal.

— **«O esporte — dizem os modernistas — não deve custar dinheiro aos que o praticam».**

Como necessidade social, e na falta de um Estado que o subvencie, os clubes têm que oferecer esta facilidade. O «manque a gagner», os salarios perdidos são uma justiça social.

E preve-se como coisa fatal e inexoravel o fim dos Jogos Olímpicos, um arrazoado dos tempos modernos, arremedo das faustosas festas helenicas — sem seus atletas profissionais.

No entanto, a questão seguiu sua «via crucis», sem solução. Aproveitando o fato das proximas Olimpíadas serem em Los Angeles (1932), onde o futebol não interessava, os dirigentes olímpicos fizeram a experiência de alijar o futebol do torneio. Em Los Angeles, deu certo, mas para as Olimpíadas de Berlim, em 1936, a primeira coisa que se pensou foi reincluir o futebol de qualquer maneira... Aliás, desta vez, houve de fato uma participação mais olímpica, pois com o profissionalismo implantado em todos os principais países futebolísticos, resultou no envio de quadros amadores, salvo esta ou aquela exceção falso amadora...

Na Olimpíada anterior, no entanto, surgiram casos graves contra a participação de concorrentes de outras modalidades, como por exemplo o caso de Nurmi, tido como profissional, apesar de continuar a se exhibir como amador, seguindo aliás exemplos de outros atletas.

Na França, foi o maior jornalista esportivo daquele país, Henry Desgrange, que escreveu então estas verdades, em vésperas das Olimpíadas de 1932:

— «Quem pratica, na França, os esportes a que se chamam «elegantes», como a esgrima, o hipismo, o tennis e o golf? As classes endinheiradas.

Quem pratica os esportes violentos, educativos, submissos, duma preparação corporal muito dura, onde se exercita a vontade, como o «association», o atletismo, o cross, os saltos e lançamentos, o box, a luta e pesos e alteres — quem pratica estes esportes? As classes populares.

— «Então?» — perguntará o leitor.

Dou a palavra ao senhor de La Palisse, que não deixará de observar que a distinção entre a classe endinheirada e a popular reside no fato de a primeira ter uma bolsa cheia enquanto a segunda é muito baixa...

Esta evidencia vai produzir numerosas consequencias, de que será suficiente assinalar as duas seguintes:

1.º — a retribuição do «salario perdido» é uma cousa quasi vasia de sentido para a classe endinheirada e nós não nos ofuscamos por ve-la admitida nesse desporto essencialmente popular que é o futebol association; 2.º — em principio, os atletas da classe endinheirada não pensam tirar partido pecuniario do seu valor; a receita não os interessa e limitam-se a praticar o desporto pelas alegrias que ele pode dispensar. Assim nós diremos que Gaudin foi um perfeito amator. E diremos, ao contrario, que o grande atleta Ladoumégue não saberia dispensar-se de considerar, sem pena, um estadio cheio de gente vinda unicamente para o admirar, e uma receita enorme de que aproveita a federação ou o clube a passar-lhe, desculpem o termo, sob o nariz.

Estabelecemos postulados, não os dando, longe disso, como regras sem excepção. Mas esta divisão em duas categorias sociais é indiscutivel, e o nosso erro inicial foi ha cincoenta anos, quando pedimos emprestada à Inglaterra a sua formula de amatorismo, não termos compreendido que aplicada á França podia provocar reacções ou resistencia.

O nosso erro constituiu não somente em impo-la, como tambem em continuar a impo-la, a todo custo, mesmo e sobretudo quando o acesso a pratica esportiva das massas populares nos quer mostrar claro como o dia, que elas jamais compreenderiam as belezas do amatorismo inglês.

Eis, pois, todo um contingente importante da mocidade francesa, com perfeita indiferença a respeito do desinteresse esportivo, que caiu desgraçadamente sobre os dirigentes — muito mais preocupados em não contrariar o seu gosto pelas notas de Bancò que por tentar a educação ou o aperfeiçoamento do cerebro.

E eis, em suma, porque não ousando romper com a formula inglesa de amadorismo, inaplicavel aos filhos do povo, nós fomos dar ao amadorismo mascarado que constitue bem a mentira mais repugnante que eu conheço.

E eis ainda porque nos Jogos Olimpicos, de quatro em quatro anos, dezenas de atletas de todos os cantos do mundo perjuram sob o olhar enternecido do presidente do Comité Olimpico e prestam, eles, não — amadores, o juramento de amadorismo.

E é sob o signo do Desporto, escola de virtude e de todas as honestidades que se perpetua essa deshonestidade!».



Escreveu mais Henry Desgrange:

«No artigo precedente, perguntei a mim próprio como podiamos aceitar que a grande maioria dos atletas delegados a Los Angeles das diversas federações prestem juramento de amadorismo, quando fallaram a todas as regras do mesmo. Esta situação deriva, em primeiro lugar, quasi exclusivamente de termos adotado no mundo inteiro a formula inglesa do amadorismo.

É boa em si, esta formula?

É, de verdade, applicavel a todos?

Vejamo-lo; concluiremos depois.

Qual é, primeiro, a formula inglesa? Todos a conhecem: — é preciso praticar o desporto duma forma desinteressada, não tirar da sua pratica nenhuma vantagem e não se medir com profissionais.

Proclamo, uma vez mais, que-é a mais bela de todas as formulas, a mais sã, a mais honesta, a mais social. Talvez se pudesse precisar, em acrescimo, que a pratica do desporto, por um amator, só pode ser assegurada pelas alegrias que ele dispensa, ou com um intuito de melhor formação corporal, ou em guisa de estado mental ou social superior.

Em teoria — achou-se esta formula boa em si? Ou é o estado social inglês que os ingleses concretizaram nesta formula? Penso que, ao mesmo tempo, algo de ambas as cousas, e que esta formula admiravel em si, sob o aspecto social, se adaptou admiravelmente ao estado social inglês.

Porque?

Porque, na Inglaterra, lord Burghley, campeão olimpico nos ultimos jogos de Amsterdam, em 1928, passa por fazer assim um ato natural e social mais que admitido na sua casta, enquanto que em França todas as forças sociais se coligaram para entregar á vida privada, muscularmente inativa, um sr. conde, que podia dar em corredor de velocidade.

Porque, na Inglaterra, o «rugby», por exemplo, «sacudiu» de instinto as praticas profissionais.

Porque, na Inglaterra, as praticas esportivas são um fato, sobretudo nas classes que vivem bem.

Porque, na Inglaterra, cada esporte praticado por pessoas que não tem necessidade de tirar partido dele, se conservou amador com o exutorio, para as ovelhas ronzosas duma secção profissional.

E esta formula, já perfeita teorica e socialmente, é tão perfeita, sob o modo de ver dos ingleses, que subsiste ainda na Grã-Bretanha sem desfalecimento e sem suscitar a menor resistência. Nos Jogos Olimpicos de Los Angeles ninguem duvidará da sinceridade do juramento dos atletas ingleses, e nenhum atleta inglês figura na lista dos falsos amadores internacionais, genero Nurmi.

Fica por saber si esta formula, boa em si, excelente quando aplicada aos ingleses, se impõe tão boa desde que se torne um artigo de exportação. Não hesitemos declarar que é a sua adopção no mundo inteiro que os conduziu á mentira que desgosta, de Los Angeles. E é inutil passar em revista todas as nações olimpicas, porque será bastante ver o que se passa entre nós».



Enquanto o tempo evoluia e a questão se aprofundava mais, enriqueciam as polemicas de ordem doutrinaria em torno de tão delicado assunto. Quando surgiu o Congresso Olimpico de Bruxelas (1934), que lançou o «Estatuto do Amador», elaborado por uma comissão internacional, julgou-se solucionada de vez a questão. O texto desse documento foi o seguinte:

DEFINIÇÃO

a) **principio fundamental** — Considera-se amador quem pratica o esporte exclusivamente por paixão do esporte e para sua propria satisfação. Em nenhuma modalidade de esporte pode ser considerado amador que, por exercicio temporaneo ou habitual de determinado esporte, encontrou no mesmo um meio direto ou indireto para aumentar, de qualquer maneira — ocasional ou regularmente — os seus meios de existência ou os seus proventos.

O profissional esportivo não pode ser amador em nenhum outro esporte.

INFRAÇÕES À LEI

b) **diretrizes** — Considera-se como meio direto ou indireto de aumentar os proprios meios de existencia:

1.º — o fato de receber dinheiro ou vantagem financeira.

a) — pela participação a uma manifestação esportiva;

- b) — pela aceitação de uma remuneração como recompensa por praticar esporte em determinada associação esportiva;
- c) — como premio por vitórias ou sucessos esportivos;
- d) — pela participação em apostas feitas em ocasiões de competições, nas quais o apostador intervem como concorrente;
- e) — pelo uso comercial do proprio nome, de titulos esportivos ou de premios vencidos;
- f) — por qualquer acordo com fornecedores de apetrechos ou material esportivo, com o objetivo de favorecer o uso de seus artigos;
- g) — ao permitir que, em seu proprio nome, façam reclaims comerciais, de publicidade, fotografias;
- h) — participar de produções cinematograficas, não sendo atores de profissão.

O REEMBOLSO DAS DESPESAS

2.º — o fato de aceitar reembolso de despesas de viagem e estadia, superior ás despesas feitas realmente pelo atleta.

Para a aplicação destes reembolsos, pede-se seguir as seguintes prescrições (C.I.O., Viena, 1933):

a) — toda correspondencia e negociações relativas a encontros e excursões esportivas ao exterior devem ser realizadas por intermedio da Federação nacional do pais a que pertencem os concorrentes e da Federação nacional do pais a que se destinam os concorrentes.

c) — o reembolso das despesas de viagem ou outra qualquer do concorrente deve ser feita — na medida do possivel — não em dinheiro contante e sim «in natura», isto é, fornecendo-lhe passagem, alojamento, etc..

d) — para dirigi-se ou regressar de uma manifestação, o amator não pode aceitar nem receber, por motivo algum, dinheiro nem outra qualquer vantagem financeira que exceda as despesas realmente feitas no transporte, alimentação e hospedagem.

Em nenhum caso, a soma paga ou adiantada, como despesa de viagem, deve ultrapassar o preço de um bilhete de segunda classe (incluindo o vagão-leito) nas estradas de ferro, ou de primeira classe em navios, e de uma lira esterlina ouro (cerca de 90 liras italianas ou 125 francos franceses) diaria, para refeições e hospedagem.

LIMITAÇÃO DAS VIAGENS

3.º — o fato de participar, com as indenizações acima descritas, ás competições no exterior, por um periodo superior de 21 dias por ano, a contar de 1.º de janeiro (excluidas as viagens).

Admite-se a exceção a esta regra em casos especiais, sendo necessária, então, uma autorização particular da Federação Internacional.

Exclue-se da regra acima exposta o computo de tempo necessário á participação aos Jogos Olímpicos, aos campeonatos internacionais oficiais e aos encontros internacionais, em que as Federações dos diferentes países se fazem representar, seja individualmente seja em turmas.

4.º — o fato de ter ensinado, aconselhado, exercitado em determinado esporte sob remuneração ou com objetivo de lucro.

Excetua-se quando este ensino é acessorio obrigatorio de uma profissão e não tem remuneração especial.

AMADORES CONTRA PROFISSIONAIS

5.º — o fato de participar em competições com ou contra profissionais.

Nos esportes em que o profissionalismo é reconhecido, as Federações internacionais estão autorizadas a permitir competições mistas, nos casos explicitamente contemplados por algumas delas.

«MANQUER A GAGNER»

6.º — o fato de perceber — em provas, treinos, etc. — recompensa ou outra vantagem, pela falta do que poderia eventualmente ganhar, si se abstivesse dessas provas, treinos, etc..

Não se considera como compensação á perda de salario uma licença paga, excluindo qualquer intervenção de Federação ou associação esportiva, nas condições normais de trabalho ou profissão. Para os Jogos Olímpicos e Campeonatos Mundiais, o benefício de uma licença paga, nas mesmas condições, pode estender-se em periodo acima do normal.

SANÇÕES

c) — **Sanções** — Quando for cometida uma das infrações acima enumeradas, o seu autor perderá a sua qualidade de amator, e o que o incitou fraudulentamente a cometer a infração ou a oculta-la ás autoridades esportivas, deverá ser desclassificado para sempre, si pertencer a uma Federação.

MEIOS DE SUBSISTENCIA

d) — **Consequencias** — Não se considera, pois, amador quem não puder justificar os seus meios de subsistencia, afora qualquer vantagem direta ou indireta obtida no exercício do esporte.

e) — Em casos excepcionais, as Federações internacionais podem qualificar de novo, uma só vez, e sob propria responsabilidade, como amador, um amador que se tornou involuntario e ocasionalmente profissional.

APELO ÀS FEDERAÇÕES INTERNACIONAIS

f) — **As Federações internacionais** — As Federações Internacionais, demonstrando confiança reciproca na aplicação deste «mínimum» de principios, fixarão as modalidades segundo as características proprias de cada esporte.

Com esse texto unico, reafirmou-se o principio de franquear as Olimpíadas somente aos amadores. Principio fundamental, nada mudando, pois, na conduta do Comité Internacional Olimpico, desde 1896. Nenhum profissional amador nos classicos jogos. Com esse Estatuto Amador, foi possível encontrar-se um meio de voltar o indispensavel e soberano futebol ás Olimpíadas, como de fato sucedeu, em 1936.

Contudo, o esporte espetacular, progredindo em todas as modalidades, fez surgir novas dificuldades. Mas, o Comité Internacional Olimpico não desanimava na sua luta contra o falso amadorismo, embora longe de vence-lo. Assim, uma sua circular, ainda em 1934, chamava a atenção dos paizes filiados contra os amadores indenizados que permanecessem em viagem por mais de 21 dias; proibia aos amadores de competir com os profissionais, salvo autorização das respectivas federações nacionais, além de permitir somente aos amadores serem indenizados não em dinheiro e sim através de despesas de viagem e estadia pagas; por fim, chamava a atenção sobre a vergonha do não cumprimento do juramento olimpico. Essa circular do Comité Olimpico Internacional era enviada a todos os paizes filiados..., mas poucos observaram essas instruções...

Não se sabe como teria sido nas Olimpíadas de 1940, si fossem efetuadas. O certo, porém, é que a questão, de um modo geral, continua no mesmo pé. Na ansia de se encontrar uma solução mais pratica, deu-se a liberdade a cada federação de definir a seu critério o amadorismo e regulamentar sua pratica. Dai cada entidade nacional adotar criterios proprios, ás vezes até contra os regulamentos da entidade internacional, como foi o caso da Argentina, que chegou a declarar amador, automaticamente, um profissional quando terminava seu contrato. Entre nós, segundo os regulamentos em vigor, um profissional pode voltar a ser amador, após preencher as devidas formalidades, enquanto que um amador pode, antes de se tornar profissional, militar na classe aspirante.

No futebol, a cada vez maior evolução do profissionalismo torna mais fácil a separação amadora e, portanto, serve para mais facilmente se combater o falso amadorismo ou o profissionalismo mascarado, o mesmo não acontecendo, porém, em outros esportes.

COMO NASCEU O PROFISSIONALISMO ESPORTIVO

Afinal, quando nasceu o profissionalismo esportivo?

Não é possível estabelecer data precisa. Mas, é fato que a remuneração no esporte começou desde que o primeiro ginasta entrou a se exhibir no trapezio de um circo; desde que o primeiro levantador de pesos e alteres fez, na praça publica, «numero de força», como componente do trupe de atrações. Mais tarde, na Europa, a luta greco-romana passou do amadorismo nos tapetes dos ginásios e de palestras para o teatro. Surgiu então a primeira modalidade esportiva profissional, transformando-se os lutadores remunerados em membros de troupes de «music-halls», sob a direção não de clubes e sim dirigidos por empresarios, contratados como artistas... Esse profissionalismo artistico degenerou o sentido esportivo da luta greco-romana espetacular, como hoje sucede com o espalhafatoso «catch-as-catch-can». O verdadeiro profissionalismo esportivo, dentro dos rigorosos principios do esporte, nasceu porém com o futebol — esporte de equipe — na Inglaterra, em 1883 (ou 1885 ou ainda 1886); profissionalismo — padrão, que fez escola. A organização original britânica nunca saiu, porém, da Inglaterra, apesar das muitas tentativas feitas em outros paizes. Assim o futebol profissional — com os seus clubes, sociedades anonimas, etc. — somente foi possível, até hoje, na Inglaterra. Todavia, o profissionalismo, conforme as possibilidades de cada paiz, foi implantado e cultivado em quasi todas as nações mais adiantadas no «association», tendo começado na Europa continental, anos após a Grande Guerra, na Austria, Hungria, Checoslovaquia, etc. Somente muitos anos depois (1931) é que o profissionalismo do mais popular dos esportes foi legalizado na America do Sul, tendo a primeira iniciativa os argentinos, seguidos dos uruguaio e brasileiros (1933).

*

* *

O pugilismo, esporte individual, bem entendido, havia creado o profissionalismo na Inglaterra, um seculo antes do futebol, pois é fato que já no seculo XVIII se disputavam partidas de box, com a remuneração dos pugilistas. O box organizado e regulamentado, porém, teve inicio nos ultimos 20 anos do século passado, e dai seu crescente desenvolvimento profissional que o levou, especialmente nos Estados Unidos, á perfeição, culminando com as rendas-recordes dos dois encontros Tunney x Dempsey. O box, como esporte espetacular, teve sua grande epoca em todos os outros paizes.

*

* *

Outro esporte que creou um profissionalismo muito bem organizado, na Europa, foi o ciclismo, que alcançou extraordinario desenvolvimento, a partir de 1920. Foi o unico esporte que conseguiu igualar, no Velho Mundo, a popularidade do futebol. Basta dizer-se que os seus maiores «azes», como Girardengo e Egg, se tornaram milionarios, e Botecchia, quando de sua vitoria na Volta de França, foi o esportista mais falado da Europa.

A profissionalização do ciclismo espetacular tem dois setores distintos: o de estrada e o de pista. Neste ultimo, sendo em recintos fechados, cobra-se entrada, e no de estrada o interesse de quem corre é de defender as côres e o nome das fabricas de bicicletas. Ganha, porém, premios dos organizadores particulares ou de clubes que nada lucram. Os espetaculos de pista são de organizações profissionais e os ciclistas são contratados para as corridas que são desejados, enquanto que para as provas sobre estradas são contratados pelas direções esportivas das fabricas, para uma ou mais inteiras temporadas anuais.

OS «SUPER-AZES» E RECORDISTAS, UMA CLASSE PERNICIOSA?

Pretende-se combater, como si fosse uma praga, em nome dos puros principios do amadorismo, o campeão especializado, a mania do recorde, os recordistas, o idolo, como si tudo isso não existisse na antiga Grecia das Olimpíadas pagãs... Sabe-se, no entanto, que surgiu uma tentativa, após as provas olimpicas de 1936, em prol de uma rigorosa seleção de valores para a participação futura nas Olimpíadas.

Tendencia cada vez mais espetacular...

Assim, futuramente, somente iriam ser admitidos, de cada pais, os melhores valores que atingissem altos resultados tecnicos prestabelecidos. Com esse criterio, pois, os proprios dirigentes olimpicas querem exigir a qualidade, cultivar a classe dos super-campeões, dos recordistas. Sinão não surgiria a idea de se destinar a participação nas Olimpíadas futuras a um privilegiado e limitado numero de concorrentes super-campeões, uma vez que todos estarão sujeitos a apresentar resultados excepcionais para participar. Como se pode, pois, combater o recordista super-campeão, o idolo, si as proprias diretrizes olimpicas exigirão concorrentes privilegiados?... Aliás, as Olimpíadas, até agora, não têm sido produtoras de prodigios, de idolos, de profissionais dos mais celebres? Weismuler, Nurmi, Fidel La Barba, Sonia Henje, El Ouafi, Frankie Genaro, Nedo Nadi, Michard e tantos outros laureados olimpicas, na natação, atletismo, esgrima, box, ciclismo, etc., ganharam celebridade; foram as Olimpíadas que os tornaram idolos e como super-cracks se tornaram profissionais.

*
* *
*

Os super-«azes», os recordistas, enfim os campeões especializados são valores que mais nos interessam, sob o ponto de vista nacional, pouco nos importando a que categoria pertencem, si á profissional ou amador.

Em muitos paizes, essa classe de super-«cracks» tem apenas uma função: vencer em competições internacionais, tudo em prol do prestigio e do nome esportivo do paiz. O resto não interessa. Essa é a verdadeira politica que devemos seguir, deixando de lado as velhas doutrinas e pontos de vistas pessoais e equivocados... Aliás, não tem sido outra a finalidade dos grandes acontecimentos internacionais que o presidente Luiz Aranha vem provocando de uns anos para cá. Politica nacionalista, o esporte a serviço da patria dai o grande impulso que temos tido e dai o tri-campeonato sul-americano de atletismo, o de natação, o terceiro posto na Copa do Mundo, etc. Essa velha historia de profissionalismo e amadorismo pouco nos deve importar, em relação á nova politica esportiva internacional. Devemos estar presentes com os nossos maximos valores onde se possa cultivar o prestigio do esporte brasileiro. E para essa missão quanto mais especializado, quanto maior for a perfeição do campeão que nos representar, tanto melhor. Para isso servem os super-«cracks». Devem ser eles a maxima expressão do valor nacional, pouco nos importando a sua categoria. O valor, a repercussão de sua vitoria não se medem através do seu profissionalismo ou de seu diletantismo, e sim dos seus feitos. Como diz o dr. João Lyra Filho: **«As representações externas das nossas entidades esportivas constituem instrumento persuasivo de propaganda nacional».**

Essa deve ser a unica finalidade dos super-campeões nacionais, fazermos deles legitimos representações do nosso valor perante o estrangeiro. Politica idealista que já preocupou os maiores dirigentes dos paizes de mais avançado progresso esportivo, por isso um Paul Rousseau, na França de ante-guerra, desposou corajosamente essa doutrina, escrevendo que: — «É indubitavel que temos atualmente que estabelecer uma politica esportiva nacional. Cada paiz segue hoje sua politica esportiva, sendo uns francamente amadores, não se importando outros com o problema da classificação, alguns até se dedicam a uma autêntica fabricação de campeões, com vista aos torneios internacionais.

Precisamos, por nossa vez, adotar tambem uma politica esportiva nacional levando em conta os nossos intuitos, as nossas possibilidades e as nossas concepções esportivas».

No Brasil, francamente, o dr. Luiz Aranha começou, com as suas iniciativas, essa sã politica; porém, é necessario que seja ajudado por outros, já que os principios da regulamentação federal impõe que em primeiro lugar o esporte deve colocar-se a serviço da nacionalidade. Torna-se necessario, por isso, darmos uma missão mais definida e maior amparo aos nossos valores de autentica classe internacional, não permitindo que por este ou aquele detalhe sejamos privados de um atleta que pode nos dar um punhado de pontos num torneio sul-americano ou de uma nadadora que possa elevar mais com os seus recordes a classificação internacional do Brasil na natação.

EM BUSCA DA DIREÇÃO IDEAL

Verdade verdadeira. Saibamos encarar a realidade. Em nenhuma parte, os verdadeiros principios do amadorismo poderão ser cultivados si não

se compreender e não se der a devida importancia ao profissionalismo. Por isso, é fora de duvida que somente os que compreendem e aceitam o profissionalismo é que podem fazer atingir ao amadorismo sua verdadeira finalidade.

Os novos rumos traçados para o esporte nacional irão aos poucos modificando a vida livre e desamparada sinão de todo anarquizada a que já estava se acostumando o esporte em nosso paiz...

Hoje em dia, porém, outros rumos estão sendo traçados, e é certo que cada esportista, cada coletividade se adaptará a outra disciplina de ação, á responsabilidade, á obediencia, uma vez as ordens e a direção dependam em primeiro lugar da hierarquia esportiva. Ora, a tudo isso não estavamos acostumados, e essa verdadeira revolução esportiva está fadada a dar uma vida totalmente diferente ao esporte nacional. Haverá lugar para o profissionalismo e para o amadorismo.

Enquanto se renovam leis, cream-se novos organs dirigentes e se fixam responsabilidades, alem do limite de mando; é natural que exista um pouco de confusão e mesmo de desorientação. É isso até sistemarmos a nova vida esportiva, até nos adaptarmos ao novo regimen. É certo que essa confusão vigora mais entre o futebol. Nunca tivemos uma direção e orientação superiores; nunca estivemos sob uma tutela e muito menos tivemos obediencia para ninguem. Viriamos, esportivamente falando, uma vida de nomades.

Agora, tudo está se modificando para o nosso esporte. Passou ele a constituir toda uma grande familia organizada e disciplinada. Está cultivando uma organização ideal para seu proprio bem.

Vida organizada, disciplina de atividade, enfim.

JULGA-SE AINDA MUITO MAL ENTRE NÓS O PROFISSIONALISMO

Ha um conceito muito errado entre nós — devido simplesmente ao fato de ainda não ter evoluído bastante a nossa cultura esportiva — do que seja o profisionalismo do futebol. Não é o que pensam os profanos.

Os profissionais são os jogadores e não os clubes que constituem coletividade puramente amadoras. O dinheiro que esses clubes ganham do futebol empregam no proprio clube, aumentando o seu patrimonio social, incentivando os outros esportes.

Os diretores dos clubes são idealistas, que nada ganham, pois dirigem o esporte por sua recreação. Não são, pois, empresarios de organizações comerciais ou de atividades teatrais, etc., cujo fim é ganhar com os negocios que fazem. Vejamos este exemplo: o saudoso professor Sergio Meira, que foi a maior autoridade do futebol nacional, entre 1933 e 1936, ocupou o cargo de presidente da Federação Brasileira de Futebol, declarou que, quando diretor da Escola de Medicina, **nunca trabalhou tanto** como o fez, por idealismo, por diletantismo, na qualidade de presidente da F.B.F.

O jogador profissional de futebol é uma consequencia natural da grande evolução desse jogo popular que conquistou as massas, onde quer que seja praticado, sendo justamente chamado de esporte-rei. Os que jogam futebol de categoria superior têm que se dedicar a ele, segundo o exigem

as atividades modernas dos clubes, durante toda a semana, porque são continuas as viagens, os jogos, rigoroso o preparo, de modo que têm que estar constantemente afastados do seu trabalho. Um «az» de futebol, portanto, além de empregar todo o seu tempo em servir seu clube, como o exige hoje o esporte-espetaculo, também não pode se dedicar a outras profissões que lhe possam prejudicar suas formas tecnicas e fisicas. A eficacia de um «az» de futebol depende de seu otimo preparo, descanso, enfim, da sua melhor possivel dedicação ao futebol.

O profissionalismo não é somente um bem, sob o ponto de vista tecnico-esportivo, como também humano. Antigamente, isso desde que o futebol saiu entre nós, do seu periodo de adolescencia, desde que passou a atrair as massas, a crear altos interesses esportivos e tecnicos, desde, em suma, que ficou atrás o diletantismo no futebol espetacular, os jogadores começaram a ser explorados em nome do proprio esporte. Viam-se, então, moços operarios em sua maioria jogadores dos nossos clubes officiais, serem obrigados a trabalhar durante toda a semana em serviços pesados, sem preparo fisico, sem bom tratamento, para, no domingo, irem a campo cansados, sem conforto, levados somente por seu amor ao futebol, esfalfarem-se, esgotarem-se em partidas durissimas. E com tudo isso tinham, no dia seguinte, que voltar ás fabricas ou ás oficinas semi-mortos de cansaço, pelos esforços dispendidos na vespera. Não era humano. Fisicamente arruinavam-se. O profissionalismo foi creado justamente para que terminasse essa exploração e inconveniencia, não só para melhor ser tratado o futebolista de categoria superior, como também por necessidade, pois o futebol moderno requer dos jogadores uma grande atividade, de modo que não têm tempo sinão para servir seus clubes: viagens continuas, torneios frequentes, concentrações em vesperas de partidas de responsabilidade para o devido repouso, preparo rigoroso, fisico e tecnico, etc..

EVOLUÇÃO

As turmas dos grandes «azes» são a vida dos clubes aqui como em toda a parte, e o progresso do futebol espetacular, num gremio, é ao mesmo tempo o progresso dessa inteira coletividade. Estão muito equivocados os que julgam que o profissionalismo futebolitico afetou o amadorismo.

A qualquer hora pode-se demonstrar que o futebol sem rendas, o futebol diletante cresceu muito, depois da implantação do profissionalismo.

Antes não havia distinção. Era uma promiscuidade deploravel, que atentava aos principios, á moral do esporte.

O dinheiro do futebol-espetaculo, que já existia muito tempo antes da implantação do profisionalismo regulamentado, sempre «rodou» em grande parte para os outros esportes amadores, para o progresso dos clubes. Quem quizesse se dar a um trabalho serio de constatar essa verdade, não teria outra cousa a fazer sinão procurar conhecer os relatorios da C. B. D., das entidades, dos clubes. Com a implantação do profissionalis-

mo, os jogadores passaram a ganhar mais, porém a sua remuneração está plenamente justificada.

Os leigos compreendem mal o termo «espetaculo esportivo», como si interpretassem o termo «negocio».

Hoje, não se trata mais de elementos estudantes, filhos de ricos que perdiam, ha 30 anos, duas horas para treinar na quinta-feira, afim de passarem a tarde de domingo divertindo-se com os seus companheiros. O jogador de hoje é ocupado pelos clubes desde a segunda-feira até o domingo; faz espetaculo. O tempo, a sua forma não lhe permitem que se dedique a outras atividades.

Devia o futebolista atual continuar sendo amador como em 1915?
Seria uma aberração afirmar-se tal.

OS CLUBES PROFISSIONAIS SÃO AMADORES 100%

Para o bem do esporte brasileiro, necessário se torna que, de parte daqueles que tomaram a si o cargo de regulamentação federal, haja ampla visão da vida esportiva atual e estejam livres de influencias e preconceitos, equivocados e de pontos de vista e doutrinas antiquadas, como temos tido muitas provas, até hoje, quando pessoas leigas, ou mesmo do esporte mas dominadas por falsos principios, não sabem distinguir e apreciar devidamente os esportes profissionais e amadores. Produto de ignorancia ou por outra, falta de cultura esportiva de uns e mentalidade esportiva estacada ha vinte anos, por parte de outros...

Naturalmente, quando se trata de profissionalismo, cita-se o futebol em primeiro lugar. Muita gente, inclusive no proprio esporte — infelizmente — ainda julga o profissionalismo esportivo com os «horrores», como si estivessemos em 1910... O «dinheiro do futebol» — eis um ponto que pode levar a injustiças das mais lamentaveis; eis um tema interminavel... Estão muitissimos enganados os que se põem a falar sobre o fim da parte financeira do «association», quer sejam leigos quer pertençam a outras modalidades. Estes sabem muito bem onde vai ter, em boa parte, o dinheiro que produz o esporte-rei, mas jamais — ingratamente — o querem reconhecer... Futebol profissional não se entende por uma atividade inutil á finalidade esportiva. Os argumentos ao nosso dispor são tantos, que nos levam a desfazer facilmente essas opiniões equivocadas.

Primeiramente, repetimos, os clubes que alimentam o profissionalismo são amadores cem por cento, assim como seus dirigentes. Um diretor de determinado clube de futebol — ou, por outra, que possui em seu seio o futebol profissional — é mais sacrificado, do que um dirigente de clubes que não possuem futebol. É um abnegado. O Palestra, o Fluminense o Flamengo, etc., são coletividades amadoras, como o Esperia, Tieté, etc.. Estes vivem de renda de seus socios, aqueles têm a mais a renda das partidas com que sustentam o profissionalismo, porém parte do dinheiro que produzem é empregada em outras atividades internas. O dinheiro do esporte profissional, portanto, «roda» em beneficio do proprio esporte, quer no Vasco, Corinthians, etc., quer no Paulistano, Esperia, etc.. O patrimonio dos clubes do futebol existe para prova-lo. Esses clubes gastam

tudo para as outras modalidades que praticam em seu meio, e é o futebol que, direta ou indiretamente, fornece os meios.

Existe, na verdade, meia duzia de gremios que possuem grande patrimonio sem futebol. Não esqueçamos, porém, que para um clube sem futebol possuímos seis com futebol (amador ou profissional). Portanto, vive somente essa meia duzia de gremios independentes do futebol, mas seria impossivel um numero maior. Não julguemos ainda, falsamente, que tudo que é futebol deve ser taxado de profissional. Não, esse é outro erro grave. Os clubes — no Estado de São Paulo — do profissionalismo oficial são 11; os clubes de futebol amador são milhares!...

Que é, afinal, o profissionalismo esportivo?

Eis o que muitos ignoram, integrados na propria vida esportiva, não compreendem e não querem compreender, ainda que estejam a um passo dele... O profissionalismo é a consequencia da evolução, da popularidade, do proprio esporte, atração das massas. Si os nossos atletismo, natação, tenis, etc. se tornassem espetaculos para publico de 20, 30 mil almas, o profissionalismo se tornaria uma exigencia, muito naturalmente, seria consequencia logica desse progresso. Um unico exemplo? O tenis, que até ha pouco tempo, para nós, era esporte de «granfinos», está profissionalizado na Europa e nos Estados Unidos, ha 15 anos! Isso porque os super-«azes» do tenis começaram com as suas partidas atraentes a fazer abarrotar as quadras... Futebol e pugilismo, em todo mundo, foram logo profissionalizados, porque se tornaram esportes espetaculares. As necessidades tecnicas e de organização tornam uma grande exigencia a profissionalização dos campeões. No futebol, especialmente, sendo praticado por elementos das classes menos favorecidas, não poderia, de forma alguma, ser exigida dos mesmos sua quasi diaria atividade nos clubes sem remuneração. O futebolista das partidas espetaculares, submetido a treinos, concentrações, viagens, certamens, etc., emprega seu tempo util para o clube, afim de melhor servi-lo tecnicamente. Dai se tornou necessidade desliga-lo da fabrica, da officina, remunerando-o, então, segundo seu valor tecnico. Queríamos, talvez, que o futebolista moderno continuasse amador no seu clube, sem poder trabalhar e morresse a fome em casa? Um exemplo: os nossos atletas operarios, que perderam um mês, para ir ao Perú, não receberam uma ajuda de custas? Certo que sim. E si esses atletas, amanhã, forem obrigados a se dedicar diariamente ás atividades (treinos, competições, viagens) dos seus clubes, não acabarão, forçosamente, profissionais? O esporte espetacular, ou seja, o que produz grandes rendas e é restringido a campeões, tambem traz seus grandes beneficios, tambem atende á finalidade do esporte, porque estimula os praticantes e alimenta a chama viva do entusiasmo e do interesse pelo esporte nas massas; prova-o a «Taça do Mundo», em que participamos com onze profissionais. Fez-se, alguma vez; maior propaganda do Brasil no estrangeiro? Vibrou alguma vez até então, patrioticamente, o povo brasileiro mais do que nos dias de junho de 1938? — «Entusiasmo igual somente notei nos Estados Unidos quando entramos na Grande Guerra!» — foi o que escreveu, então, ilustre professor norte-americano, residente entre nós.

ONDE COMEÇA O ESPETACULO...

Onde começa a cobrança de entrada começa o espetáculo; onde começa o espetáculo acaba o amadorismo, e daí por diante... começa o profissionalismo. Em 1941, pelo radio e pela imprensa, nos batemos contra a finalidade que a C. B. D. deu ao torneio de amadores, transformando-o num espetáculo de futebol profissional! Onde então ficam os principios do verdadeiro amadorismo, defendido, por ai, pelos puritanos ruborizados diante do profissionalismo do futebol? Infelizmente, o amadorismo que se compreende aqui é aquele que existia antes de 1933... É só. Esse seria o amadorismo que se desejaria ressuscitar, especialmente entre nós, cujas leis da oficialização esportiva impõem que seja verdadeiramente cultivado o amadorismo integral. Mas, quem conhece e cultiva esse amadorismo total? No que diz respeito aos principios amadores, está tudo desvirtuado. Em relação á doutrina, pois, estamos a vontade para criticar.

Porque cobrar ingresso de uma competição amadora? Qual a finalidade sinão fazer propaganda e difusão do futebol e outros esportes amadores, para incentivar os novos jogadores e atrair mais adeptos? Sendo esse o fim, porque não se franquear a entrada ao publico, ou mesmo não se permite o ingresso mediante convite? Não seria mais util abarrotar-se o Pacaembú de adeptos e constituir um ambiente festivo, estimulador, do que cobrar-se ingresso para se arrecadar meia duzia de contos de réis? Não seria uma grande cousa, por exemplo, distribuirem-se trinta ou quarenta mil convites ao mocinhos dos ginásios e colegios, aos clubes varzeanos, etc. — proprio para um cotejo de amadores paulistas x cariocas ter um ambiente todo especial, um clima de verdadeiro amadorismo e não de espetáculo com ingresso pagos? Não devem esquecer os nossos dirigentes e muitos puritanos do esporte de que o amadorismo verdadeiro somente é possível onde o profissionalismo atinge perfeita organização e vice-versa. Como vemos, entre nós apesar dos pesares, isso ainda é impossível, pois faz-se de uma competição de amadores um espetáculo! (E não é só no futebol...) Assim escrevemos naquela ocasião.

CONTRA A COBRANÇA DE INGRESSOS NOS TORNEIOS AMADORES

Querem saber como se defende o puro amadorismo entre nós?

É muito facil: ou se ouvem comparações absurdas de «saudosistas» ou se ouvem calunias ao futebol profissional. Sim, julga-se que o amadorismo, para existir, somente precisa que um dirigente ou um «crack» do passado se ponha a dizer que o seu tempo foi inigualavel; ou então se julga fazer a apologia do amadorismo, insultando até não mais poder o futebol espetacular. Fora disso, pouco se faz verdadeiramente em favor da idea e dos principios do esporte amador. Infelizmente, é isso mesmo.

Aos bons conceitos contra o ingresso pago responde-se, por exemplo, sem mais nem menos, com o simples argumento de que a entrada paga existe em todos os esportes amadores. Pronto: mata-se assim, rapida-

mente, a questão. É tão facil... Porque, pois, perder tempo com principios e doutrinas? A entrada paga existe até no jogo inocentissimo do... picapau; por isso deve vingar tambem no atletismo, bola ao cesto, futebol amador, etc., sem que os seus praticantes, os clubes, percam sua categoria amadora. Claro que é assim uma vez que nas proprias Olimpíadas se cobram ingressos. Mas, as Olimpíadas são competições internacionais e ademais se realizam em cada quatro anos.

Qualquer jogo internacional, de qualquer esporte e categoria, tem carater espetacular, ainda que por obra dos mais puros amadores. Aliás, não é o cotejo em si que dá a atração e sim o acontecimento; dai a cobrança do ingresso, para obrigatoriamente se cobrirem as despesas. Já não é o mesmo caso nas atividades amadoras regionais ou nacionais, seja porque subvencionadas pelos organs superiores seja porque auxiliadas direta ou indiretamente, pelos esportes espetaculares ou a sua propria custa, quando promovidas pelos clubes. Temos como exemplo, a respeito, muitos certamens estaduais ou nacionais que se realizam com subvenções; outros, que as entidades maximas custeiam com o dinheiro que arrecadam do futebol, e outros, ainda, de carater local, como os classicos «torneios abertos» que são financiados pelos proprios clubes que os promovem, não cobrando ingressos — e isso é muito frequente. Já o mesmo não succede, por exemplo, com uma temporada internacional de tenis, porque os estrangeiros — amadores ou não — proporcionaram um acontecimento e, portanto, um espetaculo na sua exhibição contra os locais. Dai ser inevitavel que uma tal repercussão obrigue a cobrança de ingresso num campeonato sul-americano de atletismo, que é um torneio que pode ser visto uma só vez em muitos anos. Constitue, ao envés, um grave perigo quando se trata de atividade comum sem publico suficiente. E, francamente, qual o esporte, no Brasil, afora o futebol, que tem publico para espetaculo? Nenhum. Muito facil se torna dizer que em todos os esportes se cobram ingressos, sem inconveniente algum. Assim parece. Eis o mal, o grande mal que não se quer enxergar agora, para que surjam as consequencias no dia de amanhã... No futebol foi assim, ha vinte e cinco anos. Tambem se fazia amadorismo, cobrando ingressos. Depois, veio o falso amadorismo e, mais tarde, o profissionalismo. O «association», porém se aguentou nessa sua natural evolução, porque tinha seu publico, cada vez mais crescente. Poderão se aguentar os outros esportes? Eis o grande problema.

Não se pode profissionalizar um esporte que não tenha força espetacular; seria um descalabro. Quando essa força existe realmente é um bem, significa progresso a sua profissionalização, dado que a mesma é fruto de aperfeiçoamento tecnico, de atrações, de popularidade profunda. Que beneficio, por exemplo, trouxe á bola ao cesto a cobrança de ingresso nos seus jogos, desde que se desenvolveu? Nenhum. Ao contrario, creou um falso amadorismo, pernicioso, e seria um abismo si amanhã, se profissionalizasse, uma vez que não tem publico e não produz rendas suficientes. Tambem malefica foi, no passado, a cobrança de ingresso para as competições de atletismo. Em troca de uns magros mil réis, afastaram-se muitos adeptos dessas provas. Por isso, apesar dos pesares, até agora, o atletismo não obteve, no paiz, a popularidade e a cultura que merece. A

sua melhor propaganda é aquela de atrair o adepto e interessa-lo. Como fazer isso si não lhe franqueamos a entrada nos torneios, mesmo nos certamens estadual e nacional?

Essa é a propaganda do esporte amador, de qualquer modalidade. O jovem que hoje entra gratuitamente no estadio, talvez por curiosidade ou para fazer companhia a um colega ou amigo, será amanhã um praticante, um adepto fiel, um esportista, enfim. A cobrança de ingresso tem sido uma politica desastrosa para os nossos esportes amadores, sempre dispostos a seguir as pegadas do mestre futebol...

Ao contrario, o amadorimo verdadeiro precisa ser cultivado rigorosamente e, por certo, nunca o vimos até agora no seu verdadeiro caminho. Para isso, é necessario que se saiba combater o falso amadorismo, porém não com as diretrizes de 1920... que muitos «puritanos» e «saudosistas» insistem em lembrar quando se trata de questões de ordem doutrinarias e disciplinar.

A não cobrança de ingresso é uma sã orientação que acaba de entrar vitoriosamente em São Paulo. Sua primeira tentativa proporcionou absoluto sucesso nos torneios de atletismo, cujas consequencias beneficicas, estamos certos, serão incalculaveis para o verdadeiro esporte amador e sua difusão. Tudo isso porque os portões foram abertos ao publico. Quantos novos afeiçoados não conquistou o atletismo com essa iniciativa no seu primeiro passo?

*

* *

O profissionalismo deve ser evitado rigorosamente para o esporte que não tenha força espetacular, por carencia de publico. Profissionalizar um esporte, nessas condições, é um crime; mas, igualmente, o seu falso amadorismo deve ser combatido no objetivo monetario, que é a cobrança de ingresso. A renda pequena ou grande, incentiva o falso amadorismo. Coletivamente, a modalidade que não tem publico suficiente não deve se profissionalizar e, muito menos, se deve incentivar o profissionalismo mascarado, com a pratica do ingresso pago. Individualmente, porém, qualquer esporte pode remunerar os maiores campeões. Estes são os idolos, os super-«cracks», e existem — nos principais paizes — em qualquer modalidade esportiva, ainda que não tenha força espetacular. Idolos, super-«cracks» são Manuel Fernandes, Alcides Procopio, Mario Gonzalez, Maria Lenk, etc.. De nenhuma maneira se poderia evitar a profissionalização, embora não integral, desses «azes», de alta classe internacional, por terem atingido perfeição tecnica, exibindo-se demoradamente no estrangeiro e constituindo, assim, espetaculo. Profissionalizar um «az» não é, porém, profissionalizar uma modalidade. O super-campeão é apenas o valor maximo, é a expressão que representa, quando compete no estrangeiro, ou contra os estrangeiros, o grande progresso, o prestigio do esporte do seu paiz pouco importando a que categoria pertença. Sua missão é outra. É mentira, quando se diz que um esporte amador precisa arrecadar alguma renda para cobrir seus gastos. Os gastos existem quando se montam espetaculos... A esgrima dá-nos bom exemplo á margem do cunho espetacular.

Estamos ainda longe de compreender o sentido do esporte amador, como propaganda e difusão, e isso até no proprio futebol! Sim, muitos torneios de amadores ai estão despresando essa alta missão, em troca de meia duzia de mil réis...

Muitos ignorantes dizem, mesmo, que o futebol não precisa mais difusão! Santo Deus! E nós, que conhecemos o que é a permanente campanha dirigida pró popularidade e propaganda do futebol, na propria Inglaterra, onde cerca de 40 por cento da população nasce com o gosto pelo futebol! Aqui, ao invés, pouco se faz pela difusão, mesmo em esportes que ainda estão no berço... Falta esse sentido, porque a primeira cousa que se faz, ao organizar-se um esporte, um jogo, um torneio é cobrar ingresso, «para se cobrirem as despesas». Eis a razão por que -- vejam que significativo exemplo -- se consegue maior publico e projeção para a final de um torneio amador de pugilismo do que para um campeonato brasileiro de atletismo, de bola ao cesto, natação, etc.. Sim, basta comparar-se o publico do torneio de box da Gazeta, com entrada gratis em dois anos de vida, com o publico do já veterano certamen maximo do atletismo nacional, com ingresso pago. Note-se que no atletismo somos tricampeões sul-americanos, enquanto que o pugilismo é um esporte totalmente inativo entre nós. Como se explica, pois, esse contraste? O mal está em que todos os outros esportes se fizeram na escola do futebol... Querem seguir-lhe as pegadas, cousa humanamente impossivel, porque de nenhuma maneira poderão atingir a força espetacular do «association». Si o amadorismo do futebol, com entrada paga, ha 25 anos, não nos deu outra consequencia sinão trazer o profissionalismo, logico e natural, com o andar dos tempos, essa mesma pratica jamais poderá ser benefica aos outros esportes, alguns dos quais já com mais de vinte anos de vida, sem qualquer progresso espetacular capaz de os levar á profissionalização tão cedo ou nunca... É muito bonito a gente se arvorar em paladino do verdadeiro amadorismo, com a mesma mentalidade futebolistica de 15 anos atrás... Iguamente, é trabalho perdido pretender-se contrariar o amadorismo, dizendo-se cobras e lagartos do futebol profissional, ou chorando o passado... Parece-nos que nada mais se tem feito, entre nós, em favor do verdadeiro amadorismo.

IMPEDIR POR LEI A ENTRADA PAGA NAS COMPETIÇÕES AMADORAS

Torna-se necessario fazermos muito em prol do esporte amador, não com os velhos habitos... Não se admite falso amadorismo, onde existe organização profissional. Quanto mais esta evolue, mais rigorosamente se deve observar o regimen amador. Ora, as leis federais e estaduais da officialização exigem pleno respeito, ao amadorismo, assim como reconhece a função do profissionalismo. Não se admite que os amadores se imiscuem entre os profissionais. Somente com esse impedimento se quer garantir plena função das duas categorias distintas? Essa separação de jogadores não é tudo que deve servir para se combater o falso amadorismo e para se observar os principios das duas categorias. Muito mais é necessario

fazer. Existem erros basicos. Talvez, um amator, por jogar num quadro de profissionais, está mais longe do falso amatorismo do que um futebolista, cestobolista, tenista, participantes de uma turma, de um torneio ou jogo de amadores com entrada paga. Um amator, querendo, pode ser amator puro, no meio de profissionais (foi o caso tipico de Pedrosa, no São Paulo F. C., e de Prego, no Fluminense), enquanto que a um esporte, a um torneio ou a um jogo de amadores, em que se põe em função a bilheteria, dá-se importancia de espetaculo, e assim o falso amatorismo é inevitavel... Diz-se, erradamente, que é preciso, aos esportes amadores, cobrar entrada, para cobrir despesas. No entanto, tomemos, por exemplo, o remo, o pedestrianismo, o ciclismo sobre estrada e veremos que, por não serem praticados em lugares fechados, não é possivel cobrar-se ingresso aos seus espectadores. Esses esportes, pois, não vivem com a mesma vitalidade do tenis, bola ao cesto, etc., esportes estes que cobram ingresso com muita frequencia? Claro que devem existir as exceções, mas essas jamais deveriam estar ao criterio dos clubes e entidades em crea-las e, sim, a cargo dos organs officiais, como o C. N. D. e a D. E. E. S. P..

Por isso, as leis deveriam taxativamente impedir que em qualquer jogo ou competição, de qualquer modalidade da categoria amadora se cobrasse ingresso de qualquer sorte, facilitando-se a entrada, livre, ou por convite ou exclusivamente aos socios. Caberia somente aos organs officiais autorizar — quando justificadamente — a cobrança de ingresso em casos excepcionais. Qual a exceção? — perguntarão.

A justificativa, a exceção existem — segundo o criterio universal nos acontecimentos internacionais, uma vez que nas proprias Olimpíadas se cobra entrada, assim como nos torneios beneficentes. Em tudo o mais, si se quer combater o pernicioso falso amatorismo, deve-se impedir a cobrança de ingressos para os jogos amadores.

Somente assim poderemos auxiliar bastante o cultivo dos verdadeiros principios amatoristas. E isso é muito importante e natural onde existe o profissionalismo, porque não se admite, então, o meio termo: ou profissional, ou amator de verdade. Não cabe o falso amatorismo.

O ESPORTE ESPETACULO

O esporte-espetacular, seja ou não espetaculo, não só é um estimulo para os praticantes se aperfeiçoarem, pois todos querem atingir classe superior e gloria, como é o elixir constante de entusiasmo e de interesse das massas e tambem, sendo restringido aos melhores valores, é o que mais eleva e dignifica o nome do paiz perante o estrangeiro! Os proprios governos reconhecem que o esporte-espetaculo está em primeiro lugar, construindo os colossos de cimento armado para os grandes acontecimentos. Naturalmente — digamos — não se mandou construir o Estadio do Pacaembú de 60.000 lugares, para jogarmos «esconde-esconde» em seu gramado, e sim para os grandes acontecimentos, para os espetaculos de gala do nosso esporte, que abarrotam de publico as suas localidades!

O dinheiro do futebol não tem os fins e os destinos que muitos ignorantes e certos «puritanos» e presunçosos do proprio esporte dizem. Sem-

pre e sempre, boa parte das suas rendas foi totalmente beneficiar outros setores. Não é só nos clubes que tem esse fim. É a vida das outras modalidades, que usufruíram no passado e continuam usufruindo, o dinheiro do futebol. Infelizmente, a família é desunida..., invejosa, e esses benefícios não aparecem... No entanto, todos sabem que durante a última eleição (1933-1937), uma das partes em luta — a C. B. D. — se batia pela não especialização. Um dos seus ferrenhos e intransigentes argumentos era de que, destacando-se o futebol dos outros esportes, estes seriam condenados á morte, não nos clubes — bem entendido — porque os Tijuca, Tietê, Paulistano, etc., continuariam vivendo da mesma forma; mas, sim, seriam difíceis as atividades internacionais, os campeonatos nacionais, etc.. Justamente, não poucos desses «outros esportes» ficaram firmes ao lado da C. B. D., defendendo esses principios...

Com o dinheiro dos esportes amadores, nada absolutamente se pode fazer, porque o dinheiro necessario não existe. Existe, ao invés, meia dúzia de clubes e entidades de «outros esportes» ricos, talvez mas esse dinheiro é empregado para sua vida interna. Ao invés, os clubes, as entidades do futebol, sustentam-se a si próprios, sempre deram muito ao fisco e, direta ou indiretamente, mandam também dinheiro para os cofres das entidades superiores. Entre nós, onde a cultura esportiva ainda não atingiu alto grau, onde, fora do ambiente proprio, a ogerisa pelo esporte ainda é forte, a ponto dos clubes esportivos serem classificados, até ha pouco tempo, como «casa de diversão», não é possível que se compreenda a importancia e a finalidade do esporte, como base da educação da mocidade e, muito menos, se interpreta e compreenda o que é o profissionalismo esportivo, ou seja, o esporte espetacular; dai esses preconceitos entre a propria gente dos diferentes setores esportivos, esses conceitos equivocados e mesmo idéas decepcionantes dos que vivem á margem do esporte, ainda que dispostos a lhe dar atenção...

O perigo está ai.

SENTENÇAS...

Recentemente, diante de um dos já habituais super-espetaculos futebolísticos, no Pacaembú, ultra-abarrotado de publico, uma ilustre personagem emitiu curioso conceito: — «Preferia ver esses sessenta mil espectadores jogando e os 22 jogadores assistindo».

Curiosa teoria. Fosse assim e mandaríamos Bidú Sayão ou Guiomar Novais para a platea e para o palco as centenas de espectadores dos seus concertos... Não seria possível! Isso, porém, não impede que tenhamos uma legião de discipulos das «divas» e cultores do canto e do piano. Da mesma forma, não é nos maiores estadios que devemos mandar sessenta mil moços praticar o futebol e sim nos pequenos campos. Nos estadios, exhibi-se somente a qualidade, o que constitue um numero reduzido. Desses conceitos, porem, são frequentes quer em virtude do «leiguismo», quer por prevenção ou mesmo ogerisa para com o esporte espetacular. Causou, por exemplo, um mundo de polemicas o conceito de Jorge Herbert, no seu livro

«O desporto contra a educação física» (Pariz, 1935), escrevendo de um modo arrasador: — É preciso expulsar do estadio o espectador».

Ora, essa sentença nada mais seria do que a condenação á morte do esporte, não só espetacular como o proprio esporte amator. Si expulsarmos o espectador do estadio devemo-lo expulsar tambem dos outros recintos e lugares; sim, porque tanto é espectador o que paga para assistir a um «derby» Palestra x Corinthians ou a um Fla x Flú, como aquele que não paga para assistir a São Silvestre, a Corrida da Fogueira, o Torneio Popular de Pugilismo ou a travessia de São Paulo a Nado...

Matar-se-ia pois, o esporte profissional e amator sem o publico que o incentiva, que traz seu calor partidario, que é enfim a grande alma das competições. Admiramo-nos quando se pergunta, na propria Europa, o porque dessa sentença do mestre Herbert e quando lá mesmo se responde assim: — «Porque o «espectadorismo» está inteiramente vinculado ao desportismo profissional. Absurdo! Não são espectadores componentes daquela enorme massa que presencia anualmente a classica regata Oxford x Cambridge? Está certo quando se diz que não haveria profissionalismo si não houvesse publico pagante; mas é fato tambem que o publico não pagante para as competições amadoras é muito necessario para a propria vida do amatorismo? Exemplo? Veja-se o que está sucedendo, em São Paulo, com o atletismo, desde que foi adotado o criterio de se franquear a entrada aos afeiçoados.

NÃO VALERIA A PENA A ESPECIALIZAÇÃO CLUBISTICA?

Não pouco dinheiro que os nossos clubes ganham — abarrotando os campos com as suas atividades no campeonato ou nos cotejos extras... — evapora-se com as enormes despesas que são obrigados a realizar. Os jogadores não ganham pouco; o sustento das suas praças de esportes e as atividades dos esportes amadores que praticam fazem com que exista sempre forte desequilibrio entre a receita e a despesa. Ora, si o sustento de outros esportes, todos amadores, é motivo de dificuldades para os clubes do futebol profissional, por que então não seguimos um outro rumo, acabando-se com tais atividades em seu seio? Eis ai uma medida que seria salutar. Sim, porque não se pode compreender que afetemos a vida do «association» profissional com o emprego do dinheiro dos clubes em alimentar outros esportes, nos quais tudo gastam e nada obtêm. Si, para os clubes especializados como o Esperia, Tieté, etc., não existe prejuizo algum com as suas atividades de nataçõ, atletismo, cestobol, etc., por que deve acontecer o contrario com os gremios do futebol? Não seria melhor observar integra especialização? Assim, o Palestra, o Corinthians, etc., não teriam, em seu seio, nenhum dos esportes amadores como os Paulistano, Pinheiros, Tieté, etc., não possuem o futebol... amator. Não empregam dinheiro com esportes profissionais, assim como o Palestra, São Paulo, Corinthians etc., não deveriam emprega-lo para os esportes amadores. Admitamos, porém, que o Corinthians nada perca com a pratica dos esportes aquaticos, porque possui uma legião de socios para esse fim. Perfeitamente; nesse caso, então, é aconselhavel que o Corinthians tenha suas

atividades naquela modalidade esportiva, uma vez que possua um numero de praticantes suficiente e que garanta, com a sua mensalidade, as despesas necessarias para o clube manter o remo e a nataçao em seu seio, sem ser necessario afetar a parte economica do futebol. Mas, quando os clubes não possuem numero suficiente de socios para os esportes amadores que praticam, são obrigados, para sustenta-los, a sacrificios que refletem sobre sua economia futebolistica profissional.

E esse é um mal. Os clubes de futebol prestarão muito mais serviços ao esporte nacional si, ao invés de seções de esportes amadores, que lhes dão «deficit», organizarem em suas sedes uma biblioteca esportiva; si promoverem palestras tecnicas, etc.. Sem duvida, o maior problema do nosso esporte é a cultura especializada. Não adianta ter cem praticantes a mais em qualquer modalidade, si temos mil afeicionados a menos dotados de cultura esportiva... Não se diga que seria pernicioso alijar os esportes amadores dos clubes do futebol profissional. Não. O tenista, si não encontra atividade no Palestra, irá para o Libanês, para o Tenis Clube, etc., assim como o cestobolista irá para o Tieté, Indiano, etc., si o Corinthians acabar com a bola ao cesto. Os clubes profissionais do futebol já fazem muito, mais do que os proprios grandes clubes dos esportes amadores, contribuindo para os cofres da C.B.D., com os seus jogos e percentagens, afim da entidade maxima custear suas competições de esportes amadores. Esse é o grande auxilio que o futebol profissional presta ao desenvolvimento dos outro esportes. Não é necessario que os clubes do futebol profissional pratiquem, nos seus estadios, os esportes amadores, para incentivar estes. O dinheiro que canalizam nos cofres dos organs superiores é muito mais util e benefico para os esportes amatoristas — como o bola ao cesto — sofrem muito má influencia nos clubes do futebol profissional, porque estes fazem o cestobol derivar cada vez mais para o profissionalismo encoberto... Não é justo, pois, e muito menos traz qualquer beneficio para a vida esportiva do paiz os clubes do futebol profissional albergarem, em seu seio, esportes amadores, quando esses esportes os obrigam a sacrificios economicos. É a razão de muitos «deficits» nos clubes, e quem leva a fama é o futebol... Quanto mais especialização e separação, tanto melhor. Os gremios que possuem futebol profissional deveriam se dedicar exclusivamente ao mesmo, como succede, com pleno sucesso, com os clubes Paulistano, Esperia, Atletica, etc., que se dedicam totalmente aos esportes amadores.

Dirão que o Fluminense é um exemplo em contrario. Sem duvida, mas o Fluminense tem uma legião de socios para o tenis, nataçao, etc., cujas rendas de mensalidades não obrigam o clube a recorrer a muito dinheiro do futebol. Si os demais clubes profissionais das duas Capitais pudessem fazer o mesmo, seria o ideal. Mas, tal não succede. O Palestra — por exemplo — gasta uma fortuna com os esportes amadores, sem ter sufficientemente socios para os mesmos, de modo que os prejuizos são cobertos com o dinheiro do futebol, dinheiro este que acaba fazendo muita falta ao clube... O que é necessario doutrinar-se, de uma vez para sempre, é que um clube de futebol não deixa de servir a causa e o ideal esportivos praticando o futebol somente.

Torna-se necessario encararmos a vida moderna do esporte como ela o é realmente.

A verdade é que não temos acompanhado e compreendido ainda a evolução esportiva nos seus multiplos aspectos e problemas.

OS MAIORES BENEFICIADOS COM O PROGRESSO ESPETACULAR DO FUTEBOL

Entre nós, não se mexe uma palha, direta ou indiretamente, sem o futebol, e no entanto si o «association»... dá um espirro vem o mundo abaixo! ...

No fundo, que bandeira desfraldamos com a especialização total dos clubes de futebol? Ninguém julgou um mal — por exemplo — quando o Tieté extinguiu sua secção de futebol. Nenhum mal residiu nisso. Aliás, o Germania e o Paulistano, ha anos, fizeram o mesmo. Consequencia logica da evolução esportiva entre nós. No caso do Tieté, foi até um bem acabar com o futebol, porque se trata de um clube tipicamente aquatico e atletico que perderia suas características, com o «association» em seu seio, ainda que fosse o amator. Que mal existe, igualmente, si o Palestra, clube tipicamente futebolistico, acabar com os outros esportes que pratica? Aliás, a maioria dos nossos clubes da divisão maxima, ou seja, profissional, se dedica exclusivamente ao futebol (profissional e amator) como por exemplo o Espanha, a Portuguesa de Esportes, o Comercial, etc.. Ora, que novidade existe, si nos batemos por uma especialização integral dos nossos clubes do «soccer» espetacular? São, aliás, os outros clubes -- amadores -- que nos dão a grande lição de especialização. Assim tomemos por exemplo os outros esportes, o tenis, o ciclismo, etc., que estão ainda cem leguas atrás do futebol em desenvolvimento, popularidade e espetaculo. No esporte do pedal temos, como clubes, exclusivamente de ciclismo, o Brasil S. C., o Sembranti, o Marquesa C. C. e outros; no tenis temos o Hamonia, assim como temos o Clube do Tiro, no tiro; o União, na esgrima, bem como outros clubes que se dedicam exclusivamente a um unico esporte. Porque, no futebol, o Palestra, São Paulo, Ipiranga, etc., não poderão dedicar-se exclusivamente aquela modalidade, si essa medida lhes pode trazer maiores progressos?

O mal do nosso esporte é aquele de todos se julgarem entendidos, mas na hora de se discutirem seus problemas nada sair de esclarecimentos.

Não constitue, enfim, anormalidade si nos batemos pela especialização total dos nossos principais clubes do futebol espetacular. Ao contrário, os grandes beneficiados serão os esportes amadores, porque quanto mais progride o futebol profissional tanto mais beneficios receberão os outros esportes, devido ao **auxilio quasi total** que a C. B. D. presta aos esportes amadores, com o dinheiro que arrecada do futebol. O ultimo campeonato brasileiro de remo, por exemplo, custou uma fortuna á C. B. D. e no entanto de todas as entidades daquele esporte, existentes no paiz, a entidade maxima não exigiu um real para a organização do certamen. Usou, e muito bem usadas, as suas verbas, em grande parte provenientes do futebol. A nós interessa, em primeiro lugar, que a C. B. D. arrecade dinheiro sufi-

ciente do futebol espetacular para promover a ida do nosso atletismo ao estrangeiro, ou da participação da natação ao Sul-americano, ou da organização de uma temporada internacional de tenis, ou a realização do campeonato brasileiro juvenil-infantil de natação, ou de ciclismo, etc. — tudo isso deve interessar muito mais em prol do progresso do nosso esporte do que o Palestra, o São Paulo, o Corinthians, etc. se preocuparem com uma ou outra secção de esporte amador em seu seio, em prejuizo de suas economias futebolísticas.

Somente os ignorantes, ou os que têm ojeriza pelo futebol, podem negar os grandes beneficios que o dinheiro do «association» espetacular sempre prestou e presta aos esportes diletantes. Muita gente boa deveria saber que não foi somente o futebol o beneficiado com os rios de dinheiro que tem produzido o Pacaembú. Ao contrario...

Saiba-se que o Brasil é um dos raros países, sinão o... unico, em que o dinheiro do futebol contribue, direta e decisivamente, em prol dos esportes amadores; sim, porque nos outros países o futebol tem sua direção maxima especializada e não cede um real para os outros esportes. Entre nós. succede o contrario: a C. B. D. com o dinheiro dos torneios internacionais («Copas», campeonatos, etc.) do certamen nacional, das porcentagens, sempre custeou e continua custeando a participação do Brasil nos torneios internacionais e na organização dos campeonatos nacionais, temporadas extras, etc., dos esportes amadores. Logo, contrariamente ao que julgam muitos anti-profissionalistas, que tudo têm do futebol em troca de... calunias — quanto mais progride o «soccer» profissional mais beneficios obtêm os outros esportes, todos amatoristas.

O DÍNHEIRO DO FUTEBOL

Valeria a pena a especialização clubística, ou seja, a separação dos clubes que contam com o futebol profissional, dos outros esportes amadores ou ainda, uma definida autonomia economica, nos clubes, do futebol profissional em relação ás outras modalidades diletantes?

Muitos melindrosos interpretam essa idéa como um... extermínio do esporte amador! Santo Deus! Quanta prevenção contra o futebol!... Acaso, exterminariamos o tenis, si o destacassemos do Palestra? Acabar-se-ia com o cestobol, si fosse ele alijado do Corinthians? Dirão que não, talvez, mas afirmarão que aqueles esportes receberiam um duro golpe por parte do ... egoista «association». Mas nós achamos que, ao invés de golpe, teriam beneficios. Quando, por exemplo, o tenis atingiu grande desenvolvimento nos clubes ecleticos da cidade, muitos dos seus praticantes foram obrigados a deixar o Paulistano, o Tieté, etc., e fundaram um gremio genuinamente tenístico — o Harmonia, hoje a maior e a melhor coletividade de tenis paulista. Por essa separação não ganhou muito o tenis? Certo que sim. Mais recentemente, uma grande parte dos esgrimistas do Tieté deixou esse clube e fundou um outro tipicamente de esgrima — o União. Quem saiu lucrando com essa autonomia e especialização, não foi a esgrima? Que crime haveria, pois, si os tenistas do Palestra se destacassem do alvi-verde e fundassem — digamos — o Clube Palestrino de Te-

nis, com vida independente, ainda que praticando as suas atividades nas próprias quadras do Parque Antartica? O tennis teria mais um clube proprio, com vida organizada, eis tudo.

Muitos leigos confundem as cousas, como por exemplo o uso de piscina, com seção de natação. A piscina está para muitos clubes como para um palacete ou para um hotel. Varios dos nossos clubes, em suas praças de esportes, possuem piscina para recreação dos seus associados, sem possuírem, pois, uma seção de natação organizada, que requer gastos. A piscina deveria ser obrigatoria em todas as praças de esportes, sem que, com isso, os clubes fossem obrigados a manter uma secção de natação, como aliás sucede com muitos dos nossos gremios que praticam somente esportes terrestres. Isso não impediria que surgissem novos praticantes da natação, que seriam encaminhados para os clubes da especialidade.

Ninguém pode deixar de reconhecer que as despesas dos clubes tipicamente de futebol, com o sustento de outros esportes amadores em seu seio, indiretamente cousam prejuizos ao proprio amatorismo. Quanto mais folgado em suas economias vivem os poucos clubes que alimentam o futebol profissional, tanto mais beneficios gerais terá o esporte. O proprio «association» tem 100 clubes amadores para 1 profissional, o que quer dizer que o profissionalismo futebolistico não é «praga» para o proprio «soccer»...

A ignorancia, a prevenção, o despeito e a ingratitude fazem do futebol espetacular o membro mais combatido, sinão de todo odiado da familia; o seu dinheiro é visto como o dinheiro do diabo, da corrupção, da desvirtuação do sentimento esportivo. Assim, o julgam e o repudiam os saudosistas, os puritanos, os moralistas... Bom e generoso dinheiro do futebol, quanta injustiça te fazem, quanta ingratitude recebes!

As maiores culpas, por essa má fama que tem o futebol espetacular cabem, porém, aos proprios clubes, ás entidades regionais, ás entidades nacionais que nunca tornam publico o nobre, o patriotico destino que dão a grande parte do dinheiro que produz a popularidade do esporte que dirigem e praticam! Nobre e patriotico, destino, sim. Um trabalho esclarecedor, a esse respeito, causaria assombro. Assim, por exemplo, desde que existe o Pacaembú, em São Paulo, o futebol «cafageste» profissional rendeu em beneficio exclusivo de instituições de caridade e para iniciativas patrioticas mais do que deram, durante toda a sua existencia para tal fim, o teatro e o cinema juntos! O Pacaembú existe ha 3 anos apenas e o teatro e o cinema ha muitos lustros... Imaginem si contassemos o dinheiro, para fins beneficentes, que o futebol espetacular deu em todo o paiz, desde que existe! Mas — repetimos — para se ter uma prova impressionante dessa generosidade do futebol, não é preciso levar em conta mais do que o simples dinheiro para fins beneficentes e patrioticos, arrecadado em São Paulo, de 1940 até agora!

E isso é só? Não! O futebol, o irmão rico, generoso e caluniado, não pensa apenas em desviar grande parte de suas rendas para fins beneficentes e para os... impostos (até ha pouco). Não! Fosse isso, e nada o... incomodaria. Tem que produzir para os irmãos menores. O seu «maldito» dinheiro, que tanto fere a sensibilidade dos puritanos de oca-

sião, que escandaliza os passadistas despeitados e desmemoriados, que revolta os ingratos e hipocritas pastores do puro amadorismo, o dinheiro do futebol ganho com os escandalos que não sabem exterminar, com a má educação esportiva que lhe deram — esse dinheiro serve para outros fins nobres e patrióticos, para o proprio esporte amador!

As arrecadações que se fizeram no Pacaembú, para serem distribuidas entre as entidades amadoras paulistas, ou para se organizarem torneios, viagens, etc., relacionados com os esportes diletantes, revelam cifras conspicuas. Si a C. B. D. quisesse, um dia, falar claramente — explicando qual o destino que dá ao «dinheiro do diabo» — estamos certos de que o futebol deixaria de ser tão caluniado... Sim, tomemos por exemplo o dinheiro que a «Copa Roca» de 1939-1940 produziu, dinheiro ganho dolorosamente, a custa de derrotas humilhantes, de desprestigio do nosso proprio futebol, dinheiro conseguido através de uma infelicissima competição cheia de indisciplinas, de casos e de chantagens...

Mil cento e quatorze contos de réis foi a renda bruta que a C. B. D. arrecadou nas quatro partidas (duas em São Paulo e duas no Rio) da Copa em questão! Que fim levou esse dinheiro? Foi para os cofres dos «clubes profissionais», como o Palestra, o Vasco, o Flamengo? Não! Foi para os cofres das entidades, como a F. P. F. ou a F. M., que os «moralistas» taxam de dirigentes de um esporte «comercial»? Não! Foi, talvez, esbanjado pela propria C. B. D. em cousas inuteis? Não! Então, onde foram parar aqueles 1.114 contos de réis? Que destino teve esse «dinheiro do diabo», ganho por um «esporte comercializado», adquirido pelo futebol a custa de «espesinhamento dos ideais amadoristas» e da «desmoralização do esporte», segundo dizem, cronicamente, os puritanos? Que fim levou?... Todos sabem, especialmente os que têm ogerisa visceral pelo «turbulento futebol», mas não o querem dizer, não o querem confessar, porque seria fazer a grande justiça que o futebol merece, seria reconhecer que aquele «dinheiro do diabo» serviu — felizmente — em grande parte, para o Brasil ter a suprema gloria de se tornar tri-campeão sul-americano de atletismo! Sim, para o Brasil subir, com orgulho, aos pincares do valor na natação continental; serviu para termos, nestes ultimos tempos, os melhores campeonatos nacionais de varios esportes amadores; serviu para termos temporadas internacionais de tenis, etc.!

Serviu, portanto, — grande parte daquele dinheiro proveniente do futebol profissional — para ajudar os demais esportes amadores, sem exigir uma unica palavra de reconhecimento, de gratidão, de justiça!

Serviu, como deve servir o dinheiro que se consegue do esporte, para rodar em favor do esporte.

Aquele dinheiro realizou, por intermedio da C. B. D., sua sagrada e patriótica missão: deu o grande impulso para o Brasil se tornar tri-campeão de atletismo e campeão de natação na America do Sul!

O dinheiro do «soccer» serviu, serve e servirá, sempre e sempre, para honrar, orgulhar e engrandecer o esporte do Brasil!

CONTRA O GRANDE NUMERO DE «CLUBES PROFISSIONAIS»

Os que pretendem um numero limitado de clubes profissionais é porque sabem da responsabiidade que pesa sobre os que tem a seu cargo o futebol espetaculo.

Devemos nos convencer, uma vez para sempre, que os espetaculos futebolisticos para a massa do publico esportivo, o «association» profissionail, não é para qualquer clube, por multiplas razões de ordem esportiva, economica e tecnica.

Este futebol deve ser simplesmente de qualidade, e sendo assim, somente os grandes clubes, destes que podem manter com toda a garantia o profissionailismo e que atraem com a sua força. prestigio e tradição, devem estar integrados no mesmo. Para os outros clubes, façam existir as divisões inferiores, que aliás precisam ser bem dirigidas e auxiliadas. Tambem não faltam para os mesmos outras entidades onde melhor possam viver.

Quem não pode se estabelecer e aguentar no futebol espetacular dos grandes clubes, não deve formar ao seu lado. Por isso, o alijamento de alguns pequenos clubes da divisão superior não importaria em matar suas atividades, em afetar-lhes sua vida. Não! Apenas é coerente o fato destes clubes não poderem se afirmar no profissionailismo e dai irem militar em outra categoria, constituindo seu proprio campeonato. Essa separação não foi levada a efeito até hoje. Dai, termos muitos clubes, em numero exagerado, militando no futebol espetacular, quando é fato que o campeonato profissionail deveria ser limitado a 8 clubes, aqui e no Rio, indo os demais para uma divisão inferior, ou seja, militar em sua propria classe, como se dará doravante com os milhares de pequenos clubes.

Em 1933, ao ser implantado o profisisonailismo, como sucede ainda hoje, ao ser lembrada a necessidade de se reduzir a divisão profissionail, alegou-se que isso constituia «um esbulho contra os pequenos clubes». Tal não se dá, no entanto. Deseja-se apenas aperfeiçoar o futebol espetacular, que não está ao alcance de pequenos clubes. O profissionailismo futebolistico é a qualidade somente, enquanto que o amadorismo é a quantidade. O clube pequeno deve militar em sua propria categoria, indo para as divisões distintas, si de fato é amador, ou militando numa divisão inferior, si se quizer aguentar no regimen profissionail.

A separação amadorismo x profissionailismo deve ser total, não só dos jogadores, como dos clubes, e entre nós tambem de entidades, pois é certo que em alguns Estados, como Piaui, Santa Catarina, Amazonas, etc., não se pode dizer nem se deve permitir que exista profissionailismo. No entanto as entidades desses Estados são incluídas no campeonato brasileiro, onde concorrem as seleções profissionais carioca, paulista, etc..

A separação das duas classes, sendo rigorosa e total, somente trará beneficios. Reduzirá muito o numero de jogadores e clubes profissionais em favor da qualidade enquanto que os principios amadores serão melhor respeitados.

CATEGORIAS DISTINTAS

Oficialmente, o turfe está fora de classificação como esporte, na oficialização esportiva federal. Não é, pois, reconhecido, quer como esporte amador, quer como profissional. Não poderia deixar de ser assim, uma vez que o turfe é um «jogo de apostas». No mesmo caso deve estar, por exemplo, a pelota, assim como a briga de galos... Todavia, o esporte do hipismo não só é reconhecido pelo C.N.D. como faz parte das modalidades amadoras. Ninguém impede — igualmente — a pratica da pelota nos clubes. Já é muito diferente a «pelota» dos frontões, assim como nada tem a ver o hipismo amador com as corridas do Jockey Clube. Outros «esportes» se poderiam eliminar, mesmo, da categoria esportivo-profissional. São os catch-as-catch-can e a luta livre, que não passam de um espectáculo puramente teatral ou circense. Isso não impede — igualmente — que sejam praticados, nos clubes, como esportes amadores, ao lado da luta romana, jiu-jitsu e o box.

As varias modalidades deveriam ser classificadas distintamente, em diversas categorias, como sejam: espetacular, amadora, recreativa, turistica. Cada uma dessas categorias albergaria varios esportes. Na categoria espetacular ou profissional, somente temos tres esportes no Brasil: o futebol, o pugilismo e o automobilismo.

A categoria amadora é grande, mas deveriamos nela incluir somente os esportes de competição, como sejam: atletismo, hipismo, remo, natação, polo aquatico, hand-ball, esgrima, ciclismo, golf, tiro, box e outras lutas, assim como o pequeno futebol, tenis de mesa (antigo pingue-pongue), bola ao cesot, tenis, etc.. Na categoria recreativa deveriam ser classificados, por exemplo, o xadrez, a pesca, bilhar, «cabo de guerra», caça, dama, «bocce», malha e tantos outros pequenos jogos. A categoria turistica, já se sabe, deveria contar com o ciclismo e o pedestrianismo-excursionista, o campismo, etc., enfim, todas as atividades excursionistas, que são muitas e que possuem numerosas diversões, tanto para crianças como para adultos.

Estamos certos de que todos os esportes espetaculares, de diversão e de recreação, classificados devidamente, trariam um maior e melhor aperfeiçoamento á nossa organização esportiva.

SUBVENÇÕES E CONTRIBUIÇÕES

Quando se abordam assuntos que dizem respeito aos criterios e aos principios amadores, e profissionais, nem sempre encontramos, em certas esferas, apoio aos bons conceitos. Mas precisamos levar em conta o seguinte: a opposição a esses argumentos nasce de pontos de vista clubisticos, nunca são pontos de vista doutrinarios. E, a nós, francamente, devem interessar apenas os principios, eis como devemos tratar o amadorismo. Quanto ao profissionalismo, a sua função deve ser vista de um modo completamente diverso de como a julgam, errada e prejudicialmente, em muitos setores, mesmo naqueles que, direta ou indiretamente, usufruem do mes-

mo não poucos benefícios para o esporte em geral. Trata-se da fonte de rendas dos grandes clubes de futebol e dos demais esportes, em que uns ajudam muito a propria entidade e outros quasi que ignoram as dificuldades financeiras da sua. Note-se que a F. P. de Futebol, por exemplo, á margem das rendas que obtem dos clubes, ganha outras dos seus proprios jogos, como o campeonato brasileiro, «torneio inicio», etc.. Enquanto isso, onde e como pode obter rendas proprias uma F. P. de Atletismo ou uma F. P. de Natação? Não se desejaria, bem entendido, que tais agremiações pagassem uma alta taxa — equivalente a uma parcela de suas rendas internas mensais — a cada entidade em que estão filiadas, porque, neste caso, o Esperia, o Tieté, etc., arcariam com um tributo pesadissimo, dado que são filiados a todas as federações dos esportes que praticam. Quando se lembra que se empregassem cincoenta contos anuais, em taxa de filiação — naturalmente — quer se dizer, seja essa uma quantia dividida, em taxa de filiação, ás varias federações. Logicamente, empregando-se o criterio de auxiliar segundo a importancia de cada entidade, a F. P. A. obteria mais do que a entidade de esgrima e a de cestobol mais do que a de tenis, etc.. O fato de não citarmos a circunstancia dos clubes de futebol profissional usufruirem tambem rendas das mensalidades dos socios não deve animar muito os argumentos contra. É verdade que o Palestra, o Corinthians, etc., possuem duas fontes de despesa. Não citamos, dai tambem, propositadamente, as despesas com os quadros do futebol profissional. Fixamo-nos, por isso, apenas no ponto referente á principal fonte de renda dos clubes dos esportes amadores, que provém das atividades internas ou dos socios. Uns e outros, pois com, essas rendas contribuem bastante contrastadamente em favor de suas respectivas entidades.

Sempre existem falsos conceitos, modos muito errados de se ver e apreciar as atribuições e a função de ambos os setores — amador e profissional. Os cuidados com os quadros dos profissionais são para o São Paulo, Palestra, etc., clubes essencialmente futebolisticos, como para o Tieté e Esperia, são as atenções para a sua seção de remo. Para uns é necessario adquirir «passe» e contratar «azes», afim de possuir um bom XI e vencer o campeonato; para outros é necessario comprar barcos dos melhores para participar das regatas e obter as principais colocações.

Naturalmente, os gastos estão numa proporção sem comparação, porque uma cousa é custear uma turma de «cracks» futebolistas e outra é adquirir alguns barcos... Estes se compram e ficam até acabar. E os jogadores vão e vêm todos os anos e pagam-se todos os meses, todos os domingos. Mesmo assim, os sacrificios de uns e outros clubes são — em relação aos seus deveres externos — bastante desiguais: pesados ao extremo de um lado e muito leves de outro. Não se reclama, todavia, qualquer encargo que não possa trazer beneficios diretos aos proprios clubes dos esportes amadores. Não, em absoluto. Quando se lembra um maior sacrificio dos Tieté, Esperia, Paulistano, Pinheiros, etc., em favor da Federação de Atletismo, nada mais se visa sinão dar, áquela entidade especializada, maiores possibilidades, mais armas para batalhar em prol do atletismo. E, sendo assim, quem obterá maiores progressos futuros, sinão aqueles

proprios clubes? Eis o que se deseja visar. São esses os argumentos, que têm um fim superior, partem de principios, e a esses argumentos é muito facil se crear opposição. Por que? Porque os contra-argumentos são ditados por pontos de vista e por motivo de ordem clubisticos. Ao clube os seus interesses domesticos estão acima de discussões. Eis por que se interpretam tais argumentos, baseados em principios e nos interesses gerais do nosso esporte, como absurdos.

*
* *
*

As subvenções, já se sabe, constituem o grande remedio em prol dos esportes amadores; mas, é necessario também que sejam feitos algumas sacrificios, pelos clubes das varias entidades, a exemplo do que succede no futebol profissional. Por que — repetimos — o Tieté, o Esperia e o Pinheiros não poderão contribuir em favor da F. P. A.? O argumento parece absurdo, á primeira vista, mas não é, em absoluto. Si não, vejamos. Os grandes clubes do futebol profisional têm seu movimento financeiro garantido pelas rendas dos portões; os grandes clubes de outros esportes, amadores, têm igual movimento garantido pelas rendas sociais, internas. Que sacrificios, porém, fazem uns e outros? Um Palestra — por exemplo — além de canalizar parte de suas rendas para a F. P. F. as canaliza, indiretamente, também para a C. B. D., isso tendo-se em conta somente a porcentagem que cabem ás entidades superiores. O Tieté — estamos sempre citando exemplos — que sacrificio faz, com as rendas dos seus dez mil socios e de outras atividades internas? Nenhum! Destina apenas uns magros mil réis de inscrições, taxas, etc., ás entidades ás quais setá filiado. Não fornece um real á C. B. D. e é esta que, por sua vez, cobre todos os gastos dos torneios nacionais, dos quais o Tieté é um dos mais beneficiados... O mesmo succede com os campeonatos e competições estaduais. Os «clubes amadores», em suma, apenas entram com umas insignificancias para os cofres das suas entidades, e ainda procuram, para si, todos os beneficios dos organs officiais... Por que, pois, um clube de futebol, que é amador como o Esperia, Tieté, Paulistano, etc. tem que canalizar tanto dinheiro para as entidades superiores e os outros não? Acaso é o bastante, para se exigir tanto de uns e nada de outros, porque o São Paulo, o Corinthians, etc., possuem um «onze» profissional e obtêm altas rendas dos portões? Mas, ao mesmo tempo, não são altas as rendas internas dos clubes amadores? Logicamente que seria um despropósito exigir-se desses clubes uma mesma contribuição á F. P. A., a exemplo da contribuição que os clubes de futebol dão, durante um ano á F. F. P. e indiretamente á C. B. D.

Não se julgue que o Tieté, com os seus dez mil socios, tenha vida inferior, na parte economica, a do Palestra, com as suas altas rendas de espectaculos futebolisticos. Ao contrario... E no entanto um deles guarda avaramente para si tudo quanto arrecada e outro escancara a bolsa para a F.P.F., para a C.B.D., para taxas, para instituições beneficentes, para uso do Estadio, etc., etc.. Está certo isso? Não, onde o esporte está oficiali-

sado! Então, porque a Federação de Cestobol, Natação, etc., devem se preocupar com a cobrança de ingressos dos seus torneios, dos seus jogos, em busca de quatro miseráveis vintens? A boa situação econômica dessas entidades deve ser garantida também pelos seus clubes.

Deveria ser encontrado um critério que fizesse com que os Tieté, Esperia, Harmonia, Paulistano, Saldanha, Pinheiros, etc., igualassem os sacrifícios que fazem os outros do futebol, o mesmo se obrigando aos clubes do tennis, etc. — logicamente, tudo em proporção. Que as entidades regionais de tennis, natação, atletismo, etc., não concorram com o dinheiro de seus filiados, para os campeonatos brasileiros, está certo; mas que folgassem a sua situação econômica, com as contribuições necessárias dos seus clubes, seria uma prática das mais benéficas. Eis, pois, como, por exemplo, a Federação de Atletismo poderia viver despreocupada, no sentido econômico, deixando para trás, de uma vez, o hábito de cobrar ingresso aos afeiçoados — prática essa que deve ter feito, através dos anos, um mal incalculável ao atletismo, como o fez aos outros esportes, inclusive ao próprio futebol amador. Prova-o o torneio amador da C. B. D., um verdadeiro desastre, e prova-o o resultado dos torneios atléticos de 1942 — com entrada franca — que superou, em sucesso de público, quasi que a própria concorrência do certamen sul-americano! Simples diferença entre cobrar e não cobrar ingresso.

UM GRANDE PASSO À FRENTE

A extinção dos impostos, graças ao benemerito decreto federal oficializando os esportes brasileiros, não faz distinção alguma: tanto acaba com a exploração do fisco, a cargo do «association», como de qualquer outra modalidade amadora ou profissional. Justiça absoluta, igualdade necessária. O Estado Nacional tutela não o futebol profissional ou o atletismo amador; ampara e estimula os clubes, as entidades, incentiva o esporte, não olhando setores e categorias! Clubes e entidades, que dirijam esportes remunerados ou não, são órgãos amadores e tudo que lucram empregam em benefício do próprio esporte!

Si o futebol profissional, portanto, não paga imposto, não é ele o único beneficiado e sim toda a vasta família, uma vez que é raro o clube que possuem em seu seio o «association» profissional não alimenta igualmente outros esportes amadores bem dispendiosos...

Mas, a parte esses benefícios que o dinheiro do futebol espetacular produz ao próprio esporte, não devemos esquecer que sendo o futebol uma atração popular em que mais domina as massas, torna-se uma modalidade das mais procuradas para espetáculos beneficentes, em que tudo dá generosamente e faz questão de nada lucrar! Sim, o espírito filantrópico do esporte-rei, especialmente entre nós, é tão forte e cultivada a ponto de produzir somente durante o ano de 1940, em São Paulo, a renda bruta de cerca de 700 contos de réis! É uma cifra que fala eloquentemente! Essa enorme quantia foi arrecadada, quer em percentagem quer em jogos filantrópicos, em que os clubes cederam tudo gratuitamente!

Querem maior prova de generosidade do futebol profissional?

O seu dinheiro, pois, não se destina a incentivar somente os outros esportes amadores, quer nos clubes, quer por intermedio das entidades superiores e sim tambem tem um destino elevado de filantropia, desviando-se para instituições de caridade e para outros fins beneficentes!

Nada de mais justo, pois, o espirito superior de compreensão e de justiça que guiou o decreto federal da oficialização esportiva, não fazendo distinção alguma em relação á extinção dos impostos. Magistral passo — sob todos os pontos de vista — do Brasil Novo em materia da evolução esportiva!

Esse unico ato seria o suficiente para taxarmos de um avanço de 20 anos na evolução esportiva do Brasil sob o regimen do Estado Novo!

O FUTEBOL AMADOR NOS «CLUBES PROFISSIONAIS»

Devemos evitar toda e qualquer situação que leve os clubes a não respeitar os principios amatoristas, e, sendo assim, quanto mais se afastar qualquer feição espetacular dos campeonatos amadores, tanto melhor.

Ora, os «clubes profissionais» disputariam jogos amadores á noite, uma vez por semana. A esses jogos, a entrada seria gratis, ou seja, franqueada a todos os socios dos clubes concorrentes.

Portanto, não haveria entradas pagas e isso é a base principal para não degenerar o futebol amador. Havendo entrada gratis, mas exigindo-se dos afeiçoados a apresentação da caderneta social de um dos clubes do campeonato, o futebol amador teria o grande beneficio de atrair novos socios para os clubes, estimulando, assim, a estes, a pratica das atividades amadoras. E assim, realizando-se essas partidas em um só campo, não seriam necessarias certas despesas que são inevitaveis si as partidas se realisam uma por vês, em campos diferentes.

Não se deve admitir a realização dos campeonatos amadores que não sejam para divertir os associados. Os grandes clubes, os que de fato alimentam o profissionismo integral, é que mais devem dar vida ao verdadeiro amatorismo, porque eles não precisam de lucros insignificantes que podem oferecer partidas amadoras com entradas pagas. E é impossivel termos clubes — grandes ou pequenos — e dirigentes — influentes ou não — que queiram hoje em dia empreender ainda o amatorismo como o cultivaram ha quinze anos, amatorismo de burleta, destituído de principios e de ideais e cuja degenerescencia, todos sabem, como acabou...

O campeonato de amadores dos clubes profissionais da divisão principal não pode ter outra qualquer finalidade si não divertir os associados dos proprios clubes concorrentes com direito de assistir a todas as partidas, afim de mais se estimular os futebolistas amadores.

Fora disso, qualquer outro objetivo de lucros ou vantagens materiais constitue um passo pernicioso que a entidade deve evitar!

SEPARAÇÃO E EXCEPÇÕES

Com o campeonato do Interior, a Federação Paulista conseguiu uma concessão das leis do esporte oficializado, que não permitem atividades, em comum, de ambas as categorias. Aliás, o fato das preliminares dos nossos principais espetáculos serem de quadros de amadores, diz que aquela pratica não é tão rigorosa e muito menos pode ser observada ao pé da letra num esporte onde existe o profissionalismo. Assim, por exemplo, pode-se evitar que na natação um nadador ou uma turma compitam num torneio profissional, mas já o mesmo não pode suceder no futebol, onde, num proprio campeonato mundial, dirigido pelos regulamentos internacionais, a participação das duas categorias é livre, o mesmo que succede no campeonato brasileiro, onde, ao lado dos XI profissionais paulista e carioca, aparecem as seleções amadoras do Piauí, do Amazonas, etc.. Não existem leis sem exceções para impedir atividades em comum. Esportes amadores existem — já não digamos o futebol — cujo contáto com os profissionais se torna inevitavel ainda que excepcionalmente. Ora, acerca da doutrina amadorista, nas proprias Olimpíadas não existe, na participação, uma unica formula de definição de amadorismo. Cada ramo de esporte — na sua respectiva entidade — tem um criterio todo particular em definir o amator, algo contrastado — pelo menos na redação — entre si, e todos contrastados com a definição das regras olimpicas, si bem que todas exigem o amadorismo do concorrente. Mas é fato que os dirigentes olimpicos deixam a criterio de cada entidade a definição do amadorismo. Por isso mesmo, nas proprias Olimpíadas não existe uma unica forma de definição do amator. A do futebol, por exemplo, não vai com as outras...

Não é praticavel, igualmente, uma unica e rigida lei de separação das duas categorias, mesmo porque essa lei, muitas vezes, por força das circunstancias, não vinga, como está succedendo no campeonato do Interior. Pode-se, da mesma maneira, nos esportes onde existem as duas categorias — fixar o maximo da participação de jogadores amadores, que não é o mesmo de impedir, de uma vês, a atividade de amadores ao lado de profissionais. Enfim, nesse particular, as leis deveriam admitir as exceções, como seria aconselhavel na cobrança de ingressos para as competições de amadores. O mesmo criterio deveriamos seguir para as atividades em comum dos amadores e profissionais. Impedir qualquer promiscuidade, sim, mas reconhecer as exceções, a criterio dos organs maximos, como no caso do atual campeonato brasileiro, etc..

No tenis, ciclismo ou na esgrima, outro exemplo, esse contáto seria absurdo impedi-lo, si amanhã recebermos a visita de campeões ou turmas profissionais estrangeiras. Muito diferente, porém, seria o caso de um clube de cestobol, natação, tenis — esportes somente amadores entre nós — pretender incluir, em suas turmas, um elemento profissional. Para um caso desse, de nenhuma maneira poderá existir a exceção. São, pois, criterios e exceções que, quando bem observados, longe de afetarem o rigor das leis e desvirtuar a pratica do amadorismo, ou provocar má influencia do profissionalismo, trazem uma melhor ordem e definição, contribuindo para o progresso do esporte.

O NOVO REGIMEN E OS CLUBES DO INTERIOR

No interior do nosso Estado, em relação á separação profissional-amador, impõe-se sem duvida a divisão das duas categorias; é preciso porém que sejam estudados cuidadosamente certos detalhes. Sim, porque, caso contrario, poderia dar margem a muitos problemas delicados.

É sabido que os clubes — especialmente os principais do nosso «hinterland», são estimulados, em suas atividades esportivas, com os jogos que promovem com os clubes profissionais da Capital.

Não devemos esquecer que os proprios regulamentos internacionais não proibem jogos interclubes amadores com profissionais, uma vês que esse seja o criterio de suas entidades dirigentes. Para o nosso caso, ou seja, para a nova orientação, não é admitido esse criterio. Mas, uma vês que, pelo exposto, surgirão inconvenientes maiores, porque não se procura uma formula adequada? Sim; os clubes do Interior seriam classificados, permanecendo na categoria amadora, em duas classes: **A** e **B**. Na primeira, somente seriam designados os chamados «grandes clubes» das diversas cidades. Escolha rigorosa e reduzida. Clubes que contassem com quadros de valor tecnico primario. De modo que, a estes, uma vez que permanecessem na categoria amadora, ser-lhes-ia facilitado jogar com os quadros profissionais da Capital, a titulo precario.

No Interior, bem o sabemos, existem varios clubes que já adotaram o profissionalismo ou estão em boas condições de adota-lo. Mas, entre esse pequeno numero e os que precipitarão a profissionalisação de seus quadros, somente com o intuito de poderem atuar contra os grandes de S. Paulo, ha uma grande diferença. E é um mal, um grande mal a profissionalisação em massa. Veremos, então, pequenos clubes que mal podem sustentar as despesas do proprio amadorismo se arvorarem em clubes profissionais, com pessimas consequencias... Não existe uma só cidade do Interior, sujeita á influencia do futebol, que não mantenha contáto com o futebol espectacular da Capital. São confrontos necessarios. Sem eles, o «esporte-rei» em tais cidades entraria em fases de sonolencia...

Ora, está visto que, com a regulamentação, esses clubes — uma vês que são amadores — não mais poderão manter contáto com os quadros de profissionais. Dai, viriam grandes dores de cabeça...

Já encontraram facilmente o caminho — esse é o mal... — para não perder tais atividades. Que farão? Muito simples: passarão definitivamente para a classe de profissionais e assim poderão jogar contra os clubes da Capital.

Não é esse um grande mal? Poderão esses clubes — salvo um ou outro — sustentar-se numa situação completamente hostil para eles? Não constitue um mau caminho precipitar o profissionalismo, sem mais nem menos, no Interior?

A regulamentação, a separação devem sempre fazer com que os profissionais sejam em numero menor possivel e não em quantidade ilimitada... Uma das finalidades da separação é fixar a qualidade a cargo do profissionalismo e deixar a quantidade para o amadorismo. Como permitir,

pois, a precipitação, no profissionalismo, de tantos clubes que não estão em condições de cultivá-lo seriamente? Não é um mal que iremos provocar?

Tudo isso os gremios do Interior estão dispostos a fazer, somente com o intuito de poder jogar com os quadros remunerados da Capital. A adoção do profissionalismo, por sua parte, será então um mero expediente. Não seria melhor encontrarmos uma solução para esse problema? A separação deve ser feita o mais rigorosamente possível; observando restritamente essa medida, não poderemos dar origem a outros males para o futebol local. Mas, devem existir exceções.

Por isso, achamos que antes de se precipitar essa adesão em massa, uramente convencional dos clubes do Interior ao profissionalismo, merecia de quem de direito, ser apreciada a situação do futebol do nosso «hinterland», em face da separação.

Os jogos com os clubes da Capital seriam permitidos uma vês respeitadas certas formalidades, para não haver abusos.

A criação das categorias **A** e **B** resolveria em boa parte o problema.

DESVIRTUAMENTO QUE COLOCOU O PROFISSIONALISMO À MARGEM DO ESPORTE

À parte do turfe, ha um esporte que se profissionalisou entre nós explorando sua popularidade inicial: a pelota. Entrando em moda, chamando a si uma legião de moços praticantes e muitos afeiçoados, a pelota basca teve aqui vida faustosa, entre os derradeiros anos do seculo passado e os primeiros do atual, como esporte amador. Surgiram os frontões, e em pleno apogeu, degenerou, pois do profissionalismo acabou se transformando em jogo de «poules» e os frontões em antros de jogatina. Foi esse um grande exemplo de como é perigosa a profissionalisação á margem da finalidade esportiva, visando somente lucros.

*

* *

Esse perigo jamais pode existir para o futebol, enquanto os espetaculos profissionais forem organizados e dirigidos por clubes amadores e suas respectivas entidades, sob as leis e os regulamentos internacionais. Apesar de muito criticado, por leigos e opiniões que somente revelam ogerisa pelo cunho espetacular do «association», jamais o futebol deu algum passo degenerador. Mas, é preciso muita vigilancia para não ser explorado e desvirtuado. Já foi levada a efeito uma seria tentativa para introduzir o «jogo do bicho» no popular esporte, ou seja, a aposta mascarada de inofensivo «palpite».

As regras internacionais, aliás, taxam de ilicitas as apostas, instruindo os diretores assim:

— «Impeça qualquer forma de apostas em futebol. Torne claro aos outros diretores e aos jogadores que si ficar provado terem eles participado de apostas, por meio de coupons, nos resultados de jogos de futebol, serão eliminados».

Instituído que foi o sistema de apostas, entre nós, foi dado o alarme contra tão grave perigo, mas nada fizeram os dirigentes dos clubes e das entidades em defesa da moral e das leis do futebol. Coube á policia intervir para acabar com o abuso fazendo entrar em ação a lei de repressão ao jogo de azar. Então, o futebol espetacular se livrou desse grave perigo que é o «palpite» mascarado em aposta, explorando o resultado de uma partida, a atuação dos jogadores e a do juiz...

Devemos evitar sempre que ao futebol profissional aconteça o que aconteceu á pelota e que os seus jogadores, na sua remuneração, se prestem ao papel dos lutadores de catch-as-catch-can nos teatros e music-halls...

OS PERIGOS DO ESPORTE ESPETACULAR QUANDO DEGENEREA...

Aquilo que nós chamamos degeneração espetacular, no esporte profissional, é a volupia de se atingir, com fins lucrativos, a posição de heroi, indo mesmo ao encontro de perigos mortais. Esse é, infelizmente, um dos mais desagradaveis aspectos do progresso espetacular do esporte norte-americano, cheio de accidentes fatais, de sacrificios inuteis de vida pela ambição de satisfazer interesses de empresarios e de ganhar dinheiro, atraindo as massas tambem dominadas pela volupia do sensacionalismo. Heroismos e sacrificios de vida, o esporte só compreende aqueles do esportista que se bate pela sua patria no campo de batalha. Que belos exemplos não tivemos nas guerras, onde a mocidade esportiva dos paizes em luta foi a mais valorosa, esteve sempre na primeira linha, expondo-se ao maior perigo.

Somente pela patria o esportista deve se expor aos maiores sacrificios. Porque, pois, desafiar a morte, com objetivos de ser admirado como heroi e obter lucros, explorando a volupia, o sensacionalismo do publico que paga entrada para presenciar espetaculos de esportes? Onde a etica, o espirito esportivo? Não mantêm os norte-americanos o esporte em um terreno espetacular desagradavel? Certo que sim. Eis porque nos Estados Unidos já não se contenta a massa com simples combates de luta livre e greco-romana, dentro de seu verdadeiro regulamento; inventa-se toda brutalidade possivel, através do catch-as-catch-can, onde são admissiveis os golpes mais estúpidos que os espectadores gosam... histericamente!...

O rugby, que na Europa é um esporte isento de brutalidade, na America do Norte é tão deshumano que, em certos anos, provocou mais de 40 casos fatais! Por que essa violencia incrivelmente brutal a separar o rugby americano do europeu? E o hockey, no rink, porque é tão viril quando o mesmo praticado na Europa nada disso oferece? Tudo isso tem seus segredos nas exigencias espetaculares dos que desfrutam o esporte não através de um profissionalismo esportivo etico e sim exclusivamente lucrativo.

Mas, o maior contraste é encontrado no automobilismo. Essa especialidade esportiva, já se sabe, é perigosissima; de fato, o volante em plena corrida se arrisca muito. Mas, nos Estados Unidos, uma corrida de

automobilismo chega ao absurdo de oferecer acidentes... desejados, muitos dos quais mortais... com que o publico se deleita...

Porque na Europa e na America do Sul as corridas de automoveis, não são arriscadas, como nos Estados Unidos, e até atingindo maior velocidade, não proporcionam acidentes? Parece mentira, mas uma grande prova dos norte-americanos provoca mais feridos e mortos entre os volantes do que em um ano inteiro de corridas na Alemanha! Não são poucos os espectadores que procuram as corridas de autos simplesmente para gosar os espetaculosos desastres! Tudo isso é degeneração, volupia de heroismo com fins lucrativos. como por exemplo o caso daquele William James, que em sua motocicleta empolga o publico correndo 60 milhas por hora, para se ir chocar propositalmente contra uma vitrina! O cinema está farto de, em seus «jornais» demonstrar que o super excesso de exhibicionismo, nos Estados Unidos, tornou o esporte espetacular algo de pavoroso... porque o publico, tambem super-excitado, paga para se deleitar com tais herois...

Voltaremos inevitavelmente aos espetaculos dos circos romanos? Eis onde quer chegar a mentalidade do espectador do super civilizado povo norte-americano. Na Roma pagã, foi tambem assim. O gladiador vencia o combate com a morte, para ser heroi. Nos grandes espetaculos esportivos norte-americanos dos nossos dias, o automobilista, o rugbista, etc., quer ser heroi, arriscando sua propria vida, para fins lucrativos. Nos Estados Unidos, pois, o esportista daquela modalidade se mata para ser idolo!... Nesse andar, qualquer dia exigirão «céstos» para serem usados pelos lutadores de catch, «luvas» que usavam os campeões de «pugilato» para os combates crueis das Olimpíadas...

O esporte não pode reconhecer esses heroismos... degenerados, para fins mercantes, em seu nome. Eis o que se deve evitar. O heroismo inutil não cabe dentro da nobre finalidade do esporte. Desenvolvendo esse tema, com grande felicidade, um veterano jornalista deu-nos, em artigo publicado ha tempos na imprensa local, esses bonitos conceitos:

— «A coragem é nobre, ainda mesmo si impelida até a temeridade, mas quando é igualmente ao desprezo absoluto do perigo.

O explorador, o cientista, visam um fim humanitario nas suas perigosas ascensões civis; eis porque todos os meios, e até mesmo a morte, são justificados e coroados pela admiração universal. Tambem o acrobata que, um pouco por instinto e por exuberancia de força, um pouco pela necessidade de viver, si não é apreciado em todo o seu valor pelos demais, tem, pelo menos, o direito de ser considerado com olhos benevolos.

Os heroismos devem ser uteis, ou pelo menos, justificados. Tem-se o dever de dar a vida pela patria, ou para salvar a vida de um semelhante. Mas aquele que se arrisca a quebrar as costelas a todo instante, por amor de novidade, por excesso de mania esportiva, não tem, a meu ver, direito algum ao elogio, e muito menos pretensão de ser considerado um heroi».

É necessário — repetimos — alimentar a paixão esportiva do povo «yankee» com esses sensacionalismo morbido? Não. Enquanto acontece isso em alguns esportes, já o mesmo não se dá, por exemplo, no golf e baseball. Trata-se de duas modalidades com a mesma atração, com a mesma força e caráter espetacular do rugby, automobilismo e catch. O publico é o mesmo, em numero, nos espetaculos de baseball e golf, sem exigir dos seus «azes» qualquer risco de vida. Dirão que praticar gol não é jogar catch. De acordo; mas já o mesmo não se pode dizer do rugby americano e europeu, um de excessiva brutalidade e outro não, quando é sabido que se trata de um esporte que tem suas regras internacionais; portanto, porque, nos Estados Unidos, não é humano como o é no Velho Mundo?

As regras! Eis o que deve ser respeitado religiosamente para se evitar a degeneração.

Porque os jogadores de hockey, nos Estados Unidos, provocam conflitos, partindo-se os «stips» na cabeça e nas costas? É esse o espirito esportiva do povo «yankee». São as necessidades do sensacionalismo que fazem acontecer essas cenas no hockey. O box, por exemplo, sendo um «esporte violento», não foi devirtuado nos Estados Unidos. Porque? Porque, apesar de todas as tentativas, os norte-americanos não conseguiram, com fins sensacionalistas, modificar-lhes as regras basicas.

Eis porque não tendo sido «inventado» nada de novo para se tomar a «nobre arte» um esporte brutal, com golpes selvagens, graças á firmeza dos seus regulamentos, resultou que o box americano não tivesse se afastado da «humanidade» do europeu e sul-americano, ao contrario do que aconteceu com outros esportes.

Teria sido essa uma das razões do chamado declinio espetacular do pugilismo nos Estados Unidos, nestes ultimos 10 anos? É possivel. Mas, que teria sucedido então si o modo de combater no box tivesse sido adulterado, para se satisfazer os appetites sensacionalistas do publico? Sem duvida, voltariamos ao cruel pugilato das Olimpíadas de antanho... O esporte-espetacular deve ser contido nesse sentido somente, afim de não degenerar, dando a pratica dos jogos uma feição deshumana. Nem sacrificios inuteis, nem herois mercantes devem surgir dos esportes espetaculares, porque o publico, sempre cada vez mais obsecados pelo sensacionalismo, morbido, acabará exigindo a volta dos combates do Circos Maximos...

*
* *
*

A continuar assim, que sucederá com o esporte norte-americano? O Circo Romano deu-nos muitos exemplos... E o professor A. Wood descreve-nos assim a degeneração esportiva daqueles tempos:

— «O Circo foi uma forma de desvirtuar completamente o espirito dos Jogos Olimpicos. A competição leal e o alto valor da personalidade humana se perderam, mergulhando numa falta absoluta

de espiritualidade desse povo, em quem os conceitos mais nobres se haviam hipertrofiado, como haviam perdido a elasticidade e se haviam hipertrofiado os músculos de seus gladiadores, verdadeiros profissionais do esporte. Quando a arena e o circo encheram até a borda a taça da intolerância humana, quando essas instituições que os consules tentaram popularisar para recreação do povo degeneraram e se converteram em teatro de espetáculos degradantes para a personalidade humana, quando nas Termas a promiscuidade trouxe consigo a corrupção dos costumes da cidade, o grande Império foi sendo carcomido em seus fundamentos e a queda foi mais tremenda, pois a altura de onde se desmoronou o edifício foi maior. Faltou em Roma uma sólida base espiritual para permeiar a vida cidadina e assim foi que a moral não pôde sustentar-se só. Uma grande lição nos ensina a historia, e analisando desapaixonadamente nossos dias, vemos que, infelizmente de nada nos serviu e talvez de nada nos sirva».

Sim, a teatralidade e a brutalidade andam de mãos dadas no esporte-espetacular norte-americano, organizado e dirigido por empresarios e não por dirigentes idealistas, por organizadores idoneos, por clubes. O perigo é latente. Si em nossos dias condenamos o proprio combate deshumano entre animais (touradas, rinhas de galo), como poderemos dar caminho livre ás brutalidades esportivas entre os homens? O pugilato e o pancrácio foram manchas negras das Olimpíadas dos gregos, para não dizer que somente os romanos inventaram jogos e lutas cruéis...

Positivamente, não é essa a educação esportiva do povo norte-americano, mas existe o desvirtuamento do verdadeiro espirito esportivo, porque se atrai o espectador para se lhe oferecer emoções que já não satisfazem com um simples ponto do rugbista ou hockista; com um simples nocaute do lutador; com o duelo entre volantes pela posse da dianteira; deseja-se o acidente espetacular, o golpe brutal, o tombo fatal...

Onde iremos parar?

CONTRA O EXIBICIONISMO EXAGERADO

Nos esportes universitarios, colegiais e escolares, deve-se combater com mais rigor a indisciplina e o exhibicionismo, dois grandes males. Este é contra a etica do bom amadorismo e aquele arruina as virtudes esportivas. Não gostamos quando certas competições da mocidade estudiosa são anunciadas com uma publicidade toda espetacular, como a querer atrair publico de futebol com entrada paga... Existem, por exemplo, manifestações classicas estrangeiras dessa categoria que, através dos anos, se tornaram acontecimentos de grande vulto, interessando a massa dos afeiçoados, o publico em geral. Essa popularidade extra, no entanto, foi adquirida — como é o caso da regata Oxford-Cdmbridge — com o decorrer dos tempos. Quer dizer, foi a prova que chamou o grande publico a si, quando atingiu projeção e prestigio dentro do ambiente em que nasceu e não se quiz, primeiro, atrair as atenções gerais para, depois, crear-

se popularidade e prestigio em torno de sua disputa. Não devemos — bem entendido — nunca tomar por exemplo o esporte universitario norte-americano. Não pode servir de modelo, sob multiplos aspectos, um dos quais é aquele de ser um dos principais animadores do esporte espetacular do paiz. Na America do Norte — no popularissimo rugby, por exemplo — os quadros das universidades se equivalem aos quadros do nosso certamen profissional, dos Palestra, São Paulo, Corinthians, etc.. São raros os clubes nos moldes dos nossos, porquanto o esporte lá é praticado quasi que exclusivamente por estudantes. O publico divide seu partidatismo pelas cores das universidades. São os seus quadros que animam os campeonatos superiores, atraindo a massa do publico pagante, sob aquela organização espetacular — publicitaria que ninguem desconhece.

Nenhum exemplo se pode aproveitar dessa parte do esporte universitario «yankee», em grande parte profissionalizado... Deve-se, ao invés, com o esporte amador da rapaziada estudiosa, não sair de uma propaganda toda dirigida no sentido de animar, incentivar suas atividades, sem exageros, como que para atrair a atenção do grande publico para gostos espectaculares. Si temos alguma competição da classe capaz de ganhar expressão e interessar aos afeiçoados em geral, devemos deixa-la seguir sua evolução natural, aumentar, a cada disputa, seu prestigio, até adquirir grande popularidade, e não forçar, crear, uma publicidade fora de seu proprio ambiente, como para engrandece-la com o interesse da massa esportiva. É a competição que, com o decorrer dos tempos, deve atrair as atenções gerais e não exageradamente se deve procurar crear, antecipadamente, um interesse geral que não está ainda ao seu alcance.

Uma «Oxford-Cambridge» não se faz em um dia... O esporte universitario deu muitos passos á frente, entre nós, especialmente em S. Paulo, nestes ultimos tempos, em todos os terrenos; porém, não devemos, quando das suas manifestações, forçar mais do que o natural a sua publicidade, fora do proprio ambiente, porque isso pode resultar um mal, além de ferir a etica do amadorismo, base-mestra do esporte da mocidade estudiosa.

Quanto á disciplina, não vemos razão por que não deve ser cultivada como nos estudos, uma vez que o esporte universitario possui altas diretrizes a coloca-lo na vanguarda do movimento renovador esportivo do paiz!

O TENIS PROFISSIONAL YANKEE

Numa interessante entrevista concedida, ha tempos, por Alcides Procopio assim abordou ele o tema do profissionalismo tenistico nos Estados Unidos:

— «Existe na America do Norte o profissionalismo tambem no tenis. O jogador é contratado por uma companhia para fazer determinado numero de exhibições, em qualquer parte dos Estados Unidos que dita companhia achar conveniente e que exista publico para o tenis, sem o qual não haveria as pretendidas rendas. A companhia de Tilden, por exemplo, que mais explora o profissionalismo, que paga ao jogador luvas e ordenados para uma temporada,

duas ou mais, afim de representa-lo o obter para ele rendas e glórias.

Agora, é preciso falar sobre o profissionalismo do tenis no Brasil. Infelizmente, não temos até agora publico para introduzir o tenis profissional; dai a razão porque não é possível a quem quer que seja viver a custa do tenis, com exhibições, como se fez na America do Norte. Por enquanto, o profissional de tenis no Brasil é tão somente aquele que ensina, iniciando os adeptos e aperfeiçoando os elementos de categoria. Concluem-se, pois, que si eu passasse ao profissionalismo, o que não fiz e não pretendo fazer — é preciso que fique claro isso — viria a ser um mestre de tenis, tal como na esgrima. Não poderia eu, dessa forma, atrapalhar a marcha do tenis brasileiro, como alguém já pretendeu afirmar, ao saber que se dizia que Alcides Procopio passaria ao profissionalismo. Não posso afirmar categoricamente que nunca chegarei a ser um profissional, dentro do que o tenis nacional comporta, pois não sei o que me está reservado para o futuro.

Com o correr dos anos, naturalmente, não poderei atuar como tenho atuado, e assim acontecendo, caso venha eu a necessitar tirar algum proveito do tenis, então, logicamente, passarei a ensinar, dando a todos meus conhecimentos e a experiencia que consegui através de não poucos sacrificios.

Creio que si acontecer, o que não espero, o esporte da raquete não perderia absolutamente nada, prosseguindo na marcha de amadorismo, que vem trilhando, sem que revolução alguma em seu seio se operasse, contrariamente ao que certos maldizentes têm duração, pois que como já foi frizado mais atrás, nos casos em que o pulso procurado propalar».

PUBLICIDADE AMADORA ESPALHAFATOSA

Precisamos nos convencer, de uma vês para sempre, de que o amadorismo ou deve ser integral ou nada...

Tudo quanto se possa fazer em sua defesa, entre nós, é pouco, muito pouco, dado que se perdeu a noção do que seja realmente o diletantismo, depois de tantos anos do seu desvirtuamento basico. Repetimos: onde existe o profissionalismo, muito mais favorecido e cultivado deve ser o amadorismo, fechando-se o mais possível as valvulas do falso amadorismo. Essa perfeição é ainda mais atingivel onde o esporte está oficializado, pois é certo que a doutrina do «esporte, função do Estado» somente exige duas categorias: amadora e profissional. A doutrina do esporte oficializado manda que o dinheiro do esporte seja empregado para o esporte, quer dizer — no nosso caso — o dinheiro que o futebol profissional canalisa para os esportes amadores, por intermedio dos clubes e das entidades, deve servir para que se atinja a perfeição do amadorismo puro, ao lado do profissionalismo. Ademais, o esporte oficializado quer dizer esporte subvencionado, amparado pelos poderes publicos, e isso é motivo para

cair por terra a teoria de que as competições amadoras precisam cobrar ingresso para... viver.

Tudo quanto possa desvirtuar os bons princípios é um mal que deve ser combatido. A publicidade, por exemplo, é outro aspecto que merece ser cuidadosamente examinado. Para o amadorismo ha propaganda visando sua difusão e ha propaganda visando atrair publico pagante. Existe, pois, muita distinção entre essas duas formas de propaganda: uma totalmente atendendo a finalidade do esporte amador, outra corrompendo-a... E é desta ultima que os «cultores» do amadorismo gostam... Ha tempos, por exemplo, lemos num relatorio do Fluminense do Rio algo a esse respeito. Queixava-se a presidencia do tricolor carioca contra a demasiada publicidade para os esportes profissionais e a pouca propaganda para os esportes amadores. Queria, provavelmente, que essa publicidade fosse bastante intensa, espalhafatosa, para os espetaculos que se costumam fazer com as competições amadoras...

A boa propaganda do amadorismo deve ter somente em mira a propagação, a difusão e não a publicidade espetacular, para atrair publico pagante. Aliás, não devemos esquecer que os verdadeiros principios amadores são contra qualquer exagerada publicidade e espalhafato, porque isso leva a um exibicionismo desvirtuador. Ainda ha pouco, esteve em foco, no C.N.D., um dispositivo mandando que as estações radiofonicas irradiem tambem as competições amadoras. Não sabemos qual a classe de interesse que se deseja cultivar para o amadorismo. Não pretenderão alcançar objetivos espetaculares? Ao invés, quando fica a criterio das estações de radio transmitir competições e jogos amadores, uma vez que acham ser de repercussão publica, nunca a população esportiva é privada dessas transmissões, como por exemplo succedeu no campeonato sul-americano de atletismo, nos maiores jogos de bola ao cesto, no certamen nacional de natação, na «Travessia de São Paulo a Nado», na «S. Silvestre», etc.. São provas de intenso interesse publico, não poucas internacionais, assim como nem todas visam o espetaculo, a entrada paga. A propaganda para o esporte amador somente deve visar a difusão, o incentivo e não o cartaz espetacular, o escandalo e o exibicionismo desvirtuador. Aliás para o proprio esporte profissional existe, como nos Estados Unidos, uma publicidade toda comercial, que perde o sentido esportivo, para nós, bem entendido, pois lá essa publicidade está de acordo com a mentalidade esportiva yankee...

NADA DE ESPETACULAR E EXIBICIONISTA NOS JOGOS FEMININOS

Para os esportes femininos, não somente devemos evitar qualquer profissionalização, como devemos impedir exibicionismos perigosos e inconvenientes. Nada mais sinão reproduzirmos, a respeito, os seguintes conceitos de Pierre de Coubertin:

— «O problema dos esportes femininos complica-se com a paixão e expressões exageradas que nele põe a campanha feminista.

Os dirigentes desta campanha pretendem simplesmente a anexação de tudo que até agora era do domínio proprio do homem; daí a tendencia da mulher querer mostrar-se capaz de igualar o homem em todas as atividades. É assim que no esporte as mulheres apelam para a força nervosa, afim de atingir os resultados obtidos pela força muscular dos seus rivais masculinos. Quais serão os inconvenientes ou perigos de um tal estado de cousas no dia em que afinal se generalisar? E a sua difusão se processa, agora, com grande rapidez. Direi, com franqueza, todo o meu pensamento: nada de serio nem de duravel se deve reccar, desde que seja obsrvada a regra unica que domina toda a questão: nada de espectadores. O espectador sportivo tem sempre necessidade de ser moralmente vigiado. É preciso saber o que ele procura e por que vai ao campo de esportes. Mas, enquanto para os concursos masculinos a grande maioria comparece interessada de fato pela pratica sportiva, de modo que algumas ovelhas gafadas, perdidas na massa, podem ser despresadas, o caso é bem diferente para os concursos femininos.

Si os esportes femininos foram cuidadosamente expurgados do elemento espetaculo, não ha razão alguma para condena-los. Ver-se-á, então, o que deles resulta. Talvez as mulheres compreenderão logo que esta tentativa não é proveitosa nem para o seu encanto nem mesmo para a sua saude.

De outro lado, entretanto, não deixa de ser interessante que a mulher possa tomar parte, em proporção bem grande, nos prazeres sportivos do seu marido e que a mãe possa dirigir inteligen-temente a educação fisica dos seus filhos.

Não se poderia esperar da intervenção de uma e de outra consequencias mais gerais, como por exemplo uma especie de estabilisação da moda que é necessaria para que os esportes se alimentem, mas cujos proprios excessos sempre provocam o risco de uma reação?»

SER DIRIGENTE, MAS ESPORTISTA ACIMA DE TUDO

Quando ingressamos na crônica esportiva estávamos ainda sentindo por todo o nosso ser o calor que nos dominava como «fan» igual aos milhares que existem por esses Brasís afora e que formam o conjunto sólido, indestrutível mesmo, de todo o poderio esportivo do País. Pensávamos, como não podia deixar de ser, em todos os problemas esportivos, fazendo a análise como o «fan» faz, isto é, perdido na multidão de pessoas sem uma base para firmar melhor o ponto de vista, sem a necessária isenção de ânimo. Desde, porém, que transpusemos o umbral desta grande casa que é o jornalismo, apoderou-se de nós um desejo incomensurável de fugir à rotina até então trilhada dentro de um entusiasmo juvenil e, mergulhar no terreno da observação, transformando-nos como por um golpe mágico das Fadas dos contos infantís, em um crítico bastante severo. É que, jogando de lado todos os naturais entusiasmos que poderiam nos afetar, ficamos completamente a vontade. E então, um por um, os ídolos que havíamos colocado no altar de nossa imaginação foram sendo despedaçados para que a nossa curiosidade ficasse satisfeita, analisando, a olho nú, qual a matéria que os formara. A decepção que tivemos não nos sacudiu. Isto porque, repetindo o que já afirmamos, havíamos mudado muito. E essa mudança operara-se quasi que instantaneamente. Sentimos que dentro destas «muralhas de Gutenberg» tínhamos que ser um indivíduo completamente afastado do mundo em que havíamos habitado até então.. Essa a razão de não nos sentirmos chocados com o que vimos dentro dos resultados analíticos. Manda a verdade que se diga, porém, que se nosso escopo era trabalhar em favor dos esportes, não olhando côres ou partidos, isto no primeiro dia em que chegamos às portas do Jornal, ele aumentou gradativamente à medida que os anos iam chegando. E hoje tudo analisamos, quasi tudo criticamos. Nada escapa à nossa pena irreverente que vai escrevendo, escrevendo, sem olhar os pontos atingidos porque acima de tudo coloca um objetivo: A maior grandeza do esporte brasileiro, da raça brasileira!

O PROFISSIONALISMO

Poderíamos percorrer os arquivos e alí, através dos escritos notáveis de jornalistas especializados, encontraríamos material mais do que suficiente para ficarmos perfeitamente a par dos acontecimentos que foram «pivots» de contendas esportivas das mais famosas nas épocas passadas.

Preferimos, porém, ficar somente dentro de uma época que começou quando também começávamos e deverá continuar sem jamais sofrer solução de continuidade.

Vemos aí uma marcha onde os defeitos podem ser apontados a dedo pelos que se colocam em um posto de observação fugindo ao contato com a massa anônima, contato esse que se traz em alguns momentos entusiasmo dos maiores, permite, entretanto, o advento de um espírito viciado, um espírito que ao invés de contribuir com uma parcela bastante valiosa para o progresso dos esportes, é uma das razões do seu aniquilamento.

Estamos aqui nos referindo ao profissionalismo no futebol!

VANTAGENS E DESVANTAGENS

Se vantagens para o futebol o profissionalismo trouxe elas foram apenas relativas.

Em seguida à sua implantação viu-se grande número de elementos que viviam sob a cobertura de um amadorismo viciado transportarem-se, abertamente, para o terreno de uma profissão que é tão honesta como as mais honestas que conhecemos.

Mas o profissionalismo chegou dentro do nosso País em um momento em que os espíritos não estavam preparados para recebê-lo. Tudo fez-se de roldão, tudo tocado por aquele primeiro entusiasmo que precede à realização das grandes aventuras quando o bom senso é afogado nos gritos de hossanas que partem de todos os lados.

Quando se quiz dar uma olhada para o que havia sido construído, assim de afogadilho, a decepção fez corar os mais puros, os que estavam possuídos de um entusiasmo verdadeiramente idealista. Não fez corar, porém, os que haviam colaborado para o lançamento do profissionalismo vendo em tal cousa um meio para dar evasão aos seus sentimentos de vaidades pessoais que estavam recalcados, jogando para bem longe todo o entusiasmo que falsamente os dominava e que os tornava à vista dos que despreocupadamente marchavam ao seu lado, autênticos ídolos.

Portanto, os ídolos de barro não fomos encontra-los somente nos esportistas militantes, nos que diziam que faziam questão de jogar por amor ao clube, mas fomos encontra-los também nos dirigentes. E a percentagem destes foi muito maior.

Com pesar é que começamos a olhar que não foi impensadamente que se tinha lançado assim abruptamente em nosso País o profissionalismo. Ele brotara sem estudo algum, por que com o sensacionalismo de que se revestira a realização certo que tornaria os seus lançadores heróis populares. Heróis de fãncaria mas...

Sim, porque não existe a não-ser com rara exceção clube que não pague, que não ofereça recompensa das maiores aos seus esportistas militantes, esses mesmos que se dizem amadores.

No tennis, conhecemos e registamos acontecimentos dos mais típicos. Famosos campeões que nada têm, — nada — além das grandes qualidades

de jogador emérito, dão-se ao luxo de viajar até para o estrangeiro sem a ajuda de qualquer entidade superior, conquistando vitórias, é verdade, mas também muito bom dinheiro. Os maiores certames internacionais que já presenciámos apresentaram os chamados amadores percebendo dinheiro em quantidade.

Depois, o que é pior, é que eles se tornam tão intratáveis, dizendo mesmo, abertamente muita cousa dos profissionais de futebol quando eles são indesejáveis, pois sob o manto da hipocrisia escondem todos os seus vícios.

Dentro dos juvenis de futebol, conforme acentuámos, os casos são típicos. Sabemos de um grande clube que a cada jogo vencido pelo conjunto juvenil dava para cada elemento a quantia de quinze mil réis.

No polo aquático sabemos de conhecido campeão que recebe para mais de duas centenas de mil réis para participar em competições de um esporte do qual ele é afeiçoado.

Do cestebol não convém falar.

No atletismo fazem-se as permutas por empregos e arrastam-se elementos de um para outro clube não pela simples simpatia, mas, sim, pela conveniência material.

Assim, um por um dos setores esportivos apresentam defeitos dos maiores. A crônica esportiva escrita e falada sabe de tudo isso. Sabe que tudo existe. Mas como provar?

O mais fácil, portanto, o único caminho que deve ser seguido é olhar para o dirigente e procurar ver se ali está o esportista de verdade ou o esportista por conveniência. Um que procura trabalhar para a maior grandeza de um Brasil futuro. Outro que só se presta para fomentar vícios e procurar depois no rádio ou no jornal, — esses modernos assepradores da vaidade humana, noticiários a seu respeito.

O ESPORTE UM MEIO; O DINHEIRO UM FIM!

As manobras políticas com toda a sordidez que as caracterizam não vão ocupar nenhuma parte da observação que colhemos, pois elas sempre existiram. Ainda ha pouco tempo, cuidando de alguns acontecimentos que toldaram o ambiente esportivo e social de nosso País, houve quem atacasse rigidamente o profissionalismo atribuindo-lhe muito mais defeitos do que em verdade possuia.

De fato, quando se foi verificar nos arquivos se tudo quanto acontecera constituia novidade, chegou-se à dolorosa realidade de que, se em tempos houve quem trepasse a um mastro para salvar o pavilhão nacional de um incêndio, houve também, na mesma época, quem proporcionasse os mesmos deslises cometidos pelos profissionais de agora.

A politicagem é principalmente o ponto que se quer colocar para diferenciar amadorismo de profissionalismo. No entanto discordamos, pois ela sempre existiu. O que o profissionalismo trouxe, isto sim, foi uma oportunidade mais acentuada para surgirem os falsos esportistas. E estes, ineptos como eram, certo que teriam de provocar falhas todas elas

merecedores de críticas. Sim, porque se em verdade já haviam existido tinham sido provocadas por um espírito de esportividade transportado ao máximo de um idealismo que se podia colocar bem perto das raias de um inocente absurdo...

As vitórias passaram a ser disputadas, dentro do profissionalismo, a pêso de ouro.

Se antigamente os mais famosos jogadores ganhavam dinheiro em pouca quantidade e muitos valores em espécie, dentro do profissionalismo eles passaram direta e abertamente a perceber ordenados dos mais vistosos gosando de situações das mais privilegiadas.

Mas o público não estava acostumado com tais cousas. Começou a enfasiar-se, logo começou a fazer comparações, logo começou a desvalorizar o profisionalismo, determinando consequentemente um abaixamento do entusiasmo.

Passados que foram os primeiros anos, todos sentiram o pêso da derrocada, todos viram que não se conquistava assim, tão facilmente, o entusiasmo do público.

É que ele começou a querer ver gastos. E um jogador não passou a valer tanto pelo seu labor técnico dentro do gramado. Ele passou a ter importância conforme o número de contos de réis que recebia para firmar um contrato, contrato esse moldado nos regulamentos das entidades superiores e que tudo apresentava em favor dos clubes e nada, — absolutamente nada, em favor dos jogadores.

Portanto, quando alguém houve que primeiro abriu os olhos dos profissionais, fazendo-lhes ver que eles é que eram os que davam, de verdade, importância ao clube e não os seus dirigentes, então é que surgiu o período mais degradante do futebol. As exigências descabíveis e a desmoralização quasi completa.

Eis o que tivemos só porque se passou a olhar muito o esporte como um meio e o dinheiro como fim!

E OS CULPADOS?

E agora perguntamos: Quem são os culpados? Os esportistas militantes?

Claro que não. Quando eles começaram a praticar o esporte assim faziam porque gostavam, porque sentiam nele umas tantas emoções que a simples luta pela vida não podia oferecer. E, com o entusiasmo juvenil foram se aperfeiçoando até que uns, mais felizardos, adquiriram um grau tal de perfeição, tornando-se exímios na modalidade abraçada.

Com toda certeza eles continuariam remando, nadando, praticando o atletismo, o ciclismo e assim por diante, tudo gratuitamente. Os garotos que aprenderam a jogar futebol nas suas reuniões onde a voz dominante era a do dono da bola, esses também continuariam praticando o esporte sem desejar remuneração ou prêmio material de espécie alguma, preferindo apenas as medalhas, essas mesmas medalhas que hoje em dia estão em franca decadência.

Surgiram, entretanto, os tais dirigentes. Não tinham eles dotes morais para se impor. Não sabiam conquistar a amizade, não sabiam administrar senão pela voz do dinheiro. E então, ao invés de se transformarem em amigos dos elementos que figuravam em seus clubes, iam tornando-os viciados, oferecendo-lhes hoje a simples condução em dia de jôgo, amanhã para os treinos e depois a remuneração passava a constar das fôlhas dos gastos mensais do clube.

Não sabemos como são feitos os lançamentos dos tesoureiros de certos clubes que se dizem amadoristas. No entanto, achamos que se o Conselho Nacional de Desportos fizesse uma investigação para a completa moralização do esporte e para o desmascaramento de uma certa dúzia de indivíduos que ha anos se vêm intitulado esportistas quando em verdade não passam de aproveitadores de situação, teríamos logo esses maus brasileiros em qualquer outro lugar, menos dentro dos esportes.

MAUS ESPORTISTAS, MAUS DIRIGENTES

Não atinamos ainda porque certos indivíduos fazem questão de aparecer dentro do cenário esportivo. Talvez a culpa cabe à própria imprensa que se encarrega de satisfazer suas tolas e pretenciosas vaidades, colocando-lhes o nome de um para outro lado. E eles arrotam qualidades que, infelizmente não têm.

O esporte, amador ou profissional não importa, tem uma finalidade muito alta e não pode ficar sob a dominação do dinheiro de certos magnatas que nababescamente se instalam em clubes exibindo muito dinheiro para comprar a simpatia dos seus associados. E com isso dizem que estão dirigindo!

Como não conseguem sucesso no posto de dirigentes, pois podem entender muito é de política ou do comércio, menos de esporte, então comercializam dentro do futebol como comercializam com suas mercadorias ou tramam grandes manobras políticas tentando entrar dentro de um terreno onde jamais poderão encontrar terra firme, embora haja muita, pois lhes faltam qualidades.

Contra esses indivíduos perniciosos é que sempre nos erguemos e conosco a maior parte da crônica esportiva escrita ou falada. São eles e não os pobres e analfabetos profissionais os causadores da desmoralização do futebol. São esses dirigentes maus esportistas, os causadores da desagregação geral, pois em todos os setores esportivos, e não apenas nas esferas do «soccer», a influência nefasta se faz sentir de maneira direta e assustadora.

Em verdade somos forçados neste ponto a desviar nossas atenções do futebol para o mundo esportivo em geral. No futebol o campo é mais vasto porque as realizações empolgam não somente algumas centenas de afeiçoados mas são milhares e milhares de pessoas que se deixam empolgar pelos acontecimentos levando as cousas, muitas e muitas vezes, para um terreno essencialmente perigoso. Nos outros esportes, porém, também se percebe o efeito que produzem essas diretrizes viciadas.

No futebol os profissionais remunerados com quantias que eles não podem, jamais, valorizar. E o dinheiro assim alcançado fomenta a ambição, fomenta vícios, fomenta desgraças.

Nós que já tivemos ensejo de viajar com delegações de clubes profissionais pudemos atestar claramente como o vício domina amplamente a maior parte dos futebolistas, os quais não sabem se controlar, tal o delírio que deles se apodera diante do dinheiro que surge constantemente ou com prêmios de vitórias, como também para representar a bondade de algum diretor...

Isto é o futebol profissional!

Mas o mal é do esporte por causa dos esportistas que se dizem esportistas e que são os dirigentes...

Nos outros setores não surgem as gratificações, mas nós da crônica esportiva sabemos muito bem que tal e tal clube possui uma ótima turma de cestobolistas, um forte conjunto de atletismo, uma valorosa «equipe» de remadores, de aquapolistas, de nadadores, todos recebendo ordenados fixos em fôlhas de pagamento.

Isso é que dizem ser esporte!

Esses é que são dirigentes e que aparecem à frente desses clubes recebendo o pomposo nome de esportistas.

Sim senhor!

SEPARAR O JOIO DO TRIGO

Um expurgo precisa ser feito. E só então podemos estar certos de que esses vícios que predominam nos setores esportivos desapareceriam.

Os dirigentes, repetimos, e não os profissionais ou amadores são os que prejudicam o bom andamento das atividades do País. E se esses dirigentes de fãncaria que possuímos a granel confundidos com os que de verdade querem fazer esporte pelo esporte ficassem para fora, tudo estaria arranjado. O esporte hoje está oficializado e, assim sendo, mais do que nunca ele se colocou decididamente ao serviço da Pátria.

E com esportistas que de verdade trabalhassem para o alevantamento cada vez maior do nosso poderio todo e qualquer desmantelamento seria evitado e então poderíamos ver aqui, como em outros países, o esporte servindo diretamente aos interesses e às necessidades da nação como caminho único e direto para a conquista ou a estabilização de uma raça forte.

Ainda não conseguimos dentro do Brasil um espírito verdadeiramente esportivo, embora não seja de hoje que o esporte tenha sido implantado entre nós. Esporte aqui ainda não se faz pelas vantagens que ele oferece ao organismo mas sim porque predomina, infelizmente, no espírito da maioria o desejo de uma recompensa material.

O profissionalismo chegou ao nosso País muito cedo e mais rapidamente ainda ele contaminou os demais setores esportivos. Foi um terrível canero que acabou contaminando todos os desportos. Essa é a verda-

de dos fatos e nós diante da verdade sempre tivemos por norma este princípio: Não recuar.

E não estamos recuando. Ao contrário. Estamos dizendo a verdade nua e crua, ferina mesmo, mas acima de tudo a verdade...

Eis a conclusão que tiramos logo que fizemos a análise direta do que tinha sido o aparecimento do futebol profissional moldado dentro de um regime eivado de vícios, repleto de defeitos, destinado a aparecer como centro de realizações menos escruulosas.

Quem interessa é o dinheiro! Quem domina é o dinheiro!

O esporte passou para a ordem das cousas de importância secundária. Vencera em toda a plenitude o materialismo!

A FUNÇÃO DO RÁDIO E DO JORNAL

A imprensa e o rádio são chamados a intervir nesse momento e todos os que se encontram com tão alto poder nas mãos não devem perder o ensejo de se colocarem, inteiramente, ao serviço da Pátria. Os maus esportistas, sejam os dirigentes, sejam os militantes, devem ser colocados à margem, devem ser desmascarados para que se possa, de verdade, criar dentro das nossas fronteiras, sejam as regionais, sejam as internacionais, um sentimento de esportividade.

As lutas do momento, todas elas de suma gravidade, envolvendo não somente uma ou duas nações das muitas que formam o mundo conhecido, mas sim todo o universo, têm mostrado clara e incontestavelmente que o esporte precisa fazer parte do livro de realizações de cada indivíduo.

Além do mais, é sabido que as contendas esportivas preparam sobremaneira a moral. E não é possível haver um superior preparo moral quando se encontram por aí, completamente à vontade, esses dirigentes que se não preocupam com outros interesses que não sejam os seus próprios, esses militantes que outra coisa não fazem senão procurar dinheiro e mais dinheiro como se o dinheiro fosse a coisa mais formidável que existe no mundo.

Portanto, tanto a imprensa como o rádio devem intensificar as campanhas em prol do esporte, porque são campanhas em prol do fortalecimento de uma nação. Fomentando o maior desenvolvimento dos esportes estaremos trabalhando para uma coletividade nacional das mais fortes, estaremos trabalhando para a implantação de uma raça brasileira muito forte, uma raça que poderá repetir, até com maiores vantagens, toda a grande e memorável campanha de colonização dos norte-americanos. É que já somos um povo forte e civilizado. A imprensa e o rádio, entretanto, poderão fazer com muito mais cousas sejam conquistadas a-pezar dos pseudos dirigentes e os pseudos militantes amadores.

Sim, falamos em pseudos amadores. Basta voltar ao que tivemos ensejo de frizar desde que abordamos este assunto para se perceber, claramente, o que queremos dizer. É preciso haver uma orientação, toda ela voltada no sentido de que se olhe o esporte pelo esporte e não por outros prismas que dentro do profissionalismo começaram a ser vistos:

Mas a imprensa e o rádio, como dizíamos, precisam cooperar nessa campanha de levantamento do nosso nível esportivo, pois muito embora se tenha a impressão de que somos uma potência dentro do esporte, acreditamos que ainda precisamos realizar muito para que de fato possamos merecer esse honroso título.

A campanha toda tem que visar os maus esportistas, esses dirigentes que somente querem ter pôse dentro dos esportes porque fora deles, — coitados, com dinheiro e tudo, jamais passariam de meros burocratas... E tem que visar também os esportistas que ainda não compreenderam que já é chegado o momento de se reagir, de se cultivar um verdadeiro espírito esportivo porque nos dias deste século agitado que vivemos a máxima inolvidável de Juvenal tem uma razão de ser toda especial.

Deixando de lado todo e qualquer convencimento pessoal, afirmamos categoricamente que, até o presente momento, todos os esportistas que consideramos elementos nocivos aos esportes, sofreram de nossa parte perseguição implacável até que se retiraram. Isto tanto os militantes como os dirigentes. E todos precisam proceder dessa forma porque tal cousa significa trabalhar muito para o Brasil.

NÃO SOMOS CONTRA

Depois de tudo quanto foi escrito ha de parecer que estamos contra o profissionalismo, esquecidos de que esse regime passou a imperar em quasi todos os círculos desportivos do mundo.

Temos a dizer, entretanto, que não somos contra o regime. O que não aceitamos, isto sim, é a desorganização que sempre reinou, é essa vontade incontida de procurar dinheiro e mais dinheiro sem trabalhar para os esportes em geral.

Fazendo uma análise de tudo quanto realizaram os principais clubes do Rio e de São Paulo, antes e depois do profissionalismo, temos que concordar, sem titubear, que antes foi feita muita cousa e que agora, porém, tudo continuou a viver da sombra do passado.

A preocupação da maioria dos dirigentes é conquistar vitórias, sejam como for. Os fins justificam os meios, dizem eles maquiavelicamente. E por isso continuam na corrida desenfreada cada qual fazendo cousas das mais absurdas, cada qual trabalhando menos para o esporte pátrio.

Por termos diante de nós um regime assim todo desorganizado é que nos batemos contra. Foi essa desorganização marcante que determinou a corrupção de todos os demais setores esportivos. Dinheiro, dinheiro e mais dinheiro...

Eis a voz de comando!

E tudo é fácil de ser disciplinado. Basta que se trabalhe de verdade para uma organização de acôrdo com o nosso alto grau de civilização, deixando de lado todos os interesses clubísticos, pessoais e regionais. Dentro dos próprios clubes e entidades, cada esportista eleito pelos seus correligionários deveria trabalhar. E trabalhar não é gastar dinheiro para a compra de famosos jogadores, não é passar dinheiro por traz dos basti-

dores para corromper toda uma mocidade que se atira à prática dos esportes movida pelos grandes ideais de ser verdadeiramente esportista, de chegar um dia a merecer os mesmos grandes e calorosos aplausos que ganhavam os gregos da clássica Grécia.

Trabalhar para os esportes é uma cousa que todos os dirigentes, salvo uma minoria que felizmente ainda existe resistindo a todos os ataques em sentido contrário, não sabem fazer. Hoje os paredros lutam pelos seus interesses pessoais assim como os próprios jogadores e os esportistas militantes na sua maioria. Foram-se os bons tempos em que o que valia era o clube, para dar lugar á época em que tudo se faz só para conseguir mais dinheiro...

O ESPORTE E O MOMENTO ATUAL

Todas as falhas dos dirigentes agora mais do que nunca estão sendo notadas. Sim. O País reclama a presença de cidadãos aptos para as árduas lutas dentro do terreno militar e reclama para tanto aqueles seus filhos que estejam em condições físicas e morais das mais destacadas.

No entanto aí está, manda a verdade que se diga, uma mocidade voluntariosa, cheia de brio, pronta para defender a Pátria ultrajada sem contudo poder atingir o seu «desideratum». A maioria encontra-se algemada em fortes cadeias. São algemas que poderiam não ter existido nunca mas que, infelizmente, foram colocadas dentro dos círculos frequentados por essa mesma mocidade. Os círculos esportivos. E essas algemas estão representadas pela falta de um superior preparo físico.

Nenhum soldado poderá ser forte para a luta sem que apresente um cuidadoso preparo físico. A campanha que realizou o exército finlandês, diminuto a mais não poder diante do poderio russo, deve-se, não ha negar, ao preparo físico. O esporte na Finlândia nos tem revelado ótimos campeões, nos tem mostrado uma mocidade verdadeiramente forte. E assim como naquele longinquo país outros de ha muito compreenderam que o esporte está a serviço da pátria.

Os espartanos, guerreiros por natureza, praticavam as rudes contendas esportivas para ficarem perfeitamente adestrados para as lutas futuras. E nos tempos atuais, onde parece que se repete tudo quanto foi visto nos tempos antigos, desde os feitos de Aristóteles até as conquistas de Atila, os exércitos preparam-se à base do esporte. O militarismo e o esporte marcham emparelhados como se fossem uma única cousa.

No entanto, embora os exemplos sejam marcantes, aquí se teima em dar valor a um profissionalismo completamente desorganizado, aquí se teima em ver o esportista pela posição social que desfruta fora do clube e não pelo que de fato realizou em prol do maior engrandecimento do esporte.

O momento atual é mais real do que pode parecer. Não devemos continuar marcando passo. Nada de meias medidas nem tergiversações. Ou daremos o grande golpe na desorganização reinante atualmente em nossos esportes ou teremos que suportar todas as suas consequências.

CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS

Felizmente temos aí, plenamente vitorioso, o Conselho Nacional de Desportos e temos o decreto 3.199 de 14 de abril de 1941 como guardas intemeratos dos destinos do Brasil dentro do terreno esportivo.

Confiamos e com razão que de aquí para o futuro tudo tende a modificar por completo, não estando longe o dia em que veremos de verdade o esporte no Brasil servindo ao Brasil. Todos esses cancos de desorganização serão estirpados, um a um e, dentro do profissionalismo a devassa que se precisa fazer é enorme.

Confiamos em que os esportistas que estão à frente do Conselho Nacional de Desportos saberão fazer esse expurgo que de ha muito se tornou necessário fazer. Muitos e muitos golpes já foram dados nesses indivíduos vaidosos que nada fizeram pelo esporte e que, no entanto, sempre foram chamados e tratados como verdadeiros esportistas.

Moralidade dentro do profissionalismo, moralidade dentro do amadorismo que é bem falso, no momento atual. E, dessa maneira, teremos a difusão de um esporte como sempre ele foi compreendido por aqueles que fazem esporte pelo esporte e como sempre foi cultivado pelos que na Grécia antiga fizeram-no surgir para servir de base, posteriormente, à máxima de Juvenal e àquelas máximas notáveis que Montaigne nos legou através dos seus ensaios.

Não fosse o aparecimento do esporte oficializado em nosso País não sabemos o que teria acontecido, tal o rumo que a embarcação desgovernada havia tomado, procurando as marés desfavoráveis e apresentando um arrebouço completamente roído. Eis porque confiamos no esporte oficializado do nosso querido Brasil para a maior grandeza do Brasil, para a criação de uma raça bem forte.

E para que tudo seja solucionado satisfatoriamente, para que não tenhamos a continuação de tudo quanto temos visto é preciso que os verdadeiros esportistas que foram guindados ao posto máximo do esporte nacional continuem na obra iniciada, com o mesmo entusiasmo revelado nos primeiros dias e que até agora, graças a Deus, não sofreu solução de continuidade.

Nada de tergiversações!

Nada de meias medidas!

O golpe precisa ser dado certo e mortal para que se acabe de vez com essa politicagem sórdida que grassa por aí nas esferas esportivas em geral.

CONCLUSÃO

Não sabemos se o nosso pensamento ficou devidamente esplanado através de tudo quanto escrevemos. Mas em todas essas linhas bastante fastidiosas para quem recebeu a incumbência de percorre-las com o olhar frio e impenetrável do crítico e do julgador em duas palavras resumimos o nosso pensamento:

É preciso terminar com a situação que se encontra clara e insofismavelmente exposta aos olhos de quem queira olhar para o panorama esportivo. A hora presente constitue uma advertência das mais sérias para todos nós. Não se pode titubear. Não se pode deixar que o barco corra à vontade. É preciso que haja um leme e que no seu comando estejam timoneiros intemeratos.

O Conselho Nacional de Desportos para nós, — analisada que foi toda a sua estrutura e todas as realizações até o momento levadas a efeito, é quem reúne todas as qualidades para impedir que mergulhem de vez no abismo da desorganização e da desmoralização. Quanto à imprensa e ao rádio, temos certeza que eles se colocarão ao lado de uma campanha que vise fazer um expurgo não somente de dirigentes que são maus esportistas e, concomitantemente, maus patriotas mas, também, desses militantes que são viciados que não sabem fazer o esporte enquadrado dentro de todas as normas que orientaram sempre o verdadeiro esporte.

Todos os clubes do Brasil precisam ser transformados mais do que em um centro fomentador dos esportes. Eles precisam ser ao mesmo tempo, celeiros de campeões mas também escolas de civismo!



NOSSA EVOLUÇÃO ESPORTIVA E ALGUNS DOS SEUS ASPECTOS ATUAIS

INTRODUÇÃO

O esportista é, no fundo, a resultante do aperfeiçoamento do homem primitivo. Este, surgido do nada, chocou-se com as asperezas do panorama que se lhe ofereceu. E lutou. E evoluiu. Quando não mais foi preciso empenhar-se nos combates sem quartéis pela própria subsistência, sentiu ainda a imperiosa necessidade da luta porque a sua conformação nervosa e muscular, a sua inteligência, assim o determinavam. E de transformação em transformação o homem alcançou esse magnífico estágio de aperfeiçoamento e que, ele apenas, permite valorizar a espécie, quer dignificando-a, quer elevando-a no conjunto dos seres ativos.

Temo-lo hoje derivando a força dos seus músculos na conquista de um aperfeiçoamento físico uniforme e criterioso. E não é dizer-se que as jornadas se apresentem menos penosas.

E assim temos o homem ainda em luta constante, ininterrupta. Um novo mundo, um cenário diferente, é exato, mas a perspectiva dos choques brutos sempre em evidência. Onde está o homem está o perigo. E nesse mundo dividido em tantos setores, cada qual procurou orientar-se para o que lhe pudesse oferecer o maior conjunto de satisfação pessoal, nem sempre obedecendo as naturais propensões para setores predeterminados.

Segue-se então a ação reguladora.

O brasileiro ajustou-se bem à prática desportiva. Povo ordeiro, respeitador da justiça e dos direitos alheios, mas cioso da sua grandeza e do papel realizador que o destino lhe reservou, procurou ele derivar a força exuberante da sua raça tropical precisamente para a menos prejudicial das atividades, procurando, assim, estabelecer um justo equilíbrio entre as conveniências sociais e o determinismo da sua importância geográfica.

O esporte, pois, não representou apenas uma conveniência exigida por circunstâncias interiores mas constitui uma contingência de fatores de ordem material de suma importância. O brasileiro compreendeu a importância fundamental que o esporte exerce na formação da personalidade do homem; teve a pre-ciência de que no cadinho das variações da educação física poderia plasmar-se o indivíduo forte que transformaria em um gigante a Pátria de amanhã; pode sentir, mais do que ver, que a incompreensão dos primeiros tempos se transformaria na realidade dos dias de hoje, realidade flagrante e sobre a qual a ninguém mais é lícito negar ou duvidar.

Entretanto, para se atingir o estágio atual, embora longe da perfeição mas suficientemente caracterizado no conjunto do progresso nacional, foi preciso que se dispendessem esforços inúmeros, que sacrifícios fossem feitos, renúncias e injustiças se cometessem, tudo em nome do objetivo que aos poucos, mercê de Deus, vai sendo alcançado.

Quando o esporte ensaiou os seus primeiros passos em nossa terra, São Paulo e o Brasil procuraram deixar para traz todo um passado de provincianismo; despiam as respeitáveis roupagens que lhes legara o Brasil-colônia e olhavam para o mundo com a consciência de um valor que começava a personalizar-se perante o mundo.

A fixação do esporte, porém, foi lenta. Mas fez-se. Esse período inicial é todo um resumo de feitos esplendidos, bonitos e sugestivos e que se reveem com encantamento e imensa alegria espiritual quando se rebuscam nas páginas dispersas da história esportiva nacional as filigranas de ouro deixadas por um passado difícil, porém, brilhante do nosso esporte de ha quatro ou cinco décadas atraz.

Em face do mundo eramos simples crianças, que mal principiavamos os primeiros passos. Ávidos, todavia, de aprender e de ir para a frente, acompanhavamos a evolução dos outros povos e procuravamos senão imitar ao menos aprender e consequentemente guiar-nos numa estrada sobre a qual tinhamos pouco ou nenhum conhecimento. Mas, longe de desanimar ou enfraquecer, encontravamos na nossa aparente fragilidade e no nosso desconhecimento, os próprios elementos estimuladores da jornada e que por ser longa e difícil não seria menos atraente nem menos sugestiva.

Foi assim que começamos. Aos poucos, incertos, enfrentando a dúvida, hostilizando as convenções de uma época original e curiosa, o esporte brasileiro foi adquirindo cada vez mais a firmeza necessária para manter-se forte e capaz de suportar a incerteza das jornadas que se ofereciam pela frente.

A estrutura do esporte brasileiro, então, dentro da qual se compreenderia toda essa série de fatores que permitem fixar o indivíduo, determinar-lhe a personalidade no conjunto da sociedade e do mundo, foi assim se fazendo e aos poucos se materializando, recebendo os toques de influências estrangeiras dum lado, doutro, os tons definidos e definitivos da nossa própria nacionalidade, individualizando-nos, tornando-nos nós mesmos, brasileiros típicos, embora todas as influências e correntes exteriores.

O primeiro a buscar essa independência foi o futebol brasileiro. Individualizou-se, tornou-se ele mesmo um determinado no conjunto dos demais do universo.

Esse fenômeno, porém, teve a peculiaridade de dirigir todas as forças ativas para um alvo só — o futebol — enfraquecendo, consequentemente, as demais latitudes esportivas que mingam à falta de assistência, de divulgação, de popularidade. Dessa maneira, enquanto aquele se assenhoreou da vontade do povo, transformando-se na mais popular das práticas desportivas, estas se desviam, tomam rumos diferentes, apreciadas e praticadas por uma elite que destacando-as por este mesma circunstância, isolou-as da massa e dificultando-lhes por isso o progresso pela ausência dos fatores quantitativos que o poderiam guiar.

Estamos em marcha, porém; graças à ingerência governamental nos negócios esportivos, não tardará que o mundo assista a mais notável das evoluções, promovida e realizada pelo esporte do Brasil.

O PRINCIPIO

Desde a sua origem o homem lutou. Para manter-se. Para sobreviver. Veiu ele ajustar-se num cenário dentro do qual caber-lhe-ia representar um papel de fundamental importância, menos por função natural da própria personalidade e mais por decorrência daquelas imposições. Precisava manter-se para viver e precisava ser forte para lutar e sobreviver. E assim fez. Mas não encontrou o campo semeado, nem traçados os caminhos. Impunha-se criar. As contingências ambientes exigiam que o homem fundisse com o calor da sua vontade e com a energia da sua deliberação os elementos substanciais que lhe permitissem defender-se. E assim ele improvisou, criou massas disformes e brutais e depois procurou aperfeiçoar porque a beleza e o conforto seriam os produtos da sua luta.

Desde a madrugada da vida, nada mais tem havido senão um trabalho de constante aperfeiçoamento, partido, porém, da incerteza, da dúvida e da improvização.

Não terá sido diferente a marcha do esporte no mundo. O Brasil, igualmente, pagou o seu tributo à escala ascendente do progresso e da fixação dos elementos físicos, dentre os quais importa dar relevo e destaque ao esporte, lutando desde a primeira hora, quer para alcançar os meios materiais necessários à subsistência, quer para alcançar o amparo moral de uma simpatia e de uma colaboração espiritual que ele tardou encontrar mas que finalmente alcançou pela sua persistência e tenacidade.

Donde veio? Quem o trouxe?

Talvez se rebuscássemos os dados da origem do esporte brasileiro, quicá os obteríamos, mesmo porque eles não terão em nosso país idade demasiadamente grande. Mas o que nos importa vêr e estudar não são os documentos comprovantes da sua imigração e sim a marcha do seu progresso e o fenômeno do seu desequilíbrio.

Sem que nos seja lícito designar o esporte brasileiro como o símbolo de uma cultura aperfeiçoada, é indiscutível que ele se apresenta como uma força de poder muito respeitável, embora da árvore frondosa em que se transformou nem todos os frutos se apresentem com a mesma característica unidade dos bons e dos apetecíveis. A tanto, porém, ele chegou depois de haver empreendido uma árdua e penosa marcha em que nem sempre imperaram a ordem e a disciplina, a coordenação e a moralidade. Justificamo-lo porém, desde que nos voltemos para as primeiras linhas deste trabalho. O princípio não assentou em bases organizadas: Esse aperfeiçoamento foi conquistado e para conquista-lo muito se gastou e bastante se perdeu. Mas salva-se algo e com este se pretende construir a eficiência dos dias de amanhã.

OS REFLEXOS, AS CORRENTES E AS DIREÇÕES

Como todos os embriões, o esporte brasileiro, ao nascer, sofreu a influência dos seus predecessores estrangeiros pela necessária adaptação de leis e regras, sistemas e disciplinas. Pareceria extemporâneo considerar esse aspecto no atual estudo, de vez que os fundamentos da prática não se modificam pela imigração. Mantem-se sob sua forma universal e onde mais acentuada fôr a sua adaptação, ali, certamente, haverá maior progresso, porém, ele será sempre o mesmo, aqui, lá, acolá, em seus princípios, em sua essência.

Más, na verdade, se a base é uniforme se as regras são as mesmas para todos, quer no ponto de origem como nos mais distantes rincões do mundo, é indiscutível que cada esporte sofre, em seguida à sua imigração, as mutações consequentes da influência de cultura e regime, clima e ambiente, princípios econômicos com as derivantes lógicas da subsistência popular, melhor ou pior conforme o caso, além de outras dignas de análise e estudo mais profundas.

Pela conjugação desses fatores todos, cada esporte adquire uma personalidade distinta segundo a região e o ambiente em que atua. Veja-se, como exemplo, o futebol brasileiro, tão distinto, tão diferente, daquele praticado pelos seus próprios criadores. Decorrência natural de um fenômeno no qual entram fatores de ordem diversa de que não se excluem alguns dos que mencionamos acima.

Depois da sua imigração, as diferentes latitudes esportivas ainda sofrem modificações na sua estrutura pelo afluxo de outras correntes, nas quais ocorrem, igualmente, fenômenos similares. Essa contribuição é sempre refletida do mais forte para o mais fraco e este por imposição das próprias circunstâncias e pela contingência de uma adaptação que lhe é imposta pela luta do primeiro sobre o segundo molda o seu sistema na conformidade da ascendência dum sobre outro. A sua estrutura, então, assinala modificações totalmente desconhecidas.

Registrando, portanto, um gráfico absolutamente lógico e normal, desde o ponto do seu aparecimento em um novo campo de ação até o instante da sua fixação, em cujo intervalo as fases evolutivas sofreram as mais diversas transformações possíveis pela acumulação de influências alienígenas, o esporte brasileiro registra agora o estágio em que, mais do que nunca, se apresenta nítido e indiscutível o símbolo da sua personalidade definida e definitiva. É precisamente o momento em que se cruzam os interesses imediatos do esporte com os da Nação, instante em que esta assume sobre aquele o bastão de comando e de dirigente.

Desde esse momento não ha mais como desviar-se. Sob a proteção de leis reguladoras, o esporte do Brasil tende a seguir as linhas mestras de um progressivo aperfeiçoamento, dentro do esquema que ele mesmo traçou nos seus inúmeros anos de existência livre.

OS ALTOS E BAIXOS DO ESPORTE

Aos poucos, o esporte foi evoluindo. A princípio pelo conagraçamento das elites e depois pela catequização das massas até o ponto de se popularizar e caracterizar a juventude brasileira como acentuadamente esportiva. Em consequência, o padrão se transformou, evoluiu, alcançando, finalmente, essa fase que identifica o esporte do Brasil como um dos mais característicos de todo o mundo.

Entretanto, nuns casos, o esporte mereceu a preferência da massa, do público em sua generalidade, alcançando, por isso mesmo, maior grau de desenvolvimênto, prosperidade e importância. Em outros o fenômeno ocorreu de maneira diversa, estabelecendo-se uma desigualdade que em sua essência nada mais é senão o fruto de uma situação criada pela espontaneidade da implantação do esporte em nosso meio. Ninguém, realmente, era obrigado a jogar lanças em África com o fim de prestigiar latitudes esportivas de insuficiente vitalidade, protegidas apenas pelo interesse de elites que embora emprestassem importância ao setor em causa não eram, todavia, suficientemente capazes de assegurar-lhes a existência e forçar a popularidade. Foi assim que o esporte se caracterizou por um flagrante desequilíbrio de importância e de prosperidade. O futebol, por exemplo, caminhou depressa para o êxito porque teve o amparo de uma cooperação valiosíssima — a do público em sua absoluta maioria. Os demais, porém, marcharam na esteira do esplendor daquele e, uns mais, outros menos, não chegaram a atingir a notoriedade do popular esporte bretão. Essa circunstância poderia ter custado a existência do atletismo, da natação, do cestobol, enfim de todos os outros ramos esportivos, não fôra a persistência de abnegados e devotados amigos da educação física brasileira que porfiaram pela fixação definitiva desses esportes no conjunto das atividades da nossa juventude. Mas, embora esse propósito tenha sido conseguido mercê de esforços ingentes e extraordinários, fato é que eles jamais obtiveram o merecido relêvo e toda a vez que se tornou necessário o seu comparecimento nos torneios de representação, muito pouco foi alcançado porque para o atletismo, para a natação, para o polo, para o remo, enfim para todos os esportes exceto o futebol, pesou sempre o estigma do desamparado, do esmoler e do necessitado.

Estava escrito, porém, que não seria o futebol o setor esportivo de nossa terra que apontaria ao mundo o valor do homem brasileiro. Coube ao atletismo essa honrosa quanto brilhante conquista, embora aquele, muitas e muitas vezes houvesse atraído a atenção universal pela passagem de acontecimentos de fulgor inexcédível mas que, depois, cederam em sua importância por não haverem sido alcançados fora da Pátria. Para o esportista de todo o mundo, o fato de uma vitória ser conquistada em seu próprio meio, reduz, em muito, o brilho e a notoriedade da conquista enquanto que a expressão doutra, alcançada fora das suas fronteiras, adquire uma expressão que nenhum defeito faz diminuir ou abater. Foi isso o que se verificou com o atletismo e depois com a natação. Após largo período de experiência, sujeito sempre a uma contingência finan-

ceira verdadeiramente depreciativa, o atletismo encontrou, enfim, a sua grande oportunidade em 1937, por ocasião da disputa do campeonato sul-americano em nossa própria Capital. Era, na verdade, o ensejo procurado e mais do que a importância que esse certame adquiria como acontecimento esportivo, a sua realização, aqui, dava lugar a que o esporte brasileiro pudesse julgar da profundidade e dos merecimentos do atletismo de nossa terra.

E tal foi a expressão do nosso triunfo, tão convincente ele terá sido aos administradores esportivos que, dois anos depois, o Brasil dispunha nada menos do que 300 contos de réis para fazer-se representado no certame efetuado no Perú e onde o atletismo de nossa terra, pela primeira vez, impôs a força do esporte nacional perante o mundo.

A situação agora é diversa. — Contando com a proteção do governo e por isso livrando-se de uma tutela humilhante, os esportes devem ser encarados na relação direta da sua importância e do seu valor no conjunto dos bens da Nação. Eles aí se acham para cumprir uma função educativa, orientando os jovens de nossa Pátria para o campo da educação física, tacitamente reconhecida como um fator de progresso e de cultura.

REFLEXÕES SOBRE O ATLETISMO — UM PRESTÍGIO QUE DEVE SER SUSTENTADO POR FATOS E NÃO PELA IMAGINAÇÃO — OS CLUBES EM FUNÇÃO GÊNÉRICA

Até onde chegará o predomínio atlético brasileiro sobre o esporte-base sul-americano? Nossas reservas de energia serão capazes de permitir que avancemos mais no terreno conquistado, ao ponto de alcançarmos o admirável estágio em que se encontram os mais adiantados países do mundo ou, ao contrário, estacionaremos para a realização de um lento retrocesso?

Verdadeiramente, é impossível à gente antecipar mais do que fatos reais e concretos, podendo o indivíduo, quando muito, deduzir consequências futuras de uma experiência que a observação e a prática lhe outorgaram.

Podíamos brincar com hipóteses, mas não desejamos jogar tanto com os cálculos e as divagações. Devemos e podemos encarar a realidade dos fatos como eles são e verdadeiramente se apresentam porque será apenas por esse meio que sairemos do terreno da improvisação para uma fase concreta, de uma realidade material indiscutível.

Cumprir estudar sempre que possível e, conseqüentemente, corrigir o que fôr defeituoso e melhorar o que é bom.

Mantendo-nos ainda no âmbito da nossa experiência, isto é, no círculo do esporte intencionalmente dirigido para a educação do movimento como sóe ser o atletismo e seus reflexos, portanto, fundamentalmente científico, disciplinado e disciplinador, somos forçados a olhar com atenção para o seu conjunto, em seu todo, excluindo as cintilações esporádicas e de efeito apenas superficial, afim de poder julgar da profundidade das suas reservas a que se deve atribuir as funções remuniciadoras e abastecedoras.

Tudo o que até aqui foi alcançado representa o produto, como já vimos, de um esforço tremendo que uma parte da sociedade empreendeu no sentido de organizar o esporte sobre bases tão razoáveis quanto possíveis. Vimos, também, que o esforço individual, embora espontâneo e generoso, não teve, como de fato não poderia ter, o sentido da organização em si mesma, essa organização que é possível alcançar somente depois de vencido um largo estágio de adaptação. Por isso, o alto padrão alcançado constitui o fruto desses esforços isoladamente realizados e não a consequência de um trabalho dirigido de um ponto preliminarmente determinado para outro também previsto. Em tese, o esporte, em todas as suas latitudes, aproveitou o que melhor possuiu mas, em boa fé, não poderá dizer que os frutos que algum dia colheu foram devidos ao acerto de um programa cujo roteiro se acompanhou desde os passos iniciais.

Tivemos, como ainda hoje temos, as federações centralizadoras e orientadoras da atividade esportiva. A criação destas, porém, foi imposta pela necessidade que tinham os esportistas de defender as instituições e o trabalho já realizado e não de executar e cumprir um programa de imediato interesse público e social nos seus múltiplos aspectos.

Por que foram criados os institutos administradores do esporte? Porque o esporte, existindo de fato, estabeleceu a necessidade dessa criação. O sentido psicológico da tese seria muito diferente se as federações, os institutos, tivessem sido criados para estabelecer e depois realizar um programa. No primeiro caso as circunstâncias apontam um interesse imediato enquanto que no segundo temo-lo num sentido objetivo visando finalidades que não podem imaginar-se mas que se desejam ver atingidas no interesse social apenas.

Mas, verdade seja dita, os superiores desígnios da natureza não podem, sequer, ser antecipados pela imaginação. Segue-se uma disciplina nascida, verdadeiramente, com o mundo. A fase do aperfeiçoamento só é alcançada depois que os elementos ativos da sociedade houverem vencidos os períodos da iniciação e do trabalho preliminar, quando falar a experiência e quando a voz dos ensinamentos e da razão houver apontado as deficiências e os erros.

Consola-nos, porém, saber que nunca é tarde para corrigir. E é este papel que se reserva ao esporte brasileiro, agora oficialmente regulamentado. Corrigir o que há tantos e tantos anos está errado; alterar e modificar o sistema; eliminar as arestas que não se ajustarem ao quadro das conveniências atuais e futuras do esporte brasileiro, enfim, estabelecer um programa que não sirva apenas aos interesses do momento e possa ser a base de uma evolução progressiva e definitiva.

Esse fenômeno ao qual chamariamos de improvisação dos valores, não se registra apenas no esporte em geral, porém, age igualmente entre as unidades isoladas. Aliás, um é complemento do outro. A maioria dos clubes, sobretudo aqueles que ambicionam a conquista de campeonatos e torneios de representação, jamais cogitaram do preparo das suas reservas, senão daquelas que pudessem atender aos seus fins imediatos. Formado o conjunto representativo, momentaneamente julgado apto e condizente com as

aspirações do núcleo, em nada mais se pensou senão em aproveitá-lo e dêle extrair todas as vantagens possíveis.

Repetidas vezes tivemos ocasião de assinalar pela imprensa o descalabro que a adoção dessa política representava para o próprio clube, enquanto, de outro lado, apresentávamos em confronto, os efeitos de uma conduta diversamente seguida. Num, havia a preocupação das vitórias imediatas e para a conquista destas tudo se empenhou. Quando nada mais havia a lançar nas forjas desses embates, a eficiência desapareceu e com ela surgiu um período de depressão e obscurecimento. No outro, porém, a luta foi sendo realizada de maneira progressiva, mantendo-se a vanguarda constantemente amparada pelas reservas que se sucediam nos diferentes planos.

Note-se, como exemplo, alguns clubes do atletismo de São Paulo. Da forma como este é organizado, é fácil tirar ilações dos sistemas de trabalhos seguidos por aqueles, porque a força orientada para os benefícios remotos oferece os seus resultados através dum equilíbrio em todas as suas diferentes fases.

Tomemos, para argumentação prática das nossas conclusões, o exemplo de dois clubes paulistas: o Espéria e o Pinheiros, aliás apresentados aqui na ordem das nossas comparações.

Nas últimas temporadas, sobretudo na de 1941, tornou-se evidente, quanto ao primeiro, o contraste que existia entre o que poderíamos denominar de base de abastecimento e o grosso das suas forças. Perdendo as ações iniciais, precisamente aquelas onde deveriam localizar-se os elementos que mais tarde seriam conduzidos aos primeiros planos, o clube vinha demonstrar que não tinha a preocupação de renovar os seus valores da vanguarda por outros saídos das suas próprias reservas. Exemplos isolados, de atletas formados em suas fileiras, não o induziram à execução de um sério programa de formação e de aproveitamento. Na realidade, o que se viu foi a fixação de uma só classe, ostentando um predomínio geral consequente do alto padrão dos seus atletas, ocasionalmente melhores dos que os demais concorrentes. Mas foi essa uma ascendência transitória. Si o seu trabalho da retaguarda houvesse sido orientado para o fim de atender às necessidades das frentes de combate, teria êle mantido, imperecível, o seu prestígio e a sua força; entretanto, isso não se verificou, ruindo fragorosamente o seu prestígio, logo que as circunstâncias impuzeram a renovação dos fiadores dessa força.

Diferente foi e tem sido a conduta do segundo.

Não se preocupando com os resultados de uma ação imediata contra as classes superiores — objetivo que poderia alcançar porque não lhe falta valor e nos seus atletas sobram coragem e decisão, mas que reconhece precário e falho — o grêmio do Jardim Europa volta-se para a constituição de uma base sólida que no atletismo será sinônimo de garantia e afirmação. Temo-lo, assim, empenhando-se em torno dos atletas infantís e juvenís, em favor dos quais está organizando um programa de ação inteligente e muito feliz, ao ponto de criar uma escola para aprendizagem dos esportes em geral! Será algo de novo dentro de aspirações antigas é verdade, que lhe criará a energia suficiente para tornar-se, dentro de

tempo relativamente curto, o maior entre os maiores, uma verdadeira potência esportiva.

Somos forçados a concluir, finalmente, que nos achamos numa fase em que os destinos se transformam. Trouxe-nos até aqui a improvisação e a boa vontade. Doravante, linhas rígidas e inflexíveis traçarão os caminhos a seguir e tais elas serão que não somente permitirão o seguimento da jornada firme e progressiva como — e isto é fundamental — assegurarão o abastecimento da vanguarda por um substancioso fundo de reserva, melhor, pela renovação precisa e matemática dos diferentes valores operantes.

O ATLETISMO BRASILEIRO É TRÊS VEZES CAMPEÃO — SUAS INSTALAÇÕES SÃO AS MELHORES DO CONTINENTE — TEREMOS ALCANÇADO O MÁXIMO?

Na noite de 22 de agosto de 1942, o esporte de São Paulo registrou um dos pontos culminantes da sua vida ao inaugurar, no estádio municipal do Pacaembú, a sua pista de atletismo, coberta e adaptada aos mais rigorosos princípios de conforto e eficiência.

É a primeira da América do Sul! Para inaugura-la vieram consagrados campeões chilenos, argentinos e uruguaiois, transformando-se o torneio em uma vitoriosa parada de valores, entre os quais se acharam, com merecido destaque, os melhores atletas do Rio de Janeiro e de São Paulo.

O que significará essa conquista? Representará ela a consagração de uma fase progressiva ou será apenas um período estagiário que se tenha intercalado entre as forças que até este momento conduziram o atletismo brasileiro — a cujo esforço espontâneo e individual se deve a posição em que se acha desde 1937 — e aqueles fatores negativos que depois de se terem colocado em aparente dormência reanimam-se, estimulados pela própria fragilidade do sistema, fazendo iniciar-se a fase de retorno ao obscurantismo anterior? O arcabouço do sistema desportivo brasileiro estará suficientemente protegido para evitar que o seu público sinta a imperiosa necessidade das cousas novas e originais para mante-lo prêso sempre pelos atrativos novos e sugestivos? Não podemos — porque não temos convicção — responder pela afirmativa pura e simples.

O atletismo brasileiro não poderá proclamar vitória dos seus princípios na estrutura geral do nosso esporte, enquanto não pertencer à massa de forma natural ocorrendo esta para aquele e não aquele para esta. Eis o que temos compeendido e o que resulta de uma observação refletida de longos e persistentes anos de um trabalho feito precisamente no sentido da primeira dessas hipóteses.

Tudo quanto se alcançou até agora deve-se ao sacrifício de uns em holocausto dum ideal grandioso. É verdade que os bens intencionados se renovam no posto, mas é fora de dúvida que abandonado o barco à sua sorte ele sossobrará em pouco.

O interesse da massa, o seu entusiasmo, não se renovam espontaneamente. Enquanto lhe foram prodigalizados meios de atração tais fenô-

menos aí permanecerão, porém, como num passe de mágica, essas características deixarão de subsistir si aqueles meios lhe faltarem.

Nós temos evoluído no atletismo mas é essa uma vitória da força de vontade e da tenacidade de visionários antes do que a afirmação natural das condições ambientes. Não é uma vitória definitiva nem é completa.

A afirmação feita pela Diretoria de Esportes do Estado de S. Paulo:

«Pode-se dizer perfeitamente que o nosso esporte base chegou à culminância. Trilhando uma estrada árdua, durante todas as suas etapas de vida o esporte base de São Paulo, que palmilha com o atletismo do Brasil chegou ao ápice da sua caminhada. Daí, para aspirarmos competir com igualdade de condições com os atletas dos centros mais adiantados do esporte depende apenas das diretrizes que norteiam seus destinos».

Representa para nós a manifestação de júbilo desses abnegados que vêm materializar-se os esforços insanos dispendidos na luta pela vitória. Ela, entretanto, não nos convence. É, isto sim, mais um bom passo para a divulgação, um setor a mais na marcha para a vitória, segundo as próprias afirmações do governo paulista:

«A pista coberta é a quinta-essência do atletismo. Ela é o último passo que damos para equipararmo-nos materialmente aos demais países europeus e do norte da América. Vamos ter o atletismo espetacular. Vamos ter atletismo para a massa. Vamos ter atletismo de propaganda do atletismo».

Não é a vitória, porém. É a marcha firme e resoluta para ela, mas não é tudo. É a continuação do trabalho, de um trabalho que o próprio relatório reconhece:

«Da aceitação que tiver a pista coberta, dos resultados a serem nela conseguidos, dependerá o futuro desse esporte, nascido da corrida de rua, nascido da improvisação».

É preciso, repetimos, que a acorrência do indivíduo se faça para o esporte e não este servindo de isca para aquele. Perguntamos então:

— Será inútil todo esse trabalho, tal esforço e tanta boa vontade?

Não. O trabalho se está fazendo, esporádico, inconsistente por vezes, mas de maneira natural e no sentido progressivo. A própria ação, a integração de fato dos administradores da nação nesse trabalho, é parte de um programa que se está cumprindo há mais de trinta anos e que agora, somente agora, adquire forma, está se corporificando, adquirindo uma personalidade que não teve antes. É uma grande vitória, mas não é a vitória!

É mister continuar. Talvez que nunca, realmente, a alcançaremos da forma pela qual a imaginemos. Não a poderemos ter plasmada na conformidade do nosso comodismo. Ela deve ser cultivada sempre e cada problema será um problema na relação direta da sua importância mas que cumprirá ser por nós encarado menos como senhores e mais como servos da causa. Ao menos por muito e longo tempo deveremos permanecer como obreiros de um ideal. É possível que mais tarde, tal seja o seu prestígio, tão forte deva ser a sua base, possamos ter a consciência de um poder que os outros não poderão contestar-nos. Mas isso só será possível mais tarde. Muito mais tarde.

**ESFORÇO DE TODAS AS DIREÇÕES PARA UM SO' OBJETIVO —
MALES DE UMA CULTURA QUE SE IMPOZ E QUE DEVEM SER
ELIMINADOS A MEDIDA QUE A BASE ASSENTAR EM PRINCI-
PIOS DEFINIDOS E DEFINITIVOS**

Deixando para traz todas as apreciações que até aquí fizemos sobre o esporte é especialmente acerca do atletismo, suas vitórias e invejável grandeza, poderíamos fazer uma análise breve sobre os diversos agentes que de modo direto cooperaram para a grandeza e prosperidade do nosso esporte e de outros que nos cumpre prestigiar mais ainda do que temos feito, porque aliam à sua função esportiva, evidentes qualidades educativas.

Antes do advento da oficialização, não foram poucos nem vãos os esforços realizados com o fim de desenvolver as diversas latitudes esportivas.

Como chegamos a demonstrar, grande parte do prestígio destas refletiu do futebol, setor este que mereceu do público o maior interesse possível. Mas, vivendo em plano de indiscutível inferioridade em relação ao futebol, os esportes tiveram que trabalhar talvez com maior força para alcançar os fins a que se haviam proposto.

Em vários setores os homens batalharam com afineo e extraordinária tenacidade. Os programas foram traçados e cumpridos. Apelando por este e por aquele, cobrindo uma lacuna aquí e uma deficiência acolá, fato é que o ideal da causa se manteve sempre vivo e crepitante a chama do entusiasmo.

Internamente, o atletismo e a natação, o polo aquático, o remo, o cestobol, o ciclismo e uma infinita variedade de esportes, alcançaram expressões de particular fulgor, atraindo em cada nova fase o interesse do público, interesse este que sempre foi desejado com a finalidade de tornar a prática desportiva acessível à maioria da população brasileira.

Iniciativas sem conta foram realizadas sempre com o fim de educar a juventude brasileira nos princípios sãos da educação física.

Nem todas, entretanto, primaram pelo critério e acerto no estabelecimento de suas diretrizes. Poderíamos afirmar, mesmo, que a maioria visou apenas o interesse imediato, descuidando-se de maneira lamentável de cuidar dos elementos renovadores e essenciais no futuro.

Uma delas desde logo se impôs porque reunia precisamente essas duas circunstâncias: realizava no presente e constituia as reservas do futuro. Era a Olimpíada Infantil e Juvenil do E. C. Pinheiros.

O grande clube do Jardim Europa quando a instituiu, tinha como principal finalidade dar aos jovens da nossa terra um conhecimento pessoal das virtudes da educação física e traçar-lhes, ao mesmo tempo, um criterioso programa de ação que os conduzissem sem demasiados esforços a um plano superior àquele em que se encontra a maioria dos nossos esportistas. Força é convir que esses objetivos vêm sendo atingidos, embora não se posam apontar em números redondos os benefícios colhidos pelo esporte. Ha uma infinidade de nomes que fulguram como estrelas de primeira grandeza nas várias latitudes da educação física nacional e que

poderiam ser encontrados entre as formações escolares e de clubes que se entrecrocaram nas primeiras Olimpíadas. Os resultados surgirão progressivamente, porque refletem de um programa sábio e bem ordenado, mas desde já pode-se dizer que a Olimpíada tem colaborado efetivamente pelo desenvolvimento dos esportes em nossa terra.

Aliás, o Pinheiros pode bem orgulhar-se da sua extraordinária obra porque pôde completa-la com a eficiência do seu trabalho e com a sua praça esportiva, uma das mais completas de todo o mundo. Não se poderiam enquadrar tantos e tão variados esportes senão num cenário como o do Jardim Europa em que ao rigorismo da estética e das linhas expressivas se junta o conforto e a acolhida gentil e cativante.

O que aí se fixou não é estranho, com certeza, a milhares de esportistas que de uma forma ou outra se teem identificado com o ideal daquele clube, pesando-lhe o trabalho e medindo o vulto do empreendimento, completado na última década pela magnífica realização que é a Olimpíada Infantil-Juvenil.

Outra iniciativa ainda vem dar destaque e grande valor ao esforço e à cooperação particular em benefício do esporte de nossa terra.

Maior do que todos os empreendimentos até hoje levados a efeito, São Paulo conta com a Corrida de São Silvestre, verdadeiramente um facho luminoso a emprestar particular evidência à sua história esportiva. A famosa corrida noturna da última noite de cada ano é um espetáculo clássico e tradicional ao mesmo tempo que empolgante, sugestivo e cada vez mais atraente.

A sua bandeira sempre com o sadio entusiasmo dos primeiros combates refulgindo pelo brilho de realizações notáveis desfralda sob os céus de Piratininga e do Brasil imenso, conclamando, ano após ano, a mocidade de nossa terra para a prática de uma cultura física tão perfeita quanto possível.

É a pedra de toque de um progresso que atingiu quasi a perfeição no próprio continente sul-americano.

Dela refletiram os nomes mais consagrados do atletismo brasileiro e dela refletem — o que é bem mais importante — verdadeiras legiões de proselitos para a causa do mais clássico dos nossos esportes, caracteres que não se conheciam, eles mesmos, e que, depois, identificando-se agiram decisiva e abertamente no campo atlético, memo em outros setores das atividades desse esporte.

Em tais e tão diferentes latitudes, arremessos, saltos e corrida rasas, encontram-se valores que pertenceram à mais popular prova esportiva de São Paulo. Identificaram-se, descobriram-se, é bem o termo.

Notavel o papel da Corrida de São Silvestre. Sem considerar o seu aspecto festivo, pois que se realiza na última noite do ano, justamente num momento em que os maus pensamentos não têm e não podem ter guarida nos corações humanos, sem levar em conta esse aspecto, diziamos, cumpre julgar a importância em benefício do próprio esporte nacional que lhe deve o aparecimento de uma verdadeira onda de entusiasmo a estimular e a amparar as realizações privadas que se destinavam como ainda se destinam à consecução de objetivos elevados.

Valores sem conta despontaram das suas fileiras nos vários anos das suas notáveis realizações. À sombra do seu prestígio muitos, dezenas mesmo, de pequenos grêmios formaram-se com a certeza de poder guiar-se pelas trilhas desse progresso em que ela se colocara.

Em sã consciência, cumpre reconhecer que a Corrida de S. Silvestre representou no esporte brasileiro um papel de transcendental importância. Na vida quasi provinciana de São Paulo, nos idos dias de 1925, a corrida da meia noite e que se tornou de ano para ano maior, mais popular e empolgante, teve a significação de uma palavra de estímulo e de entusiasmo. Se possível fosse estabelecer um gráfico da evolução do esporte paulista até 1925 e outro desta data em diante, ter-se-á oportunidade de verificar a extensão e a profundidade da interferência da Corrida de São Silvestre no esporte brasileiro.

Da velha Europa em que a civilização se confunde com a barbárie, em que milênios de progresso construtivo e útil se desfazem ao sôpro avassalador e pungente da guerra, veio a sementeira que brotou fecunda e generosa nas terras livres da América! Paris, esse monumento de sonhos e fantasias, num iato entre a inquietude dos problemas políticos transcendentais e as incertezas dos problemas econômicos, em geral, um reflexo de outro, vinha de realizar uma São Silvestre. Através da noite fria do inverno europeu, os concorrentes conduziam archotes que iluminavam mais a Cidade Luz! No espírito observador e sensível de Casper Líbero a visão se fixou a fogo. Que proveitos não teria a terra brasileira com a absorção de acontecimento dessa mesma amplitude.

E São Paulo teve, desde então, a Corrida de São Silvestre!

Conhecendo sua terra e sua gente, Casper Líbero confiou no êxito da sua iniciativa. E essa iniciativa foi um triunfo!

A São Silvestre descobriu os horizontes ainda fechados do atletismo nacional. Descortinou-os amplamente e os benefícios daí resultantes foram sem conta. Muitos e consagradores feitos fulguram nas páginas cheias de vibração do esporte brasileiro.

A chamazinha incipiente, lançada na noite de São Silvestre de 1925, transformou-se na fogueira crepitantes destes últimos tempos.

Foi um trabalho ingente a atestar a fibra forte do bandeirante.

Primeiro a massa. Estimulou-a arrancando-a da indiferença em que permanencia, mas aparente é verdade porque despontou como em eclosão, como si aguardasse o toque duma varinha mágica para descobrir e manifestar, mas que permanecia por tempo demasiado longo em contraste com os demais povos do Continente americano cuja evolução se fazia progressivamente. Depois acordou o atleta. Buscou-o em todos os recantos, e do conjunto tosco e bruto, trabalhando-o, incentivando-o, construiu legiões de bravos rapazes que se entrecruzaram com entusiasmo e varonil alegria no amplo campo da educação física da terra brasileira, tornando uma das suas mais nobres latitudes — o atletismo — o melhor sul-americano.

Vemos, assim que a Corrida de São Silvestre tem sido uma das melhores bases da evolução do atletismo nacional. Não iremos ao ponto de dizer que no setor da grande parada esportiva se resumem todas as vir-

tudes do maravilhoso esporte de Sílvio de Magalhães Padilha. Contudo, é de justiça frisar que ela foi um dos elementos estimuladores desse progresso que tornou o Brasil três vezes campeão da América do Sul, para cujo campo conduziu o pensamento do seu povo e a aspiração dos seus esportistas.

Além da São Silvestre, ou melhor, em razão do progresso maior registrado desde o aparecimento desta, cuja presença deu origem a centenas de iniciativas igualmente notáveis e populares, podem juntar-se outras muito valiosas criadas para efeito de divulgação do esporte nas suas diferentes latitudes. Assim é que tivemos e ainda aí se acham, surgidas em épocas diferentes e distintas, a Travessia de São Paulo a Nado para a popularização da natação; o campeonato popular de bola ao cesto, para este esporte; a corrida ciclística 9 de julho para o esporte do pedal; mais recentemente o campeonato popular de box e as provas dos bairros, todos criados pela «A GAZETA» com a finalidade única de desenvolver entre o povo o gosto pela prática desportiva, atrair-lhe o interesse e consequentemente ampliar cada vez mais o âmbito da sua interferência na vida física do País. E isso, felizmente, vem sendo realizado e tal trabalho, longe de ser uma intromissão indevida na administração governamental do esporte, constitue um programa de largo alcance e que deve ser prestigiado, sem dúvida, ou vacilações, por aquela administração.

Todas essas iniciativas, pois, foram cumprindo paulatinamente, o seu grande destino de cultoras do esporte. Todos os interstícios foram sendo preenchidos, assim, lenta e progressivamente mas infalivelmente. Tais provas representaram sempre tantos fatores de progresso e não duvidamos afirmar que elas, completadas ou em complemento dos esforços particulares, asseguram o estágio presente do esporte brasileiro.

Mas, por serem iniciativas privadas, portanto sem a amplitude genérica das atinentes à ação governamental, não puderam realizar um plano conjunto, por cujo intermédio dever-se-ia assegurar uma ação coordenada e completa.

Por isso, enquanto uns determinados setores eram devidamente amparados por uma assistência regular e constante, outros, embora não fossem esquecidos ou abandonados, não encontravam para a sua evolução o mesmo ambiente estimulante dos demais.

Já vimos, por exemplo, o caso dos esportes infantís e juvenís a favor dos quais podemos apontar apenas a Olimpíada do E. C. Pinheiros como algo proveitosamente feito.

Além dessa parte, faltou a regulamentação do esporte feminino; o esporte colegial foi apenas uma miragem, enquanto que na classe universitária a ação se apresentou individual e isolada, umas instituições praticando-o e outras mal conhecendo-o por reputa-lo inconciliável com a cultura do homem. Frutos, naturalmente, de uma época que já vai distante visto que hoje, com as associações, ligas e federações, igualmente amparadas pela oficialização esportiva, tornou-se o esporte parte integrante da educação individual. Fora isso, porém, muita coisa ha ainda para ser encarada com o devido interesse porque elas constituem elementos valiosos para o prosseguimento de um progresso que ninguém

deseja ver interrompido, como também porque completará, por seu turno, o lado social existente no conjunto esportivo.

É mister realizar um programa que possa aproximar os estados do norte com os do sul através de competições frequentes e clássicas. Poderíamos ainda salientar a importância fundamental que existe na aproximação de povos do mesmo continente, como veículo de amizade e como meio de progresso, mas, esta conveniência se imporá por si mesma quando aquela encontrar-se regular e perfeita. Para que um programa desta ordem seja cumprido da maneira mais satisfatória possível, é necessário dar aos órgãos reguladores competentes uma assistência proporcional às necessidades atuais do esporte e julga-lo na relação direta da importância adquirida.

Não ha dúvida na afirmação de que o nosso País, à semelhança de muitos outros, especialmente na América, acha-se nessa fase transitória em que o esporte, após haver provado largamente as suas virtudes, começa a cristalizar-se e adquirir personalidade definida.

Tal é esse período que nós não podemos, concientemente, condenar o desequilíbrio que até aqui apontamos e os defeitos que surgem à mais superficial observação. Além da circunstância de ter sido o nosso esporte implantado e estimulado pelo esforço particular, portanto nascido e desenvolvido sob condições extremamente complexas e variaveis conforme fosse a situação, cumpre ter em conta o fato da sua imigração recente para um meio que muito vagamente dele tinha conhecimento.

Foi necessário realizar um trabalho imenso para traze-lo aos dias de hoje. Felizmente, porém, essa fixação foi sendo compreendida e assim o esforço realizado encontrou o necessário estímulo para o prosseguimento da sua tarefa. Tais circunstâncias, pois, fazem com que julguemos com muita serenidade o nível atingido pelo esporte brasileiro que não poderá, senão daqui a muitas gerações, fazer um balanço preciso e matemático da sua conquista no conjunto da civilização humana. Será, então, o mesmo aspecto que hoje podemos apreciar em determinados núcleos, nos quais o esporte representa uma conquista que se transmite de geração para geração, de pai para filho, de filho para neto, todos com a consciência da importância que a atividade física adquiriu entre os homens. Assim tem sido na Finlândia por exemplo. Assim foi na Grécia da antiguidade. Mantendo, entretanto, a devida proporção entre o que os outros países conquistaram pelo tempo decorrido na prática desportiva, o Brasil tem algo realizado que não pode nem deve decepcionar os brasileiros por mais pessimistas que estes possam ser.

Pode-se afirmar que quanto foi alcançado até aqui, o patrimônio já ameaçado nas quatro ou cinco décadas de ação desportiva, nós o devemos praticamente a uma única geração — a atual, vinculada muito ligeiramente a outra cujos remanecentes ainda por aí se acham, direta ou indiretamente integrados ao esporte. Nada se recebeu por herança. Nossos pais e nossos avós, salvo raras exceções, não praticaram o esporte. Consequentemente, o primeiro contato dos esportistas de hoje com o setor da suas atividades, foi um contato ocasional ou mesmo subjetivo. Não fomos levados a ele pela ação reguladora de uma mentalidade cultivada com o fim

de dar forma efetiva a uma concepção definida, perfeitamente determinada. Foi ele que nos atraiu. As suas virtudes e os seus merecimentos levaram-nos a compreendê-lo e a prestigia-lo.

Não podemos nem devemos queixar-nos do que não fizemos no esporte porque quanto realizamos é digno de admiração e de apreço.

Existem, hoje, realizações esportivas francamente vitoriosas e que ha alguns anos pareceriam verdadeiros sacrilégios caso se realizassem. Todavia, para implanta-las e transforma-las no facho luminoso que hoje são, foi necessário que a mocidade dos nossos dias rompesse violentamente os fortes grilhões que a ligavam às gerações passadas. É o caso, por exemplo, do confronto poli-esportivo do Colégio Mackenzie e da Faculdade de Medicina, popularizado sob a designação de Mac-Med. Tal tem sido o êxito dessa iniciativa, tamanha é a sua repercussão no seio da juventude acadêmica, que inúmeras outras foram surgindo com a mesma finalidade sadia e elevada da primeira. E, entretanto, quanto convencionalismo não foi necessário destruir para alcançar essa fase realmente auspiciosa do esporte universitário! Os professores de agora, salvo honrosas exceções, por certo admitirão tais empreendimentos esportivos como um mal necessário, uma contingência da época que se está vivendo. Mas os professores de amanhã e que provavelmente serão os alunos de hoje e portanto os desportistas integrandes das Mac-Med dos nossos dias, esses terão a consciência precisa e determinada do valor esportivo na formação dos homens.

Somente então teremos passado essa fase embrionária na qual nos achamos ainda.

O advento do profissionalismo em nosso esporte, entrado pelos portais aurifulgentes do futebol, conquanto tenha vindo dar solução a um problema que se impunha em benefício da existência daquele ramo esportivo, fez com que a atenção de outros setores da educação física fosse despertada para a questão e com ela a cubiça e o aneio de lucros pela prática de um desporto que jamais tivera a feição individual que se deseja reair essa profissionalização às ocultas, num flagrante retro-e imediata finalidade — difundir a educação física pelo desporto.

Não discutiremos nesta nota si houve ou não conveniência na adoção do profissionalismo dentro do futebol. Entretanto, sejam ou não favoráveis as conclusões a que possamos chegar pela análise do assunto, está mais ou menos provado que o popular esporte pode assumir a responsabilidade do seu compromisso porque as rendas têm sido fartas e compensadoras.

Essa circunstância, porém, não ocorre com os demais setores. Os esportes restantes, sem público e portanto sem rendas, não podem, absolutamente, pensar na profissionalização da sua prática, sobretudo quando se deseja realizar essa profissionalização às ocultas, num flagrante retrocesso aos mesmos e batidos métodos do passado e que quasi conduziram o futebol brasileiro à falência.

O mal, porém, está se desenvolvendo, aumentando gradativamente e a tal estado ele já atingiu que não sabemos si será possível extirpa-lo. Neste

sentido, entretanto, é mister que se conjuguem todos os poderes constituídos do esporte brasileiro na ação de represália a esse verdadeiro inimigo e cuja ação poderá fazer ruir todo o trabalho até aqui realizado com sacrifícios enormes. Cabe a mesma soma de deveres tanto aos clubes como às associações ou ligas; aqueles e estas em perfeita consonância com o poder público poderão alcançar um resultado ainda a tempo de evitar um desastre para o qual vamos correndo mais apressadamente do que seria lógico admitir-se. Como fazer, porém?

Tomando-se o esportista em sua função de competidor, temo-lo como um meio de difusão do esporte. Ele, para a massa, representa a expressão-símbolo que o praticante do esporte pode alcançar, esse verdadeiro estágio em que os indivíduos se transformam em motivos de enternecida admiração de outros indivíduos. Pois bem. É justo que a essa classe seja dispensado um tratamento digno que vá desde as boas instalações, higiênicas e adequadas, até aos cuidados alimentares, essenciais para aqueles que nas justas esportistas queimam sem restrições as calorias de que se compõe o organismo humano, somente recuperáveis pela ingestão de alimentos sadios e abundantes.

Em vez dos clubes dispenderem com seus esportistas enormes somas quem nem sempre são devidamente aproveitadas no interesse físico do próprio atleta, em via de regra desviadas para as mesas de jogo ou outros meios de desregramento, melhor fôra que os clubes amadores empregassem os seus rendimentos em benfeitorias que pudessem direta ou indiretamente servir ao bem estar dos associados e dos esportistas. Seria necessário que o atleta pudesse encontrar sempre em condições a pista onde realizar os seus treinos sem ser molestado pela interferência de qualquer outro ramo desportivo; seria igualmente necessário que o arremessador tivesse o seu material igualmente bom e o círculo dos arremessos perfeito e exaço; que o saltador tivesse o tanque de saltos em condições técnicas e perfeitas; que o técnico fosse realmente um valor à altura do potencial esportivo brasileiro e — este sim — suficientemente protegido por uma situação financeira compensadora. Seria mister ainda que a esgrima dispusesse de instalações e material adequados; que o remo, que a natação, que o polo, que o box amador pudessem contar com os elementos fundamentais da sua subsistência, quer por ordem material como técnica, esportiva como espiritual, porque sem tais atributos não serão jamais alcançados os fins da educação física.

É triste, por exemplo, vêr-se um desportista praticar durante quarenta, cinquenta ou noventa minutos, quer uma partida de cestebol, de voleibol ou de futebol, ou ainda de atletismo ou pedestrianismo, e no final desse exercício buscar ansioso um chuveiro que possa reintegrá-lo na satisfação de um corpo limpo e sadio, encontrando, na maioria das vezes, um ambiente inadequado e quando não um desalentador aviso: não ha água!

Quantos e quantos clubes existem nessas condições! Quantas e quantas sédes, brilhantes de luzes, móveis estofados e ricos, por aí existem ao passo que os campos de esportes sofrem a falta de instalações condizentes à prática salutar do esporte. Isto para não falarmos de aparelhamentos médicos que seriam indispensáveis, recintos para a ginástica e de

outros fatores que siquer citamos porque seria, então, aspirar muito mais do que se objetiva ao fazer estas considerações.

Deixemos, pois, que o esporte cumpra a sua alta missão educacional e não o tomemos como veículo da desagregação dos espíritos que nele se acham integrados.

É muito justo que um clube, por exemplo, ampare, quando possível, a situação dos seus defensores esportivos. Esse amparo poderá fazer-se pela indicação de um emprego no qual ele possa encontrar o meio-material da sua subsistência e assim praticar sem outra preocupação a função que lhe cabe no campo da educação física. Poderá ir além, fornecendo-lhe uma alimentação sadia e abundante, sempre necessária e indispensável, desde que esta tenha sido estabelecida e determinada pelo serviço de assistência médica do clube. Deverá protegê-lo por uma cuidadosa fiscalização da sua saúde através de observações constantes e meticolosas, estabelecidas por quadros estatísticos através dos quais possam ser determinadas as alternativas por que esteja sujeito o atleta e conseqüentemente remedia-los. Se, porventura, o desportista adoecer e necessitar de uma assistência médica e farmacêutica, ainda aqui reputamos dever básico dos clubes assisti-lo, visto que a prática desportiva pode, quando mais intensa, acarretar danos à saúde do indivíduo. Enfim, essas e outras razões poderíamos aduzir aqui na defesa do nosso ponto de vista contra o lado mais cômodo da questão e que é o de pagar uma determinada quantia aos rapazes e com isso desobrigar-se de inúmeros outros deveres para com eles. Adotando-se este último princípio, teremos prestado um duplo mau serviço ao esporte: desviam-se os caracteres quando a função esportiva nada mais é do que uma função educativa e privam-se as praças de esportes de melhoramentos essenciais não só para um pequeno e restrito grupo de atletas como para a própria maioria dos associados que se veem prejudicados nos seus interesses diretos.

Entretanto, como eliminar tais inconvenientes?

Como já dissemos, o trabalho deve ser conjunto e coordenado.

Conquanto reconheçamos que é essa uma tarefa de gigante a desafiar a maior boa vontade possível, igualmente concordamos que a solução não será encontrada si não encararmos o problema de frente e corajosamente não o tentarmos eliminar.

DIVULGAÇÃO E PROPAGANDA

O estudo de um problema depende de muitas circunstâncias. Agora, quando esse problema se prende à divulgação do esporte e à propaganda das suas virtudes, então torna-se ele mais complexo e de muito maior profundidade do que teria a primeira vista.

No terreno da divulgação e da propaganda tudo está por fazer em nossa terra!

A maioria do público imagina que divulgação e propaganda dependem dos jornais e dos outros meios adequados. Entretanto, estes é que, na realidade, se acham na dependência dos centros reguladores do esporte

porque sem um programa de sentido amplo e definitivo não será possível despertar o interesse da massa e o entusiasmo da juventude. Esta, sobretudo, deve ser educada desde os primeiros passos no esporte, mas de forma racional e criteriosa. É um trabalho lento e difícil não ha dúvida e que demanda persistência e boa vontade, mas, os frutos advindo de um tal programa seriam indiscutivelmente os melhores que se poderiam desejar. Se a capital paulista, por exemplo, fosse dividida em tantos setores e cada um destes fosse confiado a um grande clube do porte do Paulistano, do Pinheiros, do Tietê, do Espéria, do Corinthians, do Palmeiras. enfim, de tantos e tantos outros que por aí existem, capazes todos eles de dar plena e satisfatória execução a um programa de real utilidade para a educação física, é certo que os proveitos seriam matemáticos e precisos, sobretudo abundantes. Não são todos os grêmios que podem habituar-se à idéia de começar do princípio. Alguns, sinão a maioria, desejam plantar e colher prontamente e nós sabemos que isso não é possível nem jamais será possível. O trabalho deve ser racionalizado, começar de baixo para cima, isto é, na ordem natural de todos os fenômenos físicos.

Deixando depois o terreno da cultura preliminar poderíamos alcançar o estágio da divulgação interna porque aquela virá até determinado ponto quando esta e outras do mesmo tipo deverão, a seguir, realizar o seu papel no conjunto ativo. É a fase das competições, dos torneios, dos embates de representação. Neste terreno, igualmente, torna-se preciso haver estímulo para a jornada. Conseqüentemente, as justas regionais personalizam-se, as competições tomam vulto, adquirem notoriedade. Surgem as disputas dos troféos que se transformam em verdadeiros símbolos das gerações e das épocas.

Temos reiteradamente proclamado a necessidade de fugirmos ao seguimento das linhas imutáveis do classicismo que, sobretudo no atletismo, atrai o desinteresse e a apatia. Desde que não nos é possível frequente intercambio com as nações vizinhas, aproveitemo-nos, mais e mais, das proximidades dos Estados brasileiros que maior progresso evidenciam no esporte-base e com eles façamos esporte, cultivemos e estimulemos o progresso do atletismo nacional, menos como sentido esportivo e mais como elementos de aproximação e cultura.

Impõe-se, daí, a criação de trofeus cuja simples instituição justifique o intercambio desejado. Que se multipliquem, assim, os trofeus «Alvaro Ribeiro», «Correio da Manhã», «Prado Junior», «Vigor», «Sylvio Padilha» e tantos outros trofeus clássicos, todos instituídos com o propósito de difundir o atletismo em todas as suas latitudes, porque, em cada qual, repousam os mais fulgurantes feitos do esporte-base brasileiro. Serão eles outros tantos veículos de aproximação e desenvolvimento do atletismo. Com programas interessantes, com o tempo se transformarão em autênticas colunas que sustentarão a grandeza do magnífico esporte helênico, esporte que tão alto tem evidenciado o progresso esportivo de nossa terra. Outros trofeus devem ser criados, Um, por exemplo, destinado a um revezamento olímpico. Porque não existe ainda? Outros ha que aguardam apenas a iniciativa dos nossos poderes esportivos para terem plena execução. O atletismo é uma modalidade que apresenta um campo vasto para reali-

zações dessa ordem, cada qual independente e, por isso mesmo, mais atraentes e originais.

Mas não basta porém. Ainda no terreno da divulgação muito ha a fazer. Um dos aspectos que deviam merecer toda a atenção dos administradores do nosso esporte acha-se o da centralização do poder dirigente. É um bem ou é um mal? Não desejamos discutir aquilo que constitue uma jurisprudência firmada pelo esporte de nossa Pátria e que proibe a existência de mais de uma entidade para um mesmo esporte. Mas a experiência faz com que possamos admitir que a distribuição desse poder em tantos núcleos quantos fossem os bairros da Capital de São Paulo, por exemplo, não representaria uma diminuição da autoridade nem um desperdício de esforços e sim a ação de muitos refletida para o interesse de um só. O que existe presentemente, é o esforço de um só dirigido para todos os pontos do território sob a sua jurisdição, multiplicando-lhe o trabalho que não poderá, nunca, ser proveitoso e util.

Seria o complemento das escolas de difusão da educação física. Uma liga ou associação, diretamente vinculada à federação central, compreendendo em sua esfera de atividade o esporte em tantos núcleos, permitirá àquelas uma ação de tal envergadura que o produto duma só seria facilmente reproduzido em dez, quinze ou quantas fossem as células produtoras. Essa deliberação imporia a solução de outros problemas entre os quais achar-se-ia o da construção de campos de esportes. Sem dúvida, mas aí está o esporte oficializado, prestigiado pela administração pública, portanto, amparado em suas necessidades materiais pela ingerência oficial.

Infelizmente, ainda não chegamos a ver esse objetivo concretizado. Tivemos no atletismo uma liga agindo em consequência com uma federação. Pois bem. Por força da regulamentação do esporte, a primeira foi obrigada a desaparecer, transferindo para a segunda o conjunto da sua atividade e com isto aumentando o seu trabalho e diminuindo a produção. O mais elementar princípio reconhece a força resultante da ação conjugada de vários elementos agindo de maneira uniforme em benefício dum só objetivo, em relação a um elemento que, visando esse mesmo objetivo, age porém, em nome de muitos e diversos fatores.

Concordamos que tudo será feito, agora que o esporte brasileiro se encontra oficializado, sobretudo porque, aquilo que demorou quarenta ou cinquenta anos para ser realizado não o será num dia ou num ano. Tempo e paciência.

Mas, entre os vários problemas que cumpre encarar e possivelmente resolver, difícil de serem expostos amplamente neste trabalho em virtude da sua complexidade, acham-se os seguintes cuja importância destacamos porque com eles privamos longo tempo, auscultando-lhes as necessidades e pesando-lhes o valor intrínseco: atletismo — as provas de longo percurso, de resistência; as praças de esportes; amadorismo e profissionalismo; divulgação e propaganda (escolas, multiplicação das ligas).

Na primeira dessas partes, por exemplo, é demasiadamente frágil o que até aquí realizamos. Inexplicavelmente, o Brasil apresenta, em face dos países sul-americanos, um dos mais baixos coeficientes, inexplicavel sobretudo quando se sabe que o valor do atletismo brasileiro é de tal porte

que lhe outorgou o predomínio da América do Sul. A realidade, porém, é uma e única; o atletismo propriamente dito e o pedestrianismo de nossa terra são inconciliáveis entre si. Nunca se integraram, afastaram-se como esportes isolados, como se a natureza de ambos fosse fundamentalmente diversa. Poderíamos dizer que entre um e outro existiu um antagonismo de castas, inexplicável, predominando no primeiro a preferência de uma elite que o segundo não pode contar. Mas é uma pena porque nunca duvidamos das possibilidades do esportista brasileiro, capaz de realizar um programa notável também nesse setor de suma importância desde que devidamente preparado para ele. É incrível, por exemplo, que a maratona realizada normalmente em todo o mundo, inclusive nos jogos olímpicos, tenha a sua realização entre nós circunscrita a um âmbito muito limitado e assim mesmo reduzida para adaptar-se às conveniências do meio sul americano. É pena que isto aconteça porque no esporte, sobretudo no atletismo, a prova da maratona é uma das que têm maior personalidade.

Essa virtude, mais objetiva do que real, é resultante do famoso episódio histórico e que atravessando mais de vinte séculos chegou até nossos dias com o brilho característico dos acontecimentos recentes.

Um grego — Feidípides — arauto e corredor, cobriu a distância de Atenas e Sparta, perto de cem milhas de vôo de ave e muito mais com os desvios e voltas do caminho, em menos de quarenta e oito horas, afim de pedir auxílio dos lacedemônios na luta dos gregos contra a agressão dos persas. E dito o seu discurso, o homem caiu fulminado pelo esforço tremendo que realizara.

Hoje, porém, os fatos passar-se-iam de modo diverso. Passam-se, diríamos melhor. Na era do avião, do rádio e do telégrafo, não é preciso senão correr, quanto muito, poucas dezenas de metros para alcançar o primeiro campo, a mais próxima estação telegráfica ou rádio emissora, afim de que, segundos depois, os pontos mais diversos do mundo sejam informados de um episódio que ainda se desenvolve.

Ficou, porém, a tradição reavivada sempre pelo espírito esportivo de todas as nações do mundo.

Seja como fôr, porém, a maratona resume o espírito de uma civilização que se perde na imensidade dos séculos. Base fundamental dos jogos olímpicos, ela significa o ponto de partida de uma longa jornada, inteiramente devotada à educação física dos povos e de gerações várias e diferentes.

A maratona poderá ser, como realmente é, ninguém o nega, uma prova rigorosa e que impõe penosos sacrifícios aos que a realizam. Entretanto, não se compreenderiam jogos olímpicos sem a sua inclusão no programa respectivo, porque mais do que o seu efeito esportivo, ha o fundamento espiritual que tanta beleza empresta aos jogos clássicos.

Eis a razão pela qual, embora se sucedam os séculos, a maratona permanece em toda a sua magnífica grandeza. Nem fôra pensando diversamente que nas últimas olimpíadas seus instituidores honraram determinadamente o grego vencedor da maratona dos primeiros jogos olímpicos da era moderna. Por que ele, um maratonista e não outro, um saltador ou arremessador?

Entre nós, pouco ou quasi nada se tem feito pela maratona. Acolhem-nos num cômodo desinteresse, assentamos quartel na afirmação de que ella é uma prova penosa, para observa-la apenas por esse lado e esquecer o seu grande papel espiritual e histórico. Ganhamos campeonatos mesmo sem corredores de fundo, por que nos preocuparmos com a maratona?

Em 1937, por ocasião do campeonato sul-americano de atletismo aqui efetuado, os brasileiros e os argentinos propuzeram ao Congresso a supressão daquela prova, apoiados num substancioso trabalho do representante portenho dr. Reggi. Curioso é assinalar, todavia, que os argentinos tinham em Zabala o vencedor da maratona de Los Angeles, em 1932, e que, sobretudo na Argentina, grande evidência têm as provas de fundo graças ao comprovado valor de alguns «azes», entre os quais agora se junta esse fenomenal Raul Ibarra.

Não tivemos notícia, depois, de haver sido vitoriosa a tese dos argentinos e brasileiros. O fato, porém, é que a maratona sul-americana (32 quilómetros) continua figurando nos nossos programas, disputada sempre com muito empenho pelos atletas dos diferentes países deste Continente.

Por que não tentarmos, não a supressão da maratona, mas a formação de uma boa base da qual pudesse refletir algo de aproveitavel para o futuro nessa latitude atlética? Mesmo que tal se fizesse a título de experiência, seria inconcebível, perguntamos, a execução de um programa que partindo do registro do candidato à maratona, fosse seguindo uma escala ascendente até ao ponto da execução de uma autêntica maratona? O que se tem feito e tem servido para julgamento dos nossos valores é muito pouco. Nunca se lhes deu uma oportunidade real para demonstrar a realidade da tese de que não possuímos corredores de fundo, inclusive maratonistas. Tudo tem sido improvisação, esta ainda baseada na maior ou menor boa vontade dos nossos atletas, tal é a verdade.

Um país como o nosso, de vasta extensão territorial, onde os problemas se multiplicam na relação direta dos seus 8 milhões e meio de quilómetros quadrados, exige, como fator de progresso e de trabalho util e proveitoso uma cooperação sem limites da sua população, tanto mais necessária quando se reconhece que a densidade daquela igualmente não é proporcional aos immediatos interesses da Pátria. Ora, acreditamos piamente que essa cooperação, mesmo nos tempos normais e pacíficos, pode e deve ser feita simultaneamente por diferentes e vários elementos de ação, sobretudo porque as fontes vitais da nacionalidade não se restringem a um campo de ação isolado e sim se multiplicam em tantas centelhas asseguradoras da sua vitalidade essencial. Ella avulta, todavia, nos momentos convulsivos como este em que vivemos, instantes de emoção profunda, quando tudo é pedido e nenhum sacrificio deve ser poupado com o fim de assegurar pela eficiência e pelo trabalho, pela ordem e pela disciplina, uma vitória que não deve nem pode faltar.

O esporte cumpre tambem o seu papel de fundamental importância na ordem desses trabalhos. Neste particular, é-nos assegurado o direito de afirmar que em tal programa não existe o sentido da improvisação ou o do ajustamento apressado de um mecanismo auxiliar, porque o esporte, conciliando sempre a sua função recreativa e de diversão, não excluiu

nunca do programa da sua atividade o sentido puro e elevado da educação física.

Como diversão, o esporte, em todas as suas latitudes, nada mais foi do que um traço de união entre o indiferentismo da massa e a educação física propriamente dita, atraindo para esta, de forma fácil pouco trabalhosa, gerações e gerações de homens e de mulheres que doutro modo ter-se-iam mantido alheios da disciplina dos movimentos, do ritmo dos gestos e ignorantes das lutas que emprestam aos homens a faculdade de se conhecerem a si mesmos.

Mais do que em outra parte qualquer da educação física, o atletismo nada mais tem sido do que uma escola de aperfeiçoamento moral constante e progressivo. Já, por si mesma, a designação do esportista como atleta, representa uma conquista e não a determinante de uma classe. Atleta não é quem simplesmente deseja se-lo, porém, o indivíduo que por suas qualidades, atributos pessoais e virtudes morais, soube conquista-lo.

Essa a razão porque, pela imprensa e por outros meios acessíveis, batemo-nos sempre pela organização do atletismo sobre as bases do interesse público e embora tenhamos em nosso meio alcançado tais resultados que não permitiram tornar o nosso trabalho inutil, a idéia não se generalizou da forma como a desejaríamos, talvez porque a não compreendessem ou porque não fosse, então, suficientemente cômoda e fácil de ser realizada.

Acontecimentos históricos que o tempo vai aos poucos levando para as sombras de uma época que o mundo designará como o passado, veem dar aos fundamentos destes princípios, a certeza de uma afirmação indelével.

Sem dúvida todos se lembram da Revolução de 1932, sujeita às mais rudes provas de sacrifício e renúncia, de disciplina, de ordem e de trabalho.

Os homens de todas as castas acorreram ao chamado. Ninguém se poupou. Todos foram, eis tudo. E enfileirando-se os voluntários junto aos militares de fato, aqueles receberam rudimentos de uma instrução que em outras ocasiões teria sido mais profunda e demorada. O fato é que nem todos os nossos voluntários podiam suportar o sacrifício das longas caminhadas pela falta de uma resistência física indispensável ao soldado do Brasil. E a ausência desse preparo mais patente se tornou em varias ocasiões. Então os jovens recrutas se viram na contingência de encetar uma longa caminhada de retorno às suas posições de retaguarda, através de caminhos inhóspitos, rudes e difíceis. A falta de resistência se patenteou então em toda a sua pujante realidade. Muitos jovens deitavam-se ao longo do caminho, indiferentes a sorte que porventura pudesse esperá-los, desanimados, fisicamente abatidos!

Eis aí, pois, a corrida de resistência, de longo percurso, a maratona e o «cross-country», a realizar um papel de fundamental importância na preparação física dos nossos jovens patrióticos, emprestando-lhes uma eficiência de que individualmente não poderão arrepender-se e que será sempre útil mesmo que encaremos essa força física no conjunto da sociedade.

Cumpre, pois, incentivar a corrida rústica. Com um pouco de boa vontade, o Brasil poderá ter essa modalidade atlética perfeitamente desenvolvida. Sua prática é facilíma e o onus correspondente poderá ser reduzido na relação direta da maior ou menor capacidade realizadora dos seus instituidores. Quando disputada através de lugares públicos, ruas e praças, as corridas rústicas despertam enorme entusiasmo, contribuem poderosamente para a propaganda dos esportes e concorrem para que numerosas pessoas se sintam atraídas pelos esportes e se disponham a pratica-los.

Mas, o que vale salientar aquí neste estudo, é a importância da corrida de resistência no meio brasileiro.

As federações nacionais cumprirão um programa de profunda significação patriótica se a ele se dedicarem com interesse e zêlo, porque, embora não sejamos tão inocentes ao ponto de julgar que a solução dos nossos problemas geográficos possa ser encontrada com disputantes de maratonas e de corridas rústicas, acreditamos em que a parte reservada ao esporte, no congraçamento de todas as forças da nacionalidade com rumo ao progresso e à grandeza do Brasil, terá sido feliz e proveitosamente eumprida.

Outro têmea interessante a ser encarado neste trabalho é o das praças esportivas. Reputamo-lo de importância fundamental porque, particularmente o atletismo, tem a sua existência diretamente vinculada às praças esportivas. Sem elas esse esporte não terá desenvolvimento regular nem sadio.

O atletismo não tem meios adequados para viver e progredir, eis a verdade. São poucas as instalações esportivas no Brasil que não restringem a sua atividade ao futebol apenas e naquelas, onde as disposições da praça determinaram o local ao atletismo, etc., o conflito entre a primeira e a segunda modalidade esportiva nunca terminou favoravel a este último.

São Paulo ainda é um dos Estados privilegiados da União, pois, aquí, são inúmeras as praças esportivas mais ou menos completas e nas quais o atletismo é regularmente praticado. Como instalações modelares poderíamos mencionar as pistas do C. R. Tietê, do Floresta, do C. A. Paulistano, do E. C. Pinheiros, do estádio do Pacaembú, capazes todas elas de permitir a realização de grandes espetáculos atléticos. Além dessas, outras de pequeno vulto, dispersas por bairros e municípios do Estado, tornam o patrimônio paulista um dos mais respeitáveis para essa classe de esporte.

Infelizmente, porém, o mesmo não se poderá dizer com relação às demais unidades da Federação. Excepto no Rio Grande do Sul onde o atletismo começa a adquirir personalidade perfeitamente definida no conjunto nacional com uma ou duas praças bem aparelhadas e no Distrito Federal onde o Vasco da Gama e o Fluminense contam com pistas em torno dos seus campos de futebol, a situação alhures é de extremo desapontamento.

Em Minas Gerais, região das mais prósperas do País, não existe uma pista de atletismo, nem mesmo o mais provinciano pedaço de terra que pudesse permitir à sua mocidade o indispensavel preparo à disputa de

torneios internos. Na Baía, em Pernambuco, enfim, em quasi todos os estados da União a principiar pelos mais importantes, a situação é a mesma: não existem pistas nem instalações adequadas à prática do atletismo.

Dêem pistas de atletismo aos Estados brasileiros e o Brasil permanecerá campeão sul-americano por tempo indefinido!

Exagero? Não, verdade profunda e incontestavel. Hoje em que o esporte nacional se encontra sob o amparo e proteção do governo, perfeitamente legislado, podendo contar, portanto, com os benefícios referentes a essa situação, não seria pedir muito que em cada Capital dos mais adiantados Estados do nosso País se construíssem pistas de atletismo capazes de permitir o desenvolvimento desse esporte, desenvolvimento que somente deixa de ocorrer nas diferentes regiões por falta de locais apropriados à sua prática.

O esporte é educação, é cultura. As pistas de atletismo cinzelam o carater do indivíduo, plasmando-os no cadinho das mais elevadas e nobres ambições humanas. Tantos e expressivos têm sido os exemplos que exalçam as virtudes desse esporte e evidenciam o seu grande papel disciplinador! Poderíamos aqui lembrar a atuação dos brasileiros no campeonato sul americano realizado em 1939, no Perú, não apenas esportiva e técnica mas eloquentemente afirmativa de um valor moral e cívico que se reflectem de cada uma das diferentes atuações em que os nossos atletas se envolveram.

Outro fato bem expressivo da grandeza cívica do atleta brasileiro encontra-lo-emos na vida de Alvaro de Oliveira Ribeiro, o notavel desportista que encheu de extraordinário fulgor a vida do atletismo de nossa terra ha vinte anos mais ou menos. Poucos ainda se lembrarão daquele ousado e destemido jovem que preferiu afrontar o público consideravel que se acotovelava num dos estádios do País para assistir à solene abertura das olimpiadas de 1924, a inclinar a bandeira de sua Pátria que lhe coubera conduzir como porta-bandeira de uma pequena representação esportiva! Fôra uma atitude verdadeiramente revolucionária porque todos os outros estandartes, até então, haviam sido inclinados ao se defrontarem com o pavilhão official. O Brasil, representado pela gloriosa bandeira auri-verde, passara como viera: ereto e firme!

Foi uma grande lição de civismo, realmente! Foi a afirmação serena e muda, mas eloquente, de uma cultura que o contato com as pistas não diminuiu nunca, antes consolidou.

Eis porque, dando aos jovens do Brasil, mais pistas de atletismo onde possam desenvolver uma cultura física que hoje se admite como perfeitamente adequada ao conjunto ativo da nacionalidade, não terão os administradores nacionais concorrido apenas para alcançar um fim puramente esportivo mas realizado algo que permitirá completar o quadro das aspirações de todos os brasileiros — de norte a sul, de leste a oeste —, permitindo a cada um ter justa consciência dos seus deveres perante a Pátria.

C O N C L U I N D O

Assim, pois, enquanto aguardamos que a evolução se faça naturalmente como deve ser pela ocorrência de elementos vários na execução desse objetivo, não devemos esperar que a perfeição ocorra apenas porque a desejemos ou a reputemos como um fator de tempo. Bem ao contrário. É precisamente pela reunião dos esforços gerais que essa perfeição se fará e por esse meio a geração atual confiará às que se seguirem um patrimônio senão notável como o desejariamos mas perfeitamente definido. Ora, um dos grandes meios de manter viva a centelha do entusiasmo pelo esporte será, sem dúvida, tê-lo em constante atividade. Traçado um programa amplo, dentro de diretrizes que atendam às conveniências dos que nele se integraram, o trabalho não pode nem deve sofrer solução de continuidade.

Acima destas circunstâncias, acima de tudo, porém, devemos inspirar-lo no irrestrito amor à educação física racional e criteriosa, forma igualmente nobre de servir à causa sagrada da nacionalidade, da Pátria enfim!

AS ORIGENS DE NOSSA MA' EDUCAÇÃO ESPORTIVA

A EDUCAÇÃO ESPORTIVA NÃO É PRIVILEGIO...

Ha entre nós uma casta de esportistas cheios de provenções e preconceitos, que julgam o futebol, indisciplinarmente, o unico membro degenerado da familia. Engano...

Essa casta está dividida em duas classes. A primeira é a dos outros esportes, amadores; a segunda, é constituída pelos apologistas do futebol do passado, ou seja, a perniciososa classe dos saudosistas. Os apologistas do futebol de antanho accusam o futebol atual de tantos defeitos, esquecendo-se que todos esses maus habitos tomaram impulso no seu tempo. São os primeiros que deveriam ficar quietos, porque a eles cabe toda a responsabilidade pela degeneração disciplinar que se apoderou do futebol, através dos tempos. A outra classe, como dissemos, é constituída pelos participantes da vida dos outros esportes. Sempre accusaram o futebol, mesmo no tempo do amadorismo, de ser o unico turbulento, sem educação esportiva, sendo que, depois, com a implantação do profissionalismo, passaram-no a caluniar com mais violencia. Entretanto, os outros esportes pouco ou nada têm que dizer do futebol, doutrinaria e disciplinarmente. Não podem atirar a primeira pedra, porque sabem que possuem telhados de vidro... e dos mais frageis... Em materia de disciplina, então, temos muito que evoluir, seja no futebol profissional, seja em qualquer outra modalidade amadora. Disciplina, educação esportiva não se cultivam ou adquirem pelo fato do esportista participar desta ou daquela modalidade: fazer parte do clube X ou Z, ser amador puro ou profissional autentico. O bom espirito esportivo não depende de ser futebolista ou atleta, cestobolista ou ciclista. O bom esportista é bom esportista em qualquer esporte. A disciplina não é privilegio da modalidade, de clubes, de individuos! É um erro, por exemplo, julgar-se que a educação esportiva está mais ao alcance do individuo culto. Engano! No campo da luta, o praticante, si não é correto, é porque tem pessimo temperamento, é de má indole. Ora, um esportista irascivel, turbulento, com mau espirito esportivo, tanto pode ser culto como analfabeto, rico ou pobre; pode dedicar-se ao futebol como ao atletismo; pode ser amador ou profissional; ser defensor do clube A ou do B. Poderíamos dar um milhão de exemplos.

A nossa educação esportiva — já é tempo de se saber isso — tem que evoluir em todos os setores, porque a mesma semente má que fez nascer o futebol gerou igualmente os demais esportes!

Os jogadores amadores podem ser taxados de melhor espírito esportivo do que os profissionais?

O Esperia e o Tieté-S. Paulo cultivam melhor os sentimentos esportivos do que o S. Paulo F. C., o Palestra, etc.?

Comportam-se melhor os torcedores de polo aquático, apesar de serem meia dúzia, do que os fanaticos do futebol? Não! A paixão partidária do nosso afeiçoado é idêntica, onde quer que ele esteja torcendo: na piscina, no gramado, na quadra ou na pista! O apaixonado é apaixonado em qualquer partida!

Os jogadores, si não sabem perder e muito menos ganhar, tanto revelam esse mau espírito esportivo si estão jogando futebol, bola ao cesto, polo aquático, etc.

Não é condição de amador ou profissional que faz o esportista correto. Nem tão pouco aprende-se o ser melhor ou pior esportista por fazer parte, como jogador ou socio, do Esperia ou do Palestra, do S. Paulo F. C., Paulistano ou do Corinthians, do Tieté ou do Tennis Clube, etc.

Em suma, em materia de educação esportiva ninguem pode atirar a primeiro pedra, seja futebolista ou cestobolista, amador ou profissional, culto ou analfabeto, esportista do passado ou do presente, tieteano ou palestrino, esperiota ou corintiano!

«ANTIGAMENTE NÃO ERA ASSIM...»

Culpa-se o presente. Diz-se que tudo é fruto dos tempos atuais. O futebol degenerou; antigamente não era assim... Sempre, em tais ocasiões, vem as queixas amargas, acerca do presente, como si o passado nada tem que com o que aí está, como si a nossa mentalidade esportiva atual não se formou no passado...

A arvore da disciplina, porém, é velha... Foi plantada ha muito tempo, nasceu, desenvolveu-se e tem dado muitos frutos... Não adianta corta-la, quebrar-lhe os galhos. Si não se arrancar com raizes, crescerá cada vez mais.

A indisciplina vem de longe. Como os quadros deixavam o campo no passado, dá-se o mesmo hoje. Naturalmente, os efeitos são maiores. Uma cousa era o ambiente, futebolístico em 1905 e outra é o de agora. Foi nos tempos passados que se implantou a arvore da indisciplina. Os que começaram a trata-la, não chegaram a colher os frutos maduros, porque foram ficando para traz. A culpa é deles, porém. Deixam-na crescer, quando a principio seria facil evitar que se desenvolvesse. O exemplo vem de longe. Em 1910, ha trinta anos, o Paulistano, no Velodromo, no tempo do futebol esporte por esporte, na epoca que era praticado pela elite e assistido em grande parte pelo elemento feminino, em consequencia de uma desavença que se deu a certa altura da luta, contra o Americano, em um importante jogo de campeonato, abandonou o campo acintosamente. Vê-se, pois, que muito cedo começou a se notar a rebeldia dos jogadores em campo. Então, como acontece nos tempos atuais, si os diretores não se fizessem dominar pela paixão clubística,

não teriam permitido que o seu quadro desse tão mau passo. A este exemplo, seguiu-se outro, depois outro e o mal propagou-se e enraizou-se. Não houve clube dos que já existiram, e não ha gremio que exista entre nós que não tenha, em sua carreira, praticado, pelo menos uma vez, aquelle ato dos amadores de 1910. Ninguem poderá atirar a primeira pedra. Os do passado não podem se queixar da indisciplina actual, porque quem a semeou foi justamente o futebol de antanho.

Com o decorrer do tempo, a rivalidade foi cada vez mais desvirtuada e a disciplina menos respeitada, por burla às leis. Todos sabem que houve uma epoca, ainda muito antes de apodrecer o regimen «amador», em que para se justificar as desleais atitudes de truncamento das partidas e para se fazer escapar os culpados às punições «inventou-se» o cumprimento do tempo em campo. Um quadro recusava-se a proseguir o jogo. Não saia do gramado. Deixava-se ficar inativo em campo até esgotar-se o tempo regulamentar e com isso tolerava-se não só a sua indisciplina como não era dado por vencido.

Isso ajudou muito os clubes a abusar em arruinar as partidas, quando não se conformavam com as decisões dos juizes, ou por outro qualquer motivo. Ao invés, pois, de se aplicar punições mais graves contra os faltosos à medida que o mal ia crescendo, lançou-se mão de expedientes à margem das leis para tolerar o mais possivel os quadros praticantes de ato tão anti-esportivo. Somente a começar de 1930, depois do mal ter creado raizes muito tarde, portanto, é que se começou a aplicar a verdadeira punição para tais casos. Naquele anno, como devemos estar lembrados, no primeiro turno, o Palestra, aconselhado pelos seus directores, deixou o campo na partida que estava disputando com o Corinthians. Perdeu os pontos, apesar de estar ganhando o jogo, e o seu quadro foi suspenso, mesmo sem o ser como devia (um jogo ao invés de dois mezes).

A seguir, entretanto, o mesmo rigor não foi observado, quando tivemos casos identicos. Os dirigentes são os maiores interessados em não punir com a maxima energia. Tambem, não podem applica-la, por medo, porque o clube punido não se conforma, provoca casos.

Nos ultimos anos, porém, desapareceu esse mal dos nossos campos. Mas, outros ficaram...

* * *

Má educação esportiva da gente de agora, desvirtuamento ocasionado pelo futebol actual com os seus maus habitos, com o seu pessimo ambiente, com o seu nivel social inferiorizado; consequencia do... profissionalismo, eis o que exclamam muitos... puritanos, muitos que se orgulham de ter pertencido ao futebol do tempo antigo...

«No nosso tempo não era assim; então existia a verdadeira comprehensão do que é o esporte, o futebol era de gente dotada de grandes virtudes, esportistas de linha. Hoje, tudo está perdido...»

Não é assim mesmo?

Mas, acreditem, a culpa por essa falta de educação esportiva não é somente dos moços de hoje. Todos esses defeitos, todos esses maus hábitos são herança dos esportistas do passado! A degenerencia do espirito esportivo veio de longe. Não existe um mau exemplo de esporte atual que não tenha vindo do esporte antigo. Positivamente, todos os males são de nascença, têm raízes... A principio, esses males eram pequenos, mas os deixaram avançar com o decorrer do tempo e logicamente cresceram.

Sinão vejamos a analogia entre muitos casos da atualidade e um outro ocorrido na saudosa época amadorista do Velodromo.

Desde 1906 (notem bem: 1906), que alguns clubes da primitiva Liga Paulista começaram a questionar, devido à «Taça Penteado», o trofeu do campeonato de então. De desavença em desavença, o Palmeiras, em 1911, acabou se recusando a entregar a taça ao campeão daquele ano, S. Paulo Athletic. A questão tomou vulto e um belo dia a taça desapareceu!

Os esportistas virtuosos, os grandes amadores daquele tempo, dando mostra do seu sensível espirito esportivo, esconderam-a, dizendo depois que «foi atirada ao rio Tieté». A entrega-la, pois, preferiram levar a efeito tal «bonito» ato de «puro» esportismo...

Sejamos justos. Tudo que está aí «apodrecido» não começou a se «bichar» e nada se fez em contrario, desde que se fundou o primeiro clube, que se jogou a primeira partida de futebol entre nós?

SEM DISTINÇÃO...

Desde muito que existe certa prevenção dos outros esportes em relação ao futebol, já muito antes do profissionalismo, para se saber que essa prevenção não é devida ao novo regimem em que o «association» se integrou. Sempre quizeram as outras modalidades ter uma distinção, à qual absolutamente não fizeram jús e não tem direito. É que viram, no futebol, o irmão turbulento, viciado, à margem dos principios esportivos... E, por isso, pretendem ser superiores, alegando sempre que devem ser dignos de um tratamento privilegiado... No entanto, não se trata de um só membro da familia, desviado do bom caminho, e sim de todos, sem distinção alguma. Nossa educação esportiva, nossos hábitos, precisam ser corrigidos de ponta a ponta. O mau espirito esportivo não está enraigado somente no futebol, como também em qualquer outro esporte que praticamos. Todos são frutos da mesma arvore... É a familia inteira que precisa ser corrigida. Disciplinarmente, ninguém escapa. Não se julgue que, para a boa ordem da familia, devemos acabar somente com a politica degenerada do futebol. Os demais membros são da mesma escola... Ensinar o que é a disciplina não é missão que deve se limitar exclusivamente aos futebolistas. Não. Ninguém deve escapar... Virtudes desvirtuadas, temo-las em todos os setores. Quando muito, o futebol, por ser o mais velho, foi o primeiro a degenerar, mas os alunos não ficam aquem do professor.

É preciso, pois, ser vigiado o grupo total. Todos os defeitos, os vícios do «association» existem nos demais esportes. Não se trata deste ou daquele detalhe; trata-se de educação esportiva, de mentalidade geral ainda não evoluida suficientemente. Naturalmente, pelos maus hábitos do futebol, temos sempre maior repercussão. Uma cousa é, por exemplo, um incidente perante 20 mil pessoas, num estádio de futebol, e outra é uma briga, num jogo de bola ao cesto, perante cem pessoas. O mau espirito esportivo é identico. Os pessimos costumes são iguais em todos os esportistas. O polo aquatico foi um dos esportes em que o Brasil maior classe atingiu, isso já em 1919. Pois bem, essa modalidade se tornou tão grosseira e indisciplinada, que acabou em completa decadencia, especialmente no Rio, ha 20 anos um dos principais centros do mundo em polo aquatico.

O que succedeu em Los Angeles não se escreve... Os exemplos de falta de amor patriotico, que as nossas delegações deram em Berlim, não podem ser esquecidos, e lá não foram futebolistas... Aquele escandalo das declarações acerca do campeonato sul-americano de atletismo, de Lima, teria sido cinco vezes maior daquele das declarações da «Taça do Mundo», si tivéssemos perdido o campeonato...

Vê-se, pois, que a mentalidade esportiva do atleta que foi ao Perú não é superior a do futebolista que foi a Paris. Igualmente, o espirito de certos elementos que deviam fazer parte da turma de natação que foi ao Equador não se mostrou superior ao de qualquer futebolista. Os torcedores do polo aquatico e da bola ao cesto são mais esportistas, no espirito e na ação, do que os do futebol? Não. No remo, as questões são do mesmo tipo... O que houve, num dos ultimos campeonatos brasileiros, não ficou atrás do que succedeu nos outros esportes. Vencer, todos sabem, em qualquer esporte, mas perder... Não cremos que a politica clu-bistica, por exemplo, no seio da entidade do cestobol, seja inferior a da entidade do futebol. A diferença é, apenas, que esta tem mais publicidade e aquela não... Com as questões no ciclismo não se brinca. Na ultima cisão que tivemos, nessa modalidade, surgiram tres entidades! Os dissidios, pois, que os ciclistas promovem são mais fortes, proporcionalmente, do que aqueles do pessoal da bola... Os clubes dos «outros esportes» são tão caprichosos e vingativos, como os do «association». Assim é que um grande clube, que nunca fez parte do futebol, certa vês, devido à inserição de um seu atleta, abandonou o certamen do qual deveria participar. A entidade não teve forças para, siquer, advertir aquele clube, pelo seu mau espirito esportivo. Logo, tudo que fazem os clubes de futebol, são capazes de fazer, com perfeição, os dos outros esportes...

Mais tipico foi o caso de um gremio que mais prevenção tem contra os «clubes profissionais» e o «futebol com assistencia paga». Essa coletividade, ha tempos, com ares superiores, resolveu dar uma amostra dos seus altos ideais esportivos, fundando uma entidade de futebol amador, para fazer jús aos seus principios, segundo os quais o «amadorismo é o verdadeiro esporte». Pois bem: de principio ao fim do certamen, o quadro desse clube não fez outra cousa sinão promover incidentes

em campo e dar trabalho à justiça da entidade. Depois, tendo sido muitas vezes vencido, desligou-se da entidade!

Como vemos, um clube que nada tem com os «clubes profissionais» e com o «futebol pago», demonstrou ser tão digno daqueles, em materia de disciplina e educação esportiva, ainda que indo praticar futebol amador, sem profissionalismo, sem entrada paga. Onde se vê, mais uma vez, que a familia inteira sofre de vícios de origem, sem distinção de ambiente, de... ingressos, de clubes, de modalidades, de categoria...

O MAL DO «SAUDOSISMO»

O «saudosismo» — essa chaga viva do esporte-rei brasileiro — nunca se presta para boas ações, não lembra o antanho para enaltecer suas glórias, para citar bons exemplos, para ter uma palavra de carinho aqueles que incentivam o futebol entre nós. Presta-se, isso sim, para fazer comparações tolas, para diminuir o futebol atual, para exteriorizar vaidades e despeitos. Quem são os «saudosistas»? Si é um ex-campeão, diz que somente no seu tempo se jogou bem o futebol e que, então, existia o puro amadorismo. Isso o diz agora... lamentando, no intimo, não ter existido o profissionalismo no seu tempo, quando, talvez, apesar de sua fama, não tinha as habilidades dos «azes» atuais e quando era mais «falso amador» do que se pensava... Si o «saudosista» é um dirigente não sabe dizer outra coisa sinão que na sua epoca dirigir os clubes e a entidade, eram cousas diferentes, e só sabe citar uma porção de virtude do passado e muitos defeitos para o presente. No entanto, tudo apodreceu em seu tempo, desde a politicalha desenfreada, quando tínhamos uma cisão por mês, até o suborno de juizes... Si é um torcedor, faz a apologia «daqueles tempos», em que «tudo era melhor», esquecendo-se de que aquela torcida promovia uma arruaça a cada jogo e da mesma maneira — mais do que agora — insultava o proprio quadro, quando perdia, e agredia o juiz à vontade... Si é um «critico», esquece a enorme contribuição que deu para essa má educação esportiva, ainda existente, herança do passado, quando os clubes, os paredros e os jogadores alimentavam a indisciplina, os incidentes e a politicalha, com a ajuda da imprensa apaixonada... Enfim, o «saudosismo» é uma praga do futebol brasileiro, que custará ainda muito para ser exterminada. Diante de um passadista, julgamos que estamos na presença de um conhecedor, de um bom conselheiro e cultor de futebol do passado; mas assim não acontece. Trata-se sempre de um insincero, torce a verdade, e os seus pontos de vista o levam a comparações estultas, quer si fala, quer si escreve... Não existem, entre nós, cultores do passado. Para render homenagens merecidas, para ter carinhos pelas nossas glórias de outros tempos, para lembrar aos moços de hoje os bons exemplos, incentiva-los a engrandecer mais nosso esporte — para isso, diziamos, não se prestam os «saudosistas», porque só lembram o passado para achincalhar tudo quanto é de agora.

No meio de milhares e milhares desses perniciosos elementos do nosso futebol — muitos dos quais felizmente, não são mais frequen-

tadores das nossas partidas — não encontramos cultores sinceros e imparciais do passado. Estes não passam de poucos e raros, que não divulgam as glórias e os feitos dos outros tempos, sinão como justo reconhecimento aos «azes» antigos, para dar bons exemplos aos jovens e para que não seja esquecida nossa historia esportiva, cheia de acontecimentos gratos e saudosos.

Orgulhosamente, entre esses poucos e raros, estamos nós, que, ao mesmo tempo, somos os mais acirrados inimigos dos «saudosistas», dignos de serem devidamente identificados e proibidos de entrar em campos de futebol porque são elementos que, julgando que o futebol somente foi futebol no seu tempo, querem desmoralizar o futebol do presente e até gostariam de ve-lo exterminado, como o tentaram os seus correligionarios, aqueles que liquidaram o S. Paulo, da Floresta...

A RESPONSABILIDADE QUE COUBE E CABE À IMPRENSA PELA MÁ EDUCAÇÃO SPORTIVA

«A critica esportiva em nosso ambiente já nasceu desvirtuada. Evolucionou com o decorrer dos tempos mas jamais se integrou na sua verdadeira missão. Ao ter inicio, modestamente, a vida esportiva brasileira, a imprensa foi lhe dando a importancia devida e logo começou a se afastar do seu verdadeiro papel. Nos primeiros tempos, pequeno e limitado era o espaço dos jornais para o esporte. Para esse serviço, ofereciam-se gratuitamente associados de clubes, simples diletantes, na maioria das vezes pessoas formadas, que assim se tornavam cronistas honorarios. Seu unico objetivo era servir o clube de coração. Assim, cada jornal contava como cronista um defensor extremado de um gremio e não o orientador, o educador. Daí o mau espirito clubistico que se enraizou no nosso afeiçoado... O critico fazia questão de aparecer em campo com o distintivo do seu clube à lapela. Nada mais lhe importava que não fosse seu querido gremio. Não ligava aos interesses gerais. Isso no proprio ambiente. Em se tratando, porém, do esporte interregional, o critico nada mais queria enxergar diante dos seus olhos que não fosse o valor dos esportistas de sua propria região. Intoxicou-se, assim, de partidatismo clubistico e regionalistico e a escola vingou pelos anos afora... Destituído de espirito de justiça e de imparcialidade, como podreia educar e orientar essa critica esportiva? Perante o jornal, o cronista não tinha responsabilidade, nem lhe exigiam etica... Era um amator puro, com liberdade de ação. Com o tempo, a critica para atrair leitores tinha que satisfazer o apetite partidario do publico... E assim se explica o mau espirito esportivo de que se impregnou o nosso ambiente. No meio desses erros tivemos alguns verdadeiros apóstolos do jornalismo esportivo, nomes que infelizmente foram abatidos, vencidos... Um punhado desses paladinos tivemos no Rio. Em S. Paulo e em outros Estados esse grupo honrou, no passado, sua nobre missão e foi pena que esses poucos pioneiros lutassem em vão contra a tempestade... O tempo evoluiu. O esporte, já popularissimo, passou a ocupar paginas nos diarios, mas a velha mentalidade continuou

predominante, ou por outra, si agora o cronista já não era simples amador ou funcionario por «bico» e si não trazia mais orgulhosamente o distintivo do seu clube à lapela, desviou-se para o terreno do sensacionalismo réles, defensor de dirigentes mediocres e de pontos de vistas clubisticos, segundo a tendencia partidaria do publico. Ao cronista se interpoz imperiosamente o reporter, elemento improvisado, «sabido», sem a minima cultura especializada, o intrigante, o inventor de escandalos... O reporter surgiu entre os «sapos» da redação e foi tolerado pela direção do jornal, e depois pesou muito pouco ou nada na vida economica da empresa».

(O «Esporte a serviço da Patria»)

MALES, MALES

No Rio, os grandes clubes entregaram, desde 1941, suas presidencias a cracks de outrora, do saudoso e «corretissimo» amadorismo. Por que esses velhos «azes», que fazem questão de frisar terem pertencido a uma escola superior de esportividade, não cultivam, em seus respectivos clubes, o verdadeiro espirito esportivo de que se dizem possuidores? Não seriam eles os grandes paladinos da «regeneração» dos jogadores profissionais? Ao invés, que succede? Sigamos as atitudes desses clubes, e veremos que somente procuram fazer as cousas como o faziam no passado... A toda hora, querem anular jogos, querem abandonar o campo, querem a expulsão do juiz, etc. E si não fosse o bendito decreto de 14 de abril, que impede, por todos os meios, qualquer cisão, já estaria em pleno dissidio o futebol carioca, como o paulista, com a fundação de uma nova Liga... em nome de «principios»...

Assim era no passado. Nada custa prova-lo; a historia do nosso futebol é de ontem... Os grandes apologistas do «tempo saudoso» esquecem tudo isso, não lembram que são os unicos responsaveis por tudo que apodreceu... O futebol atual não pode realizar o milagre, de um dia para outro, corrigir e fazer desaparecer velhos e enraigados vicios que nasceram com o esporte-rei, entre nós. Essa é a verdade. Hoje existe, em campo, uma disciplina que nunca existiu antigamente! Si, por exemplo, tivemos um unico jogo (Palestra x S. Paulo) tumultuoso, nesses ultimos dois anos, ha 20 anos tais cenas eram obrigatorias em todas as partidas, quando não se expulsava de campo um jogador que esbordoava um juiz e muito menos si mandava um adversario para o hospital!

Não acreditam? Refresquem a memoria e se lembrarão...

Do que nós precisamos é dar bons exemplos, hoje, para prepararmos um amanhã melhor. Do passado, em materia de disciplina, de espirito esportivo, de correção, nem é bom falar, porque — repetimos — tudo quanto apodreceu em nosso futebol é culpa exclusiva dos jogadores, dos torcedores, dos clubes, dos dirigentes e das leis dos «saudosos tempos»!

* * *

Sempre as malfadadas cisões vieram à luz do dia, com um programa «regenerador».

Todas as vezes que, no passado, surgiu uma nova cisão, alegou-se que o fim era «moralizar» o futebol, mas a verdade é que a cada dissídio e nova entidade «afundamos» mais, disciplinarmente.

A cisão Laf-Apea, durante quatro anos, foi um grande exemplo. Nada se fez. A Laf não moralizou cousa alguma, e a indisciplina atingiu o auge entre 1926-1927.

Brigou-se apenas odiosamente. Reparem na linguagem das polemicas:

«Os rancorosos e indignos adversarios do programa regenerador usam, contra nós, todas as armas proibidas — calunias, intrigas, má fé! Usam, como se vê, armas infames. Na defesa contra os seus botes traiçoeiros, temos usado a unica arma digna dos homens dignos — moralidade. Mas, temos apenas nos defendido».

(«S. Paulo Esportivo» — 1927)

Temos ainda, do mesmo semanario, do mesmo ano:

«Ontem, afirmando a falencia moral dos dirigentes da velha mentora, batiam às portas da Laf, jurando, em seguida, a maxima observancia às suas leis; agora, inesperadamente, sem um motivo plenamente confessavel, tentam voltar ao ambiente falido, arquitetando, para isso, a porta falsa do demorial p'ro congraçamento, memorial insinuado pelos proprios apeanos... os tais que vivem a conceder entrevistas aos jornais, afirmando que não querem a fusão.

O conteudo do memorial reflete, «in totum», as disposições dos estatutos da Apea. Ali não ha nada que se relacione com os dispositivos que regem a entidade regeneradora. Logo, os arquitetos dessa «obra monumental» visam apenas sujeitar a Laf às leis da Apea».

Os que brigavam em 1927 foram discipulos dos dirigentes de 1907 e 1917. Hoje, a mentalidade é a mesma... O esporte brasileiro somente poderá encontrar felicidade, tranquilidade e progresso quando se ver livre dos vicios que o levaram à degeneração completa, à desordem e à desmoralização. Nada se poderá fazer si primeiro não o curarmos das chagas que são o clubismo e a indisciplina. Impossivel o livrarmos desses males com a vida dissoluta que tem levado. O clubismo, é sabido, leva os dirigentes a se tornarem, dentro das entidades, verdadeiros «macumbeiros» esportivos, e daí a chamada politica de lobos, que traz inevitavelmente a desharmonia. A indisciplina é a sífilis do nosso esporte, propagada por falta de disciplina dos proprios clubes, entidades e diretores.

AS PERNICIOSAS POLEMICAS RIO x S. PAULO

Os afeiçoados atuais, que não conheciam o futebol ha 20 anos, por exemplo, não calculam o «barulho» que provocava a transferencia de um jogador paulista para o Rio. Hoje, não é mais assim. Dava margem a polemicas apaixonadas, nos jornais das duas Capitais, durante um mez e creava até casos de interesses regionalistas entre clubes e entidades. Naquele tempo, um «az» paulista numa turma do Rio era visto, de nossa parte, como um... vexame para o futebol carioca. Ia ensinar jogar a pelota; glosavamos o enxerto e lá se danavam, e respondiam. Em suma, por causa de um jogador paulista que se «carimbava» carioca, os jornais eram capazes de explorar o assunto durante semanas inteiras, como si disso dependesse a vida do futebol interestadual.

Si soubessem aqueles polemistas o que iria acontecer, a partir de 1935!...

Importar, então, um «az» do Rio para um nosso clube, seria como uma deshonra para o «association» bandeirante. Não se podia admitir um carioca defendendo um quadro daqui. Jamais podiamos consentir igualmente que um elemento do Rio, como aliás de qualquer outro centro, ingressasse no nosso selecionado. Seria um «terremoto...» O unico jogador que, naquele tempo, veio do Rio e atuou entre nós foi Zito (C. Araujó) do Paulistano. Não veio, porém, especialmente para mudar de ambiente e de clube. Por isso, passou...

Muito tarde, como, é sabido, quebrou-se, primeiro a tradição de não se ver com bons olhos o ingresso de jogadores do Rio nos quadros locais, e depois, a começar de 1932, também a de vestirem a camiseta do selecionado paulista «azes» que não fossem nascidos no nosso Estado.

A rivalidade paulista-carioca era alimentada, ha mais de 20 anos, com essas cousas. Os afeiçoados daquele tempo não esqueceram, por certo, o rumoroso escandalo que provocou a transferencia de Palamone para o Botafogo. Romperam-se até as relações entre as entidades (Como se vê, antigamente, como hoje, brigava-se por qualquer interesse clubístico. Nestê particular, não evoluimos...) Palamone esteve no cartaz da classica e já então cronica polemica entre os jornais. O minusculo zagueiro do Mackenzie foi um dos raros jogadores daqui que, no passado, se transformaram em «azes» de clubes cariocas. Chico Neto, Police, Junqueira, Zé Macaco e mais um ou outro foram, com Palamone, os unicos. Para nós, eram filhos... transviados. Não se perdoava, como se pode crer, os nossos elementos que fossem jogar no Rio. Eram considerados como maus paulistas. A rivalidade, que saia do terreno esportivo, dava margem a essa incompatibilidade com os jogadores locais que bandeavam para o lado... inimigo. Era essa a mentalidade. O goso pelos reveses do selecionado carioca, em S. Paulo, era grande, quando, por exemplo, o ex-zagueiro do S. Bento, Chico Neto, o primeiro paulista que defendeu os cariocas, fracassava.

O fato dos melhores jogadores do Rio não serem cariocas de nascimento (como aliás succede também nos tempos atuais) constituia motivo

para os polemistas daqui «meterem o pau», de rijo. Aquilo não era selecionado carioca... De um «az» que surgisse no Rio, descobria-se, antes de mais nada, onde tinha nascido. Assim se educava a massa e se cultivava o espirito de rivalidade.

Os tempos passaram.

A vida do futebol evoluiu.

Hoje, não mais suscitam polemicas banais si um jogador de lá nasceu noutro Estado, si um nosso «az» se torna carioca, ou si um carioca vem para S. Paulo.

Aconteceu, ainda, que o futebol local passou a ficar em desvantagem com a situação creada pelo dissidio profissionalista, em 1935, perdendo jogadores, em grande quantidade, em favor dos gremios do Rio. Os escandalos que hoje em dia se fazem em torno da transferencia de profissionais são todos devidos ao seu comportamento, e aos expedientes incorretos que se poem em pratica para o engajamento.

Tivemos quasi tres quadros de «azes» espalhados nos clubes principais da Guanabara, um dos quais, o Fluminense, chegou a contar com oito elementos! Imaginem o que teria acontecido, lá para 1917, si um dos maiores clubes guanabarinicos enxertasse assim suas fileiras!

Si um só elemento provocava um bate-boca interminavel, façam idea si os campos cariocas fossem invadidos então de «azes» daqui, como na actualidade! Na verdade, essa «invasão» assumiu, em 1935, uma feição pouco grata para os nossos clubes.

Nada pudemos fazer.

Hoje em dia, não se quer saber de onde chegam os «azes».

Os clubes, querem, em primeiro lugar, reforçar seus quadros, quando estão enfraquecidos de valores. São Paulo e os outros Estados produzem muito, de sobra...

Não importa para o Fluminense, si possui o seu «onze» com paulistas, gauchos, argentinos, etc.; quer ter um esquadrão de famosos. O Vasco e outros clubes fazem o mesmo.

Aliás, os clubes paulistas não ficam atrás...

O «CHORO»

« A imprensa esportiva é quem faz o «choro», crea rivalidades e às vezes odios, mesmo porque o «chôro» não é mais do que um desabafo da paixão bairrista, e que quanto mais se alimenta, mais cega fica. O «chôro» interregional, em nosso futebol, começou nos aureos tempos dos celebres prelios paulistas x cariocas. Quando as famosas derrotas dos cariocas começaram a tomar vulto, nada mais se fez sinão desculpa-las com pilherias, com invencionices de todas as especies. Nasceu então o «chôro». As vitorias de S. Paulo, ao invés de merecerem a justiça a que faziam jús, pois eram fruto talvez de amor proprio, eram cada vez mais achicalhadas pelos jornais do Rio.

Para se desfazer o successo contrario, explorava-se o mais leve incidente em campo, o mais leve erro do arbitro... Depois, por sua vês, os paulistas fizeram o mesmo... Uns e outros, como em tudo, crearam escola. Ensinaram aos demais irmãos do paiz, como se devia «chorar» quando derrotados. Os discipulos igualaram logo os mestres e às vezes até os superaram...

Por isso, quando todos se movimentam, por ocasião do certamen nacional, é uma verdadeira «choromania»... E o «chôro», como é costume, como é classico, provoca polemicas jornalisticas.

Às vezes, mesmo depois de derrota, 6, 7 ou 9 tentos, os vencidos desculpam a derrota classificando de illegitimos os tentos, chamando de parcial o juiz, que «favoreceu a vitoria dos vencedores para não prejudicar os altos interesses da C. B. D., etc. etc.».

(«Problemas e Aspectos do Nosso Futebol»)

Velho mal. É verdade tudo isso. Leiamos este trecho do «Relatorio da Apea de 1915», que muito depõe contra o espirito de imparcialidade da imprensa do passado:

«Infelizmente, não existem rosas sem espinhos! Ainda não havia cessado, aquí, o entusiasmo pelo brilhante feito de nosso «scratch» e já uma parte da imprensa carioca, mal informada e talvez com maldosas intenções, procurava desmerecer a nossa estrondosa vitoria, atribuindo-a à parcialidade do juiz e às pessimas condições do nosso campo. Eram, porém, falsos os argumentos de que lançaram mão os jornalistas cariocas para explicar a derrota do «scratch» fluminense, e como tal necessitavam de uma retificação. A diretoria da Associação, maguada com procedimento tão pouco cortez, soube manter-se à altura da sua dignidade, aguardando o desenrolar dos fatos, e esperando que os animos mais exaltados se acalmassem, para, então, protestar energica e altivamente contra as acusações de que havia sido vitima. Perceberam então os nossos gratuitos inimigos o erro que haviam cometido e procuraram repara-lo incontinenti.

A retratação publica do redator d'«O Paiz», o mais exaltado dos nossos adversarios, foi uma das satisfações cabais que recebemos dos cariocas».

AS BRIGAS DOS PAULISTAS COM A C. B. D.

Desde os aureos tempos, as brigas paulistas x cariocas tomaram vulto e foram além das polemicas entre jornais e dos insultos, em campo, entre torcedores. Começaram a brigar tambem, fatalmente, os dirigentes. Qualquer pretexto servia para crear casos entre a C. B. D. e a Apea. Abusando da sua autoridade, aquela expulsou esta varias vezes... Os casos politicos seguiam-se, interminavelmente, uns após outros. Por qualquer melindre ferido vinha a ruptura. Os casos da eliminação de

Fried, Neco e Amilcar, quando do preparo da seleção nacional, em 1918; a questão da inscrição de Palamone; a recusa de S. Paulo em favorecer elementos para o campeonato sul-americano de 1920, 1921 e 1923, que resultou num lamentavel enfraquecimento do XI nacional — atigaram extraordinariamente as brigas... O campeonato brasileiro era tambem foco de rixas, de insultos.

Tudo isso no passado, na «saudosa» epoca...

Em 1927, a final do certamen nacional terminou acintosamente; em 1929, os animos estiveram muito excitados, registrando-se graves incidentes. O espirito de concordia degenerava, cada vez mais. Em 1930, surgiu outra briga feia, entre a C. B. D. e a Apea. Os paulistas, feridos em seus interesses, desobedeceram à C. B. D. e esta eliminou a Apea.

A entidade de S. Paulo assim explicou sua atitude (Relatorio oficial de 1930):

«Grande agitação produziu nos circulos esportivos do Brasil, a noticia desde logo espalhada de que os jogadores paulistas não integrariam o selecionado brasileiro que representaria as côres da Confederação Brasileira de Desportos, no I Campeonato Mundial de Futebol, e si alguns esportistas, conhecedores da lisura que sempre empregou a Associação Paulista de Esportes Atleticos nos assuntos que lhe estão afetos, colocaram-se a seu lado, protestando-lhe solidariedade, outros, porém, guiados por afirmações faciosas, acusaram a entidade paulista de impatriotica, insubordinada e outros qualificativos a que absolutamente nunca fizemos jús.

Hoje, já serenados os animos, entregamos esta causa ao julgamento do publico esportivo brasileiro e principalmente aos dirigentes das entidades regionais do paiz. Muita gente enfro-nhada dos assuntos esportivos e a totalidade dos que conhecem o futebol, por assistir às suas disputas e por acompanhar pela leitura dos jornais o seu desenvolvimento, não faz idea do que seja a Associação Paulista de Esportes Atleticos, a maior entidade esportiva brasileira, sem contestação alguma».

A C. B. D., por sua vês, apresentou razões que justificaram a punição da Apea, por «rebelde e impatriotica».

Em 1934, outra desavença e quem sofreu foi o Brasil que, como da vês anterior, foi logo eliminado do campeonato mundial. Nesse ano, já existia a cisão profissionalista x amadorista. A Apea e a Liga Carioca estavam contra a C. B. D. e esta não pode mandar à Italia um quadro à altura.

Felizmente, nestes ultimos seis anos desapareceu o velho e cronico mal dos conflitos entre os paulistas e a C. B. D. Nada mais tem sucedido. Mas, no passado, a escola era outra... Podem os diretores antigos dizer que dirigiam melhor o esporte do que os da atualidade? Nunca!

• Si não prestam os de hoje é porque não prestaram os do passado!

QUANDO TIVERAM INICIO AS VAIAS...

O pessimo espirito esportivo nos jogos paulistas e cariocas se manifestou logo no tempo dos amadores.

Assim o relata Leopoldo Sant'Anna, no seu livro «Supremacia e Decadencia do Futebol Paulista» (1925):

«Rivalidades, quisilias, aborrecimentos...

E seguiram-se, então, outros jogos, outros... À medida que eles aumentavam, aumentava a rivalidade S. Paulo-Rio, cariocas-palistas... E as rixas surgiram, e surgiram questiunculas. Explodiram polemicas azedas, e desaforos pesados, e xingos de arrieiros, e vaias estridentes que reboaram em campos cariocas e tambem em campos paulistas...

E isso, quasi sempre devido aos constantes sucessos das gloriosas côres de S. Paulo, sucessos jamais igualados pelos nossos patricios da orgulhosa Metropole.

Surgem as vaias...

De quando datam as manifestações hostis nos encontros Rio-S. Paulo?

Ignoramos.

Não ignoramos, porém, que ha já quasi vinte anos os paulistas eram achincalhados em terras cariocas...

«É triste, muito triste — («Correio da Manhã», do Rio, de 12 de outubro de 1908) — o que ontem presenciámos nas arquibancadas do Fluminense.

Um numeroso grupo de rapazes, todos eles com a fita de conhecido clube, no chapéo, divertia-se a dirigir pilherias, enviadas para os nossos hospedes (o quadro do Palmeiras de S. Paulo), que no campo lutavam pela vitoria de seu pavilhão. E como eram todos eles rapazes educados e distintos, esperamos que, lendo esta nota, não mais reproduzam no jogo de hoje (Palmeiras x Botafogo) aquelas pilherias, tolas e ridiculas».

Não adiantou nada esses conselhos iniciais.

As vaias cresceram, cresceram e a educação esportiva foi ficando para trás...

OS EXCESSOS VIERAM

Com o ambiente formado vieram, logo, fatalmente, os excessos.

Referindo-se à situação do futebol paulista, perante o carioca, em 1912-1913, lê-se na «Historia do Futebol em S. Paulo», de Antonio Figueiredo (1918):

Censurar esses excessos será tolice. Tinham que se registrar mesmo, dada a nossa desidia, a nossa falta de disciplina, e a nossa má compreensão dos deveres esportivos. Os vitoriosos, mesmo que sejam efemeross, não são capazes de render justiça aos vencidos. Ora, o que se notava era este fenomeno, triste para nós: em virtude da nossa desorganização, das nossas maseias, surgiam os nossos adversarios esportivos, com mais coesão, mais disciplina e mais jogo. Logico, por conseguinte, os destemperos, os desvairamentos dos cronistas partidarios dos vencedores. Bem entendemos: os homens que assim menosprezavam o nosso progresso, esqueciam-se de que, nos anos anteriores, as vantagens só foram para o nosso lado. Enfim, paciencia, e não os recriminamos. Antes, devemos agradece-los pelos favores que nos prestarem. Sim, relevantissimos serviços. As suas noticias, as suas comparações descabidas, os seus comentarios tendenciosos, os seus artigos laudatorios, fizeram com que todas as energias adormecidas se despertassem».

Que libelo!

TAÇAS E CONFLITOS

A historia do futebol brasileiro, desde seu passo inicial, está cheia de questões mesquinhas, devido à posse ou disputa de taças e premios. Maior exemplo de como degenerou o espirito esportivo, logo no passado, em plena epoca de ouro do amadorismo puro, não pode haver. É o bastante recapitular esses incidentes:

Logo na primeira taça instituida no Brasil («Taça Casimiro da Costa» — 1902), surgiram discussões. Leiamos como comentou esse episodio o livro «Historia do Futebol em S. Paulo»:

«Soube-se então que havia uma taça a ser disputada: a que ofereceu o sr. Casimiro da Costa, «captain» do primeiro team do Sport Club Internacjonal. O cronista imparcial, alheio às paixões do tempo, ou por outra, ao clubismo da epoca, tem de reconhecer que ao ofertante desse trofeu é que deve caber a gloria de iniciar esse sport em S. Paulo. Alegam os seus adversarios que Casemiro da Costa teve este gesto, na certeza de que a sua sociedade ficaria com ele. Não quer dizer nada. A intenção não se discute: discute-se apenas o fato — e o fato é que ele foi o primeiro a oferecer uma taça para ser disputada, e que, com essa oferta, lançou, direta ou indiretamente, as bases do football no Estado de S. Paulo. Pode ser acusado, o sr. Casemiro da Costa, por ter desejado que o premio fosse para o seu clube? De forma alguma».

* * *

A outra taça a «Penteado», provocou escandalos, discussões, brigas, dissidios, durante 5 longos anos!

Eis o que se lê, no mesmo citado livro, que — repetimos — foi publicado em 1918:

«Infelizmente, essa taça teve a mesma sorte que a precedente. Foi causa, desde o começo, de grandes e gravíssimos acontecimentos, que determinaram o enfado dos habitantes paulistas pelo football. Ganhou-a, no primeiro ano, o Clube Atletico Paulistano. Ganhou-a brilhantemente, é certo, pois o unico insucesso da estação, si é que se pode chamar insucesso, foi um empate. Mas, ela tinha provocado a cisão no clube! Incrível, não acham?...

Diz o «Resumo Historico do C. A. Paulistano», folheto a que aludimos, anteriormente, que o motivo principal da divisão foi um ato de rebeldia de um socio, que era campeão. Efetivamente, é isso o que se depreende das atas de reuniões da sociedade, das declarações dos diretores contemporaneos ao fato e das noticias e comentarios dos jornais. Entretanto, falava-se na epoca que o socio campeão rebelado impôs a sua nomeação para capitão do primeiro time, assim que a vitoria deste era inevitavel, para ter a honra de receber a taça! Que futilidade — dirão os leitores. Somos levados, porém, a crer nela, à vista dos incidentes anteriores. Si o referido socio do Paulistano se julgava com o direito de ser o diretor do primeiro quadro, porque não protestou no principio do ano?

Depois, a taça andou de clube para clube. Conquistou-a, logo a seguir, ao Paulistano, o Esporte Clube Germania. No ano posterior, passou para o Internacional. Voltou novamente, em 1908, para o Clube Atletico Paulistano. Teve a honra de possuí-la, dois anos consecutivos, a Associação Atletica das Palmeiras. Por ultimo, o S. Paulo Atletico e o Americano, em 1911 a 1912, respectivamente, convencionalmente, a obtiveram...

Como se vê... tem uma historia atribulada. Era digna, cansada de assistir a tantas brigas e de distribuir, prodiga e indistintamente, tanta champagne, de figurar numa sede, modesta embora, onde pudesse ser contemplada pelos esportistas antigos e modernos.

Mas, a sua sorte foi outra. Terminou como começou. Em 1911, o Palmeiras, por motivo de irregularidades ocorridas no «match» com o Germania, de que, com espanto geral, saiu derrotado, abandonara a Liga Paulista. E, como represalia, deliberou não entregar a valiosa joia. A Liga protestou, e citando o regulamento da disputa, o qual preceituava que só depois de tres anos de conquista-la podia o clube apossar-se dela, intimou a ceder a taça, para ser entregue ao S. Paulo Atletico. A Associação da Floresta não obedeceu à intimação, fundada nas seguintes razões: que, em 1906, ganhara a taça, não lhe sendo entregue, muito embora provasse o seu direito na epoca: que, si não disputou os campeonatos de 1907 e 1908, não foi por sua culpa».

Em 1907, realizou-se um torneio entre as seleções do Rio e S. Paulo que terminou negativamente. Ainda é o livro «Historia do Futebol em S. Paulo» que relata o caso:

«Esse campeonato deu em nada. Não se disputou no ano seguinte. Em torno do caso, muitas intrigas se teceram. Os jornais não dizem coisa alguma. Um veterano nos assegurou que S. Paulo se desgostou com o fato de não ter sido entregue o trofeu prometido...»

* * *

Algumas taças cariocas também tiveram a sua deplorável historia, como a «Colombo», que fez com que o Fluminense, em 1907, abandonasse a Liga Metropolitana, para só voltar ao seio da mesma no ano de 1908, depois de reforma-la.

A «Taça Ioduran», em 1919, provocou um mundo de brigas, entre o Paulistano e o Fluminense. Discutiu-se durante mezes! Por fim, após tantas ameaças, a taça foi parar no Museu do Ipiranga!

A «Taça Equitativa», em 1932, provocou outra briga, entre paulistas e cariocas!

Todo o mau espirito esportivo, em relação às taças, teve inicio, pois, desde que se instituiu a primeira, em 1902!

O PROBLEMA DOS JUIZES

O problema dos juizes é eterno...

Hoje, como ontem, briga-se e discute-se devido aos erros dos arbitros.

O problema não é um mal moderno. Absolutamente. Entre nós, existe ele desde que se disputou a primeira partida.

Em 1903, quasi houve um dissidio interno no Paulistano, porque muitos socios não se conformaram com um penal que o juiz deixou de apitar, numa partida decisiva contra o Athletic. Houve o diabo! Note-se: isso succedeu em 1903!

Como se vê, bem cedo os clubes começaram a se julgar vítimas dos juizes e aprovar incidentes.

«Algumas vezes, o Paulistano, o Mackenzie e o Internacional viram-se derrotados por impericia ou cochilo do juiz. De uma feita, num desempate da taça em 1903, o Paulistano não fora favorecido por um penal, e teve menos sete minutos de jogo, irregularidades que motivaram o seu fracasso. De outra vez, num jogo disputatissimo entre o Athletic e o Mackenzie, este, depois da vitoria certissima, reclamou em campo que o jogo passara 6 minutos do tempo marcado; o juiz, por alta recreação, talvez por acinte, prosseguiu o «match» até que o Athletic marcasse o gol de empate. E tantos fatos desta natureza! Os clubes prejudicados naturalmente, reclamavam; bastava, porém, a decisão da Liga,

que não raro era desastrada, para fazer calar os clubes. O que era isto? Disciplina, exclusivamente disciplina.

Fosse suceder injustiças nos anos seguintes! Injustiça ninguém tolerava. Qual respeito, qual ordem, qual educação esportiva! Primeiro, vitória por todos os meios; depois, podia ser que se falassem nessas cousas bonitas... Esse, o aforismo adotado».

(«Historia do Futebol em S. Paulo»).

Tudo isso foi a semente da arvore da incorreção que ainda não foi abatida...

O «problema» começou a crescer. Problema de não saber perder... Em 1908, já se «metia o pau» no «juiz parcial...»

Leiamos:

«As funções de juiz foram confiadas ao dr. Mariano Reyna, vice-presidente da Liga de Futebol de Buenos Aires. Nos jogos anteriores mostrara ser conhecedor das mais complicadas regras do «association», agindo, além disso, com grande correção. Neste encontro, porém, o dr. Reyna não se portou satisfatoriamente, arrancando, por vezes, as suas decisões, protestos veementes da parte dos assistentes. Além de ter sido rigoroso em demasia para com os brasileiros, ao ponto de considerar «off-side» um gol conquistado licitamente, o dr. Reyna deixou de punir varias faltas cometidas pelos argentinos».

(«Historia do Futebol de S. Paulo»)

Na mesma epoca, assim escrevia um jornal do Rio:

«...referindo-se à arbitragem do jogo America x Riachuelo: «Alguns jornais noticiaram que o sr. Salmond não foi um bom juiz; pelo contrario, só quem tem a má vontade ou não possua noção do jogo de futebol é que faz um juizo destes. Juizes como Salmond ha poucos».

(De uma reportagem historica publicada na «Noite Ilustrada»)

Em 1913, já se discutia mais exaltadamente, devido às decisões dos apitadores:

«O jogo tornou-se mais interessante. Por ocasião de um ataque dos chilenos, Sepulvede passou a bola para Guzman, que se achava visivelmente «off-side». O meia-direita chileno vasou o gol brasileiro e como o juiz nenhuma providencia tivesse tomado, partiram protestos veementes da assistencia. A seguir, o juiz, alegando uma falta grave por parte do jogador brasileiro Eurico, resolveu expulsa-lo do campo. Os protestos aumentaram, serenando os

animos por haver o juiz revogado a sua decisão. O jogo terminou, pois, com a vitória dos chilenos por 2 a 1, não levando em consideração o gol marcado «off-side» por Guzman».

(«Historia do Futebol em S. Paulo»)

Em 1914, os incidentes cresceram:

«O terceiro gol dos italianos, marcado por Arione, foi visivelmente «off-side». O juiz continuava parcialissimo. Em dado momento, Peterli, amparando uma bola que vinha do campo contrario, chuta em gol e o juiz determinou um «corner» contra os paulistas!

Houve protestos por parte da assistencia, e o time paulista (o Corinthians) chegou, em parte, a sair do campo, voltando pouco depois, a conselho de um membro da diretoria da Liga.

Esta partida, destinada a ser das melhores e que, devido à incorreção do dr. Minoli, foi, no final do tempo, um encontro irregular, terminou com a vitória dos italianos: 3 pontos a 0.

(«Historia do Futebol em S. Paulo»)

Que se fazia para combater os incidentes e se melhorar a arbitragem?

Nada.

Ainda em 1914, no jogo decisivo do titulo, entre o Paulistano e o S. Bento, como o relata o livro «Historia do Futebol em S. Paulo»:

«...o relógio do juiz, sr. Otavio Egidio, parara, e o encontro findou antes do tempo. Houve discussão, dentro e fora do campo. A Associação, porém, confirmou a vitória do S. Bento, que dessa forma se tornou detentor do trofeu».

Mas, isso não foi nada... Muito pior aconteceu num Fla x Flú, de 1915. Eis o que escreve Mario Filho, em suas crônicas históricas, no «Globo», do Rio:

«Eu sabia que Coelho Neto torcia pelo Fluminense. Experimentei, porém, uma surpresa quando me contaram um episodio da vida de Coelho Neto, como torcedor. Foi em um Fla x Flu, justamente o Fla x Flu mais acidentado de todos os tempos. Em 15. O juiz da partida era Wittti. Ha um penal contra o Fluminense. Wittti apita. Baiano chuta e Marcos defende. Alguem do Flamengo não esperava a defesa de Marcos. Invadindo a area, Wittti, então, manda bater o penal outra vês. Pois bem: a primeira pessoa que pulou dentro do campo, de bengala levantada, foi Coelho Neto. E atrás dele Ataliba Correa Dutra e tudo que era Fluminense. Coelho Neto ficou dentro do campo os cinco minutos necessarios

— segundo a exigencia da velha Metropolitana — para a anulação do encontro».

A autenticidade desse relato é indiscutível, pois ao cronista tal episodio, após tantos anos, foi descrito por gente que presenciou a ocorrência, ou mesmo que foi participante ativo.

Tudo isso aconteceu em 1915.

Hoje, os saudosistas dizem que os esportistas daqueles tempos eram incapazes de qualquer ato anti-esportivo e que os juizes de então poderiam dar lições de competencia aos arbitros de agora, por que estes tambem erram. E quanto ao fato de um jogo ser anulado, si paralisasse 5 minutos, bem diz que expediente constituia para disciplinas... A invasão do campo era a chave salvadora... Em S. Paulo, quando um quadro se rebelava em campo, fazia passar, propositalmente, o tempo até se esgotar, porque não era descontado! Si uma cena como aquela do FlaxFlu de 1915 acontecer hoje, no dia seguinte vêm os falsos puritanos, os saudosistas desmemoriados a dizer que «tudo isso é fruto do profissionalismo»; «no nosso tempo não tinhamos dessas vergonhas»; «o futebol atual é para cafagestes», etc. E no entanto a origem da má educação esportiva está no passado.

O problema dos juizes foi cada vez creando mais raizes.

Veamos a palavra oficial, em varios anos:

«É este um problema que a nosso ver continua ainda sem solução, e para o qual chamamos a atenção dos srs. membros do conselho, para que sobre ele lancem as suas luzes. O sistema até hoje adotado pela Associação, não tem dado os resultados esperados, vendo-se a diretoria frequentemente em serios embaraços para escolher um juiz à ultima hora, porque o que fôra designado para aquele mister, escusou-se no ultimo momento. O que tem acontecido é que os diretores tem-se visto na contingencia de lacar um juiz nas arquibancadas, para evitar o inicio do jogo sem um arbitro, e geralmente os resultados não foram os mais satisfatorios, porque o juiz não sabia desempenhar o seu cargo. Daí o descontentamento dos times contendores, as erroneas decisões do juiz e a consequente vaia do publico. É um problema muito serio para a solução do qual muito precisamos meditar».

(Relatorio da Apea — 1915)

«Mas, sendo o cargo de juiz muito ingrato, como já dissemos, poucos são os esportistas que, embora conhecedores das regras de futebol, querem se sujeitar a ele, pois outra recompensa não recebem além das vaias do publico e não raro de agressões pessoais»

(Relatorio da Apea — 1917)

«Apezar de todas as providencias tomadas pelas diretorias e pelo Conselho Tecnico, ainda constitue um grave problema a ser resolvido a organização de um quadro de juizes de futebol, conhe

cedores das suas regras e a quem não faltem os demais requisitos para bom desempenho do cargo, como sejam, a serenidade no julgamento, a isenção de animo nas observações e principalmente a honestidade, acima de qualquer suspeita.

As medidas e regulamentos creados falharam nos seus fins ou deixaram à mostra tantas inconveniencias».

(Relatorio da Apea — 1924)

«Na 44.ª reunião, realisada em 23 de novembro, resolvemos suspender o jogador Rogerio Fiaschi, do Sport Clube Corinthians Paulista, propondo a sua eliminação à assemblea, por ser o principal causador das graves irregularidades havidas no encontro entre o seu clube e a A. A. Palmeiras. Na mesma reunião resolvemos censurar os dois clubes contendores A. A. Palmeiras e S. Cl. Corinthians Paulista e o juiz do encontro, sr. Nestor Pedroso de Carvalho, como tambem em parte responsaveis pelas irregularidades havidas».

(Relatorio da Apea — 1917)

As punições nunca passaram de censuras ou de ameaças de eliminação.

Os abusos e as liberdades fizeram progresso. Em 1920, um dos maiores campeões da epoca — Neco — desacatou o juiz — o melhor daqueles tempos — e as consequências foram pessimas...

Belos tempos, em que, si o juiz queria expulsar de campo, um indisciplinado, entravam os diretores e mandavam o juiz (às vezes de cabeça já partida...) escolher de duas uma: ou revogar a decisão ou abandonar a cancha o seu quadro! No dia seguinte, a mesma ameaça era feita à entidade: « anule o jogo ou fundaremos outra Liga... »

Aqueles, sim, eram tempos corretos, em que se fazia esporte por esporte e os jogadores eram intelectuais, todos disciplinados!...

Então, de quem a culpa? Quem cultivou esse mau espirito esportivo? Os culpados são os profissionais de hoje? Tudo que está aí apodrecido não é culpa do passado? Aqueles, sim, eram tempos corretos os jogadores puxavam pela cinta e investiam contra os juizes! Belos tempos de sã disciplina!... Hoje em dia, um juiz, graças à sua autoridade, expulsa até quatro jogadores, de uma só vês! Damos um doce a quem nos provar tenham sido expulsos quatro jogadores do campo, por agressão ou brutalidade, de 1920 a 1930, em todos os jogos de campeonato, no Rio ou em S. Paulo. Eles, somente eles, os «amadorismos» de 25 anos passados, foram os grandes culpados pela degeneração do nosso espirito esportivo. Não existe um unico mau habito atual que não tenha nascido em outras epocas!

* * *

São da «Epoca» do Rio, de 1917, os comentarios seguintes:

«Já é difficil a «catura» de um juiz para dirigir um «match» de «foot-ball».

Mais difficil, tornar-se-á, se a imprensa carioca continuar a manifestar-se com o despropósito que se permitiu de usar um dos matutinos de ontem, relativamente ao juiz que dirigiu os segundos «teams» do America «versus» Andarahy.

É certo que foi violenta a peleja, aliás, isso não importa em novidade para o cronista daquele matutino, porque s. s., por palavras e por suas crônicas, sempre atacou a energia do «team» encarnado.

A represalia foi justa, nada mais. Daí permitir-se o «refere» dos «celeres» «match», em que foi, na opinião do sr. Noel de Carvalho, «lesado» o Bangú de atacar tão severamente o juiz da referida prova dos segundos «teams». Não é justo.

O juiz, temeroso de ser violentamente tratado em campo, preferiu ser tolerante, sem prejuizo porque ambos os «teams» estiveram afiados no «quebra-canelas».

E esse receio não era infundado, porque, mesmo à vista do representante Marcondes Ferraz, alguém, que tem responsabilidade esportiva, tentou agredil-o, não tendo passado à pratica da violencia por se ter acovardado diante daqueles que se antepuzeram aos seus fins sinistros.

Seria, portanto, mais razoavel que o cronista do mencionado matutino se referisse à violencia usada por ambos os «teams», sem contudo, responsabilizar o «refere» pelos sucessos.

Não queremos defender o juiz, mesmo porque não recebemos procuração para esse fim. Visamos apenas desfazer uma injustiça e demorar, por alguns dias, a crise que ameaça a Metropolitana.

* * *

O «problema dos juizes» tornou-se vulgarissimo, com o decorrer dos tempos. Usam sempre as mesmas drogas para cura-lo. Hoje, apesar do maior respeito que existe em campo para com os juizes, a questão da arbitragem continua insolúvel... porque ninguem sabe perder! Hoje, como em 1903...

Jamais salvaremos o «doente» com as habituais «feiticarias...» É inutil tentarmos resolver o «eterno problema» com o espirito clubistico. Nunca encontraremos uma boa solução. Depois dos ultimos escandalos, os dirigentes, ao invés de mandar o paciente (o problema em questão) curar-se da chaga clubistica, lançam mão de outras macumbas...

A grande solução do problema está, em primeiro lugar, em sabermos perder!

Este é o grande mal de que precisamos nos curar com remedios fortes e eficazes e não com macumbas, que nos levam cada vês mais à deriva...

SUBORNOS, ESCANDALOS, PROFISSIONALISMO MASCARADO...

Foi num jogo Rio x S. Paulo, entre os campeões de 1913 (Paulistano x America), que surgiu o primeiro escandalo de suborno de jogadores. O America perdeu e no Rio acusou-se os irmãos Bertone, uruguaio, de terem se vendido ao Paulistano! Este manda pedir explicações ao America, o qual responde que nada fôra apurado contra os jogadores uruguaio e que tudo não passava de um boato... Depois vieram outros casos, outros escandalos e não se teve coragem de combater-los. E mais esse mal se propagou. Em 1914, difamava-se, injustamente, os jogadores italianos de terem sido pagos, afim de perderem propositalmente para os quadros que enfrentaram no Velodromo. Simples calunia dos torcedores decepcionados com o revés.

Não é, pois, de hoje que existem as acusações contra os jogadores.

Não são os profissionais que iniciaram as calunias de «venda», o «suborno». Igualmente, os casos reais existiram e existem, sem nunca terem sido expurgados os vendilhões, jogadores e dirigentes sem escrúpulos.

Sempre foram tolerados tais rufiões e mercenários do futebol. Houve uma época em que se falava abertamente em «arranjos» com os juizes dentro da sede da propria Apea!

No livro «Grandezas e Misérias do nosso Futebol», do saudoso Floriano, Paulo Varzea contribuiu com seu depoimento contra a calunia:

«Na Paulicáa, largo Paisandú. Esbarramos com Deodoro de Campos. O emulo de Mimi Sodré, nos campos paulistanos, pergunta-me pelo livro, e a proposito dos meus casos escandalosos, conta-me que tambem ele fôra caluniado no futebol paulista.

— Como, Deodoro, você, filho do presidente de S. Paulo? Bernardino de Campos, irmão de outro presidente, Carlos de Campos, além disso bacharel e etc. e tal? Você, advogado como o Rivadavia Correa, o João Mangabeira, o Justo de Moraes...

— Pois é verdade: jogavam no Velodromo, Palmeiras x Paulistano. Jogo roxo. No intervalo, minha namorada aposta comigo que eu não seria capaz de prejudicar a equipe palmeirense, cometendo um impedimento ou um toque, quando o ataque estivesse apertado para o lado do Paulistano. Recomeça o jogo. O Palmeiras ataca e, de repente, em vês de escorar a bola com a cabeça, metolhe a mão acintosamente. Ih! Foi o diabo! O time do Palmeiras inteiro investiu contra mim, e eram meus amigos! Quasi saiu barulho. Pois você sabe o que foi dizer a lingua da calunia?

— Cálculo...

— ...que eu tinha me vendido ao Paulistano. Isto disseram os palmeirenses: por que os paulistanos falaram ao contrario, que eu fizera o «hands», porque pedira certa importancia ao Palmeiras, que me recusara o dinheiro.

Ninguém escapa à calunia peçonhenta do «amadorismo».

Ontem, eram as namoradas; hoje, são outras cousas, mas no fundo o mal é o mesmo. O vicio propagou-se. As acusações são faceis e cómodas. Quando o clube querido perde, calunia-se os proprios jogadores, como se vitoriam exageradamente quando lhes coube o triunfo. Si o jogador vence, é um heroi; si perde, é um vendido, e vem o afastamento, a suspensão, a suspeita, para depois ser incluído novamente na turma, para não se desfalca-la, por medo de um novo revês. Suspeitas, acusações, deslealdades são males do profissionalismo? Não! Muito menos o profissionalismo veio combater o amadorismo. Ao contrario. O desvirtuamento do verdadeiro amadorismo, isso sim, teve inicio nos primeiros tempos. Eis o que importa saber. A degeneração começou muito cedo. O profissionalismo, com a evolução espetacular do futebol, tornou-se inevitavel quando chegou sua hora. Entretanto, o que resultou um grande mal foi o falso amadorismo, primeiro, e o profissionalismo mascarado, depois. Que se fez contra os mesmos, durante tantos anos de sua vergonhosa pratica? Nada. Essa degeneração, pode-se dizer, foi tolerada durante cerca de 20 anos.

Paulo Varzea forneceu mais as seguintes verdades historicas para o livro «Grandezas e Misérias do nosso Futebol»:

«O profissionalismo é cousa moderna, afirmam os falsos amadoristas. Entretanto, em 1910, o zagueiro Atsbury vencía 100\$000 por jogo no C. A. Paulistano: em 1911, os irmãos Bertoni tinham ordenado fixo no S. C. Americano; o centro-medio Aquino, tendo ido uma vês receber seu dinheiro na «A Tribuna», em Santos, foi surpreendido com um envelope que trazia o timbre da casa de despachos Ernesto Guimarães; Benedito Santos (Zé Macaco) foi importado pelo Botafogo para o Rio; em 1916, a ala esquerda MacLean-Hopckins fez contrato com o S. C. Americano, contrato lavrado em tabelião para vencer 500\$000 por mês, jogando pelo clube verde-branco. Monti e Beheregaray foram importados pelo Botafogo; e Oliveira, o guardião preto-branco, andava pela leiteria da rua da Passagem mostrando vales....»

Como vêm, era puro regimen «amadorista»...

Isso ao começar de 1910!

Vejam o mesmo relato do que mais tarde succedia!

«Quem disse que o nosso futebol só agora era profissional? Querem uma certidão de idade do amadorismo de tapeação? A 26 de janeiro de 1916, a Apea resolve expulsar de suas fileiras, por praticar o profissionalismo, a equipe do clube paulista Scottish Wanderers, na qual formavam campeões como Police, Atsbury, MacLean e Hopckins. Esses jogadores, como se vê, tinham sido publicamente acusados de profissionais. Entretanto, a Apea, precisando depois de MacLean e Hopckins, incluiu ambos os jogadores na sua representação oficial de «amadores»...»

O mesmo historiador conta mais o seguinte, no livro em questão:

«Vejamos o parecer da Comissão de Sindicancias da Metropolitana, sobre um centro-medio de sua representação nos bons tempos do «amadorismo...»

...dado como agente comercial, da casa... à rua... n. 27, não é absolutamente empregado naquele local. Os seus precedentes são os piores possíveis; anda em companhia de gente duvidosa, não tendo ocupação de especie alguma. Perambula pelos botequins, sendo acusado de viver à custa do clube pelo qual joga».

Depois disto, devemos bater palmas ao «amadorismo» antigo. Este documento acha-se em meu poder para ser mostrado aos altos paredros da Amea, desde que o desejem ver».

As sindicancias eram simples farças. Por isso, acabaram com a sua pratica e o falso amadorismo campeou livremente, daí por diante, sem qualquer barreira a vencer... Atila Dias, que no passado, foi um dos dirigentes que mais lidaram com os jogadores, deixou esse impressionante documento:

«A historia do nosso «amadorismo» é uma colossal blague, uma comedia que está sendo representada ha tantos anos e que já cansou o publico esportivo, pela monotonia das suas cenas e exagero dos seus palhaços. O amadorismo existiu no nosso «soccer» apenas inicialmente, até 1905, quando, em S. Paulo e no Rio, começaram a surgir os primeiros profissionais do estrangeiro. Em 1915, eu fiz rebentar o maior escandalo do futebol «amadorista», amarrando, por contrato, ao S. C. Americano, pela importancia de 500\$000 mensais, a famosa ala esquerda MacLean-Hopckins. Desse modo provei, por «a» mais «b» que o nosso amadorismo não passava de um bluff de uma pantomina com velhos palhaços, cansados e matrerros. (a) Atila Dias».

Tudo isso diz-nos que os que conspurcaram os verdadeiros principios do amadorismo foram, inicialmente, os do passado. O mal cresceu, cresceu e quando chegou ao auge culpou-se o futebol atual, como unico responsável pelo desvirtuamento do espirito amadoristico!

* * *

Vejamos outro documento indiscutivel.

O saudoso Ary Patusea, moço de muita cultura esportiva e muito distinto, teve publicada, no livro de Leopoldo Sant'Anna, «Veteranos e Campeões» (1924) uma sua entrevista-biografica, redigida em 1918, em que se lê o seguinte:

«Bons tempos... Tambem joguei no Flamengo, do Rio; mas o Santos foi e é o meu clube por excelencia, muito embora dele me

tivesse afastado, por motivo de «certa politica» e tambem porque não pretendo jogar futebol, pois o nosso esporte está muito... avacalhado, franquêsinha franca; o Santos, porém, é e será o clube de minha predileção.

— Não julga que nosso esporte... se regenere?

— É difícil, muito difícil, que tal suceda. Sua decadencia é um fato. Daquí, para muito pior, meu amigo. Ha por aí muita podridão, muita sujeira, que nem que queiram não pode passar às ocultas. O profissionalismo campea infrene; tudo se faz às claras, com a maior semcerimonia. Uma miseria, uma pouca vergonha».

Aí está como, já no «saudoso» e imaculado tempo do verdadeiro «esportivismo», se julgava tudo avacalhado e podre e o amadorismo na hora da morte...

Como veiu de longe a podridão do nosso futebol, a degeneração amadora!

Muita gente boa deveria refrescar a memoria e consultar sua consciencia quando acusa o futebol atual como culpado de muitos males, que nos foram legados pelo passado!

E note-se que não poucos outros males de origem foram curados nestes ultimos anos...

A VIOLENCIA E A INCORREÇÃO

Verdadeiramente os males do futebol surgiram, um por um, nos tempos passados. Nada que está aí de pessimo em materia de espirito esportivo, em educação, nasceu na atualidade. Tudo começou quando se iniciou o futebol.

Acerca dos brutalhões e do jogo violento, atira-se toda a culpa aos jogadores atuais e ao... profissionalismo, «que dá «bicho» para um jogador quebrar outro».

Quem conhece muito bem a historia do nosso futebol, facilmente chega à conclusão de que jogadores brutalhões e acidentes lamentaveis tivemos em todas as epocas, quer do amadorismo lirico, quer do amadorismo entre aspas quer na atuaidade, em pleno profissionalismo. Não precisamos fazer nenhum historico acerca de jogadores brutos e de acidentes de vulto. O dolorosissimo caso do saudoso Mano aconteceu numa epoca que hoje é chamada de «perfeita», «correta», «superior», etc. A maior violencia que Fried sofreu em seus 26 anos de futebolista ativo foi aquela de 1914, quando do jogo com o Exter City!

Em 1918, um medio contrario atingiu, criminosamente, Mario Andrada, o idolo do Paulistano e nem siquer foi expulso de campo!

No campeonato sulamericano de 1916, o zagueiro Orlando, um dos maiores estilistas campeões de todos os tempos, foi mandado para o hospital — propositalmente ou não (isso não importa) — pelo maior «virtuoso» da epoca: Piendibene. Lais (medio do Fluminense) no campeonato

sulamericano de 21, em Buenos Aires, atingiu o ponta esquerda argentino Chavin e este, em virtude do golpe, nunca mais jogou futebol.

No campeonato sulamericano de 1922, os brutalhões não foram poucos... Fried ainda sofreu brutais agressões dos adversarios de 1920-1922, enquanto que nada sofreu nos ultimos anos de suas atividades, no profissionalismo. Não se pode ainda debitar ao futebol de 1942, ao profissionalismo, o ponta-pé de Debio, que terminou com a carreira virtuosa de Oswaldinho. Não! Para que proseguir? Não precisamos historiar — repetimos — todos os casos, citar os nomes dos jogadores mais brutais e dos accidentes mais dolorosos que tivemos, por exemplo, desde 1910. Citamos apenas alguns exemplos tipicos. Jogadores violentos, às vezes até delinquentes e grandes accidentes existiram e existem sempre. Não é justo que se atire toda a culpa no presente. E note-se que hoje em dia um jogador incorreto pode ser expulso da cancha, unica arma que o juiz possui para cultivar a disciplina em campo. Antigamente, não se expulsava ninguem, porque sinão o juiz apanhava, o jogo não acabava e no dia seguinte, si a entidade queria fazer justiça, o clube a abandonava e 24 horas depois surgia uma nova liga... para «regenerar» o futebol...

As brutalidades, no passado, sempre foram toleradas ou provocaram questões entre os clubes que defendiam seus jogadores incorretos. A justiça da entidade era impotente para se impor.

Leiamos o que, a respeito, diziam os «Relatorios da Apea», em 1924-25:

«Certa vês, jogando contra a Associação Portuguesa de Esportes, aconteceu sair de campo ferido o seu jogador Afrodisio Camargo Xavier, conhecido no meio esportivo pelo apelido de «Formiga» e sem favor uma das glorias do futebol nacional, em virtude de um ponta-pé que recebeu do jogador da Portuguesa, João Pereira de Castro.

Pois esse fato, ocorrido acidentalmente, deu vasa ao Paulistano para mover uma campanha contra a Associação, alegando que esta incrementava o jogo violento, pois o jogador da Portuguesa foi suspenso apenas por dois jogos».

Esse «accidente» quasi custou a carreira de Formiga...

A Apea, já naqueles tempos, confessava as grandes dificuldades que encontrava para se impor disciplinarmente:

«As punições applicadas com justiça e energia conseguiram obter resultados satisfatorios si não estivesse já muito arraigado em nossos costumes o espirito de rebeldia. Atualmente, creio que difficilmente dariam resultado, pois os punidos imediatamente provocariam dissensões, encontrariam adeptos e, facilmente, por nova crise passaria a A. P. S. A.

Igualmente, não trazem resultado ao apaziguamento geral os meios brandos e suasorios; a tolerancia dos dirigentes com as

pequenas irregularidades, faz crer na fraqueza da Associação e fomenta a reincidência e a pratica de maiores faltas.

De quem, pois, a culpa?

A violencia ao lado da tolerancia nasceram, portanto, desde tempos que vão longe... Não esqueçamos que as expressões «tourada» (jogo bruto), «cavalos» (jogador violento) e «chorão» (jogador reclamador) surgiram ha mais de 25 anos, em nosso futebol. Logo...

* * *

Um outro documento de como a violencia e o tumulto nasceram, com o aparecimento do futebol brasileiro, como no do Prata, é o seguinte episodio historico, publicado no «Globo», do Rio:

«O Botafogo era o campeão da cidade. Corria o ano de 1911. No campo do largo dos Leões, era disputado um compromisso do campeonato da segunda Liga Metropolitana de Futebol. O America enfrentava o Botafogo. Não sucedera ainda nada de mais. Apenas Abelardo Delamare achava que Gabriel de Carvalho queria machucar Flavio Ramos. Gabriel de Carvalho, não se distinguia pela delicadeza das jogadas. Flavio Ramos reclamou. E Abelardo Delamare disse, alto: «Não dê confiança. Si ele repetir, toque o braço». Gabriel de Carvalho queimou-se. E retrucou que nele ninguem tocava o braço. Abelardo Delamare, que não era homem de duas palavras, quiz mostrar que «tocava o braço nele e em qualquer um». Fechou o tempo. Um torcedor, no chão, junto de Flavio Ramos, puxou o revolver. Flavio Ramos pisou a mão dele. E o jogo acabou ali. E a Liga Metropolitana suspendeu Abelardo Delamare e Gabriel de Carvalho. E o Botafogo não se conformou, abandonando o campeonato».

Tudo isso aconteceu entre amadores purissimos, em 1911! Ora, o «inocente» incidente daquele ano se transformou, depois, em grande tumulto, com muita frequencia. Porque? Porque nunca se combateu energeticamente a indisciplina. E o mal foi crescendo até se tornar incuravel...

Ainda em 1926 a justiça futebolistica atingia o cumulo da falencia.

Leiamos esse comentario de «O Combate», jornal de grande evidencia naquela epoca:

«Em seu ultimo comunicado oficial, a Apea, por intermedio da sua «justiceira» comissão de justiça, applicou com uma bruta «energia» algumas penas contra jogadores de varios clubes, porém, da divisão secundaria. Quanto aos ultimos «sururús», tão escandalosamente conhecidos, que se verificaram ultimamente, nos campos da 1.a divisão, nem sequer foi tocado no assunto. No jogo Portuguesa x Silex, houve incidentes e tudo passou em branca nuvem. Em Santos, o juiz foi maltratado, injuriado e agredido e

nada também foi providenciado para castigar os indisciplinados e agressores. Em tudo a Apea passa por cima... O momento não é para magoar este ou aquele clube, sinão pode isto dar outras «encrencas» e daí a «Entidade oficial» ter que fechar as portas e, então, reconhecer, contragosto, que a outra entidade não é apenas uma «ligarinha», formada de alguns clubes secundarios».

O interessante é que a d. Apea faz-se passar como organização modelar unida, coesa, quando todo o mundo esportivo da Paulicéa sabe perfeitamente em que caminho está sua vida...

Mas, voltando ao caso da «justiça», diremos que a Apea tem um subterfugio por onde escapar. Depois de cada jogo, mesmo que haja linchamento e incendio, assistido pelo publico e divulgado pelos jornais, a Apea nada faz... Porque? Porque o juiz «nada disse em seu relatorio», mesmo sendo ele a vitima principal.

E porque isso? Porque não são ameaçados, afim de não prejudicar o clube que está bem colocado», etc., etc. Assim, o juiz tudo cala e atende aos pedidos das «pessoas influentes». Resultado: a Apea nada pode fazer por «nada constar oficialmente», e a desmoralização vai continuando, minando cada vez mais o futebol que a entidade do largo de S. Francisco dirige.

Não é de hoje que o tal processo posto em pratica vigora. Ha muito que entrou em cena, e é tão conhecido que ninguem ignora como é conseguido o porque. A Apea não precisa mais de bons conselhos, nem se iludem seus adeptos de que virão tempos melhores, gastando «farofas» ou banquetes e otimismo, nas reuniões onde impera completa hipocrisia dos que ainda lhe são fieis... desconfiados.

A verdade é que a Apea, no caminho em que vai, dentro em breve, irá fazer companhia à sua velha «comadre», do Rio, a Liga Metropolitana».

Isso foi em 1926!

QUANDO NASCEU, NO RIO, O PRIMEIRO «SURURÚ»

O «sururú» tornou-se uma instituição no futebol indigena.

Si, porém, temos um incidente em campo, hoje, diz-se que é culpa do profissionalismo. da má educação esportiva atual. Engano. Os proprios apologistas da disciplina do passado descrevem, «com orgulho», os incidentes de outros tempos.

Leiamos essa verdade relatada em «O Globo», do Rio:

«O primeiro «sururú» teve por teatro o campo do Fluminense, o antigo «field» da rua Guanabara, de manhã cedo, no meio de um jogo dos infantis do Carioca e do Rio. Naquele tempo, em 1907, nem o Fluminense nem o Botafogo tinham infantis. Os garotos dos maiores rivais da epoca vestiam a camisa do Rio — vermelha,

roxa e branca; e do Carioca, preta, e branca. Pelo Rio, jogavam Borgerth, Gustavinho, Pindaro, Amarante, uma porção de jogadores que iriam formar a base do quadro campeão de 11. A futura turma do Botafogo, campeã de 10, defendia o Carioca; os Werneck, os Sodré, os Delamare. Pois bem. Como eu ia dizendo, em uma manhã de 907, o Rio e o Carioca mediram forças no campo da rua Guanabara. Os pais dos garotos assistindo à partida, todos de chapéu de palha e de bengala. E também lá estavam os irmãos mais velhos dos jogadores. Em um dado momento, Abelardo Delamare embola no gramado, como não sei quem. E toca a entrar para o campo as «famílias» dos dois times. Dividindo-se de acordo com as camisas do «meu garoto». Foi um «sururú» danado.

Sim, em 1907, teve inicio, no Rio, o «sururú».
Como é velha a indisciplina!

ONTEM E HOJE...

Tema velho, portanto, já gasto... Quando succede algo de anormal em nossas partidas, surgem os impagaveis sermões... Tudo quanto acontece de mal é devido aos «cafagestes» profissionais, é um mal do futebol moderno... Antigamente nada disso succedia. O prelio Botafogo x America, o mais indesejavel em disciplina, do campeonato carioca de 1942, deu muito que falar. Culpa do profissionalismo... Chapa já muito gasta... Interessante. Leiam esta: ha tempos, escrevendo sobre a historia do America F. C., um jornal carioca reproduziu uma sugestiva passagem do campeonato de 1911, quando houve um incidente entre os mesmos clubes. É favor lerem com atenção, porque trata-se de um documento impressionante, que muito depõe, arraza a tão decantada disciplina dos amadores dos tempos passados, os grandes e unicos responsaveis pela má educação esportiva da mocidade de hoje. Escutem:

«Belfort perguntou: «Você acha mesmo, Mario Newton, que o Botafogo sairá da Liga?». Mario Newton não tinha a menor duvida a respeito. «O Botafogo só continuaria si a suspensão de Abelardo Delamare fosse relevada». «E você viu, Belfort?». Mario Newton apontou para a «Tribuna»: reunida ontem — ontem fôra terça-feira, 27 de junho — A sub-comissão de futebol resolveu: suspender por um ano Abelardo Delamare; suspender Ademar Delamare por seis meses, por ter promovido a agressão contra o quadro do America; suspender por trinta dias Gabriel de Carvalho, caso se prove ter o mesmo ofendido com palavras, um jogador do Botafogo; censurar os capitães do Botafogo e do America, por terem permitido o jogo bruto; censurar a diretoria do Botafogo, por não ter tomado medidas afim de evitar o desagradavel incidente do final do prelio, promovido por seus associados. «E que o Botafogo queria que a Liga fizesse?».

«Eu saltei. Quis cabecear e não pude. Então meti a mão na bola. Flavio Ramos veio para mim e disse que eu não devia fazer isso. Que mal tem a mão na bola? — perguntei. O juiz marcou. Foi aí que o Abelardo Delamare perdeu a calma. Como é que você, Flavio, ainda fala com esse... E o Abelardo pronunciou uma palavra feia. Eu não tive duvida. Respondi que «aquilo» era ele, seu «isso». Abelardo Delamare tocou-me o braço e eu nem tive tempo de revidar. Fui seguro logo».

* * *

«A Abelardo Delamare, centro-avante do quadro campeão, coube a gloria de, publicamente, diante de toda a elite que assistia ao prelio, mostrar a falta de disciplina moral do quadro que gozou da fama de «smarts»! Indignado com a insistencia de um jogador contrario, que não o deixou fazer proezas, vingou-se agredindo-o subitamente, fato testemunhado pela multidão que enchia o campo. Depois deste pequeno — está entre aspas — incidente, recommçou o jogo, continuando no quadro o delicado, simpatico e assombroso chutador de bolas. As coisas, porém, não ficaram aí: o capitão do America tambem foi agredido a sôcos pelo impetuoso futebolista Abelardo».

* * *

«Depois, desnorteado com a derrota inevitavel, o quadro campeão (o Botafogo), à exceção do arqueiro e dos zagueiros, desenvolveu uma manobra censuravel, chegando ao extremo de agredir fisicamente os representantes do America».

* * *

«Trinta soldados abriram alas. E foi por aí que passaram os jogadores do America. Luiz Carneiro de Mendonça apareceu cambaleando, apoiando-se em Belfort. E logo atrás Gabriel de Carvalho, de pescoço duro. A torcida do Botafogo chamava Gabriel de Carvalho de coisas feias. «E' preciso tomar uma providencia. De outra forma o futebol deixará de ser familiar».

* * *

«Dentro em breve os prelios de chutes serão realizados entre barreiras de policiais e cada futebolista deverá munir-se de armas para a sua defesa».

Como eram disciplinados os amadores dos tempos passados! Que lisura! Que lealdade!

Tudo isso que acabamos de ler, caros leitores, foi escrito em 1911, no dia seguinte a um jogo acidentado entre o America e o Botafogo!

Ao cronista que deu divulgação a esses documentos, à guisa de reminiscências, foram exibidos os jornais da época, dos quais transcreveu os principais trechos, ou ouviu dos próprios participantes daqueles incidentes os detalhes, relatados com toda a fidelidade!

Hoje, aqueles jogadores amadores cem por cento que se engalfinharam em 1911, ha 31 anos, pois, são todos senhores respeitáveis, alguns já vovós, de cabelos brancos...

Relatam, agora, aqueles «inocentes» incidentes com saudades, quasi com orgulho, pois os fazem lembrar a sua mocidade; sim, para eles, aquelas brigas não tiveram importancia alguma, apenas passatempo, ingenuo de jovens. Tudo isso está certo, mas ninguem pode negar que aqueles «banais» incidentes de 30 anos atrás foram os primeiros passos da má educação esportiva, cujas consequências estão pagando os moços de hoje, porque a indisciplina do amadorismo lirico fez escola, propagou-se, degenerou pelo tempo afora e hoje não é possível se evitar, de todo, um feio vicio já enraigado, não é possível tão facilmente! Tudo que apodreceu em nosso esporte é culpa exclusiva do passado, dos tempos do amadorismo puro! Os alunos aproveitaram as lições dos mestres. Si os jogadores e diretores do Botafogo e do America de 1911 não tivessem brigado, os profissionais de 1942 não brigariam tambem!

E' mentira que a má disciplina seja fruto do futebol de agora. Si o Paulistano não tivesse abandonado o campo em 1910, o Corinthians não o abandonaria em 1927, o São Paulo não incorreria em identico ato em 1942! Os unicos culpados, os grandes responsaveis pela nossa má educação esportiva foram os jogadores e diretores do passado! Antigamente, pois, os incidentes eram os mesmos ou pior do que os de hoje. Naturalmente, a repercussão atualmente é maior, porque uma coisa era o futebol carioca, paulista, etc., assistido por mil pessoas em 1911 e outra é hoje, presenciado por cincoenta mil! Comparando-se um e outro incidentes, respeitadas as devidas proporções, o de 1911 foi muito mais escandaloso do que o recente.

O mau espirito esportivo nasceu em mãos dos que hoje querem culpar o futebol atual. Não lhes cabe esse direito. Os do passado — aqui, no Rio, na Baía, etc. — nada de bom fizeram nesse terreno. Ao contrario, foram eles os que plantaram a arvore da indisciplina! Os moços, hoje, pagam as consequências da má educação que os antigos cultivaram. Eles foram os culpados e, no entanto, são os primeiros a acusar, cinicamente, a má disciplina dos profissionais, dos esportistas atuais!

Mais uma prova — a milesima — é essa do «sururú» de 1911 entre o Botafogo e o America, com riqueza de detalhes relatados pelos seus próprios participantes ou culpados e pelos jornais da época!

Os «inocentes» incidentes daqueles tempos são tidos, hoje, pelos «velhos», como mero passatempo dos moços de 1911, 12, 13, etc., mas é fato que aquela foi a semente que fez frutificar a arvore da indisciplina!

E' hora de encararmos esse gravissimo problema do esporte nacional de outra maneira e não como simples exhibição de saudosismo intransigente e ridiculo. Precisamos olhar para a frente, ver a realidade

diante dos nossos olhos e não chorar um passado que já se foi e não volta mais!

JOGOS TRUNCADOS DE MODO INGLORIO

O primeiro jogo que não terminou, por desavença em campo, foi em 1910.

De fato, no prelio do primeiro turno daquele ano, o Paulistano e o Americano, que eram rivais acirrados, enfrentaram-se para disputar uma das mais importantes partidas para a classificação. O Paulistano, no segundo tempo, vencia por 2 a 0, quando houve uma discordia entre os jogadores, resultando disso a retirada de campo do quadro de Rubens. O Americano ganhou os pontos.

Foi este o primeiro jogo de campeonato que, em S. Paulo, não terminou, por incidente em campo.

Em 1910! Sim, em 1910! O exemplo ficou...

Daí por diante, com o decorrer dos anos, temos tido muitos outros prelios interrompidos, alguns dos quais de grande importancia e de serias consequencias, e que são justamente os que iremos lembrar a seguir.

O prelio Palestra x Paulistano, de 1918, pode ser incluído nesta categoria, muito embora a luta tivesse terminado na hora regulamentar. O Palestra, porém, continuou jogando com 7 elementos, porque os demais se rebelaram, saindo do gramado.

Em 1921, o certamen se encerrou, com o Palestra e o Corinthians empatados no segundo posto. A Apea marcou o desempate. O prelio se achava ainda 0 a 0, quando Primo, arqueiro do Palestra, cometeu violencia em Neco. O juiz puniu um penal, que os palestrinos não aceitaram, e deixaram o campo.

Deu muito que falar, então, essa anomalia.

Maior escandalo causou o incidente do jogo Paulistano x Ipiranga (1.º turno — 1923). A rivalidade entre os dois clubes estava no auge. Numa carga dos avantes alvi-rubros, a bola foi impelida às redes. O juiz, porém, assinalou uma falta de um dianteiro no guardião contrario. Foi o diabo... O jogo ficou truncado.

Política, clubismo, injustiça, falta de serenidade, tudo, no passado, como hoje...

Dois anos depois, tivemos o famigerado jogo final de campeonato no Parque Antartica, entre o S. Bento e o Paulistano. Vencia o S. Bento por 1 a 0. Ao faltarem 7 minutos para o terminar, surgiu uma desavença, e o Paulistano não mais continuou a luta, deixando o gramado.

A seguir, em 1927, justamente no campeonato dissidente, um dos maiores encontros, entre o Corinthians e o Paulistano, no Jardim America, foi encerrado irregularmente, à certa altura do segundo tempo. O Corinthians vencia por 1 a 0. O arbitro puniu uma pena maxima contra o alvi-preto, e Grané cometeu, pela primeira e unica vês em sua carreira, um ato feio para com o juiz, pois investiu contra ele. O jogo não mais

proseguiu. É preciso também frisar que o «onze» do Corinthians havia ido a campo disposto a não mais atuar na Laf. E foi o que fez, tanto que o clube voltou logo à Apea.

No campeonato de 1928, o clube do Parque S. Jorge enfrentou a Portuguesa, dependendo de sua vitória a conquista do título. Os lusos começaram o jogo surpreendendo. Fizeram um tento, mas os alvi-pretos logo empataram, e no 20.º minuto marcaram o seu segundo tento. Surgiu, logo após, um incidente entre Neco e um diretor do clube contrario, e o jogo acabou... Depois disso, tivemos aquela luta Corinthians x Palestra, do primeiro turno de 1930, em que o alvi-verde, embora vencendo, não se conformou, no segundo tempo, com a anulação de um ponto pelo juiz e se retirou do campo.

Tres anos depois, tivemos o primeiro jogo de nosso campeonato profissional, truncado ingloriamente, entre sambentistas e tricolores. Vencia o S. Paulo por 1 a 0. O juiz expulsou Zarzur do campo. Os tricolores não obedeceram a essa ordem, e o prelio não continuou...

O outro grande jogo inacabado foi o da primeira «melhor de tres» final do campeonato paulista de 1936, entre o Palestra e o Corinthians. Os alvi-pretos, devido ao gol da vitória do alvi-verde, que o juiz assinalou após um escanteio, interromperam a partida, nos últimos minutos.

Como, porém, estamos com a mão na massa, não devemos deixar de fazer referência aos dois prelios paulistas x cariocas, que tiveram um fim mesquinho. Um, foi em 1927, final de campeonato, em virtude dos paulistas recusarem um penal que o juiz Amarante assinalou, e outro, o encontro noturno de 5 de julho de 1932.

Foi, aquela, a noite de S. Bartolomeu do futebol brasileiro...

* * *

Sim, o escandalo do campeonato brasileiro de 1927 pertence também ao futebol do passado e fez muito escola...

O certamen havia chegado ao seu ponto culminante. Eliminados todos os adversarios, paulistas e cariocas prepararam-se para a única partida final. Naquele tempo, um único jogo decidia o título. Esse jogo era privilegio do Rio. A C. B. D. mandava, por bem ou por mal, que se efetuasse em campo carioca. Nenhum direito tinha S. Paulo! Como se justificava esse privilegio absurdo? A propria C. B. D. não o sabia explicar: o Rio era a Capital do país, assim dizia a entidade maxima. Mas, a verdade era outra! À entidade do Rio, que predominava na C. B. D., não convinha jogar aqui e daí sua imposição. O regulamento mandava... Era a época do partidarismo cego até na propria entidade superior. A rivalidade era também muito mal cultivada. Um jogo Paulistas x Cariocas não passava de uma contenda entre Cains e Abeis... Culpa não cabia, de todo, aos torcedores e jogadores, pelo que sucedia, e sim a outros, desde o passado: aos dirigentes, aos educadores, aos orientadores, por cultivarem tão pessimo espirito esportivo. Daí a degeneração da luta. Nesse fatidico prelio de 1927, a ani-

mosidade, já enraigada através de muitos anos, foi tão acentuada que a própria presença do presidente da Republica, no Estadio, não evitou a explosão dos feios incidentes!

Uma vergonha!

Repetimos, porém, os menos culpados, em 1927, como na época atual, pela má disciplina, não foram e não são somente os jogadores...

O escandalo foi medonho. Os cariocas deram-se por satisfeito com o juiz, e os paulistas o criticaram energicamente. A paralisação do jogo, por parte dos paulistas, foi aplaudida em S. Paulo, mas no Rio pode-se calcular o que aconteceu!... Gritaram como si nunca tivessem visto tal cena nos campos cariocas, cenas de todos os domingos, como acontecia aqui tambem naqueles já saudosos tempos...

No dia seguinte, os «azes» paulistas fizeram uma declaração revolucionaria, cheios de indignação contra a C. B. D. Esta, demonstrando espirito de justiça, que absolutamente não possuia, partidaria como era, ameaçou expulsar o «onze» inteiro!... Dias depois, com os panoquentes dos paredros, appareceu nos jornais nova declaração dos jogadores paulistas desmentindo tudo!

O escandalo fez sucesso. Durante muito tempo, qualquer jogo não terminava si o juiz concedesse um penal...

Exemplo daquelle final paulista x carioca!

O CLUBISMO, A POLITICAGEM, A CHAGA DA CISÃO

Não é de espantar si relatarmos que o espirito do dissidio, em nosso esporte, germinou em 1899, logo quando surgiu o S. C. Internacional. Houve uma questão devido ao nome do clube que acabou em cisão! O grupo dissidente deixou o clube e foi fundar o S. C. Germania. Esse foi o marco inicial... Depois... a serie foi longa, quando, por caprichos pessoais e por politicagem rasteira, si não houve cisão nos clubes houve nas entidades. A escola que os amadores dos saudosos tempos fizeram foi formidavel... A segunda cisão em um clube deu-se em 1905, sendo descrita assim no livro «O Futebol em S. Paulo», de Leopoldo Sant'Anna (1917):

«A cisão no Paulistano deu-se em outubro de 1905. Presidia o clube o sr. Numa de Oliveira, tendo como auxiliares os srs. Antonio Prado Junior e Luiz Fonseca. O que provocou a grande questão, a qual agitou os centros esportivos, foi a rebeldia do sr. Jorge Mesquita, que se insurgiu contra os diretores. O primeiro time do Paulistano estava em primeiro lugar, sendo então certa a conquista da taça. Jorge Mesquita, querendo a honra de a receber, impôs a sua nomeação para capitão, cargo esse ocupado pelo dr. Guilherme Rubião. A diretoria, porém, não o atendeu, e convidou o dr. José Rubião para capitão. Este não aceitou o encargo. Os diretores, um tanto embaraçados, reuniram-se uma tarde, no Velodromo, para tratar do caso. Quando a reunião estava em meio, o sr. Jorge Mesquita entrou na sala, e começou a tomar

parte nos debates. O sr. Numa de Oliveira convidou-o a retirar-se da sala — o que ele fez, sob protesto, Jorge Mesquita teve a solidariedade dos srs. José Rubião, Raul Guimarães, Mario Egidio, Urbano de Moraes, Plinio Rubião e mais alguns outros, que saíram do Paulistano, indo reforçar a A. A. Palmeiras, que estava em ultimo lugar no campeonato».

Pois é, era esse o espirito esportivo dos super-amadores de 1905! Como poderia ser melhor — digamos — dos falsos amadores de 1925 e de 1930 e como pode ser melhor dos profissionais de hoje?

Em 1906, o Palmeiras abandonava a Liga Paulista. Início de brigas complicadissimas...

Eis como se conta a historia:

«Quasi no final do certamen, sobreveiu o primeiro incidente politico da Liga, visando o Palmeiras. Assim é que um dos gremios, o Germania, apresentara um officio solicitando perdesse o Palmeiras — com que então estava empatado no primeiro posto — os pontos da partida que deveria este clube disputar com o São Paulo Athletic, porque, alegava, o Palmeiras não se apresentara em campo.

Entretanto, o caso foi esclarecido pela entidade, pois na véspera do jogo, o clube inglês oficiara desligando-se da Liga, que diante disso, anulou todos os jogos de que participara aquele gremio.

A despeito disso, ao Palmeiras estava reservado um grande dissabor. Vencendo, galhardamente, o campeonato paulista, e no ano de sua estreia, não poderia receber a taça do campeão. É que, no ultimo jogo, quando nada mais teria a temer, alguns clubes da Liga acusaram a brilhante entidade quanto à venda de ingressos para a partida, alegando irregularidades.

O fato, na epoca, causou alvoroço, chegando a constituir um caso de policia, diante da attitude do gremio da Floresta, que invocou a intervenção do secretario da Justiça, solicitando a abertura de um inquerito, que foi favoravel ao Palmeiras.

Si houve um julgamento policial, a seu favor, o lado politico não lhe sorriu, e a assemblea da Liga, diante do interesse de varios clubes, confirmou a eliminação do Palmeiras, o que o impediu de receber a bela e cobiçada taça, que originou tamanha celeuma».

(De uma cronica historica publicada no «Correio Paulistano».

Imaginem, um escandalo destes, tal e qual como si fosse neste 1942, aconteceu em 1906! Ah, como eram puros os tempos passados!...

Por sua vês, o livro «Historia do Futebol em S. Paulo» relatou assim esse episodio escandaloso de 1906:

«No fim, o Esporte Clube Internacional fez uma grave denuncia contra o Palmeiras, a proposito de venda de entradas. Foi

um caso complicado, em que cada um contava as cousas a seu modo, não se sabendo com quem estava a razão. Os «palmeiras» alegavam, em sua defesa, o seguinte: tinham um acordo com o Clube S. Paulo de Regatas, que lhe cedia o campo, gratuitamente. As mensalidades, por isso, eram pagas a esse clube de canoagem. Na venda de entradas, os socios do Palmeiras cediam-nas, por 1\$000, a metade do preço. Mas, os reclamantes diziam que era uma irregularidade sem nome, aduzindo varios aumentos. O caso foi debatido numa assemblea da Liga Paulista. O representante do Palmeiras fundamentou longamente o ato da diretoria. Tal defesa não valeu de nada. A Liga condenou a Associação da Floresta. E a taça, que o Palmeiras tinha conquistada? Novo problema, que provocou larga discussão: a Liga, todavia, não deu ouvido às queixas, e o clube, que se julgou prejudicado, abandonou a entidade superior».

A serie dos dissidios seguiu seu rumo prodigiosamente.

Vejamos este comentario, publicado na «Gazeta dos Sports», do Rio, em 4 de janeiro de 1908:

«Depois de varios incidentes ocorridos em sessões da Liga Metropolitana, e por nós minuciosamente narrados, o futebol esteve em crise aguda por que ainda passa atualmente. Não ha jogos officiais, não ha partidas interessantes, não está na vida energica e ativa que outrora sustentou. A Liga ficou quasi que dissolvida, abandonada, e de uma infelicidade unica. O Fluminense, um de seus poderosos esteios, tentou demitir-se, os outros tambem o fizeram. Ficamos na vida morta e ninguem mais avivou o salutar esporte britanico. Agora, porém, com a chegada do ativo homem dos esportes, Francis Walter, que se achava na Europa, quando se deram os incidentes da Liga, parece-nos, felizmente, que chegaremos a um acordo, numa união feliz para os clubes e para todos nós que amamos o futebol. Os diretores dos clubes e os seus socios, desgostosos com tais incidentes, não querem mais Liga nem harmonias. Cada qual para si, é como viveriam. A zanga e o desacordo foram passando e os rapazes já não se lembram de tais incidentes e já estão sentindo a falta de união dos clubes para belos «matchs» e belas disputas, como as que tivemos nos campeonatos anteriores. Ao nosso ver, a harmonia já tardava, a necessidade de uma nova Liga já se fazia sentir».

E depois, vieram outros tantos incidentes nos clubes, «intra muros», como entre clubes e entidades ou entre estas ultimas...

No Rio, questionavam Fluminense e Botafogo; em S. Paulo, o Paulistano e o Palmeiras viviam como cão e gato... Depois, entrou em cena o Americano... e a seguir varios clubes com a Liga que se cindiu, e então foi fundada a Apea, para «matar» a Liga...

As brigas, em S. Paulo, fizeram não pouco mal. Por isso, o periodo entre 1906 e 1908 foi tido como decadente!

Assim se refere a essa «decadencia» o autor do livro «Historia do Futebol em S. Paulo»:

«Na segunda, verifica-se algum progresso tecnico. Medeia ela de 1909 a 1911. Tinham-nos dado otimas lições os africanos e os argentinos. Essas lições, em parte, provocaram o desanimo entre o publico, que julgava os nossos rapazes, não campeões incomparaveis, mas como aptidões para enfrentar adversarios mais dignos. Foi essa uma das causas da decadencia, que se notou no esporte em S. Paulo. Quem teve a lembrança, naturalmente, com boas intenções, de promover a visita de profissionais e amadores mais conhecedores do esporte, sem o desejar concorreu para aquela lagôa morta, que foi, no periodo de 1906 a 1908, o futebol. Não teve culpa, bem o sabemos; entretanto, o povo, habituado a vitorias, e ainda não suficientemente educado no esporte, e devido às constantes crises e rixas que se davam, quer na Liga, quer nos clubes, fugiu dos campos».

O Palmeiras voltou às boas com os outros clubes em 1910, mas no ano seguinte surgiu outra questão venenosa, assim descrita no livro «Historia do Futebol em S. Paulo»:

«Esteve no ostracismo dois anos. Viveu para si, na Floresta, exercitou os seus socios. Era feliz? Não devia ser. Aquele exclusivismo, aos poucos, matava. Entremente, notou-se uma certa boa vontade dos diretores da Liga que queriam chamar a ovelha ao aprisco do pastor... A ovelha resistiu; mas, enfim, todos resolveram apagar o passado triste, e o Palmeiras voltou. Voltou forte como saíra. Muitos dos velhos defensores já estavam aposentados; os novos, João Salerno, Otavio Egidio, Godinho Cerqueira, Irineu Malta não desmereciam as tradições daqueles. Bateu os adversarios, quasi em toda a linha. Só o defrontou, com coragem, o Paulistano, que o venceu em determinada pugna. Em 1910, a mesmissima cousa, sem nenhuma variante. O campeonato de 1911, para a sociedade, annunciou-se promissor. Subjugou o Ipiranga e o Paulistano. Em ultimo lugar, da Liga se achava o Germania que, anteriormente, fora derrotado pelo Ipiranga. Nesse encontro, uma surpresa desagradavel estava reservada para o clube: o seu primeiro time pisava em campo certissimo da vitoria, e, por castigo, perdeu por quatro a dois! Um verdadeiro desastre! A diretoria não se conformou e apegou-se, para nulificar o torneio, ao fato de um dos jogadores do Germania não estar regularmente inscrito. Baldado esforço. A Liga, que na sua maioria era contraria ao Palmeiras, negou provimento. A sociedade teve que retirar-se e continuar no ostracismo».

Indo... descançar o Palmeiras, as brigas começaram entre o Paulistano e o Americano...

Ao mesmo tempo, uma questão identica, interna, a do Paulistano, em 1905, surgia no Rio, no Fluminense, em 1911:

«A questão entre Borgerth e o Fluminense — o que resultaria no maior exodo de jogadores de um clube para outro de que ha memoria na historia do futebol carioca — nasceu de um conflito entre o capitão e o «ground comitee». O capitão, no Fluminense, reconhecia a autoridade do «ground comitee». Em compensação, o «ground comitee» nunca deixara de aprovar a escalação feita pelo capitão. Quando «o ground comitee» do Fluminense escalou um time, sem esperar a escalação do capitão, Borgerth levou o caso aos jogadores e os jogadores ficaram com ele. Em outro clube haveria uma crise. E a diretoria trataria logo de pedir demissão. No Fluminense, que fora modelado pelos Etchegaray, Cox e os irmãos Costa Santos, o time todo pode ir embora sem receber um apelo para que ficasse».

(Reportagem historica publicada no «Globo», do Rio)

Como vemos, simples questão pessoal. Surgiram os caprichos, os melindres e se declarou o dissidio. (Dessa divergencia nasceu o Flamengo para o futebol). Si tal cousa succede hoje em dia, num clube qualquer, diz-se que é «fruto da epoca atual», cafegetismo...

Complicando-se a vida do futebol e degenerando mais a educação esportiva, os «salvadores» do esporte começaram a procurar remedios ineficazes e a defender principios equivoocos:

«As rivalidades, nestas condições, tendiam aumentar, e a preocupação de fortalecer as equipes, por nas ou nefas, dominava a todos. Si os metodos antigos, com que se formaram as brilhantes equipes do Athletic, do Paulistano e do Mackenzie, fossem seguidos, ainda vá. Infelizmente, esses metodos, tão salutaes e tão nobres, caíram em desuso.

S. Paulo transformara-se, então, num vasto campo de futebol. Havia sociedades por todos os cantos... E os clubes da Liga acolheram no seu seio rapazes da varzea. Fizeram bem? Achamos muito justo que os operarios, os humildes participem das refregas, mas os operarios e os humildes, que compreendem os seus deveres de esportistas. Esse, entretanto, não constituia o principal criterio dos aliciadores improvisados. Desta forma, apareceram ao Velodromo, da noite para o dia, inumeros esportistas de outras plagas e de outros costumes... Os antigos, fieis aos velhos habitos, receberam com hostilidade os seus companheiros. E daí, desse encontro inesperado, que era, aliás, uma consequencia inevitavel do progresso do futebol, resultaram os fatos tristissimos de 1909 e 1912.

«É preciso seleção, é preciso seleção» — bradavam os intrasigentes. Sim, de acôrdo que se impunha essa medida; os que gritavam, porém, por vingança ou por necessidade, caíam no mesmo

erro no ano que se seguisse. Que autoridade podia ter uma Liga, composta de elementos tão heterogeneos? Nenhuma, por força. Tinha que se esfacelar, por conseguinte, mais tarde ou mais cedo».

(«Historia do Futebol em S. Paulo»).

Nada se conseguiu salvar...

Veiu a nova crise e, desta vês, houve o dissidio na Liga, para surgir a Apea. Nesta, aliaram-se o Paulistano e o Palmeiras! Vejamos:

«Foi o que se deu em 1913. Faziam-se, nessa epoca, conforme a praxe, os preparativos para a disputa do campeonato. Os clubes, pelo menos através das parcas noticias dos diarios, se adestravam. Parecia que se ia notar a mesma «calma» habitual dos campeonatos passados. Marcaram-se as datas dos jogos, tomaram-se as outras providencias costumeiras. A Liga Paulista reuniu-se, e tudo foi aprovado sem discrepancia.

Entrementes, a sociedade maxima, atendendo a uma proposta do Germania, secundado por dois ou tres clubes, reconheceu, como official, o campo do Parque Antartica. A proposta, não ha negar, era vantajosa para a Liga: o clube cedia o campo por 200\$000 mensalmente, ao passo que o Paulistano cobrava essa quantia por partida. Aconteceu, porém, que, antes de tomar essa resolução, ficara combinada a realização do primeiro encontro entre o Paulistano e o Americano no Velodromo».

(«Historia do Futebol em S. Paulo»)

Pois sim, a entidade marcou o jogo no velho Parque Antartica; o Paulistano esperou o adversario no Velodromo; o jogo não se realizou e houve a inevitavel cisão, que durou até 1916. A Apea acabou «matando» a já decadente Liga.

Quatro anos de lutas, de polemicas e intrigas...

Bela educação esportiva!

No Rio, tambem, no Botafogo, quasi houve um dissidio interno igual ao do Fluminense:

«Luiz Menezes, que foi capitão do Botafogo, com 17 anos -- e isso porque marcara dois gols contra os paulistas em 1915, em um jogo de «scratches» — ainda hoje se recorda de um episodio, bastante carateristico. Um dia ele chega ao Botafogo e encontra os jogadores com um abaixo assinado. Os jogadores do Botafogo exigiam, nada mais, nada menos, que a diretoria se demitisse. Carlito Rocha — então ainda um jogador do segundo time — fora suspenso. E os jogadores não se conformaram com a punição, ficando solidarios com Carlito. Luiz Menezes, como capitão, teria que entregar o abaixo assinado ao comandante Herman Palmeira,

presidente do clube. Luiz Menezes lê o ultimatum do time. Pega de uma caneta e rabisca o nome. A diretoria recebe o abaixo assinado, toma conhecimento dele e pede demissão».

(Cronica historica publicada no «Globo»)

Como eram disciplinados os amadores daqueles tempos!... Tres deles, por exemplo, num jogo final entre o Paulistano e o S. Bento, em 1916, recusaram-se a voltar a campo, no segundo tempo, porque houve divergencias no vestiario. O S. Bento, com 8 jogadores, acabou perdendo por 9 a 0! Si um gesto destes fosse levado a cabo por tres profissionais de hoje, os saudosistas diriam cobras e lagartos da disciplina dos tempos atuais. E, no entanto, tudo já degenerava naquela «impecavel» epoca amadorista.

Em S. Paulo, a politicagem clubistica nunca deixou de ferver. Os casos surgiam, cada vês mais malignos, uns após outros:

«Houve incidentes entre o campeão paulista e a Associação: todos eles, porém, foram resolvidos satisfatoriamente. Ah! Fosse noutra epoca! A cisão era cousa certa; a dispersão, infalivel, e por consequencia, a morte do futebol. Isto prova exuberantemente que os esportistas de 1917 têm nitida comprehensão dos seus deveres, da utilidade, da cordura e da concordia, da necessidade da união indissoluvél. Sobressair este ou aquele, nessas questões tormentosas, que muitos pensavam que seriam o prologo de uma nova recomposição, é praticar uma injustiça. Por felicidade inaudita nenhum se excedeu, nenhum chegou ao extremo. Cá fora, continuaram os falatorios, fervilharam as intrigas, tiveram campo aberto os temperamentos irriquietos. Mas, esses falatorios, essas intrigas, essas explosões dos irasciveis não tiveram a menor repercussão no seio daqueles que tinham reais responsabilidades. E, depois, vamos e venhamos, tais casos dão-se em todas as agremiações. O futebol, sem semelhantes discussões, sem essas intriguinhas inofensivas, sem os diz-que-diz, era capás de perder de interesse».

(«Historia do Futebol em S. Paulo»)

Nesse trecho, como vemos, se lê que «os esportistas de 1917 tinham outra comprehensão», sabiam de seus deveres. Assim parece. O livro, em questão, porém, foi publicado antes da nova tormenta, a de 1918. O Palestra, novo clube, tornou-se logo otimo discipulo dos outros, em materia de politica clubistica e de rivalidade anti-esportiva. Assim é que, logo em 1918, num acintoso jogo Paulistano x Palestra, os alvi-verdes, indignados com o juiz (foi essa a primeira vês em que um arbitro do Rio foi chamado para dirigir um jogo de campeonato paulista, fracassando) se rebelaram e quatro deles deixaram acintosamente o campo! Depois, estourou a paixão partidaria, e o Palestra abandonou a Apea, para ir fundar uma outra entidade. Houve «panos quentes» e o dissidio acabou semanas após. Tudo isso, pois, a exemplo do passado, repetiam

os jogadores e os diretores de 1918. O Paulistano arrançou, assim, um novo «rival». Primeiro, foi o Palmeiras, depois o Americano e mais tarde o Palestra... A rixa entre ambos desviou-se até para o perigosíssimo e indesejável terreno do jacobinismo, cujas raízes, até hoje, alimentam em nosso futebol uma rivalidade deplorável e mesquinha.

* * *

A chaga da cisão e o vício do abandono de campeonato não deram o que falar de si até 1923... Depois vieram outras rixas. Nesse ano, o Paulistano, após um jogo tumultuoso com o Ipiranga, deixou o certamen. Impoz, daí, nova organização na Apea, predominando seus dirigentes que fizeram aliança com seu «grande amigo» o Palestra. Abraço mútuo de urso... Amizade que deu em nada, como sempre. Logo no primeiro prelúdio do campeonato de 1924, o destino quiz que se defrontassem Palestra e Paulistano. Houve jogo forte e a Apea suspendeu dois jogadores do Palestra. Este zangou-se, brigou com o Paulistano e deixou o campeonato!

Animados com essas rebeldias, também os clubes de Santos deram margem a questões clubísticas.

Vejamos como o «Relatório da Apea de 1924» comenta o sucedido:

«Em 1923, não foi feito o relatório dos trabalhos da Diretoria, ficando por este motivo uma lacuna sensível no arquivo desta Associação, tudo isso devido às lutas de caráter político que imperaram nesta agremiação, o ano passado, de que resultou o seu fechamento pelo espaço de doze dias e o depósito de suas chaves em juízo. Os dois últimos campeonatos tem sido disputados com a ausência de elementos de valor, pois em 1923 o C. A. Paulistano e, em 1924, o Palestra Italia desistiram de continuar no torneio durante o primeiro turno. E as razões das duas desistências foram semelhantes e baseadas na costumeira intransigência que se vai tornando cada vez mais difundida entre os clubes de S. Paulo e que precisa ser combatida, até a sua terminação, para bem de nosso progresso.

Essa maneira de agir, sem respeito à hierarquia, já não está circunscrita às sociedades da divisão principal. Como uma espécie de epidemia, ela vem se alastrando.

Em Santos, um clube filiado à Associação Santista de Esportes Atlético, entidade federada à A. P. S. A. também se insurgiu contra a sua superiora e, como os clubes de S. Paulo, abandonou o campeonato, com grande prejuízo para outras sociedades que tiveram pontos desmarcados na tabela, e em consequência, alterada em sua colocação.

Não parou aí a ação do clube revoltado, que era o Clube Atlético Santista; conseguiu adeptos e provocou a cisão no esporte da vizinha cidade praiana».

Leram? Hoje, si perguntarmos aos diretores de 1923-24 como era o futebol, no seu tempo, dizem que: «No nosso tempo existia completa harmonia, alto espirito esportivo, perfeição, visão. etc. etc.».

Com essa mentalidade, que vem do berço, como poderemos dar a direção ideal ao nosso esporte, creando a disciplina e o senso da responsabilidade?

No Rio, tambem, em 1924, o Fluminense, para reformar o esporte local em sua organização tecnica-administrativa, foi obrigado a provocar uma cisão na Metro. É verdade que a Amea trouxe acentuado progresso tecnico e administrativo, mas em materia de politica, de clubismo tudo piorou. A indisciplina, a má educação proseguiram triunfantes. Assim, muitos principios falharam mais uma vês. A politicagem sempre promoveu dissidios e fundação de novas entidades com programa «regenerador», programa negativo... As direções eram substituidas, as leis reformadas, outra denominação dava-se à entidade, trocavam bonitas palavras, banqueteavam-se, mas logo passavam a reaparecer todos os vicios da dirigente anterior.

O problema não estava, pois, em mudar de nome, em reformar estatutos e em substituir os diretores. Estes eram sempre defensores dos interesses de seus clubes, discipulos dos politiqueiros que tinham substituido. A escola continuou... E veio a inevitavel cisão de 1925. De brigas em brigas, chegamos ao encontro final do campeonato daquele ano, entre o Paulistano e o S. Bento. A politica dominava e o espirito clubistico cada vês mais forte... O Paulistano, nesse jogo, retirou-se do campo, minutos antes do fim. No dia seguinte, deixou a Apea; pouco depois surgia a Liga de Amadores de Futebol (Laf). Programa: moralisar o futebol, reerguer o verdadeiro amadorismo! Ao movimento do alvi-rubro, que contava sempre com muitos diretores dos tempos passados, aderiram outros clubes. Começou a existencia da nova entidade, sofrendo forte hostilização da outra. Resultado: meses depois, a tal moralisação do futebol dava muitos passos para trás e o amadorismo entrava em seu periodo culminante de perdição... E o S. Bento entrou até para a nova Liga! Foram quatro longos anos de marasmo, de tempo perdido. Nada mais se fez sinão se travar o progresso do esporte paulista, em troca de insultos, de odios, de golpes destruidores, de indisciplina completa!

Escola velha, bons discipulos a imitar os antigos mestres... E assim degenerando sempre mais nossa educação esportiva, chegamos à cisão de 1933, no Rio e em S. Paulo. Mais uns punhados de anos de lutas estereis, de incrivel e desenfreada politicalha, de ruina disciplinar.

A historia desse ultimo dissidio é recente.

Culpa de quem?

Felizmente, com o decreto de 14 de abril de 1941, fechou-se a valvula da cisão.

Curou-se o nosso esporte desse cronico mal de berço, mas outros males ainda necessitam de muito combate para desaparecer.

OS CLUBES CONTRA AS SELEÇÕES

Os clubes desde os primeiros tempos puzeram seus próprios interesses acima de qualquer outro interesse. Os caprichos, os despeitos e o mau espirito de colaboração, com o andar dos tempos, fizeram muitas vezes fracassar até o bom nome do Brasil, devido, por exemplo, a recusa de jogadores para a seleção, por parte dos clubes. Em relação aos selecionados regionais, essas questões eram frequentes; no Rio e em S. Paulo e nos outros Estados. Quando nasceu esse mal? Em 1908, por ocasião da primeira visita dos argentinos:

«De fato, si os nossos jogadores, logo que foi recebida a noticia da visita dos argentinos, se tivessem preparado si a rebeldia de alguns jogadores não acentuasse tanto em aquella epoca; si o Palmeiras, então fora da Liga, mas que possuía os melhores elementos, se esquecesse de tolos resentimentos, contribuindo para a formação do «scratch», é claro que os brasileiros não ofereciam, ao povo, aquele triste espetáculo.

Que fazer? Nós somos assim. Brio, dignidade, sombranceira patriótica não são compreendidos».

(«Historia do Futebol em S. Paulo»)

O Relatorio da Apea, de 1916, descreve o caso da recusa de tres campeões aconselhados pelo seu clube:

«Forçoso é confessar que, embora tivesse obtido uma honrosa vitoria, o nosso «escratch» que enfrentou o da Metropolitana, não representava naquela ocasião a nossa força esportiva maxima, devido a terem se recusado a tomar parte no encontro, sem um motivo possivel, tres de nossos melhores jogadores, que foram aliás devidamente punidos por esta diretoria, por tão incompreensivel ato de indisciplina. Não podemos deixar de lamentar semelhante occorrença, que se não nos trouxe consequencias funestas, pois os substitutos daqueles jogadores portaram-se à altura digna de seus companheiros de time, poderia ter sido, em circumstancias menos favoraveis, a causa de uma derrota vergonhosa para nós, que orgulhamos de possuir o melhor «scratch» do Brasil. Reprovamos em absoluto semelhante modo de proceder e fazemos os votos mais sinceros para que a educação esportiva dos nossos jogadores se aperfeiçoe de maneira tal, a nunca mais presenciarmos fatos como os que acabamos de relatar».

Verdade, os «cracks» foram punidos e... perdoados, logo mais. Por isso, vieram, depois, outros abusos...

«Historia do Futebol em S. Paulo» relata, tambem, a rebeldia dos amadorissimos jogadores do Palmeiras:

«Em 1915, a supremacia, na Associação Paulista, passou para a Associação Atletica das Palmeiras, que venceu o campeonato. A

diretoria do clube da Floresta, largamente representada na entidade diretoria, entendeu, e entendeu mal, influir decisivamente na organização dos «scratches». Semelhante intromissão desgostou varios dos nossos campeões que, por desquite, não quizeram defender S. Paulo. Não se incomodou a Associação: substituiu os rebelados. O primeiro torneio, conforme o que estatuiu o regulamento, tinha que ser aqui. Fomos felizes, pois, apesar do desfalque de futebolistas, que, aliás, faziam muita falta, o time carioca, que vinha disposto para a revanche, perdeu pela diferença de um ponto. Os diretores das sociedades paulistas esultaram: uma bofetada nos campeões! Exultaram descabidamente: aqui tudo nos favorcia. E para prova de que a nossa fraqueza era manifesta, bastava ver o resultado».

* * *

Para aqueles que gostam de «chorar» tudo quanto é do passado, a simples lembrança de mais o seguinte episodio deve deixa-los envergonhados... Hoje, tantos anos depois, não se trata de saber si, em 1924, o Paulistano tinha ou não razões de brigar com a Apea. Fato é que, acima do bom nome do futebol de S. Paulo, aquele clube colocou seus pontos de vista, e, com uma seleção que poderia ser taxada de «B», fomos de encontro à derrota (1 a 0). Não se trata, igualmente, de analisarmos agora si os cariocas tinham ou não forças para abater nossa seleção em peso. Não interessa. O que lembramos é apenas que o reves inicial foi em 1924, ano em que enviamos ao Rio o onze local, desfalcado dos azes do Paulistano, por recusa deste. Isso sucedia em 1924, epoca que, para os «saudosistas», era dos esportistas corretos, leais, disciplinados, etc. A historia, porém, é muito diferente...

Para melhor relatarmos esse triste episodio, que contribuiu para a conquista do titulo de campeão, pela primeira ves, pelos cariocas, transcrevemos, a seguir, alguns trechos do relatorio da Apea, de 1924.

Leiamos:

«Sabado à noite, reinava entre os esportistas paulistas, no Rio, uma perfeita confusão sobre o selecionado. A essa hora, soube, por intermedio do jogador Nestor de Almeida, que mandara o sr. Achilles Bloch da Silva dar-me explicação que os jogadores tinham subscrito um requerimento, feito pelo capitão do quadro, Neco, pedindo a substituição do medio direito e do extrema esquerda. Era o maximo da insubordinação. Devo dizer que Heitor, repreendido pelo 1.º vice-presidente, da A. P. S. A., inutilizou esse abaixo assinado, não sendo por isso apresentado à diretoria.

Domingo pela manhã, chegaram ao Rio os srs. Manuel Marques, 1.º tesoureiro, e Eduardo de Almeida, do Conselho Tecnico. Com esses esportistas e mais os que já se encontravam no Rio, fez-se uma reunião na qual foi deliberado manter o mesmo selecionado escalado em S. Paulo. Comunicada essa resolução aos jogadores, foi ela aceita sem protestos, o que não impediu que

alguns dos veteranos tivessem novo plano para desobedecer a A. P. S. A.

Tratavam de dirigir-se ao campo uniformizados, tanto os jogadores como os reservas e lá, então, quando houvesse iminência de um escândalo, os veteranos escolheriam o quadro que entendessem. Ainda essa indisciplina abortou porque a maioria, e principalmente Heitor e Bianco, não quiseram aceitar o plano.

E foi assim, com os jogadores que estiveram para ser expulsos do selecionado, completamente humilhados pelos companheiros, aturando esse desacato feito às suas pessoas, unicamente para as autoridades esportivas, e com os que foram contrariados em seus designios, não disfarçando sua má vontade, que, no dia 21 de dezembro, o selecionado paulista entrou em campo.

O resultado foi a nossa derrota.

Derrota merecida, justo triunfo de disciplina sobre a indisciplina, prêmio da escola da lealdade sobre a escola de intrigas e conchavos».

Que fazer? A escola de se recusar elementos começou em 1908 e criou raízes. Até ha poucos anos, esse vício existia em nossa organização de selecionados, não só regionais como nacionais. Tentou-se até fazê-la vingar oficialmente. Por isso, um dos maiores líderes dirigentes do futebol do passado, que havia voltado à ativa, num grande clube carioca, em 1941, propoz que se acabasse com o selecionado brasileiro, porque a cessão de jogadores prejudicava seu clube!

Essa «doutrina» de um país não possuir seu XI oficial, é única no mundo!...

AS QUESTÕES SUSCITADAS PELA MÁ EDUCAÇÃO ESPORTIVA

O «Historico do Paulistano», publicado em 1917, assim relatou as questões dos primeiros tempos que tanto degeneraram a educação esportiva:

«Em 1912, o futebol declinara. O Velodromo oferecia o triste espetáculo das arquibancadas vãs. Não havia mais entusiasmo. Todos os dedicados, que até ao ano anterior se mantinham a postos debandaram. As sociedades, ante a indiferença dos antigos apaixonados, viviam com dificuldades. Estavam, na sua maioria, às portas da dissolução. Já se dizia, e com pesar, que o futebol tinha sido uma vês...

Quais os motivos dessa despensão? Ah, os motivos! Conta-los, um por um, é trabalho fatigante. Vamos nos referir a alguns, para que posteriormente a nossa atitude seja julgada com justiça.

Em primeiro lugar, eram raros os embates em que não havia conflitos. Por dá cá aquela palha — um cochilo do juiz, uma simples observação de certo espectador, um truc qualquer — os quadros se insurgiam transformando os prelios em touradas. Disso resultavam, inevitavelmente, as cenas de pugilato. Futebolistas se

engalfinhavam. Intervinha a policia, intervinha a Assistencia... Era o caos. Nada ficava resolvido e a Liga Paulista, com o seu prestigio abalado, transformou-se em tribunal permanente, para derimir as contendas. Mas, mesmo que ela decidisse com criterio e com justiça, a concordia não se restabelecia. Por mais energia com que agisse, as feridas ficavam abertas e as cenas de circo, vergonhosas por todos os titulos, se repetiam a cada passo. Demais já não havia aquele escrupulo dos tempos idos para a escolha dos jogadores. As sociedades, para levar vantagem sobre seus congeneres, não indagavam dos precedentes dos que defendiam as suas cores e suas tradições. Fulano jogava bem? Tinha bom chute, driblava com facilidade, resistia aos embates? Pronto — era o quanto chegava para ser admitido, com todas as honras, como futebolista, e dos mais festejados. Não se cuidava saber si o individuo tinha educação, si era polido, si conhecia as boas regras de cortezia, de delicadeza. Isso, para as sociedades não tinha importancia. Consequencia: no campo, por veses, ouviam-se frases de baixo calão. Os rapazes distintos, de mistura com os outros, se sentiam ofendidos e reagiam. O povo, não acostumado com essas grosserias e discussões, fugia dos campos, enojado de tantas irregularidades. De uma feita, numa peleja extraordinaria, foi vista somente uma senhora nas arquibancadas! Essa senhora, aliás pertencente a uma distinta familia, foi obrigada a se retirar, em virtude do procedimento inqualificavel de certo esportista improvisado...

Esses e outros incidentes deploraveis, que se tornaram comuns, originaram a formação de dois partidos no seio da Liga: um, era favoravel à seleção rigorosa, quer dizer, exigia que os quadros fossem constituídos de rapazes delicados e distintos; outros achavam semelhante exclusivismo não era esportivo, porque tanto o rico como o pobre tinham direito de jogar.

Com quem estava a razão? Verdade, com nenhum dos dois partidos. A seleção rigorosa, tal como a preconizavam, era um absurdo, porque um operario, desde que tenha educação, sabe se portar tão bem como um rapaz da elite. Por outro lado a corrente contraria igualmente exagerava, porque dar, como desejava, ampla liberdade a todos, representava perigo: os maus elementos que os ha em todas as classes, é certo, mas que são mais numerosos entre o proletariado, se confundiriam com os demais e dessa confusão, evidentemente, o futebol nada teria a lucrar. Os partidarios da porta franca a gregos e troianos argumentavam ainda que, na Grã Bretanha, fazem parte das Ligas de primeira ordem, entidades compostas de operarios. Esse argumento não podia ter valor algum, pois, nesse país, os operarios recebem instrução desde a mais tenra idade, o que não acontece entre nós.

Os homens, entretanto, nunca chegaram a acordo satisfatorio. Sendo assim, a cisão no seio da Liga Paulista de Futebol era fatal. Faltava um pretexto. Este não tardou a surgir. Ao

começar o campeonato de 1913, e terminados os preparativos, houve uma desinteligencia entre a Liga Paulista e a nossa sociedade, por causa do campo. Entendia aquela que o Paulistano não devia fazer certas e determinadas exigencias quanto ao pagamento do aluguel, por parte dos clubes. O sr. João Didier, tesoureiro nessa época, não cedeu. Isto, porém, parece que não ia ter outras consequencias, pois a Liga silenciou sobre o caso.

Estava marcado um encontro entre o Paulistano e o Americano. Fizeram-se os anuncios nos jornais. Afixaram cartazes nos bondes e nas paredes. Quer nos anuncios, quer nos cartazes, dizia-se que o encontro seria no Velodromo até ali considerado o campo oficial. Quatro ou cinco dias antes da realização da peleja, um dos diretores do Americano dirigiu-se a um membro da diretoria do Paulistano e declarou que o jogo seria disputado no Parque Antartica, visto a Liga ter deliberado considerar oficial o campo do Germania. A nossa diretoria não se submeteu à resolução tomada a sua revelia e comunicou que os seus quadros não jogariam sinão no Velodromo.

Veu o domingo marcado. O Paulistano ficou no Velodromo, a espera dos contendores e o Americano foi para o Parque Antartica. A quem coube os dois pontos de praxe? Ao Americano, que obedecera as ordens da Liga.

A vista disso, o Paulistano enveredou pelo caminho que lhe cumpria: oficiou à Liga, comunicando que, dali por diante não faria mais parte dela. Que deveria fazer o nosso clube? Dar por terminada a sua tarefa? Dissolver-se? Não entenderam desse modo os diretores da época. O sr. João Didier, logo depois, comunicou o fato ao sr. Edgard Nobre de Campos, um dos diretores do Palmeiras. Foi aventada a idea, na palestra entre os dois entablada, da fundação de outra Liga, de que participariam o Paulistano e o Palmeiras, este ultimo fora daquela entidade desde 1910. Intervieram, a seguir, os srs. João Bierremback e Aristides Machado, socios do Mackenzie, que tambem se achavam desgostosos com os incidentes relatados.

Reunidos, certa vês, os dirigentes dos clubes mencionados, foi deliberado definitivamente a fundação da Associação Paulista de Esportes Atleticos, que hoje é a soberana dos esportes no Estado de S. Paulo».

Aí está, tudo isso acontecia em 1912-1913 e foi relatado em 1917.

No entanto, hoje, por exemplo, a culpa pelo pessimo espirito esportivo que possuímos é do... profissionalismo; por isso, quem não conhece a historia do futebol do país escreve que:

«A ultima crise aberta no seio do futebol carioca veio evidenciar, com extraordinaria eloquencia, os males do profissionalismo que em tão má hora, adotamos como norma para o desenvolvimento das nossas atividades esportivas».

(«Meio Dia», do Rio)

Sim, a falta de conhecimento de muitos, a ignorancia de outros sobre a historia do nosso futebol, leva muita gente a escrever cousas que tem por unico objetivo culpar o profissionalismo por todos os males. Nada de mais injusto. Leiamos o seguinte trecho de um artigo aparecido, ha pouco tempo, na revista «Educação Fisica»:

«A decadencia do esporte em nosso país chegou ao auge com o profissionalismo do futebol, quando se exacerbaram todos os sentimentos maus e perniciosos e se esqueceram os demais esportes».

Bonitas palavras apenas. Mas, já em 1917, portanto ha um quarto de seculo atrás, se lia na «Cigarra Esportiva», revista muito popular, então, em S. Paulo, o seguinte:

«Data de 1905, em que se deu a cisão do Paulistano, a decadencia do esporte, que parecia ter caído, definitivamente, nas boas graças da nossa população. É que, dessa época em diante, as lutas nos campos não decorriam com a lisura e delicadeza dos outros torneios que marcaram época. As rivalidades, fortissimas entre os clubes, determinavam, não raro, conflitos terriveis. As cenas vergonhosas eram inevitaveis: pugilatos em pleno jogo, decisões desastradas dos juizes, manifestações estupidas do publico da geral, saídas afrontosas de times da arena, insultos, ameaças, bengaladas! Assim, o Velodromo, em pouco tempo, deixou de ser a reunião obrigatoria, aos domingos e dias feriados, da nossa sociedade distinta. Os clubes, obsecados pela conquista dos trofeus, esqueceram-se da sua alevantada missão, e começaram a agir de maneira a provocar asco aos seus apreciadores. Sociedades correctas, de lindas tradições, com um passado cheio de glorias e com um ativo de atos nobilissimos consideravel, abandonaram os antigos processos e se entregaram, de braços abertos ao profissionalismo, à corrupção, à perfidia. O resultado dessa vergonhosa, dessa deploravel postergação dos principios salutaes que presidiam, outrora, à organização das equipes foi a decadencia rapida. De repente, aparecia um homem de ação, de tempera rija que iluminado ainda pelo antigo esplendor, pretendia reerguer o futebol. Lutava desesperadamente. Atacava, de frente, os elementos pernicioso. Procurava curar as chagas, que se alastravam no velho organismo, inutil todo o seu esforço. Quando menos esperava, via-se enleado pelos inimigos, enredado em intrigas e contumelias grosseiras. Reagir? Não era possivel. O inimigo — a falta de escrupulo, a peito, a beniaga, a podridão em suma — era fortissima, e asfixiava todas as boas iniciativas que nasciam.

A vida esportiva, em S. Paulo, ia nesse caminho tortuoso. Em 1911, houve mais um esforço herculeo para se volver ao passado. O resultado não foi completo».

Eis aí. Já em pleno periodo de amadorismo imaculado havia anarquia! Culpa de quem nos educou. A criança cresceu com tantos vicios que nada

custou degenerar... Não se podem curar os velhos males com simples palavras e... difamando o profissionalismo de 1942.

A mocidade brasileira foi, esportivamente, educada de modo deplorável desde que o esporte foi implantado no Brasil. E' uma mentalidade que não se transformará em um dia, em um ano, em dez anos... Não, nem nunca, no caminho que temos seguido...

Será necessaria uma grande cruzada, hoje, para colhermos bons frutos daqui 20 anos. Pena que essa cruzada não tivesse começado em 1910, em 1915, hoje, talvez, nossa mocidade teria outro espirito esportivo! Trabalho penoso!

Não modificaremos nossa educação esportiva de norte a sul — com palavras bonitas e com a disciplina que por aí campeia...

* * *

No livro «Veteranos e Campeões» (1924), Godinho Cerqueira assim relatou uma sua passagem no episodio da fundação da Apea, em 1913:

«Quando chegamos a S. Paulo, convidei Rubens Sales para fundarmos uma outra agremiação, porquanto a Liga era meio que não nos convinha; estava pejada de elementos algo indesejáveis. Precisava-se pôr um dique ao desmoronamento de nosso esporte predileto. Queríamos — porque não dizer? — uma seleção, seleção que se impunha.

Rubens não acedeu ao meu convite, alegando que o Paulistano, que estava bem colocado no campeonato da Liga, poderia conquistar a taça em disputa. Aconteceu, porém, que, pouco tempo depois, o alvi-rubro acompanhara o Palmeiras, isto é, também abandonara a Liga».

Vê-se, pois, que já em 1913 se julgava a Liga — portanto o futebol oficial, ambiente «pejado de indesejáveis». Os saudosistas e os ignorantes dizem agora que naquele tempo somente existiam cavalheiros no esporte, esportistas 100% e que os indesejáveis somente militam hoje no «association».

Choro pelo passado somente. A verdade é que os «indesejáveis» de 1913 degeneraram nossa educação esportiva que, depois, degenerou mais e mais, porque nada se fez para a salvar...

Existem, pois, graves senões a corrigir, males de raizes a exterminar, mas nunca a culpa deve recair somente sobre os atuais dirigentes. Não depende, igualmente, da troca de diretores; o problema está em acabar com a escola... A mudança de dirigentes, até hoje, tem sido apenas a transferencia de mando do mestre para o aluno, e, às vezes, também, vice-versa... Circulo vicioso... Logo...

A CULPA E' DO PRESENTE...

A «época presente», em nosso esporte, desde que nasceu, é sempre tida como a pior, da desmoralização, da decadência, do mercantilismo, da deslealdade... como por exemplo escreveu ha pouco um articulista do «Meio Dia», do Rio:

«Momentos houve, ha pouco, em que o ambiente futebolístico da cidade nos deu a impressão de boliches e de casas de apostas do turfe, em que vieram à tona noticias de peitas, de suborno, de uma serie de ações e de atitudes que podem ser tudo menos esporte.

As competições de hoje já não têm mais a nota de galhardia de outros tempos. Mucharam as flores do «fair-play». As equipes se defrontam sem «elan», porque o ideal não se metalisa. A pugna desmerece do valor esportivo do jogo pelo jogo, para tornar-se o «rush» desleal da vitoria pelo trofeu.

Simple «bordoada» na época que atravessamos. Cada periodo tem os seus censores, que enaltecem somente o passado, esquecendo-se, porém, as origens dos males atuais.

Aí está, por exemplo, o que um dos mais importantes cronistas do passado escreveu, no livro «Historia do Futebol em S. Paulo», em relação à educação esportiva do futebol de 1904-1905:

«Nas geraes, a raia miuda expandia-se à vontade, com exclamações grotescas e ditos ferinos. Os partidarios de certos jogadores cerravam fileiras, «entrincheiravam-se» para melhor incumbencia dar à sua missão. Improvisam-se desafios tremendos de torcedores. Entre eles, trocavam-se palavras asperas, insultos, doestos. «Não era vergonha o Paulistano perder; vergonha, sim, era o S. Paulo Athletic, ninho de jogadores afamados da Inglaterra, o país que inventara o futebol, que, para ganhar de bisonhos futebolistas provincianos, se esfalfavam, etc.».

Na «Guia do Futebol», de Santos, publicada em 1921, encontramos o seguinte:

«Infelizmente, graças aos elementos perniciosos que, de quando em quando, aportam à nossa cidade, vindos, muitas veses, de paragens anonimas, o nosso futebol caminha para o mais completo desmoronamento. Raro é o dia em que não topamos, em pleno largo do Rosario, encostado à porta de um dos cafés da praça, com uma «cara»... desconhecida! Não ha que indagar: é um futebolista chegado de novo; é mais uma ave que se vem juntar ao bando dos profissionais que infestam os nossos clubes, e que tanto concorrem para que o futebol, o esporte predileto do publico santista, por isso que é o mais empolgante, esteja em franca e lamentavel decadência».

Depois, no livro «Supremacia e Decadencia do nosso Futebol», publicado em 1925, lia-se o seguinte:

«Qualquer motivo, agora, é pretexto usado para grandes «casos». Todo aquele que não sabe dar o devido apreço às nossas glórias, sai a campo, de lança em riste, a tirar partido da situação, satisfazendo tolas ambições de predomínio ou impondo absurdas ideas, frutos de cerebros obtusos ou pontos de vista que somente objetivam fins incofessaveis, fins a que chegam sem escolher os meios visto que, pelo nosso futebol não tem a menor das considerações. Não conhece o que ele é de fato, não acompanhou o seu ascender glorioso; si não passa de um quasi intrujo, é um veterano que se degenerou, amoldando-se ao convencionalismo derrotista da epoca que atravessamos».

E mais:

«Ora, era tempo de que se cogitasse de sã politica, que harmonisasse e que, com o separar o trigo do joio, nos repuzesse nas alturas de que vamos caindo e a que chegamos com tanto e tão denodado esforço.

Ponhamos um paradeiro à derrocada.

Reabilitemo-nos!

E sejamos uma força também moral, já que, com a tecnica que possuímos, podemos ir na frente dos que vão na frente.

Por S. Paulo e pelo Brasil!».

Mais um trecho:

«Decaimos, por que não dizer? — na socialibilidade. De ha uns dois anos para cá começaram a lavrar nas altas esferas do nosso esporte as mais tristes discordias. Formaram-se partidos politicos no seio da entidade maxima; e vieram as rixas; e nasceram desconfianças; e romperam as represalias... A atmosfera reinante sufoca.

Si alguns bem intencionados querem trabalhar pela união na familia esportiva paulista, dentro de pouco se mostram vencidos, tais e tais são os impecilhos que se lhes antolham, desconfianças e intrigas, manias de perseguição e odios, picuinhas e miserias...»

Vê-se, pois, que em se tratando de cultivar a disciplina em prejuizo proprio, todos os clubes são iguais; portanto, todos são os culpados, com os seus dirigentes, de ontem e de hoje, à testa, pela degeneração, pela má direção, pelo caminho errado em que trilhou sempre o esporte brasileiro!

Por fim, no seu «Capítulo Único», referente à «Decadência», assim se lia no citado livro «Supremacia e Decadência do nosso Futebol»:

«A decadência do futebol paulista é um fato, mas a decadência de outra ordem, que não a técnica. O esbarrondar do predileto esporte das massas populares, a sua conspurcação, a sua degenerescência, dizem respeito, entre nós, à socialibilidade, ao desamor às tradições, a uma inqualificável dissensão entre os espíritos que o norteiam. E fatores varios têm contribuído para esse deplorável estado de cousas, avultando, entre eles, o cancro inextirpável que é o profissionalismo e, por outro lado, a infiltração hoje em dia em doses elevadas, de elementos pouco escrupulosos ou mesmo de incompetentes nas nossas altas esferas esportivas.

O profissionalismo

O profissionalismo veio estabelecer um triste desequilíbrio em nossos meios futebolísticos. Individuos de educação nula, de moral duvidosa, que se adestraram pelas varzeas no manejo da pelota, tornaram-se desejáveis. Muitos deles, descobertos por emissários solertes, foram disputados a peso de ouro. E esses elementos, cientes de representarem um capital-dinheiro que vale mais do que o capital-aptidão, sabem que difficilmente podem ser postos à margem. Daí as continuas indisciplinas em campo. E essas indisciplinas sempre graves, sempre depreciadoras, quasi nunca podem ser severamente punidas pela entidade superior. Porque os clubes interessados, visando a defesa do capital-dinheiro, queimam até os ultimos cartuchos na defesa do seu... amador! E rebentam os casos, os famosos casos que de tempos a tempos, têm convulsionado nossos meios esportivos.

Para logo surgem desgostos.

Aqueles que, fazendo esporte pelo esporte, se interessam por essas questões, pouco a pouco, aborrecidos, delas se desinteressam. Deixam seus altos postos. Aposentam-se. E as vagas vão abrindo-se para os politíqueiros sem escrupulos, que tudo pervertem e desmoralizam. E a isto se acrescenta que tais profissionais, sempre insaciáveis, querem ganhar mundos e fundos. Assim, os cargos de diretores de clubes são verdadeiros postos de sacrificio... monetario. Deles fogem, pois, aqueles que se não amoldam a situações amorais e que não estão dispostos a concorrer para o sustento facil de... malandros.

O tema é ingrato e quasi repelente; não obstante ficam aí essas linhas a salientar essa anomalia, que é uma das causas fundamentais da decadência moral de nossos esportes.

A politicagem

A politicagem, no esporte, sempre existiu, sem duvida, mas em termos. Poucos eram, antanho, os individuos que na Pauli-

cea, com as suas manobras na sombra, entravavam impatrioticamente o belo surto de nosso futebol. Daí haver o jogo bretão, entre nós, assumido requintes excepcionais, tendo, na historia do esporte sulamericano, marcado uma fase de ouro, sem precedentes e sem rival. Quer em tecnica, quer em organiza-
porém, começou a delinear-se a decadencia... E isso com o retraimento da mór parte dos verdadeiros esportistas, os quais se desgostaram com os avanços do profissionalismo, e o tacanho senso social, e o reduzido grau de adiantamento espiritual desses individuos que começaram a aparecer e a dar as cartas no alto cenario do esporte paulista. Esses individuos, nas assembléias, nas comissões, e na propria diretoria dos clubes e da maxima entidade, apenas procuram defender interesses subalternos e privados, deixando aos azares da sorte os altos interesses da coletividade.

Daí o estado de cousas atuais. Só ha desanimos. Os bens intencionados não estão para sofrer picuinhas e imposições e a ver cada passo pretensões descabidas e mesmo irritantes, de clubes que deviam ser os primeiros a zelar um passo a mais na tarefa de definitivamente arruinar o futebol paulista...

OS INCIDENTES, EM S. PAULO JÁ FAZIAM ESCOLA EM 1906!

Em S. Paulo, os «bonitos» atos de educação esportiva, em campo, nasceram em 1906. É uma epoca que, ao ser lembrada hoje, é chamada de «exemplo de puro esportivismo».

Leiamos, porém, como são relatados os incidentes de então, no livro «Historia do Futebol em S. Paulo»:

«As causas da cisão não foram, como ingenuamente se fez acreditar, os simples fatos que precederam a fundação da Associação Paulista; remontam ha muitos anos atrás, como se poderá constatar vendo o que se passava nos campeonatos. Estes, desde 1906, em diante, não decorriam suavemente, sem protesto, sem barulho, sem conflitos. Os jogadores parece que retrogradavam, no que dizia respeito à disciplina e à educação esportivas. Noutros tempos, quando se disputou a Taça «Casemiro da Costa», por varias veses esportistas saiam do campo carregados, vitimas de algum acidente, e só se lementava a sorte da vitima. Outras consequencias, porém, não se assinalavam. Mas, depois as cousas mudaram. Um arranhão, um pontapé casual, um esbarro mais forte, era o suficiente para degenerar o encontro numa luta entre animais ferozes. Daí resultava, infalivelmente, a terminação dos torneios antes da hora com o rosario de incidentes, infelizmente muito conhecidos do publico: briga seria entre os jogadores, invasão do campo pela assistencia, intervenção, às veses, de soldados e autoridades. Em seguida, vinha a discussão pela imprensa. Discussão, não dizemos bem: vinham as verrinas, as descompos-

turas descabeladas. O pseudo autor do conflito era violentamente acusado. Em defesa dele, saía a campo o clube a que pertencia, com protestos de solidariedade. A Liga, indecisa, não sabia para onde se voltar. Si porventura se voltasse, era inevitável a crise; os diretores, em minoria, não se conformavam, e retiravam-se.

Estes fatos, tais como relatamos, se repetiam em cada ano. Debalde se proclamavam os benefícios da cordura e da delicadeza da necessidade da harmonia, das nossas tradições esportivas. Era atôa. Os esportistas não se desviavam desse tortuoso caminho, fundando, dessa maneira, uma pessima escola para as gerações futuras».

Significativo o ultimo paragrafo...

Tal qual como hoje!...

Quem fez, pois, essa escola?

* * *

Lá para 1926-1927, a indisciplina, devido à anarquia da cisão Apea-Laf, culminou. Pode-se ter uma idea do que era o jogo bruto e incorreto, com a leitura do seguinte trecho de um comentario do jornal «Praça de Santos», um dia após o jogo Paulistano x Atletico Santista, no tempo da Laf:

«Desejamos apenas dizer alguma coisa sobre o vergonhoso comportamento de quasi a maioria do «onze» paulistano. Sempre é bom repetir que não temos «parpris» por nenhum clube, quer filiado à Apea ou à Laf, e isso dà folego para falarmos com desassombro de qualquer gremio, desde que sua conduta mereça reparos. Dos onze jogadores do C. A. Paulistano, apenas podemos elogiar francamente a attitude do incansavel Fried, pois não se deixou arrastar no caudal lamacento dos seus companheiros, que praticaram toda sorte de desatinos, domingo ultimo. Como foi amplamente divulgado pela imprensa, o que se passou no campo da rua 28 de setembro, na competição Atletico x Paulistano, foi de veras deprimente e incompativel com as normas da mais infima regeneração. O que nos faz, porém, voltar à estacada não é o desejo de censurar o incorreto procedimento de Filó, que que esmurrou Bisoca, após contundido com violento pontapé com que Miguel mimoseou. Igualmente, não é nossos fito dizer da grosseria de Clodoaldo, que pisou o rosto de Tedesco, somente porque este impetuoso centro-avante do alvi-verde tentou cabecear uma bola alta, e finalmente não queremos avivar as cores já bem fortes com que se comentou o tremendo pontapé que o celeberrimo Miguel desferiu em Pito, este medio santista que foi carregado pelos seus colegas de infortunio, o que motivou a retirada de mais um fora do gramado».

RECAPITULANDO

A indisciplina, como acabamos de ver, não é mal de agora. Não! O mau espirito esportivo, a má mentalidade esportiva não nasceram no futebol moderno. Foram implantados, isso sim, antigamente. Cresceram... nada fizeram os do passado, como os da atualidade, para combater os males. Os antigos são os maiores culpados pelos maus hábitos de hoje. A ferida sem importancia de ontem tornou-se, mais tarde, chaga... O delinquente, por mau instinto, degenera, em seus sentimentos, desde o berço... ou devido ao ambiente pessimo em que o deixaram viver na sua infancia. Os pequenos incidentes e questões que o futebol intelectual promoveu, trinta anos atrás, sem o minimo castigo, tolerante, com o tempo degeneraram, logicamente, graves incidentes e grandes questões. O mal, o grande mal, foi esse.

A nossa educação esportiva não é um problema como muitos fatuos e falsos puritanos, sinão de todo ignorantes, julgam por aí. Educação esportiva nada tem que ver com a cultura geral, com a posição social, com o ramo do esporte, com o clube e o meio, com o amadorismo e profissionalismo, com o... presente e passado dos nossos esportistas, dirigentes e praticantes. Não! Não depende de classificações, de modalidades, de categorias, de posições, de condições. Nada disso. A educação esportiva não é privilegio de ninguem. Ou está ao alcance de todos — do futebolista ao atleta, do remador ao tenista, do formado ao analfabeto, do amador ao profissional, do paulista, carioca, gaúcho, paraense, etc., ou todos enfim a sabem cultivar ou ninguem presta!

Essa é a verdade nua e crua sobre nossa mentalidade esportiva!

São todos iguais, e isso temo-lo repetido todas as veses. Não é como muitos equivocados julgam, não se trata deste ou daquele setor, desta ou daquela modalidade ou categoria, nem cidades, nem de regiões.

A nossa mentalidade esportiva é identica, de norte a sul, e nunca é fruto dos tempos atuais; não, vem do berço...

Somente o esporte oficial, após um profundo e radical movimento, após uma santa cruzada, poderá modificar daqui a 20 anos nossa mentalidade esportiva. Essa evolução já não é mais possivel para os tempos atuais e sim para as proximas gerações, para os nossos netos.

O problema não é tão facil, como muitos puritanos e demagogos do esporte julgam; não é questão de «presente», «profissionalismo», de «futebol», de «posição social», de «clube», etc. É um problema muito mais complexo. Trata-se da degeneração do espirito esportivo desde que se deu o primeiro pontapé numa bola de futebol, em nosso país, aliás em nosso continente, desde que se deu a primeira remada, desde que se fundou o primeiro clube, desde que nasceu o esporte, enfim!

Precisamos trabalhar vinte anos com afinco, com outras diretrizes, com outras doutrinas, para que tenhamos a verdadeira educação esportiva a dominar a mocidade esportiva brasileira.

Somente o esporte-função de Estado, com a importancia que possui, poderá percorrer e vencer esse espinhoso caminho!

O passado somente deve ser lembrado para enaltecer suas grandes e inumeras glorias, para incentivar os novos, para prepararmos as glorias futuras. Não deve servir para comparações estultas, cheias de pevenções e despeitos estupidos, cujo unico objetivo é humiliar, desmoralisar o futebol atual! Isso é derrotismo, saudosismo, pernicioso, cegueira. Precisamos dos bons exemplos do passado e ao mesmo tempo olhar à frente e não de sermões de puritanos equivocados, sabido como é que não existe um unico mal atual que não tenha vindo do «impecavel» passado, e para sermos mais precisos, diremos que qualquer mau habito que os «saudosistas» desmemoriados querem debitar à epoca atual, ao profissionalismo, nasceu com o primeiro passo do nosso «association»!

* * *

O dirigente do clube esportivo, como se «especialisou» entre nós, difficilmente atende a sua verdadeira finalidade, quer no clube, quer na entidade. Com o transcórre do tempo creou uma mentalidade que, absolutamente, não é compativel com o homem que deve ter a si a responsabilidade de trabalhar utilmente pelo esporte. Ha muito que sua missão está totalmente desvirtuada. Não adianta sair este e entrar aquele.

A escola é a mesma, tem que seguir na mesma trilha, sinão for habil politiqueiro não fará carreira. Não serve o administrador, o tecnico. Não importa que seja destituido do espirito esportivo, comtudo que saiba ser perito nos conchavos, nas rasteiras... Entre nós vale mais um paredro que já se especialisou em conchavos ou que esteve envolvido em incidentes e escandalos disciplinares do que o dirigente que, sem espalhafatos, trabalha pelo bem do clube e da coletividade. Todos os maus exemplos começam por parte dos diretores, por todos os vicios de que está contaminado nosso esporte são eles os culpados.

Não admitem que se fale em disciplina quando é o seu clube que está à margem das leis, não querem saber de interesses gerais sem primeiro satisfazer os interesses dos seus clubes, ainda que seja em total prejuizo dos outros.

É muito difficil um dirigente fugir a essa escola.

Mas, precisamos encontrar o caminho certo, uma vês que o esporte oficialisado põe-se a serviço da patria.

«Todos devem ser responsaveis perante os seus hierarquicos pelo bom desempenho das suas funções. O chefe supremo deve ser responsavel perante o Estado; o presidente da entidade nacional, perante aquele chefe, o presidente da entidade regional deve dar conta da sua ação ao seu superior federal. o mesmo deve acontecer com o presidente do clube. Todos os outros cargos inferiores serão igualmente de confiança; quer nas entidades quer nos

clubes, e nunca um esportista será eleito para qualquer cargo sem a aprovação das autoridades esportivas superiores, estaduais ou nacionais».

(«Problemas e Aspectos do Nosso Futebol»)

* * *

O espírito esportivo não é privilegio de ninguém, não se adquire ou demonstra, só por pertencer a esta ou aquela categoria social, por ser atleta, remador ou futebolista. Não, nada disso sucede. O campeão dotado de alto espírito esportivo deve ser encontrado em toda parte, tanto na quadra de tennis como no campo de futebol, num rinque, ou num campo de golf, entre amadores e profissionais. A lei suprema do esporte é uma só, e quando falta esse principio, não adianta ser um rico tenista ou futebolista da varzea... O espírito esportivo precisa ser cultivado em todos os setores, e não somente nos campos de futebol profissional, como muitos saudosistas e puritanos querem fazer crer, e como outra meia dúzia de demagogos esportistas afirma por aí afora...

* * *

Devemos combater todos os males hoje, já que é impossível destruí-los de vês, para sanarmos os mesmos daqui a 10 ou 15 anos, para o bem das proximas gerações. Si em 1920 se tivesse combatido os vícios do nosso futebol, já enraigados, a estas horas os moços de hoje teriam outra mentalidade, outro espírito esportivo, apesar do profissionalismo que leva toda a culpa, quando não é responsavel por nada! Ao invês, que sucedeu? Os do passado nada, absolutamente, fizeram para curar os velhos males de origem que naturalmente foram crescendo e crescerão...

Tudo que aí está de podre é culpa do passado. Si continuarmos no mesmo caminho errado, em 1960 dirão a mesma coisa. Culparão, com razão, a geração de 1942, pelo mau espírito esportivo, embora em 1960, como neste 1942, venham a existir os saudosistas, como agora temos os de 1915, 1920, etc., que bancam os puritanos, dizendo que «no nosso tempo, o futebol era outra cousa, tudo era correto, limpo, harmonioso, valoroso, justo; hoje, nada presta, tudo é podre, inferior, etc.». Velhos e desmoralizados «slogans»...

Com os velhos remedios, não teremos tão cedo o exterminio desse mau espírito esportivo. O tema é antigo, segundo o qual a educação esportiva, o espírito de competição é o mesmo para a nossa mocidade, em qualquer setor. Não existe distinção. A culpa, mais uma vês, repetimos, não é dos moços de hoje e sim daqueles que nos educaram, no passado, esportivamente. O mau espírito esportivo nasceu desde que se iniciou o esporte em nossa terra.

O problema é muito grave. Falta tudo... Com essa mentalidade já enraizada, não podemos evoluir mentalmente. O nosso esporte —

bem ou mal — possui técnicos mas carece de educadores, de disciplinadores e doutrinadores. Temos altas qualidades técnicas, não temos educação; temos habilidades, não temos cultura especializada. Técnicos e campeões talvez tenhamos em quantidade, mas não temos quem eduque esportivamente, e essa educação não se faz somente competindo nos campos, nos Estádios, é preciso cultura, doutrina!

Com a cultura se forma a educação, se adquire bom espírito esportivo! Igualmente, ao lado do dirigente, do técnico, do administrador esportivo, precisamos de disciplinadores e não de «benemeritos» e políticos, ou falsos puritanos do esporte!

O problema é grave, mas devemos ter fé nos destinos esportivos do Brasil!

Devemos evoluir, a custa de não poucos sacrifícios e de experiências!

Os alicerces do novo edifício devem ser os da disciplina e o sentido da responsabilidade. Fora disso, é caminharmos de diante para trás...

A NATAÇÃO COMO ESPORTE ATRAVEZ DOS TEMPOS E A SUA EVOLUÇÃO NO BRASIL

INTRODUÇÃO

Ha muitos anos, apaixonados que somos pela pratica de todos os esportes e principalmente da nataçao, sempre lamentamos a falta de oportunidade oferecida aos que de fato vêm nos esportes, não só motivos de recreação, como também a perfeição de seus fisicos, contribuindo desta forma para a melhoria cada vez maior de uma raça, como a brasileira, ainda em estado embrionario. E agora, felizmente surge a grande oportunidade.

O São Paulo F. C. prestigioso gremio de nossa capital, orgulho dos paulistas e dos brasileiros, pelo muito que tem feito em prol do progresso esportivo e social de nossa terra, vem de instituir um originalissimo concurso, que forçosamente irá contribuir sobremaneira para o maior prestigio dos cronistas esportivos, da sua classe, muito bem representada pela A. C. E. S. P., e bem assim da divulgação de conhecimentos imprescindiveis para o progresso de qualquer modalidade esportiva.

Atendendo ao chamado aqui estamos e vamos procurar com os nossos conhecimentos adquiridos durante dois decenios, quer como militante, quer como redator esportivo, fazer um trabalho que sirva de qualquer maneira para justificar e prestigiar a ideia dos dirigentes sam-paulinos. Lembramos-nos da nataçao **que consideramos como o mais perfeito de todos os esportes**, pelos reais beneficios que proporciona aos que a pratica com metodo.

Vamos descrever então o que tem sido a evoluçao deste esporte atravez dos tempos e os seus beneficos resultados em nosso paiz. Para isto não poupamos esforços. Rebuscamos arquivos, pedimos a cooperação de varios tecnicos, opiniões de diretores da F. P. N., finalmente, de todos que entendem um pouco de nataçao. Resultou disto tudo o trabalho que vamos apresentar e que se não fôr perfeito, terá no entanto o merito de contribuir para o aperfeiçoamento cada vez maior, do melhor de todos os esportes do mundo: — A NATAÇÃO.

A todos que, com sua boa vontade tornaram a nossa tarefa mais facil, não podemos deixar de dar de publico um grande abraço juntamente com os nossos melhores e sinceros agradecimentos.

A NATAÇÃO COMO ESPORTE ATRAVÉS DOS TEMPOS

Difícil se torna informar com exatidão a data em que o homem começou a dedicar-se a prática da natação. Ao que tudo indica, ela remonta à época das habitações lacustres, pois as referências através da história e da literatura existentes, nos convencem de que a natação já vinha sendo praticada desde a mais remota antiguidade. Na própria escrita egípcia se encontram indícios de que eles já conheciam a natação. Em trabalhos arqueológicos levados a efeito por vários estudiosos e entre eles os realizados por James E. Dunlap, nos informam também que os gregos já conheciam a natação 3.000 anos antes de Cristo.

Teve também a natação seus precursores, além dos gregos, espartanos, egípcios, outros povos entusiastas cultores do corpo são e que nos legaram páginas brilhantes de uma grande civilização a par de cultores físicos simplesmente admiráveis. Entre os romanos, principalmente, os que não sabiam nadar, eram tratados como seres inferiores, tal o prestígio da natação entre eles.

A ORIGEM DOS ESTILOS E SUA DIFUSÃO

Ao que apuramos o primeiro estilo a ser empregado foi o de peito e isto pelos meados do século XVI, usado comumente pelos guerreiros da época como defesa pessoal pela facilidade que tinham para transpor os rios não deixando aos inimigos suas armaduras e roupas. E o nado de peito de muito se prestava para isto, em virtude da posição obrigatória do corpo dentro d'água, que facilitava o transporte de tudo isto, levando-os à cabeça e sem inutilizá-los.

O nado de peito também tinha a denominação de «braçada clássica», cuja origem deve ter vindo dos gregos.

Existe em Paris, no Museu de Belas Artes uma estatua de um nadador grego fazendo movimentos do nado de peito, o que talvez tenha justificado o termo «braçada clássica» usada mais tarde pelos europeus. Este estilo teve entre os ingleses e alemães os seus maiores cultores e propagandistas. Somente no século XIX é que apareceu outro estilo que muito se parece com o nado de «cachorrinho», usualmente praticado pelos nossos caboclos de beira de rio e também praticado com eficiência pelos nossos jangadeiros nordestinos.

Em 1869 surgiu no cenário da aquática mundial, um indivíduo de nome Trudgen, com um estilo que veio revolucionar todos os métodos então empregados para a conquista da maior velocidade. Valeu-lhe a anexação do seu nome ao novo estilo, que podemos considerá-lo como o verdadeiro propulsor da velocidade da natação em todo o mundo. Do seu estilo é que em 1902, Dick Cavill, o assombroso australiano, modificando apenas o movimento dos pés, que deixaram de dar «tesoura-

das» para ficarem extendidas, surgia o «crawl» australiano. Dick Cavill chegou a conseguir para as 100 jardas o fantastico tempo de 58''2/5. Mas estava escrito que não estacionaria a evolução do «crawl», porquanto os americanos os nossos grandes mestres, vinham à cena e introduziam modificações radicais no nado de velocidade. A diferença de densidade entre a agua salgada e a agua doce foi a chave da descoberta do verdadeiro «crawl» ou melhor, do «crawl» norte-americano.

Enquanto os europeus nadavam em piscinas de agua salgada, obtendo por isto mesmo tempos melhores e um rendimento maior de suas possibilidades, os americanos praticavam a natação em tanques de agua doce o que prejudicava enormemente a flutuação, fátor preponderante para um melhor deslize e uma maior velocidade. D'aí é que descobriram os americanos que havia necessidade de uma ampla modificação do estilo empregado. Notaram então que batendo os pés alternadamente de baixo para cima, proporcionavam ao corpo uma posição horizontalmente perfeita e naturalmente um deslize mais rapido. Foi Daniels o criador do novo estilo, isto em 1906, que veio ter mais tarde em Duke Kahamamoku, das Ilhas Hawai, o seu maior propagandista e o primeiro recordista das 100 jardas, em 1927, com o bom resultado tecnico de 53''.

O prestigio do «crawl» estava então firmado. No entanto, os mais destacados estudiosos da natação do mundo, insistiam ainda com a toda teoria de que o «crawl» não se prestava para provas de resistencia, apesar de reconhecer no mesmo a perfeição dos movimentos e o rendimento assombroso que o novo estilo proporcionava aos seus praticantes. Infelizmente, por muito tempo ainda, esta teoria prevaleceu. Eis quando surge Gertrude Ederle, a notavel nadadora americana que se propõe atravessar o Canal da Mancha, empregando o «crawl». Suas declarações assustam os entendidos, por reconhecer na excepcional nadadora qualidades capazes de vir a fazer uma revolução na natação mundial.

Chega finalmente o dia da prova. Luta Gertrude contra varios impecilhos e o de maior monta as fortes correntes contrarias existentes no Canal. E o combate de Gertrude contra os elementos foram terriveis. Mas, finalmente, ela assombra o mundo com sua audacia e sua persistencia, fazendo aquela travessia em tempo recorde. Estava assim consagrado o «crawl» como o estilo mais perfeito e tambem como sendo uma das mais brilhantes invenções do genio humano, em prol do progresso da natação.

OS RECORDES

A queda dos recordes teve então em Johnny Weismuller a sua maior figura, pois foi o campeão que maior numero de recordes possuiu: CINCOENTA! — até a distancia de 880 jardas!... — Uma verdadeira maquina humana. Tal foi o seu prestigio que não fugiu a regra geral nos Estados Unidos: tornou-se um grande «astro» da cinematografia, enriquecendo-se com facilidade.

Até ha pouco tempo, o recorde do mundo dos 100 metros, em nado livre, de Johnny Weismuller, com 57'' para a distancia era considerado como o maximo que um ser humano poderia conquistar. Os anos decorreram, tudo indicando que os tecnicos tinham razão, de que tão cedo não surgiria nenhum nadador capaz de superar aquela marca. Coube então novamente a outro norte-americano a grande façanha de baixar o excepcional recorde de Weismuller, Peter Fick faz então no campeonato dos Estados Unidos, na presença de um publico numeroso os 160 metros, nado livre, em 56''4/10, recorde este que permanece até hoje de pé, apesar do tempo decorrido e do grande progresso que já atingiu o «crawl» em todo o mundo.

AS OLIMPIADAS DE LOS ANGELES EM 1932

Prosseguiam os norte-americanos senhores de todos os recordes do mundo na natação e em todos os estilos, quando em 1932, nas Olimpíadas de Los Angeles, os japoneses assombraram o mundo, não só vencendo amplamente todas as provas que disputaram, como também introduzindo modificações no «crawl», que todos já julgavam perfeito e de difficil aperfeiçoamento.

A modificação ou melhor a diferença de estilo entre o «crawl» americano e o «crawl» japonês foi largamente apreciada, não só pelo progresso conquistado como pela revolução que vieram introduzir num esporte em que pouco ou nada restava para se aperfeiçoar. E quais as características do novo estilo empregado pelos niponicos? Todas estas perguntas tiveram suas respostas depois de estudos acurados e que levaram anos para serem devidamente esclarecidas. O japonéz é, em média, pequeno e fraco. O fátor força tinha portanto sido posto de lado. Outra característica dos nipões é que eles são possuidores de fisicos geralmente flexiveis, devido a sua ossatura leve, juntas soltas e musculos corridos, tendo por isto mesmo facilidade de movimentos, sem possiveis imitadores. E o nado moderno japonéz que teve em Abe e Matsuzawa os seus verdadeiros criadores, apesar da revolução imposta ao «crawl» americano, não é inteiramente novo, para que muitos venham a consideral-o como um revolucionario. Os niponicos apenas «aprenderam» a nadar a seu modo. Dentro de suas reais possibilidades. Em primeiro lugar modificaram a posição do corpo. No «crawl» americano, quando o nadador entra em toda a velocidade, o corpo toma uma posição de hidroplano, em virtude da força feita com os pés, cujas batidas de baixo para cima faz o trabalho de sustentação, ao passo que aos braços cabe o papel da propulsão. Modificaram os japonezes, em virtude do seu fisico e a facilidade de ficarem a tona d'agua, toda esta tecnica, empregando os pés com maior eficiencia, passando a batida a ser feita de cima para baixo, passando também a ser um movimento completamente independente do resto do corpo, o que sómente eles com sua notavel flexibilidade são capazes de conseguir, sem perturbar o ritmo dos movimentos dos braços, que são feitos sincronizados

no «crawl» americano. Também nos movimentos dos braços eles fizeram outra inovação. Criaram o «ponto de apoio», que localizam à frente do corpo mais ou menos a 40cms. de profundidade. Alcançado o «ponto-de-apoio», o corpo passa por cima do mesmo, sem o «arranco», para traz, o que traria desequilíbrio e perda de velocidade. Há também a «pegada dupla» em que o braço só inicia a sua puxada quando o outro já está prestes a fazer a sua entrada na água, havendo uma fase em que ambos trabalham na propulsão do corpo. Em síntese, podemos dar como características essenciais do «crawl» japonês, o que nos informa José Maria R. Lamego, o esforçado técnico na Liga Carioca de Natação, no seu apreciado livro «Natação e Velocidade»:

«Curvatura acentuada do corpo; trabalho propulsor das pernas, com batida de cima para baixo; cintura solta, permitindo o movimento independente da batida de pernas; braçada aparentemente curta, mas sempre precisa, procurando a mão atingir sempre o ponto de apoio antes do braço iniciar a tração; divisão da braçada em duas fases distintas—pressão para baixo e puxada propriamente dita; trabalho simultâneo dos braços durante uma fase da braçada; volta dos braços fóra d'água sem grande flexionamento do antebraço descrevendo a mão uma curva na sua trajetória em relação a superfície da água; respiração unilateral, sendo o movimento de rotação da cabeça para o lado, iniciado somente depois do braço entrar em contáto com a água e o movimento de volta do mesmo, simultâneo com a volta do outro braço para a frente».

O « B U T T E R F L Y »

O nado de peito ou a «braçada classica», também foi atingida pela revolução. Desta vez não foram os nipões que a modificaram. Coube o aparecimento do novo estilo a um discípulo de Armbruster, Jack Sieg, que surgiu nos Estados Unidos nadando o «butterfly», ou melhor, o «borboleta». É o nado de peito, onde os braços saem fóra d'água, enquanto as pernas têm os mesmos movimentos de propulsão da «braçada classica», com a vantagem de uma maior propulsão em virtude do deslocamento obrigatório do corpo fóra da superfície. Este novo estilo trouxe grande celeuma no mundo esportivo, principalmente na entidade internacional que demorou muito tempo em reconhecê-lo como o nado de peito. É no entanto o «butterfly» um nado espetacular e exaustivo para quem o pratica, porquanto requer um treinamento todo especial, dado o dispendio de energias. Para as distancias curtas, tem provado o «butterfly» que é cem por cento mais eficiente que a «braçada classica», propriamente dita.

O NADO DE COSTAS

Resta agora falar no nado de costas. Acompanhando de perto a evolução porque passou o nado de frente, passou o nado de costas a ser hoje em dia o «crawl» invertido. Vem sendo praticado com alguma

eficiência por varios campeões e o seu progresso ultimamente tem sido dos maiores, havendo quem acredite chegar o dia em que um nadador de «crawl» de costas, venha a igualar ou mesmo superar os átuais recordes de pequenas distancias, no nado «crawl» de frente. E como a tecnica da nataçãõ não alcançou ainda o seu maior desenvolvimento, não será nenhuma surpresa que isto venha a succeder, porquanto os estudiosos aí estão todos os dias a nos fornecer descobertas as mais sensacionais.

Tem o nado de costas a sua maior figura em Adolf Kiefer, recordista do mundo e possuidor do mais perfeito estilo. O norte-americano não foi derrotado até hoje e suas marcas muito tem se aproximado dos recordes do «crawl» de frente.

A NATAÇÃO ENTRE RIO E SÃO PAULO

Muito lentamente caminhava a nataçãõ brasileira para alcançar resultados que pudessem ser comparados aos que na Europa e Norte-America, eram registados com relativa facilidade e por uma maioria absoluta, tanto de parte feminina como masculina. Apenas dois homens, um em São Paulo e outro no Rio de Janeiro, surgiam com sua dedicaçãõ e alguma classe, apresentando «performances», capazes de estimular a nossa mocidade à pratica do mais salutar de todos os esportes. E aquelas «performances» estavam muito longe de soffrerem uma comparaçãõ com o que já se vinha alcançando na Europa e principalmente nos Estados Unidos.

Carlos de Campos Sobrinho, em nossa capital, apparecia como o seu mais renomado campeão, isto sómente em meados de 1922, quando depois de tornar-se campeão paulista em quasi todas as distancias, é chamado à capital do paiz, onde nos festejos do Centenario de nossa Independencia, toma parte pela primeira vez numa competiçãõ Internacional, onde poucos resultados tecnicos foram devidamente apreciados como verdadeiras marcas e por isso mesmo dignas de um registo todo especial. Foi Carlito vencido facilmente por Jorge de Mattos, que naquele certame foi o maior vulto, pois triunfou com meritos em todas as provas que participou, chegando mesmo a deixar a impressãõ de que a nossa nataçãõ, na America do Sul, era insuperavel e que para muito breve alcançariamos resultados tecnicos apreciaveis, em comparaçãõ com os que vinham sendo obtidos fóra de nossas fronteiras. Quanta illusãõ...

Jorge de Mattos, no entanto, teve o grande merito de ter sido o primeiro recordista sul-americano, nos 100 metros, nado livre, com um bom tempo de 1'3'', resultado este que não chegou a ser homologado por falta de detalhes e a devida comprovaçãõ official de nossa entidade maxima, a C. B. D.

Prosseguiram os cariocas a manter a liderançã da nataçãõ brasileira até fins de 1928, quando então, os paulistas começaram a compreender que sem uma piscina e sem treinadores, nada poderiam conquistar, de vez que o poderio dos guanabarinõs residia exclusivamente

no fâto de terem eles a piscina do Fluminense, a Urea e da C. R. Guanabara, disto resultando alcançarem triunfos com relativa facilidade. Os paulistas lutavam apenas com sua obstinação, seu amor proprio, grande dose de esportividade, pois preparados sem metodos, sem treinadores, tendo como locais para seus treinos o leito do rio Tieté e a Represa de Santo Amaro, tornava-se patente sua deficiencia tecnica e daí as derrotas que lhes eram impostas, impiedosas e que chocavam os seus brios esportivos.

A PISCINA DA ATLETICA

A preponderancia da nataçãõ carioca continuava no seu ritmo ascencional, com o aparecimento de novos «azes». Novos recordes nacionais eram agóra homologados pela entidade oficial do Rio de Janeiro, numa demonstraçãõ do progresso e de estimulo para os nadadores da Guanabara. Tudo isto indicava que os paulistas teriam muito ainda que aprender para hombra-se com os representantes da nataçãõ carioca, que agóra, não só possuíam uma poderosa equipe, como tambem tinham em seu poder todos os recordes brasileiros, em todos os estilos e distancias. Verdadeiro predominio e dos mais dolorosos, para quem vinha lutando para igualar-se, quando tinham certeza de que não lhes faltavam coragem e fisicos capazes, como era o caso dos paulistas. O conhecimento proprio da inferioridade por falta de recursos é mais doloroso por sabel-o sanavel. Todos reconheciam nos paulistas qualidades inatas e o que lhes faltavam era apenas uma melhor preparaçãõ e uma piscina para treinar. Encontravra-se desta maneira a nataçãõ paulista estacionada, quando a veterana Atletica, berço de quasi todos os campeões paulistas e brasileiros de nataçãõ, inicia uma campanha, tendo à frente a prestigiosa figura de Luiz de Araripe Sucupira, para a construçãõ de uma piscina. Enorme foi o trabalho dispendido por Sucupira para que sua ideia vingasse. A Atletica naquela ocasiãõ lutava com dificuldades financeiras das mais sérias e dolorosas. Pôr em andamento tamanho empreendimento era um desses esforços que sómente os que só entendem a vida com luta seriam capazes de levar ao seu termo final.

Independente das dificuldades financeiras, existia além disto, má vontade, entre os associados e tambem falta de espaço vital. Clube pequeno, encravado na Ponte Grande, na velha «Chacara Couto de Magalhães», com dependencias minimas para a pratica de outros esportes a não ser a bola ao cesto, numa quadra de cimento, e tendo o rio como seu maior aliado, que se prestava ao remo e a propria nataçãõ; contando exclusivamente com as mensalidades dos socios uma construçãõ de tal vulto, teria por certo de encontrar sérios obstaculos e todos quasi insuperaveis. Mas, Sucupira, não desanimou. Surgiu na arena disposto a luta e por qualquer preço e com um espirito de sacrificio dos mais elogiaveis.

A campanha é iniciada. Abrem-se as inscrições entre os associados para contribuiçãõ mensais que variam entre, dez, vinte e cin-

coenta mil reis mensais, incluídas nas quotas obrigatórias de associado. Um «Livro de Ouro», também é subscrito pelos conselheiros, que são os que mais contribuem. Ante o sucesso inicial da campanha uma onda de otimismo invade toda a família atleticana e desta maneira em menos tempo do que se julgava a construção do tanque natatorio é levada a avante. Já agóra, com os aplausos gerais. Mas, estava escrito que outros impecilhos teriam de serem afastados, antes da Atletica oferecer a natação bandeirante a sua primeira piscina. O rio Tieté, famoso pela sua historia, vinha influir como elemento perturbador daquela construção. Uma das maiores enchentes até então registadas em São Paulo surge inopinadamente e as aguas transbordantes do rio ameaçam levar de roldão o que já se tinha construído com esforço e sacrificios inauditos. E' desesperadora a situação da Atletica. Noite e dia abnegados associados da Atletica, ficam postados à beira do tanque com bombas hydraulicas, retirando lentamente as aguas que enchiam parte do local, évitando que a lage da piscina, a argamasse, o cimento armado ainda fresco. os ladrilhos, fossem carregados pela enxurrada que tudo ameaçava destruir. Luta titanica e terrível. E novamente saíram vencedoras. As aguas do Tieté pouco a pouco vão baixando e o perigo desaparece.

Finalmente no dia marcado, com jubilo, a Atletica anuncia aos paulistas que já podiam nadar em uma piscina. com medidas officiais e que os seus nadadores teriam d'oravante, seus esforços recompensados. Dia radioso para a natação bandeirante. Dia de festa para os que sofreram ingratições, dissabores e lutaram com denodo e sem esmorecimentos para a grandeza da aquatica nacional. Porque foi graças a todo aquele esforço que a natação paulista póde hoje orgulhar-se de possuir grandes titulos.

CARLOS WEYGAND UMA GRANDE FIGURA DA NATAÇÃO BRASILEIRA

Com o melhoramento introduzido na Atletica, logo surgem varios elementos com grandes possibilidades de virem a tornar-se dentro em pouco figuras destacadas da natação brasileira. Tudo isto vinha succedendo em virtude da Atletica, ter cedido sua piscina aos elementos dos outros clubes, quando escalados pela entidade para represental-a. E pouco a pouco os recordes vão caindo, culminando o progresso da natação paulista com o aparecimento de «Carlzinho», Herbert Levy, Harry Forsel, Barreto, Scheneider, Poddby, Guilherme Schall e outros, que mais tarde formariam a equipe vencedora de um dos mais brilhantes campeonatos brasileiros.

Carlos Weygand no entanto, foi o maior de todos. Tendo viajado para os Estados Unidos, alí permanece perto de dois anos, sendo que, já era recordista brasileiro dos 200, 400 e 1.500 metros, nado livre, quando para lá seguiu. E sua estada na America do Norte, foi por assim dizer o ponto de partida para a efetivação de um progresso que já vinha se esboçando na natação brasileira. Carlzinho foi por as-

sim dizer o pioneiro de novos metodos de treinamento, porquanto trouxe da America do Norte ensinamentos preciosos e que serviram sobremaneira para a obtenção de novos valores e de resultados tecnicos verdadeiramente assombrosos. Com seus ensinamentos, surgiram no cenario bandeirante figuras como Max Define, Nelson Reis, Maria Lenk, Helena Sales, Sieglinda Lenk, Poddboy, Alfredo Giacchi, Seyla Venancio, que conseguiram paulatinamente ir arrancando dos cariocas a supremacia nas varias provas que constava dos programas dos certames nacionais. Outro grande merito de Carlitinho, reside no fato de ter sido o unico paulista capaz desta grande façanha: vencer num campeonato brasileiro todas as provas em que participou ou seja, os 400, 1.500 e os revesamentos 4x100 e 4x200 metros, nado livre, melhorando os respectivos recordes brasileiros. Além disto, proporcionou a Maria Lenk valiosos ensinamentos, contribuindo grandemente para que ela viesse a se tornar a grande figura da nataçao sul-americana e hoje do mundo. Teve ainda o merito de ter sido o assistente-tecnico direto de Carlos de Campos Sobrinho, quando este abandonando o amadorismo veio a se tornar tecnico da Atletica e mais tarde do C. R. Tieté.

A CAMPANHA DAS ENTIDADES ESPECIALIZADAS

Com o progresso sempre crescente da nataçao paulista, e principalmente dos clubes da capital, estes sentiram não só a necessidade de construirem tambem suas piscinas, como de fugirem ao jugo que lhes impunha a entidade do remo que naquela epoca tinha como sua atribuição dirigir toda a aquatica de São Paulo, isto é, remo, nataçao, saltos ornamentais e polo aquatico.

Fomos então os pioneiros desta nova campanha. Surgimos diariamente no «Diario de São Paulo», com nossas cronicas, atasalhando aqueles que não acreditavam na possibilidade de uma independencia de outro ramo esportivo a não ser o futebol. Viviamos uma epoca das que não tinham fé em inovações. Os conservadores insistiam em seu ponto-de-vista e nem o diabo seria capaz de convencel-os do contrario. No entanto, a campanha durou mais de dois anos consecutivos, sendo que no seu inicio somente nós é que trabalhávamos para a independencia da nataçao, ou melhor, para que a nataçao paulista viesse a ter a sua entidade. Depois, outros colegas, fazendo côro com nossas ideias, vieram à publico e trabalharam com denodo para que se tornasse uma realidade o que então se vinha pleiteando.

«SEPARATISTAS»

Tamanha foi a campanha que os cariocas mal informados do que se fazia em São Paulo, chegaram a nos imputar de «separatistas», mas, com um sentido bem diverso daquele que tinhamos proposto levar a efeito. Felizmente, o bom senso triunfou e magnificamente. E é desta

maneira que surge a Federação Paulista de Natação, fundada em 26 de novembro de 1932. Em tão pouco tempo os frutos de um trabalho proficuo e desinteressado olhando sempre o progresso de nossa terra, aí está para provar que a natação paulista tinha já alcançado tal nível de adiantamento que não era mais possível continuar subjugada a uma entidade de outro esporte, e que mal se podia dirigir.

SAITO E O PROGRESSO DA NATAÇÃO NACIONAL

Com o progresso sempre crescente dos paulistas, os cariocas sentiram que era chegada sua vez de influir também para que novos rumos fossem ditados a sua natação que não apresentava nenhum índice de adiantamento, até ao contrario, dava mostras de desfalecimento e de pouco interesse, tal a vantagem que levavam os paulistas nos torneios nacionais.

Vencedora que foi em todo o Brasil a campanha das entidades especializadas, surgem a Liga Carioca de Natação e a Liga de Esportes da Marinha, até então alijadas das competições oficiais, pela criminosa incompreensão dos dirigentes cebedenses. Criam nova alma os cariocas. E de competição em competição mais se aproximam dos paulistas, vindo novamente a triunfar com grandes meritos e de forma convincente. A Marinha por sua vez, sente também a necessidade de fugir a rotina. E manda buscar no Japão um tecnico. Vem Saito. Pouco ou nada se sabia da natação japonesa. Tinhamos noticia apenas do retumbante triunfo alcançado nas Olimpíadas de Los Angeles e nada mais. Quanto aos metodos de treinamento, nova tecnica, tudo isto hoje em dia é praticado no Brasil, era completamente desconhecido. E como não podia deixar de suceder poucos, muitos poucos, acreditavam no sucesso dos nadadores da Marinha, apesar de alguns deles já serem recordistas do Brasil.

UMA VERDADEIRA REVOLUÇÃO

Os cariocas com seu genio folgasão e irrequieto não deixaram de fazer as mais notaveis «blagues», com respeito a nova aquisição dos marinheiros. E contaram-se historias as mais absurdas possiveis. E dentre elas, até uma que afirmava que os marinheiros estavam aprendendo a falar japonês, para entender Saito.

E os fatos pitorescos sucederam-se uns atraz dos outros. Os «boatos» a respeito da disciplina de Saito eram também os mais disparatados possiveis. E como em todos os «boatos», sempre existe um pouco de verdade, sómente mais tarde, bem mais tarde é que a nova tecnica de Saito foi revelada. De fato um dos que mais sofreu o rigor de treinamento foi Vilar. O glorioso marinheiro, uma das mais lidimas expressões da natação continental, recordista brasileiro dos 100 metros, em nado livre, de um momento para outro tornou-se nadador de 400, 800

e 1.500 metros. Um absurdo, diziam os tecnicos brasileiros. Aonde se viu um nadador de velocidade, que sempre nadou 100 metros, de um momento para outro vir a disputar provas de 1.500 metros? Um absurdo!

No entanto, a razão estava com Saito. Vilar que era dotado de um fisico excepcional, bastante musculoso, necessitava por isso mesmo de um treinamento em distancias grandes para tirar toda aquela massa de musculos e que o impedia de desenvolver uma maior velocidade. O «alisamento» de musculos foi se processando paulatinamente e Manoel da Rocha Vilar, em pouco tempo já obtinha para aquelas distancias tempos simplesmente notaveis. A preparação dos marinheiros foi seguindo religiosamente as determinações de Saito e os resultados foram simplesmente maravilhosos. Tinha o niponico carta branca da Liga para fazer o que bem entendesse.

O SUL-AMERICANO DE 1935

Em virtude da politica então existente, com o afastamento de varias entidades especializadas da C. B. D., o Brasil pouco ou quasi nada vinha fazendo nos certames continentais de natação. Vitorias isoladas e sem nenhuma repercussão. Aproxima-se a realização do Campeonato Sul-Americano de 1935. Tudo era preparativos. Todos queriam saber o que apresentaria o Brasil neste certame. As façanhas de Vilar, Harry Forsell, Benevenuto, Isaac, Max Delfine, Maria Lnek, Sieglinda, Ursula Frick, Piedade Coutinho, Helena Sales, Aluizio Lage, do lado dos brasileiros e Jeanette Campbell, Dibar, Panelo, Kennedy, Rocca, Zeisel, Peper, dos argentinos, corriam fronteiras. O confronto de todos esses «azes» diria mais tarde a ultima palavra. Em bôa hora a C. B. D. pondo de lado todos os ressentimentos resolveu entregar a Saito a direção tecnica do certame e o preparo de todos os nadadores brasileiros que foram convocados indistintamente, pertencentes a esta ou aquela facção em luta. Enorme era a expectativa e maior ainda a responsabilidade de Saito, que se via de um momento para outro como absoluto da natação brasileira. Mas, felizmente a confiança ilimitada dos nadadores em sua competencia, foi o fator principal de uma atuação das mais brilhantes dos elementos nacionais, em uma competição internacional. Fomos é verdade vencidos, na parte masculina, por diferença minima em virtude da atuação sensacional de varios nadadores platinos inteiramente desconhecidos e que tiveram seu aparecimento naquele extraordinario certame. Jeanette Campbell foi outra grande figura do torneio, pois venceu todas as provas em que participou, fazendo um bem elevado numero de pontos para a sua poderosa equipe.

VILAR A MAIOR FIGURA DO CERTAME

E um fáto interessante foi registado. O homem que sómente sabia nadar os 100 metros, tornou-se pelo numero consideravel de vitorias que alcançou a figura numero um do grande torneio. Venceu os 100 metros, depois de um empate com o argentino Panelo, registando para

a distancia um novo recorde continental: 1'1''9/10. Triunfa logo mais nos 200, 400 e 800 metros, nado livre, sendo ainda integrante das turmas de revesamento 4x100 e 4x200, classificadas em 2.º lugar.

Conquista para o Brasil, nada menos que 52 pontos. Alcançou desta maneira Vilar o primeiro posto e mais a metade de pontos do primeiro nadador argentino e mais ainda uma soma consideravel de recordes continentais. Benevenuto foi outra grande figura do certame. Venceu otimamente as provas de costas. E com estes dois grandes «azes» a representação brasileira marcou 77 pontos, sendo os restantes obtidos pelos demais nadadores. Como se vê dos 119 pontos obtidos pelos nadadores nacionais, 77 foram conquistados apenas por dois nadadores e pertencentes a Liga de Esportes da Marinha.

Maria Lenk foi a vencedora das duas provas em que participou, os 100 e 200 metros, nado de peito e os 400 metros, nado livre, tendo ainda integrado a turma de revesamento 4x100 metros, nado livre. Pela primeira vez, Maria Lenk registrou oficialmente seu nome na lista dos recordistas continentais, de vez que seus tempos anteriores não tinham sido homologados, em virtude do dissidio esportivo então existente.

OS RECORDES SUPERADOS

Durante o certame de 1935 foram registados 14 novos recordes sul-americanos e 9 brasileiros.

A RENDA

O grande e inesquecível certame rendeu mais de 800 contos de reis.

A CONTAGEM GERAL

A contagem geral deste sul-americano levado a efeito no Brasil, tendo como local a formosa piscina do C. R. Guanabara, acusou o seguinte:

PROVAS MASCULINAS:

- 1.º lugar — ARGENTINA — Campeã com 146 pontos.
- 2.º lugar — BRASIL — Vice-campeão com 119 pontos.
- 3.º lugar — CHILE — com 30 pontos.
- 4.º lugar — PERÚ — com 10 pontos.
- 4.º lugar — URUGUAY — com 10 pontos.

PROVAS FEMININAS:

- 1.º lugar — BRASIL — Campeão com 66 pontos.
- 2.º lugar — ARGENTINA — com 61 pontos.
- 3.º lugar — CHILE — com 8 pontos.

POLO AQUATICO

O Brasil foi o campeão vencendo o Uruguay por 2 a 0 e a Argentina por 4 a 2. A Argentina foi a vice-campeã do certame com uma unica victoria sobre o Uruguay por 5 a 2.

Findo o certame todos que apreciaram o seu desenrolar ficaram com a certeza de que estava reservada à nataçãõ brasileira um lugar de destaque no cenario mundial.

UMA ENTREVISTA COM SAITO

Depois daquele torneio tivemos oportunidade de falar ligeiramente com Saito. Como todos os filhos do Oriente, quasi nada dizem quando interrogados, sobre qualquer assunto em que sua pessoa se veja envolvida. Dificil foi portanto arrancar-lhe o que nós todos desejavamos: os principais motivos da revolução operada e o sucesso dos brasileiros. No entanto, nossa persistencia alcançou alguma coisa, que hoje, com satisfação podemos rememorar. Em sintese, eis o que nos disse Saito:

«Nada fiz de notavel. O meu trabalho foi apenas de coordenador. Nada mais. Os brasileiros são os melhores nadadores do mundo, mas, são os que peores sabem nadar».

Nestas poucas palavras Saito tinha nos dito tudo. Assim éra. Os brasileiros são por natureza combativos e possuidores de uma fibra inigualavel. Não se amedrontam nunca. Têm confiança em suas possibilidades. E com um material humano desta especie, com uma disciplina rigida até então desconhecida, Saito conseguiu o milagre. Fez nadadores mudarem de estilo, fazerem longas distancias, quando praticavam somente a pura velocidade, ministrou-lhes ginastica especializada e mais ainda massagens, balões de oxigenio, depois das provas e com estas introduções, Saito iniciou uma nova éra para a nataçãõ brasileira.

NOVAS PISCINAS EM SÃO PAULO

Antes daquele notavel sul-americano já tinha surgido na verdade uma nova éra para a nataçãõ brasileira, não só com o abandono de metodos archaicos, como pelos conhecimentos tecnicos então ministrados a nadadores e instrutores. São Paulo e Rio de Janeiro, de braços dados, foram invadidos por uma onda de otimismo e os metodos dos japonezes foram então empregados com maior eficiencia por todos os treinadores, resultando disto tudo o aparecimento de reais valores para a nataçãõ brasileira, elementos estes que contribuiram sobremaneira para o sucesso daquele magestoso certame.

Antes, porém, de detalharmos o que succedeu com o progresso individual, desta nova geração, temos por um dever de justiça pôr em relevo o trabalho desenvolvido pelos clubes paulistas que mesmo lu-

tando com enormes sacrificios, de vez que, nunca contaram com a ajuda oficial dos governos e entidades, levaram avante construções e mais construções de piscinas e uma melhor que a outra, acompanhando o progresso existente no mundo, quanto a sua tecnica. Assim surgem os tanques do Esperia, Tieté, Germania, (hoje E. C. Pinheiros), que foram os continuadores da obra desenvolvida pela Atletica, para o maior desenvolvimento da nossa natação. Paralelamente os nossos clubes contrataram tecnicos, escolhendo-os em bôa hora, dentre os mais destacados nadadores e com qualidades inatas para o cargo escolhido. Desta fórmula, surgem, Carlos de Campos Sobrinho, para a Atletica (depois Tieté e finalmente Minas Tennis Clube, de Belo Horizonte), Artur Busin, Marino Tolentino, João Poddboy Junior, Montag e Sato. Com uma equipe de bons preparadores facilmente os elementos que possuíam qualidades, foram se revelando como campeões e criando ao mesmo tempo um ambiente esperançoso e de que a aquatica nacional se firmaria definitivamente, premiando desta maneira a bôa vontade e o esforço de uma pleiade de dedicados, que tudo vinham procedendo para a melhoria tecnica de um esporte até então estacionario no paiz. E quem mais contribuiu para o prestigio da natação brasileira, independente do arduo trabalho desenvolvido pelas demais entidades e dirigentes foi sem favor algum a Liga de Esportes da Marinha. Além de terem imprimido nova diretriz, quanto ao treinamento e preparo fisico dos praticantes a par de uma disciplina rigida e necessaria, teve ainda o grande merito de ter trazido com enormes sacrificios financeiros, para o Brasil, um tecnico do valor de Saito. Dando ainda uma grande demonstração de esportividade, os dirigentes da Liga puzeram à disposição das entidades brasileiras, indistintamente, os conhecimentos do seu tecnico Saito, obrgando-se o treinador niponico a ministrá-los a quem se interessasse pelo desenvolvimento da aquatica brasileira. Assim, pouco a pouco, a nova tecnica japoneza, que tanto exito alcançou nas Olimpíadas de Los Angeles e depois em Berlim, foi tornando-se popular. E não parou aí o trabalho da Liga de Esportes da Marinha, em beneficio da nossa natação.

EPOCA DE OURO DA NATAÇÃO BRASILEIRA

Aproximando-se as Olimpíadas de Berlim, a Liga promove um ano antes de sua realização uma serie de competições entre os nadadores de São Paulo e Rio de Janeiro, com a denominação original e bem sugestiva de «Preparação Olimpica». Um bellissimo troféu é posto em disputa e artisticas medalhas são confeccionadas para premiar o esforço dos varios nadadores triunfantes naqueles torneios. Aparece então o trabalho efetivo dos tecnicos. Recordes e mais recordes brasileiros e continentais são quebrados, numa demonstração cabal do nitido progresso alcançado pelos nossos denodados campeões.

Em nado livre surgem com figuras maximas, Manoel da Rocha Vilar, Isaac S. Moraes, Leonidas Marques, Alvaro Tatto, Nelson Reis, Benvenuto Nunes e Aluizio Lage, todos nadando os 100 metros em um minuto e poucas fracções, resultado tecnico que por si só fala do trabalho então

levado a efeito. Mas, não era somente no nado livre que as «performances» dos nadadores paulistas, marinheiros e cariocas se destacavam. No nado de peito, por exemplo, surgiam dois «azes» com tempos que os colocavam na tabela internacional. Antonio L. dos Santos, o popularíssimo «Mosquito» da Marinha, e Edgard Arp Barbosa, da Liga Carioca de Natação, apareceram vitoriosamente no cenário da aquática nacional, fazendo Arp Barbosa os 100 metros, no assombroso tempo de 1'12'',6, tempo este, apenas inferior em um segundo e oito decimos do recorde do mundo, daquela época, e que foi recorde continental por muitos anos, ou melhor até o aparecimento de Willy Otto Jordan, em 1940, o atual recordista e figura máxima da natação brasileira, em 1942.

Outra figura impressionante, em 1936, foi Maria Lenk. Merece a nossa atual recordista do mundo uma explanação maior de seu valor e suas capacidades morais. Por termos acompanhado de perto sua vida esportiva, como companheiro e militante num mesmo clube, podemos nos alongar em interessantes considerações. De início precisamos informar que Maria começou a prática da natação ainda muito jovem e nadando o «crawl». Em 1926, data em que começou a aparecer, pertencia ao Clube Estrela de Natação, juntamente com Bety Hasenbech, outra jovem futura e vencedora da II «Travessia de São Paulo a Nado», quando esta prova foi criada pelo antigo órgão de nossa imprensa o «São Paulo Esportivo».

Maria Lenk então tinha em Marina Cruz, a sua mais séria adversária. Construída a piscina da Atletica, Maria passa-se para o alvi-negro da Ponte Grande. Sob a orientação de Carlos de Campos Sobrinho, tem oportunidade de derrotar a sua maior rival e conquistar notável «performance», nos 100 metros, nado livre, com 1'24'', tempo dos melhores para aquela época. Prosseguiu nadando o «crawl», ainda por bastante tempo, tornando-se recordista paulista dos 100, 200 e 400 metros, nado livre, até o aparecimento de Helena Sales, do C. A. Paulistano, que lhe infringe a primeira derrota. Desiste Maria do nado livre e ainda sob a orientação de «Carlito», começa a praticar o nado de peito. Inicia-se sua fase de retumbantes sucessos, apresentando dia a dia maiores progressos, alcançando vitórias sobre vitórias, inclusive a queda dos recordes brasileiros e continentais. Neste interim Maria transfere-se da Atletica, para o C. R. Tieté, Carlos de Campos Sobrinho também deixa a Atletica, indo para o Tieté, onde contaria com maiores proventos e uma piscina de dimensões internacionais. Maria continua sua róta de triunfos por bastante tempo tendo como seu preparador e amigo, Carlos de Campos Sobrinho, até que este deixando o C. R. Tieté vai para Belo Horizonte. Maria já consagrada como a nossa maior campeã, por seus dotes de moça inteligente e culta recebe do governo paulista a distinção de ser nomeada professora de educação física em Amparo. Brilhante foi sua passagem por aquela cidade onde deixou proveitosos ensinamentos. Pouco depois segue para a capital do país, inscrevendo-se no C. R. Guanabara, clube então pertencente a C. B. D. e contrario a campanha das entidades especializadas. O gesto de Maria foi muito mal compreendido, principalmente pelos paulistas. Ia acesa a luta politico-esportiva. Os recordes

das entidades especializadas não eram homologados pela C. B. D. E como Maria desejava ter seus esforços reconhecidos internacionalmente tomou a atitude mais aceitável para o seu caso particular. Foi defender as cores de um clube filiado oficialmente a entidade máxima para que os seus recordes fossem reconhecidos.

A INFLUENCIA DE SAITO NO SEU PREPARO FISICO E TECNICO

Jovem estudiosa e uma verdadeira crente dos esportes aquáticos, aproveitou consideravelmente os ensinamentos de Saito. Datam d'aí o seu maior progresso, que veio culminar com suas esplêndidas conquistas para a natação brasileira.

Participou em duas Olimpíadas, a de Los Angeles e a de Berlim, não sendo no entanto feliz, por ter ocorrido nestas duas importantes competições fóra de forma e adoentada. Em Berlim teve oportunidade de alí ficar alguns meses, fazendo um curso especializado de educação física. Aproveitou bastante sua permanencia, porque pouco depois Maria obtinha as suas maiores «performances», culminando com a conquista do recorde do mundo, nos 200 metros, nado de peito.

NOS CERTAMES SUL-AMERICANOS

Nos campeonatos sul-americanos, Maria foi sempre a nossa principal figura e fátor máximo de nossas vitórias.

Num dos ultimos certames realizados em Quito, no Equador, Maria com sua mana Sieglinda, tiveram uma atuação simplesmente assombrosa, porquanto o Brasil, em virtude das crises esportivas existentes, para alí tinha somente enviado as duas nadadoras e mais Alvaro Tatto e Alberto Cabalero. Pois bem, Maria e Sieglinda, nadando todas as provas femininas, menos os pareos de revesamentos, obtiveram para o Brasil o titulo de vice-campeão sul-americano, na parte feminina, com mais de cem pontos, na contagem geral.

UMA EXCURSÃO QUE HONROU A NATAÇÃO BRASILEIRA E CONTINENTAL

A convite da Federação e governo norte-americano, Maria Lenk integrou uma delegação de nadadores sul-americanos, tendo então oportunidade de visitar varios Estados, da grande Republica do Norte.

Tal excursão foi levada a efeito, em principios de 1942, encontrando-se Lenk em seu apogeu físico e técnico. Apresentando-se Maria em grande forma, não teve dificuldade de levar de vencida todas as suas adversarias e conquistando para o Brasil o maior feito de um atleta nacional — não ser derrotado no paiz dos campeões do mundo!

Independente deste seu esplêndido e inesquecível feito, de acordo

com declarações de técnicos norte-americanos, o seu estilo de nadar o «butterfly», está sendo ministrado aos nadadores «yankees», por ter sido considerado, mais perfeito e de maior rendimento. Tem características especiais e que Maria Lensk o faz com admirável perfeição.

O QUE É O «BUTTERFLY» BRASILEIRO

À primeira vista, todos julgam que o «butterfly» brasileiro é idêntico ao praticado pelos norte-americanos, os seus descobridores. No entanto, de acordo com os relatórios apresentados pelos técnicos nacionais e agora pelos próprios americanos, muito difere o «butterfly» praticado por nós e por eles. Novamente, valemo-nos do excelente livro de autoria de José Maria R. Lamego, para uma explicação mais detalhada, deste interessante assunto.

Eis o que nos diz o técnico da Liga Carioca de Natação, ao relatar o que assistiu nas Olimpíadas de Berlim:

«O «butterfly» empregado pelos três componentes da equipe americana de nado de peito, é visivelmente diferente do praticado pelos nossos nadadores. Agem os americanos da seguinte forma: terminada a puxada de braços, estes emergem, ao mesmo tempo, na altura das nádegas e iniciam o movimento de volta para a frente completamente esticados e as palmas viradas para cima, as mãos bem levantadas para evitar contato com a água. Este movimento circular dos braços é feito com os músculos da homoplata e é muito rasteiro sobre a superfície da água. Os ombros apresentam grande flexibilidade e em todos o movimento nota-se bastante elasticidade. No momento em que os braços passam pela linha dos ombros e vão «atacar» a água, as palmas das mãos são viradas para baixo e a cabeça que se mantinha elevada para a respiração, é baixada com energia, produzindo-se então a imersão dos braços bem na frente do corpo, entrando em contato com a água, sempre esticados, em continuação ao movimento giratório sobre os ombros. A distância que separa as mãos, uma da outra, no momento da pegada da água, varia conforme os nadadores (Higgins junta quasi as duas mãos), ao passo que Raye «ataca» com os braços bastante afastados um do outro, quasi em linha réta com os ombros. Uma vez feita a imersão os braços iniciam imediatamente a sua tração, que é energética e bem profunda, como se fosse uma dupla e simultânea puxada do nado «crawl», terminando, porém, muito mais atrás. Esta tração dos braços leva o corpo para a frente sem procurar levantá-lo para fóra d'água, pois ele se conserva quasi submerso durante esta fase. As pernas são violentamente distendidas no momento em que os braços entram em contato com a água, com um movimento similar à pernada do «à la brasse». A puxada dos braços dentro d'água é feita imediatamente após o impulso das pernas. Em nenhum momento o corpo do nadador é levantado sobre a água, poupando assim esforço. O que chama mais atenção ao «butterfly», dos americanos é a elasticidade dos ombros durante a rotação dos braços fóra da água.

O «BUTTERFLY» BRASILEIRO OU O ESTILO MARIA LENK-ARP BARBOSA

Prosseguindo em suas considerações, Lamego finaliza suas apreciações com o seguinte:

«O «butterfly» brasileiro é notavelmente diferente do americano. Os braços são levados à frente, com grande rapidez, levemente dobrados no cotovelo e entrando n'agua pelas mãos, como na braçada do «crawl». Uma vez dentro d'agua, onde as mãos quasi se unem, aproveitando o impulso da pernada dão meia braçada do «à la brasse», para os lados e para baixo, à procura do ponto de apoio, como na braçada do «crawl». Este movimento tende, naturalmente, a levantar o corpo, e, quando os braços estão ligeiramente afastados, as mãos, com um flexionamento do antebraço são arrancadas violentamente para dentro, e para traz, bem profundas. Neste movimento o corpo parece saltar para cima e para a frente ao mesmo tempo que os braços, tendo terminado o seu trabalho, voltam para a frente com grande velocidade, levemente flexionados. Ao cair o tronco na agua é dada então a pernada. Este «butterfly» iniciado por Maria Lenk, que com ele conseguiu, em 29 de março de 1936, o fantastico resultado de 1'24'',2 (melhor do que o recorde mundial oficial naquela ocasião), foi por nós continuado com o nosso pupilo Edgard Arp, que, em dois mezes, melhorou a marca dos 100 metros, de 1'21'' para 1'12'',6, recorde sul-americano, resultado esse apenas um segundo e oito decimos inferior ao recorde do mundo, da epoca. Cumpre notar tambem que Lenk conseguiu controle absoluto deste nado, percorrendo distancias sem o exgotamento peculiar a esse estilo, no dizer dos americanos. Lenk chegou a percorrer os 400 metros, todos em «butterfly» em 6'32'', tempo não muito inferior ao recorde mundial de «à la brasse». Esta «performance» foi cumprida na piscina do Copacabana Palace, conhecida como uma das mais duras do paiz.

A nosso ver a modalidade brasileira do «butterfly», é muito superior ao original americano, haja visto os dois nadadores acima mencionados, que, em curtissimo aprendizado, conseguiram nivelar-se aos recordistas mundiais, individuos de comkleição privilegiadas e com muito maior periodo de treinamento».

Escreva Lamego, o que acima com prazer transcrevemos, em 1937, e longe estava ele de ver confirmada a sua opinião. No entanto, dos americanos, inventores do «butterfly» é que parte o reconhecimento do valor do estilo empregado por Maria Lenk.

Se não bastassem as glorias conquistadas por Lenk, na natação feminina, sómente o fáto de ver o seu estilo considerado como melhor do que atualmente é praticado pelos seus inventores, faria de nossa campeã digna dos nossos melhores elogios e nossa gratidão.

PIEDADE COUTINHO OUTRA MARAVILHA DA AQUATICA NACIONAL

Sem ter alcançado as «performances» de Maria Lenk, Piedade Coutinho, aparece no cenário de nossa natação como uma de suas mais legítimas expressões. Também como Maria iniciou-se na prática da natação muito jovem. E sua carreira, sem ter tido a projeção internacional que teve a de Lenk, não deixa no entanto de merecer um nosso comentário.

Piedade Coutinho a «menina-prodigio» como era popularmente conhecida, foi sem favor algum a mais perfeita nadadora de «crawl», que até esta data surgiu na aquática feminina do Brasil.

Na America do Sul, sómente teve uma que lhe superou em estilo e nas «performances», conquistadas: JEANETTE CAMPBELL, a vice-campeã do mundo. Afóra esta maravilhosa nadadora, não encontrou Piedade, na America do Sul, quando do seu apogeu, adversaria com capacidade para superal-a.

«Filinha» teve seu apogeu em 1936, quando fóra de sua patria e ainda não tendo alcançado sua maior perfeição, conquistou para o Brasil o QUINTO lugar, nos 400 metros, nas Olimpíadas de Berlim, fazendo a distancia em 5'35'',2/10. Um ano depois, ou melhor, em 14 de março de 1937, na piscina do C. R. Guanabara, melhorou o recorde continental, fazendo a mesma prova em 5'30'',8!. Se tivesse em Berlim obtido este tempo, teria se colocado em 3.º lugar, bem distanciada das americanas.

Atingida pelo entusiasmo reinante Piedade alcançou o maximo de suas possibilidades, no ultimo sul-americano, realizado em Vina del Mar, no Chile, quando quebrando varias marcas continentais, foi o nosso melhor elemento do grande torneio, porquanto sagrou-se campeã dos 100, 400 e integrou ainda a turma vencedora dos revezamentos 4x100, metros, nado livre.

Pertence Piedade Coutinho à nova geração e no entanto, a «menina-prodigio», não alcançou plenamente o que todos nós desejavamos, de vez que suas qualidades não chegaram a serem devidamente exploradas. Foi por vezes vitima do ambiente esportivo, onde se desenvolveu e d'aí ter adquirido vicios que influíram decisivamente para não atingir o maximo que era de se esperar. Noutro ambiente e com treinadores mais competentes, Piedade teria se revelado ao mundo como uma de suas mais brilhantes expressões.

SÃO PAULO LIDER ABSOLUTO EM 1942

1942!... Depois de retumbantes sucessos e amargas desilusões, os paulistas reaparecem (é este bem o termo), na aquática nacional com uma maneira nunca registada por nenhuma outra representação nacional. Uma equipe das mais poderosas, vencendo o Campeonato Brasileiro de natação. Nem os cariocas quando tiveram a supremacia absoluta dos esportes

aquáticos no paiz, conseguiram triunfar da fôrma como os paulistas o fizeram em 1942, E isto porque, os bandeirantes venceram decisivamente em natação, nas provas masculinas, femininas, saltos ornamentais e polo aquatico, e com uma vantagem numerica na contagem geral a não deixar duvidas de sua real superioridade. Os resultados tecnicos sem terem alcançado o nivel verdadeiro que desfruta atualmente a nataçãõ paulista no cenario continental, foram dos mais promissores e representou o que de fãto somos atualmente neste setór esportivo.

Poderiamos alinhar nestas considerações tabelas de resultados alcançados por todos os «azes» da nataçãõ brasileira, para exemplificarmos melhor o nosso desejo de mostrar claramente o quanto fomos superiores e do progresso real da nossa nataçãõ. No entanto, julgamos desnecessario, por tratar-se de fatos de conhecimento publico e bem ventilado por toda a imprensa do paiz. Não podemos, no entanto, deixar de pôr em relevo as nossas grandes figuras e que muito vem trabalhando para o maior engrandecimento da pratica da nataçãõ no Brasil. E dentre os «azes» paulistas, um vem se destacando entre os demais. Trata-se de Willy Otto Jordan, esta figura simpatica e de grande classe. Willy, que com Maria Lenk fez uma das mais brilhantes excursões fóra do paiz, é o nosso átual recordista sul-americano em duas dificeis provas: os 100 metros nado livre e 100 e 200, em nado de peito. Teve Willy a grande honra de ser o primeiro brasileiro e nadador do continente sul-americano a percorrer os 100 metros, nado livre, abaixo de um minuto ou seja, em 58'9/10, façanha simplesmente extraordinaria.

E' bastante que se diga, que Alberto Zorilla, o melhor nadador e campeão olimpico, da America do Sul, quando do seu apogeu nunca chegou a nadar os 100 metros, em menos de um minuto. Dizendo-se isto, está dito tudo sobre o valor do resultado tecnico alcançado pelo grande nadador paulista. Além disto, Willy é bastante jovem e tem qualidades inatas para vir a se tornar um grande astro da nataçãõ internacional. Não lhes faltam qualidades. Possui bellissimo fisico a par de uma força de vontade das mais elogiaveis.

UMA VITORIA NÃO RECONHECIDA

Além de ser o nosso melhor homem nas provas de nado livre, e nado de peito, Willy teve a grande honra de ter vencido no nado de peito uma das maiores figuras da nataçãõ mundial. Willy quando da visita dos nadadores niponicos ao Brasil, depois de ter lutado com Yusa nos 100 metros, nado livre, deixando em todos magnifica impressãõ, pela sua disposiçãõ, equilibrio e trabalho dado ao grande nadador japonéz, teve a primazia de ter vencido um dos maiores estilistas do mundo: HAMURO!

Todos que assistiram à prova em Santos, na piscina do Tennis Clube de Santos, tiveram a impressãõ de que Willy foi o vencedor da prova dos 100 metros, nado de peito, e com um resultado, nada a feiar devendo a melhor marca internacional. No entanto, os dirigentes da competiçãõ, ou por engano ou por quererem ser gentis, resolveram dar

o pareo como empatado, tirando de um nacional um de seus melhores triunfos, pois foi nitida a vitoria do nadador brasileiro. Foi uma gentileza prestada a um nadador estrangeiro, muito do agrado de nossos esportistas!...

Sobre o verdadeiro valor do nadador do E. C. Pinheiros, temos sómente a acrescentar que depois de Maria Lenk, no Brasil, é Willy Otto Jordan a sua mais impressionante figura, detentor das melhores marcas continentais, tanto nos 100 metros, nado livre, como nos 100 metros, nado de peito.

Além de Willy temos que destacar José Carlos Pinto, o nosso popular «Miudo». O «garoto» do E. C. Pinheiros, se não fosse sua idade e a falta de uma educação esportiva mais apurada, poderia tornar-se como Willy uma de nossa esplendidas revelações. Infelizmente, isto não succede, por ser «Miudo» indisciplinado e d'aí por varias vezes ter sofrido criticas acerbas e que naturalmente tem influido na sua perfeição, que poderia ter alcançado o maximo não fossem tais fátors. «Miudo», é como Willy, apesar de todos estes inconvenientes, um grande campeão. E quando se dedica a fundo as provas que tem obrigação de participar e convencido de que sua atuação influirá para a conquista de um triunfo, que não seja pessoal, e sim coletivo, José Carlos, sabe inspirar confiança e obtem sempre aquilo que almeja. Foi no ultimo certame sul-americano, levado a efeito no Chile e no campeonato brasileiro de 1942, elemento de grande valia, e uma grande atração, pelo muito que fez em defesa de nossas côres. Nos 1.500 metros, nado livre, no dia em que levar a sério esta prova, poderá vir a se tornar expoente maximo do Continente. E' atualmente recordista sul-americano no revezamento 4x100 e brasileiro, nos 400, 800 e 1.500 metros, com resultados tecnicos dos mais promissores, para a natação brasileira.

Estas as duas grandes figuras do nado livre paulista e brasileiro.

A PARTE FEMININA

Na parte feminina os paulistas têm agóra duas moças de grande prestigio: Lilo Krauss e Lilly Richter. A primeira em condições tecnicas melhores e possuidora de maior classe que a ultima. Poderão as duas vir a alcançar resultados bem promissor a nossa natação, isto na hipotese de dedicar-se exclusivamente a pratica da natação, abandonando outros esportes, onde são tambem expoentes, principalmente a primeira que é a recordista no lançamento do peso e do disco. Lilo Krauss é atualmente a nossa recordista paulista dos 100 e 400 metros, nado livre, mas sem resultados tecnicos dignos de uma comparação com os conquistados por Piedade Coutinho, Ligia Cordovil, Cila Venancio ou mesmo por Helena Sales. Mas, assim mesmo, Lilo póde ser colocada na tabela das melhores nadadoras do paiz.

A equipe dos paulistas tem ainda como elementos de valor, Winnifried Jordan, Totila Jordan, «Chocolate» e outros, sem possuirem, o

mesmo prestígio dos «azes» do passado e nem tampouco os resultados técnicos conquistados por estes que já citamos e que não voltarão infelizmente ao cenário da aquática nacional.

A NATAÇÃO BRASILEIRA ATUAL

Sem querermos ser pessimistas e tendo por escopo exclusivamente a verdade dos fatos comprovados, depois de termos rememorado as fases mais distintas da evolução e progresso da aquática nacional, bem a contragosto chegamos ao fim deste nosso trabalho, com o espírito nada propenso a otimismo. Muito se vem fazendo para maior desenvolvimento da nossa natação. O panorama de atividades dos técnicos, dos dirigentes, é verdadeiramente promissor e agradável. Todas as entidades especializadas trabalham com maior amor e dedicação no afan de criar um ambiente simpático ao público que desconhece a beleza de uma justa natatória. A propaganda tem sido intensa, mas, sem ter até este momento colhido o que era de se desejar. A natação praticada e assistida pelo que os desconhessem.

Com a conquista de um campeonato sul-americano foi o de 1939, no Chile, fóra de nossa pátria, fato de notável repercussão nos annais esportivos do paiz e da America do Sul; a conquista de varios e numerosos recordes continentais com nitidos reflexos no mundo; a presença de mais ou menos numerosa de assistencia aos certames levados a efeito em São Paulo e no Brasil; os Campeonatos dos infanto-juvenis, certames basicos para a formação do futuro de qualquer esporte; a oficialização; a construção de mais piscinas; o aperfeiçoamento dada vez maior de nossos técnicos; mesmo assim, apresenta-se o panorama aquático pobre de valores, principalmente góra que não podemos mais contar com a presença de Maria Lenk, Piedade Coutinho, Cecilia Heilborn, Ligia Cordovil, Cila Venancio, Edith Heimpel, no sétor feminino e no masculino, valores como Vilar, Isaac, Benevenuto, Mosquito, Aluizio Lage, Vasconcelos, Arp Barbosa, Alvaro Tatto, Cabalerc e outros, que não têm no momento substituto a sua altura. E tanto assim é que para um confronto internacional, no momento, no sétor masculino contamos apenas com tres homens capazes de ter uma atuação brilhante: Willy, Paulinho Fonseca e Silva e José Carlos Pinto, dois homens em nado livre e um em nado de costas. Na parte feminina, então é dolorosa a nossa situação. O abandono foi geral e de difícil substituições. E surgem estas perguntas: Qual a nadadora de peito no Brasil, atualmente, capaz de substituir uma Maria Lenk? Qual a nadadora de nado livre, capaz de substituir uma Piedade Coutinho? Qual a nadadora do Brasil, capaz de substituir no nado de costas, esta extraordinaria Cecilia Heilborn?

E o péor não é a negativa das respostas. E' que nem em formação temos jovens capazes de substituil-as. Tanto aquí como no Rio as nadadoras que disputam os campeonatos estão longe, muito longe de alcançarem as «performances» destas notaveis nadadoras que agóra abandonaram definitivamente as competições.

OS CAMPEONATOS INFANTO-JUVENIS

Apesar destas deserções e com substituições difíceis de serem sanadas, temos o consolo da realização cada vez mais acentuada dos torneios para os nossos futuros «azes». Para isto é que chamamos a atenção de nossos dirigentes. Temos que realizar maior numero de competições entre as classes de infantis e juvenis, no intuito de podermos para o futuro contar com uma reserva sempre mais elevada de novos elementos, para não succeder o que está infelizmente acontecendo. A deserção de um grande «az» inflúe decisivamente no nosso enfraquecimento. Sabemos que não se improvisa um grande nadador de um momento para outro. E por estarmos ao par do quanto exige de sacrificios e dedicação a formação de um «crack», é que sentimo-nos à vontade, para desejarmos o maior numero de torneios dedicados aos infanto-juvenis do Brasil.

O EXEMPLO DE MINAS GERAIS

Em 1938, no «Diario de São Paulo», tivemos oportunidade de chamar a atenção dos paulistas sobre o trabalho que vinha desenvolvendo Carlos de Campos Sobrinho; à testa da secção de natação do Minas Tennis Clube. Chegamos mesmo a dizer, que não seria um fenomeno, se os mineiros dentro de um ou dois anos, viessem a liderar a natação infanto-juvenil do paiz. E' que presenciámos de perto o trabalho de «Carlito». Vimos a reserva de bons elementos com que ele contava para a formação futura de uma poderosa equipe. E o ultimo Campeonato Brasileiro, aqui levado a efeito, na piscina do Pacaembú, foi a demonstração cabal do quanto tínhamos anteriormente afirmado, éra a expressão da verdade. Venceram os mineiros de maneira assombrosa e deixando em todos a impressão de que serão no futuro os campeões do Brasil. Isto porque, não foi só a conquista de pontos, na contagem geral daquele grande torneio. Espelharam os mineiros uma superioridade tecnica sem precedentes na historia da natação brasileira. Apresentou um garoto fazendo os 100 metros, em nado livre, em um minuto e tres segundos, resultado que é atualmente o recorde do Brasil para a classe. Triunfaram em tudo e por tudo. Desde a vitoria individual, como nas «performances», dos seus nadadores. Levaram para Bélo Horizonte, não só grande titulo, como também a maioria dos recordes nacionais, de quasi todas as provas, constantes do programa do maximo certame nacional, dos infanto-juvenis. Foi uma vitoria que marcou epoca na historia da natação nacional.

O exemplo de Minas tem que ser seguido pelos demais Estados do Brasil, para que amanhã a natação brasileira não seja somente a campeã da America do Sul e sim uma das melhores do mundo. Para isto, temos a nosso favor o clima e o valor de nossos jovens que são possuidores de qualidades inatas e infelizmente pouco exploradas pelos nossos dirigentes.

No dia em que as entidades brasileiras tiverem a mesma mentali-

dade que óra impera em Minas Gerais, onde clubes e governo andam de braços dados para o maior progresso da natação, então, todos podem ficar certos de que a natação brasileira será a maior do mundo.

UM CONSELHO AOS TECNICOS

Sem nos arrogarmos o direito de dar conselhos, no entanto, pela pratica e vida militante levamos em um clube dos mais modestos de São Paulo, sentimo-nos por isso mesmo com direitos adquiridos para ditar normas e que naturalmente, sem pedantes julgamos capazes de influir para beneficiar ainda mais um esporte que poderá futuramente ser apresentado com indices de progresso, sem precedentes em nossa historia esportiva. Assim sendo, aconselhamos aos nossos tecnicos não só a fundação de uma escola propria, como tambem de organizarem uma sociedade exclusivamente propria, com o intuito de reunidos obrigatoriamente, todos os mezes, procurassem nessas reuniões levarem aos outros conhecimentos surgidos na pratica diaria ou mesmo advindos de leituras de revistas especializadas em natação. Destas reuniões, forçosamente que surgiriam não só uma solida amisade, como adquiririam maiores conhecimentos de uma materia que dia a dia passa por modificações das mais espantosas. Além de crearem um intercambio dos mais interessantes, para a vida profissional que levam, naturalmente que teriam de ajuntar ao seu cabedal de tecnicos novidades que futuramente irão influir de maneira justa e bem significativa para o melhoramento cada vez maior da natação brasileira.

A troca de ideias entre tecnicos é preciosa, analisada sob qualquer aspéto. Os tecnicos precisam serem unidos, para desta união formarem mais tarde o arcabouço do futuro de sua profissão. Quanto mais cultos forem, maior será o progresso do esporte que têm brigação de ministrarem.

FINALIZANDO

Aí está o nosso trabalho. Fizemos o possivel para apresental-o de acôrdo com a étnica e de uma maneira facil para compreensão dos que não entendem de natação. Queremos frizar e fazemos questão de afirmar que fomos movidos a levar avante este trabalho, inteiramente pelo grande desejo de servir a um esporte dos mais salutaes ao futuro de nossa raça. Si agradar; muito bem. Ficamos satisfeitos por termos cumprido com nosso dever. Mas, de que maneira, cumprimos com nossa obrigação de bem servir a nossa classe, muito bem representada pela A. C. E. E. S. P. e ao desejo do São Paulo F. C. de oferecer aos cronistas uma oportunidade para fazer algo de proveitoso em beneficio dos esportes patrios.

Serie "Medicina Esportiva"

P R E M I O S

1.º — "Controle Medico-Esportivo"

Autoria do Dr. Miguel Beraldi

Menção honrosa — "A importancia da vigilancia
medica no esporte brasileiro"

Autoria de Thomaz Mazzoni (Olimpicus)

COMISSÃO JULGADORA

Dr. Leite de Castro

Dr. Piragibe Nogueira

Dr. Erlindo Salzano

CONTROLE MEDICO ESPORTIVO

PAPEL DO MEDICO ESPECIALIZADO

A prática do esporte atinge a sua finalidade, que é de beneficiar o organismo do praticante, quando orientada de maneira superior, baseada em princípios científicos.

O que se tem feito, e o que se faz comumente em nosso meio, é uma prática sem controle, empírica, e é por isso mesmo que muitos casos dolorosos têm sido registrados até hoje, casos esses que, prevenidos por um exame médico-esportivo prévio, poderiam ter sido surpreendidos, e prevenidas as vítimas de um agravo de seu mal.

Esse controle dos esportistas, só se torna possível quando a orientação

Esse controle dos esportistas só se torna possível quando a orientação é ditada por um médico especializado no assunto. — Este no Curso de Medicina Esportiva que realizou, conheceu de perto os efeitos dos exercícios sobre o praticante, não só teórica mas ainda praticamente, e pode então avaliar o quantum de energia dispõe o esportista, e como pode dela fazer uso durante o trabalho desenvolvido no treinamento e em competição.

Infelizmente, até hoje, a importância das funções do médico especializado não foi devidamente compreendida. De uma maneira geral, se considera como atribuição do médico que exerce sua atividade em agremiação esportiva, apenas o tratamento dos acidentes provenientes da prática dos exercícios. Fica desse modo à espera de que algo aconteça para entrar em funções.

Reserva-se-lhe então um papel menos importante do que lhe compete, e a sua atividade se limita a um campo bastante restrito dentro de sua especialidade. — Se a sua função se resumisse apenas nisso, não precisaria o mesmo fazer um curso intensivo, rigoroso mesmo, de Medicina Esportiva, já que os conhecimentos adquiridos na Faculdade são por si só suficientes para a resolução de tais casos.

A importância do seu trabalho se demonstra evidente, quando se lembra o que pode realizar para prevenir os males decorrentes de uma prática físico-educacional mal conduzida. Usa para isso de uma espécie de terapêutica preventiva, enquadrando-se dessa forma no espírito da medicina moderna, a Medicina Preventiva.

A prática esportiva muitas vezes influenciada pelo entusiasmo imprevidente dos militantes jovens, pelo espírito de vitória dos adultos mal preparados, e pela ignorância de seus dirigentes, técnicos e treinadores, conduz a exageros frequentes e prejudiciais, a gastos inúteis de energias,

do que resulta a transposição do limiar de normalidade para a saúde dos praticantes, e o estabelecimento de verdadeiras doenças do esporte, em analogia ao que se passa com as chamadas moléstias profissionais.

O esporte consome relativamente mais energia do que o trabalho comum, pois que nas poucas horas de sua prática, submete o indivíduo a um gasto intenso do que tem armazenado. Se a sua prática se fizer empiricamente, observa-se então o desperdício inútil de energias que as reservas não podem fornecer. Não havendo uma reparação conveniente para os gastos feitos, o organismo entra em deficit, e o indivíduo que procurou o esporte para melhorar as suas condições físicas, obtem do mesmo um prejuizo por vezes comprometedor.

Ao entrar em contato com a turma que vai orientar, o médico procura logo se certificar, por um exame de capacidade, sobre as condições gerais que cada um apresenta. Estabelece em seguida as diretrizes que devem nortear o trabalho dos técnicos, treinadores e professores de educação física, que vão exercer as suas funções junto à agremiação esportiva em apreço. A esse exame de capacidade inicial, seguir-se-ão outros, posteriormente de tal forma que todos os praticantes ficam em controle constante pelo médico, que verificará assim o aproveitamento dos exercícios.

Esse trabalho a desenvolver numa coletividade esportiva se estende desde as crianças até aos adultos, desde aqueles que praticam o esporte por prazer até aqueles que fazem do esporte uma profissão. O controle apresenta certas características quando realizado em crianças, diferenciando-se em parte daquele que se estabelece para os adultos.

Considerando-se o número geralmente grande de indivíduos que o médico terá sob controle constante, impõe-se a necessidade do mesmo ser realizado por intermédio de processos práticos, e que ao mesmo tempo sejam de execução rápida, e permitam com segurança conclusões satisfatórias. Procurando dessa forma abolir o mais possível tudo que é inútil no controle médico-esportivo, achamos que o mesmo deve diferir da criança para o adulto.

CONTROLE MÉDICO-ESPORTIVO PARA AS CRIANÇAS

Considerando que as crianças se encontram em crescimento constante, impõe-se a escolha de um processo, que permita estabelecer certa relação entre o crescimento e o efeito produzido pelos exercícios físicos.

Deve-se então de início conhecer os dados morfo-fisiológicos do indivíduo, para que o exame de capacidade possa ser perfeito. Realiza-se desse modo o fichamento médico biométrico, e para tal achamos conveniente o emprego de uma ficha que permita um fichamento rápido, escoimado de inutilidade. Satisfaz plenamente esta condição a ficha biométrica fundamental, de autoria dos drs. Erlindo Salzano e Artur Alcaide Valls, ilustres oficiais médicos da Fôrça Policial do Estado de São Paulo, ficha esta que é objeto de um nosso trabalho em colaboração com o ilustre colega dr. Waldemar Teixeira Pinto, e que está prestes a vir à luz, encontrando-se atualmente no prelo.

Esta ficha inclui os dados morfo-fisiológicos indispensáveis tais como: altura, pêso, busto, envergadura, segmentos de membros tanto superiores como inferiores, diâmetro bi-acromial, diâmetro Bideltaideano, diâmetro anterior do torax, diâmetro transverso do torax, capacidade vital, fôrça manual, escapular e fôrça lombar. A Mensuração destes dados permite que se faça um juízo seguro sobre a capacidade individual.

Estes dados se encontram dispostos na ordem citada, em linhas horizontais, sendo estas cruzadas por linhas verticais encimadas por números que vão desde o 0 até o 20. Estes números indicam idades. Nos quadrinhos assim formados se inscrevem os valores médios-normais para cada dado e idade correspondente, valores estes tirados em estatísticas. Quer então dizer que em cada uma das 20 colunas verticais, se encontram os valores normo-estatísticos para a idade considerada.

Tiradas as diferentes medidas, estas não são transcritas na ficha; marcam-se na mesma, por pequenos pontos, os lugares que apresentam valores iguais aos que se obtém na mensuração do indivíduo, e ligados estes pontos por linhas obtem-se depois um traçado vertical, representado quasi sempre por uma linha quebrada, que constitue o chamado perfil morfo-fisiológico, como se pode ver na fig. 1.

	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
ALTURA	96	99	102	105	108	111	114	117	120	123	126	129	132	135	138	141	144	147	150	153	
PESO	13	14,5	16	17,5	19	20,5	22	23,5	25	26,5	28	29,5	31	33	35	37	39	41	43	45	
BUSTO	50	51,5	53	54,5	56	57,5	59	60,5	62	63,5	65	66,5	68	69,5	71	73	75	77	79	81	
ENVERGADURA	102	105	108	111	114	117	120	123	126	129	132	135	138	141	144	147	150	153	156	159	
BRACO															20						
ANTEBRAÇO														17							
MÃO														8							
M. INFERIORES														68,5							
CÔXA														30							
PERNA														25							
PÉ														13,5							
DIAM. BIACROMIAL														30,5							
DIAM. BIDEDELTOIDEANO														34,5							
DIAM. BITROCANTERIANO														23							
DIAM. TR. TORAX														20							
DIAM. ANT. POST. TORAX														15							
CAP. VITAL														2.200							
F. MAN. MANUAL														37							
F. ESCAPULAR														28							
F. LOMBAR														85							

A fig. 1 representa o resultado gráfico do fichamento de um indivíduo que apresentaria uma altura de 1m38, pêso 37quils., busto 69,5, envergadura 1m41, braço 20, antebraço 17, mão 8, membros inferiores 68,5, diâmetro bi-acromial 30,5, diâmetro bi-deltaideano 34,5, diâmetro bitrocantariano 23, diâmetro transverso do torax, 20, diâmetro antero posterior do torax 15, côxa 30, perna 25, pé 13,5, capacidade vital 2.200, fôrça manual 37, fôrça escapular 28, fôrça lombar 85; estes números foram por nós supostos, para facilitar a explicação, assim como as medidas normo-

estatísticas que estão assinaladas nos quadrinhos. Reunidos todos os pontos resultantes da marcação feita, obteve-se a linha quebrada que se vê no gráfico, vertical, ao redor da coluna encimada com o número 14. O que significa isto? Isto demonstra que os dados do indivíduo mensurado estando mais ou menos ao redor dos correspondentes à idade de 14 anos, deve-se-lhe estabelecer a idade fisiológica de 14 anos, embora não seja essa a idade cronológica. Estabelecemos assim um conceito científico de idade fisiológica, à custa de um processo simples, baseado no perfil morfo-fisiológico representado pela linha quebrada de que já falamos.

O conhecimento da idade fisiológica tem uma importância extraordinária, desde que, baseada apenas nela, poderemos então dividir os indivíduos em grupos homogêneos, evitando-se desse modo a heterogeneidade das turmas que eram grupadas de acordo com a sua idade cronológica, como se todos os indivíduos da mesma idade tivessem as mesmas aptidões físicas. Consegue-se então um grupamento homogêneo científico, e às diferentes turmas formada pode-se administrar o gênero de educação física aconselhada.

Esse grupamento homogêneo realizado de acordo com o método francês de educação física, nos permitirá a divisão das crianças em dois ciclos: o elementar e o secundário. No ciclo elementar, que dividido em 4 graus, compreende crianças de 4 a 13 anos, a educação física deve ser norteadada no sentido de desenvolver normalmente as aptidões físicas da criança, chamando-se a atenção particularmente para a função respiratória, e para a correção das atitudes defeituosas. No ciclo secundário, dividido em dois graus, em que se enquadram os indivíduos de 13 a 18 anos, a educação física deve procurar desenvolver a força, destreza, harmonia de formas, resistência e a virilidade.

A educação física e a prática esportiva passam assim do terreno empírico para o campo científico.

Realizado o exame de capacidade, e estabelecidas as normas para a prática a que a criança vai se submeter, devem-se repetir os exames, o mais amiúde possível. O fichamento feito nos colégios, 2 vezes por ano, não satisfaz, pois, especialmente em certas idades, o crescimento se faz muito depressa e a comparação dos dados se torna um tanto distante. Em certos períodos, em que o crescimento se acelera, como sucede na puberdade, seria conveniente a realização do fichamento pelo menos mensal, e confrontados os resultados poder-se-ia falar sobre o aproveitamento dos exercícios.

Qualquer anomalia verificada no confronto de dado por dado, ou de perfil para perfil, deve merecer maior atenção impondo-se a pesquisa da causa que determinou tal cousa. Se a causa é de ordem clínica, deve o indivíduo submeter-se à terapêutica aconselhada, e se a origem se encontrar numa orientação errada da prática esportiva, deverá ser esta corrigida.

A ficha biométrica fundamental que aconselhamos além de permitir uma idéia rápida sobre as condições do indivíduo, já que a análise do perfil é rápida e fácil, apresenta ainda a vantagem de ser única para todas as idades, de tal forma que um mesmo indivíduo poderá ter uma só ficha

para toda a vida. O confronto dos diferentes perfís traçados nos vários fichamentos, permitirá que se fale sobre o crescimento, si ele se processou normalmente ou não, e qual a influência dos exercícios físicos realizados. Da mesma forma, se os perfís apresentarem cada vez maior tendência para a vertical, desfazendo-se aos poucos das linhas quebradas que o compõem, teremos motivo para dizer, que a educação física foi bem conduzida, pois o organismo do praticante se apresenta com uma harmonia de formas patente.

Para as crianças classificadas entre 16 e 18 anos, e especialmente aquelas que constantemente entram em disputas e competições esportivas, convem incluir no controle além do que consta no processo de fichamento também outras provas, principalmente uma prova funcional cardíaca, a prova de pulso, sobre a qual falaremos mais adiante.

CONTROLE MÉDICO-ESPORTIVO PARA OS ADULTOS

Para os adultos devemos também fazer inicialmente um exame de capacidade, o que se consegue também num fichamento. — A ficha biométrica fundamental também serve para os adultos, embora neste caso apresente ligeiras diferenças. Os dados morfo-fisiológicos são os mesmos, enquanto que nas colunas verticais, em número de 10, os números não indicam idades. Estas colunas numeradas de 0 a 10, marcam os limites de normalidades, e a coluna marcada pelo número 5 representa a média. Já nesse caso, dentro do critério de normalidade, podemos fazer uma subdivisão, e os perfís traçados após as mensurações indispensáveis, poderão situar-se entre o 0 e o 5, ao redor do 5 ou então próximo do 10. Diremos então que o perfil colocado entre o 0 e o 5, mais próximo daquele, pertence a um indivíduo normal fraco, ao redor do 5 corresponde ao normal médio, e próximo do 10 identifica o normal forte. Noutro caso, si o perfil estiver aquém do 0, com medidas que fazem lembrar as correspondentes às medidas normais de 20 anos, ou pouco menos, tem que ser classificado como pertencente a um indivíduo poupado. Si o perfil fôr além da vertical encimada pelo 10, identificará um indivíduo que deve ser classificado como selecionado.

Como vemos, o emprego da ficha permite, à custa do perfil, um exame das condições do indivíduo, que para a prática esportiva será considerado poupado, normal fraco, normal médio, normal forte, ou selecionado. De acôrdo com esta classificação pode já o médico determinar a possibilidade do indivíduo se entregar à prática deste ou daquele esporte, desde que o esforço produzido tem que atender às condições físicas.

Feita a classificação dos indivíduos, deve o médico em seguida fazer verificações periódicas, e neste caso já não interessam tanto os dados morfológicos, desde que tratando-se de adultos, cujo crescimento já estacionou, os mesmos não se modificam a não ser em condições todas especiais quando um fator estranho vem intervir. A verificação periódica deve ser feita portanto sobre os dados que pode ser influenciados pelos exercícios físicos, e estes são os dados fisiológicos.

Os exercícios físicos, e o esporte ativando as funções orgânicas exercem incontestável influência sobre os diferentes aparelhos, e desse modo os dados fisiológicos que traduzem o funcionamento desses aparelhos também se modificam.

Entre os diferentes dados fisiológicos, achamos mais importantes o peso, a capacidade vital, a força manual, a força escapular e lombar. — Além disso, deve-se utilizar uma prova funcional cardíaca, atendendo a importância do papel representado pelo aparelho circulatório.

O PESO. — É um dos dados que mais frequentemente se modificam já que exprimindo o estado de nutrição do indivíduo, está em relação aos efeitos que os exercícios determinam sobre o metabolismo tissular.

A diferença de peso nos indivíduos examinados é por vezes grande, e de acordo com o mesmo pode estabelecer uma classificação em indivíduos hipernutridos, normais e hiponutridos. O peso por vezes exagerado dos hipernutridos é devido ao acúmulo de gordura nos tecidos, gordura esta que, classificada como substância de reserva é consumida pelo organismo, em parte, quando o mesmo se encontra sujeito a um esforço maior, como sucede com o exigido na prática esportiva. A gordura é então utilizada, dizendo-se impropriamente que ela se funde; o que se verifica em verdade é um aumento do metabolismo, que exigindo maior número de calorias vai encontrá-las na gordura, que atende assim à sua função energética. Com isso se processa uma diminuição de peso, e o mesmo se observa com os indivíduos normais e os hiponutridos quando iniciam a prática esportiva.

Numa primeira fase dos exercícios físicos, tanto perdem peso os hipernutridos como os demais portanto; com o prosseguir da atividade física, numa segunda fase, como poderíamos dizer, continuam a perder peso os hipernutridos, enquanto que os demais estacionam. Numa terceira fase verificamos que o peso dos hipernutridos continua caindo, enquanto que os normais recuperam o seu peso anterior e os hiponutridos ganham um peso maior que o primitivo.

Si a perda de peso nos hipernutridos pode ser explicado pelo consumo da gordura depositada, qual seria a causa do aumento de peso nos hiponutridos? Neste caso poderemos então lembrar que o efeito dos exercícios físicos se fez sentir de modo tal, que a vitalidade dos tecidos tornou-se maior, e conseqüentemente, melhorando a nutrição dos músculos, estes se desenvolveram, e adquirindo maior volume conquistaram maior peso. — Nos indivíduos normais, a perda de peso inicial pode ser explicada também pelo consumo de gordura, e a recuperação pela ativação do metabolismo, que provocou por isso mesmo, melhores condições de vida para os tecidos, e um desenvolvimento muscular relativo.

Pela comparação dos valores do peso, tirados constantemente, poderemos então estabelecer conclusões sobre o efeito dos exercícios praticados, e si a diferença estabelecida for muito grande, sobrevindo por isso perturbações próprias de um super-treinamento, deve o médico aconselhar a atenuação dos exercícios, para que os mesmos não passem a prejudicar o organismo do indivíduo em questão.

A CAPACIDADE VITAL — Este dado, exprimindo a quantidade máxima de ar que o indivíduo introduz no período de ofego produzido pelo exercício intenso, indica por isso mesmo a maior disponibilidade de oxigênio nesse momento para a função respiratória. A capacidade vital pode ainda orientar para se ter um juízo sobre a função respiratória. Quando é nitidamente inferior à média, para uma determinada idade ou em relação a outros fatores que a fazem variar, comumente, pode a causa ser encontrada em defeitos nasais, insuficientes mobilidade e desenvolvimento da caixa torácica, fraqueza dos músculos respiratórios, etc. do que vem resultar a necessidade de seu estudo acurado afim de verificar a possibilidade da prática esportiva.

Quando a capacidade vital se encontra num valor médio-normal, ela exprime um equilíbrio na função respiratória, em relação às necessidades orgânicas em oxigênio. — No caso de seu valor se encontrar acima da média normal, e muito especialmente quando o indivíduo nunca praticou qualquer espécie de cultura física, tem-se um sinal de boa capacidade de adaptação ao trabalho, como o grau maior de seu metabolismo.

O valor da capacidade vital já fôra assinalado por Boigey, que dizia: «A capacidade vital é um índice certo de vitalidade do organismo», — e com isso concordam outros autores, citando-se dentre outros Dreyer que é de opinião que a capacidade vital dá indicações importantes sobre as exatas condições físicas do indivíduo.

A capacidade vital apresenta um aumento no seu valor mensurado de início, quando o indivíduo se entrega à prática desportiva. — A educação física e especialmente a ginástica respiratória, aumentando a excursão respiratória, aumentam também com o tempo o valor torácico e a capacidade vital. Esse aumento pode ser até de 2 litros, quando a ginástica é praticada ao ar livre, sendo mais reduzido quando a prática se fizer em recintos fechados.

Para exemplificar este fato, lembramos as observações de Brizard, em Peter Bent Brigham, onde os indivíduos após 8 semanas de um treinamento atlético bem conduzido apresentaram um aumento da capacidade vital para mais de 20% sobre o valor primitivo.

O grande valor deste dado funcional respiratório torna obrigatória a sua mensuração repetida, afim de se verificar as condições do aparelho respiratório durante a prática físico-lo-educacional. — A capacidade vital deve aumentar, porque assim o exige a maior quantidade de oxigênio, necessário para a queima dos produtos tóxicos que se formam durante o trabalho muscular. — Da comparação dos resultados obtidos com o espirómetro, e quando esta não for notada, excluída a hipótese de influência de causa patológica, tornar-se-á necessário intensificar a ginástica respiratória.

Chamamos aquí a atenção para o fato, muitas vezes observado de que os nossos esportistas, quer crianças como os adultos, não sabem respirar de modo a tirar o maior proveito possível desta função, além de não lhe darem o devido valor. Por isso mesmo julgamos imprescindível o ensino de uma prática respiratória perfeita, intercalada com os exercícios comuns de qualquer sessão de esporte ou treinamento.

FORÇA MUSCULAR. — A fôrça muscular que se avalia com o emprego dos dinamômetros, deve ser estudada como um índice de potência dos diferentes grupos musculares, pelo menos os que mais comumente entram em jôgo nos diferentes movimentos do esporte. Mede-se então comumente a fôrça manual, a fôrça escapular de pressão e tração, e a fôrça de tração lombar.

O valor de um músculo traduzido em Kgs. de fôrça, nos informa sobre o estado desse órgão, que se encontra entre os primeiros que se beneficiam com a prática da educação física e dos esportes

Esta fôrça muscular deve ser medida para se poder expressar em números o valor do músculo, desde que a simples observação do mesmo, baseada na avaliação a olho do volume e relêvo muscular, não permite que se conclua nada de positivo sobre o valor maior ou menor da potência muscular. A fôrça muscular depende do número das fibras musculares e da posição destas, da disposição do órgão em relação à sua inserção ossea mais próxima ou mais afastada de uma articulação, e principalmente da quantidade de fibras postas em trabalho pela influência nervosa. É sabido que durante uma contração muscular nem todas as fibras entram em jôgo, o que se verifica sómente quando por uma desordem nervosa a ordem motora é exagerada, e do trabalho conjunto de todas as fibras postas em jôgo resulta uma fôrça maior do que normalmente poder-se-ia verificar, — como se pode exemplificar no indivíduo que apresenta convulsões, e no qual os músculos se mostram como que endurecidos.

Lembrando-nos então da influência do fator nervoso poderemos compreender porque dois indivíduos equivalentes no que se refere à robustez física e relêvo muscular, podem em certos casos apresentar fôrça muscular diferente. Diremos então que um deles recebe em seus músculos um influxo nervoso menos enérgico do que o outro.

A influência dos exercícios físicos logo se faz sentir sobre a musculatura, e tão depressa se beneficia o músculo imediatamente aumenta a sua fôrça. — Por isso mesmo impõe-se o confronto de medidas da fôrça muscular durante o treinamento, para verificar o progresso em que se encontra o indivíduo examinado.

PROVA DE PULSO. — Esta prova é ainda denominada prova de trabalho, e se constitue numa das mais uteis senão a mais util prova funcional do aparelho circulatório.

A realização desta prova nos permite conclusões não só em relação à capacidade funcional cardíaca, mas ainda nos informa sobre as condições gerais do indivíduo, em qualquer fase, desde que ativando as grandes funções, os exercícios físicos vão por isso mesmo influenciar o funcionamento do coração e vasos, além dos órgãos que, como os pulmões por exemplo, trabalham em harmonia com o aparelho circulatório.

TÉCNICA DA PROVA DE PULSO. — A prova de pulso fazia-se antigamente com a contagem do pulso em repouso e após o exercício, representado por uma corrida rasa de 200 metros, realizada em tempo de 55 segundos mais ou menos. Devia portanto ser realizada no campo de esportes.

Os drs. Erlindo Salzano e Artur Alcaide Valls considerando o valor desta prova, procuraram então torná-la mais prática e perfeita, e assim em lugar de se realizar no campo de esportes, pode a mesma ser agora feita em gabinete, até mesmo com grande vantagem sobre o primitivo processo.

Toma-se o pulso radial em repouso durante 3 minutos, em contagens de 15 segundos, com intervalos iguais de tempo, de tal forma que o número de contagens em repouso é de 6. Nem sempre se completam estas 6 contagens, pois que a regularidade do pulso observada por exemplo em 3 contagens apenas, pode perfeitamente permitir o encontro de número igual de batimentos. Si por exemplo nas 3 contagens encontrarmos 80 batimentos por minuto (contados sempre em 15 segundos, multiplicando-se por 4), é o quanto basta para termos definido a frequência em repouso.

Em seguida mandamos o indivíduo apanhar um pêso de 4 Kgs. servindo para isso um desses pesos comumente empregados para as competições atléticas femininas. Segurando esta sobrecarga com ambas as mãos, na altura da cintura, o indivíduo executa então o exercício, 15 flexões de perna com os joelhos afastados, seguidas de outras 15 distensões, numa velocidade tal que empregue um segundo para cada movimento. O exercício assim realizado dura 30 segundos.

Terminado o exercício manda-se o indivíduo sentar-se imediatamente, preferindo-se que fique com o rosto voltado para a direita. O médico então, sem perda de tempo, usando do estetoscópio, passa a contar os batimentos, preferindo a ausculta no foco mitral. — O número de contagens e o tempo em que se realizam após o exercício variam. Assim logo após o exercício, no primeiro minuto, as contagens se fazem durante 5 segundos, com intervalos iguais de tempo, completando-se ao todo 6 contagens. — A razão desta contagem, que se realiza de 5 em 5 segundos, se encontra no fato do coração se desacelerar rapidamente, e assim o número de batimentos vai variar bastante de instante para instante. O número obtido na contagem em 5 segundos deve ser multiplicado por 12, e pode ser fornecido ao auxiliar que está anotando os resultados, tal como se contou, ou já com a multiplicação feita mentalmente, o que se torna um pouco difícil quando não se tem prática.

No segundo minuto as contagens se realizam durante 10 segundos, com intervalos iguais de tempo, e assim se obtém 3 contagens. O número obtido na contagem será então multiplicado por 6, já que ele representa a sexta parte do número de batimentos por minuto, no instante em que é tomado.

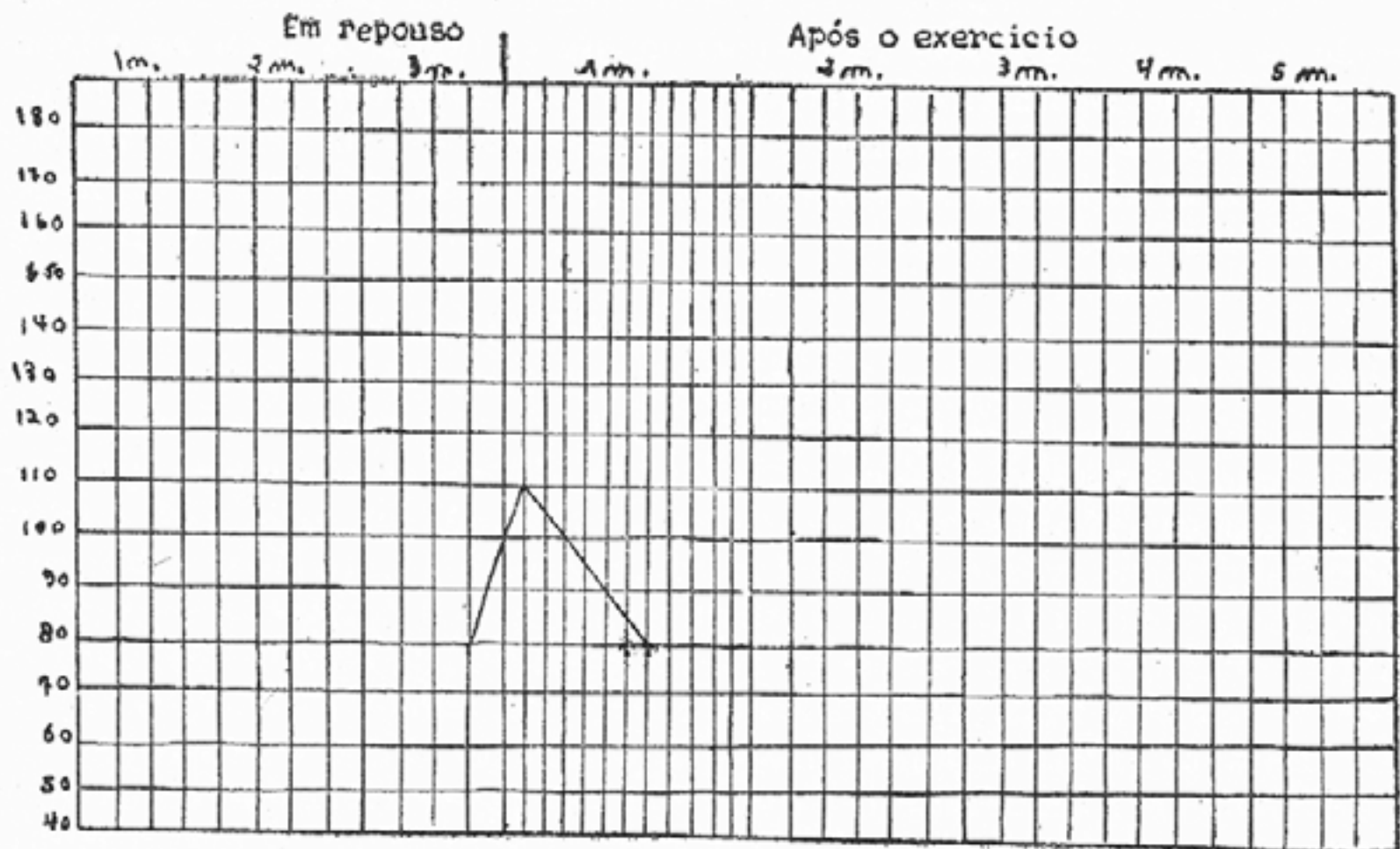
Nos 3 últimos minutos, que vem portanto totalizar 8 minutos para a duração desta prova, as contagens se fazem como em repouso, isto é, durante 15 segundos, intervalando-se sempre 15 segundos sem contagem. Obtem-se desse modo 2 contagens por minuto, o que dá 6 contagens para estes 3 últimos minutos.

Fica assim terminada a prova que realizada regularmente dura 8 minutos, e comporta 21 contagens. — Nem sempre a prova tem esta duração, pois que, como já foi frizado mais atrás, nos casos em que o pulso em repouso se mostra com a frequência absolutamente regular não precisaremos empregar os 3 minutos do repouso para as contagens. Além disso,

nem sempre também se empregam os 5 minutos de após o exercício para as contagens; com efeito, as contagens após o exercício se fazem com o intuito de verificar em que tempo o pulso volta à frequência habitual do repouso, em que tempo se processa a volta à calma, como se costuma dizer. Si esta volta à calma se der no primeiro ou no segundo minuto após o exercício por exemplo, não se torna mais necessário prosseguir na contagem.

Para dar uma expressão por assim dizer matemática da prova, os seus autores idealizaram um gráfico que a representa, e cuja observação é fácil e se pode fazer rapidamente.

GRÁFICO DA PROVA DE PULSO. — A representação gráfica da prova se faz, como se vê na fig. 2, empregando-se as linhas verticais.



para designar os tempos das contagens, primeiro, segundo, terceiro minutos em repouso, e primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto minutos após o exercício. Cada uma dessas colunas verticais está dividida de acordo com as necessidades das contagens; as 3 primeiras, do repouso, divididas em quartos, desde que as contagens se fazem em quartos de minuto. A primeira após o exercício está dividida em 12 partes, desde que as contagens se fazem em 5 segundos, isto é, a duodécima parte de um minuto. A segunda após o exercício está dividida em 6 partes, já que as contagens se fazem em 10 segundos, isto é, a sexta parte de um minuto, e por último as 3 restantes apresentam-se divididas também em quartos, pois que as contagens se fazem aqui em quartos de segundo.

Nas linhas horizontais se encontram marcadas as diferentes frequências que podem ser encontradas no pulso, desde 40 até 180, valendo cada divisão 10.

Apresentando assim o gráfico, vamos ver então como é que se deve proceder para registrar os resultados colhidos com a prova. — O médico

contando o pulso, vai ditando a um auxiliar as frequências encontradas, e este procura marcar no quadro os pontos correspondentes às frequências dadas e aos tempos considerados, do repouso e após o exercício. Terminada a prova têm-se a marcação de diferentes pontos, que ligados posteriormente por linhas, estabelecem o gráfico da prova de pulso realizada.

Na fig. 2, vemos um gráfico traçado, e que resultou da união dos diferentes pontos marcados nas contagens. Trata-se no caso, de uma prova realizada num indivíduo durante os minutos regulamentares para a prova. Em repouso, como se vê, a frequência manteve-se numa regularidade absoluta, sempre com o valor de 80 batimentos por minuto. Logo em seguida ao exercício, durante o primeiro minuto, as 6 contagens deram as frequências de 110, 100, 90, 80, 80, 80, processando-se dessa forma a volta à calma já no primeiro minuto após o exercício. — Daí por diante, nas 9 contagens realizadas durante os 4 últimos minutos da prova, a frequência se manteve normal, sempre com 80 batimentos por minuto.

Esse exemplo foi por nós suposto, pois nem sempre, ou melhor muito raramente se obtem um gráfico assim sem um acidente digno de nota. É muito comum acontecer que as frequências ditadas, não sejam 110, 100, etc. que poderíamos chamar de números redondos; muitas vezes obtemos nas contagens frequências de 115, 94, 87, por exemplo, e nesse caso a marcação deve ser feita lembrando-se que cada divisão horizontal vale 10, procurando-se então posição intermediária entre duas divisões para o valor constatado. Se este apresentar-se como 115, deve ser marcado exatamente na metade do espaço que vai da coluna 110 à coluna 120, e assim por diante.

INFORMES DADOS POR ESTA PROVA DE PULSO. — As informações que esta prova nos dá, são das mais importantes, e elas começam a existir já no início da prova.

A tomada do pulso radial em repouso, nos permitirá desde logo estabelecer a frequência normal do mesmo, e de acôrdo com o valor encontrado poderemos esclarecer uma taquicardia, bradicardia, ou frequência regular. A frequência regularmente varia entre 50 a 100 batimentos por minuto, sem que se possa falar em uma disfunção. Contudo esses limites são sempre suspeitos, sendo o indivíduo considerado normal, sómente quando outras provas efetuadas para esclarecer a questão nada mostrarem de novo em relação à qualquer causa patológica.

Em média, a frequência em repouso gira em torno de certos limites, podendo-se estabelecer 70 a 80 batimentos por minuto como média normal, como o demonstram estatísticas já realizadas. Assim, no Serviço Médico Especializado da Escola de Educação Física da Fôrça Policial do Estado de São Paulo, durante o alistamento de voluntários, após o registro de frequência do pulso em repouso em centenas de indivíduos, estabeleceu-se como média normal estatística a frequência de 76 batimentos por minuto.

A tomada do pulso em repouso tem valor para quem se dedica à educação física e aos desportos, porque logo se faz sentir a influência sobre o aparelho circulatório. Nota-se então no indivíduo que se entrega

ã prática de exercícios físicos bem dosados, mais ou menos no fim do primeiro mês, que o seu pulso torna-se mais regular em repouso e a frequência do mesmo baixa. No fim do segundo mês da prática esportiva, nota-se nova baixa na frequência, e daí por diante esta vai manter-se num valor estacionário, lembrando por vezes uma ligeira bradicardia, falando-se mesmo na bradicardia do treinamento.

Mas não é somente a frequência que interessa em nosso caso. Procuramos também observar no pulso radial, as outras características, e diremos então si o pulso é cheio, tenso, dicrótico, se apresenta extra-sístoles, se mostra arritmias periódicas com fases de bradi e taquicardia, etc. — O pulso deve ter então não só uma frequência regular, mas ainda deve apresentar um ritmo normal. Por vezes o pulso é rítmico e irregular, e em outros casos sucede exatamente o contrário, havendo arritmia com uma regularidade. Sempre que qualquer dessas anomalias for verificada, deve ser a mesma anotada no gráfico, sobre o traçado do pulso em repouso.

A observação do traçado obtido em repouso, pode logo demonstrar si a frequência se manteve sempre constante, ou se apresentou alterações motivadas por vezes pela emotividade do indivíduo, ou ainda por causa patológica que ora acelera ora retarda o pulso.

A observação do que se passa em seguida ao exercício tem maior importância ainda, não só porque vamos ver como se portou o indivíduo em relação ao trabalho desenvolvido, mas ainda porque nesta fase se emprega a ausculta direta do coração.

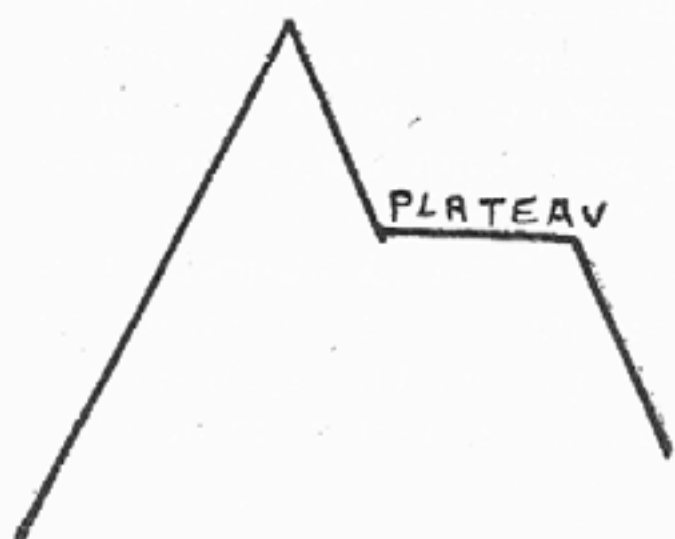
A primeira contagem feita após o exercício, demonstra logo a diferença da nova frequência com a correspondente do repouso. Esta diferença recebe a denominação de aceleração absoluta, sendo os seus valores citados entre 30 a 60 batimentos. — Esta aceleração absoluta, foi estudada por Ionescu, na Escola de Educação Física de Bucarest, em alunos do primeiro, segundo e terceiro ano do curso de educação física. — Este autor encontrou em média uma aceleração de 40,87 para os alunos do primeiro ano, 41 para os alunos do segundo ano, e 43,74 para o terceiro ano. Isto demonstra que nos indivíduos mais treinados, como o eram forçosamente os do segundo e terceiro ano, a aceleração apresenta-se maior, o que parece talvez paradoxal. — No entanto é o que de fato se observa nos indivíduos treinados, nos quais a ação benéfica dos exercícios se faz sentir na redução do tempo de volta à calma; isto é, nestes indivíduos o seu pulso volta à frequência normal do repouso em tempo mais curto.

A aceleração absoluta quando é maior de 60, torna-se suspeita, podendo-se então logo vislumbrar uma causa qualquer, que será melhor esclarecida em um exame mais rigoroso das condições circulatórias. Quando a frequência do pulso é grande em repouso, e a aceleração produzida pelo exercício é pequena, temos um sinal de deficiência cardíaca evidente. Já existe nesse caso uma cardiopatia, e o indivíduo após o exercício, sente-se mal, ofegante.

No caso de se encontrar uma aceleração grande, seguida de uma desaceleração rápida, processando-se a volta à calma em tempo normal,

nada de novo em relação à qualquer fator patológico pode ser apontado, o contrário se dando quando esta proporcionalidade deixa de existir. — Contudo, embora no primeiro caso não se possa falar em fator patológico, convem sempre pesquisar a causa da grande aceleração com exames mais demorados.

A análise do gráfico pode-nos mostrar no período da desaceleração certas irregularidades. Assim, a aceleração que se caracteriza no gráfico



por uma linha para baixo, e da esquerda para a direita, pode em certos casos apresentar um plateau, como se verifica na fig. 3. Quer isto dizer que o número de batimentos em determinado momento hepete o anterior, e os dois pontos sendo marcados no mesmo plano por uma reta, estabelecem o plateau. Sempre que isto se verificar teremos um sinal e deficiência que deve ser melhor estudado, e este sinal adquire maior valor quando o plateau se repete em outra porção do gráfico, ainda na fase de desaceleração. — Muitas vezes já na ausculta se encontra elementos para esclarecer a origem do plateau.

A desaceleração pode em alguns casos ser rápida no início, tornando-se em seguida mais lenta, a ponto de não sentir uma volta à calma no tempo normal de 5 minutos, e aqui estará atuando qualquer fator patológico, desde que se conseguiu pôr de lado a hipótese da emotividade. Será então conveniente considerar o caso merecedor de maiores cuidados, procurando-se logo o esclarecimento necessário.

Os indivíduos que se iniciam na prática esportiva apresentam uma fase de desaceleração mais rápida, à medida que proseguem com os exercícios. Assim, no fim do primeiro mês de prática esportiva bem orientada, a desaceleração se beneficia, voltando à calma já no segundo minuto após o exercício, e com o proseguir da atividade física verifica-se no fim de 2 meses mais ou menos uma desaceleração mais rápida ainda, e a volta à calma passa a se processar num minuto, ou em minuto e meio após o exercício. Daí por diante a desaceleração se mantém num mesmo valor, evidenciando sempre o aumento da capacidade recuperadora que os exercícios determinaram.

Vê-se por aí que num estudo funcional do aparelho circulatório, baseado no pulso, não interessa apenas o registro da frequência em repouso e após o exercício; interessa sobretudo o registro do tempo de volta à calma, e como a desaceleração se processa, o que é mais importante do que o conhecimento da aceleração absoluta apenas, como muitos erradamente recomendam.

A AUSCULTA CARDIACA DURANTE A PROVA DE PULSO. — Já assinalamos, mais atrás, que durante a fase de desaceleração cardíaca o estudo se faz com o estetoscópio de preferência no foco mitral. — Pois

bem, esta ausculta após o exercício, nos apresenta frequentemente uma alteração do timbre das bulhas, o que é considerado por Cassinis como um sinal provável de deficiência circulatória. Embora pareça haver exagero na afirmação desse autor, deve-se no entanto dizer que tal coisa constitui pelo menos um sinal desfavorável.

A ausculta não se faz sómente no foco mitral, e o médico procura então nos intervalos das contagens, explorar todos os demais focos. Observa-se que com o exercício, todos os ruídos anormais se acentuam, tornando-se assim mais fácil surpreender qualquer causa patológica, responda-se necessário averiguar por provas complementares, a maior ou menor anormal, como sôpros, ritmo de galope, ou ainda extra-sístoles, etc. deve ser anotado no gráfico, sobre o traçado que representa a fase de desaceleração.

Desde que qualquer coisa de anormal se verificou na ausculta, torna-se necessário averiguar por provas complementares, a maior ou menor importância do achado, o que fará com que certas medidas sejam estabelecidas, medidas essas que podem comportar até um afastamento do indivíduo da prática esportiva.

A PROVA DE PULSO NO CONTROLE DO TREINAMENTO — Esta prova de pulso pode e deve ser empregada para o controle do indivíduo em treinamento, desde que, mesmo antes de se perceber qualquer anomalia na forma técnica do examinado, ela vem revelar a existência sempre possível de fadiga. — Este estado de fadiga, pode existir mesmo que o indivíduo dele não se apercebe, e então diremos que ele se encontra em forma, mas não se encontra em condição. Constitue desse modo, esta prova, um verdadeiro sinal de alarme.

O primeiro sinal que vem denunciar um estado de fadiga, se encontra representado na prova, por uma aceleração maior com o exercício, em concomitância com uma fase de desaceleração mais lenta, processando-se a volta à calma em um tempo mais longo. — Este estado, que revela má condição física, vai logo se refletir sobre a forma técnica do esportista, e o indivíduo baixa de forma, sai fora de forma, como se diz habitualmente.

O indivíduo fora de forma, é então julgado sob um prisma errado, não só pelo seu treinador, mas ainda por si próprio. Procura-se explicar a baixa do rendimento técnico, dizendo-se que lhe falta treinamento suficiente, e decide-se intensificar o treinamento, submetendo-se o indivíduo a um trabalho mais intenso. O resultado não se faz esperar, e logo sobrevem um estafamento maior, com o agravamento das condições físicas já um tanto precárias.

A conduta a seguir, desde que pela prova ficamos de sobre-aviso em relação à fadiga, é diminuir a intensidade dos exercícios e se necessário suspende-los mesmo; depois de um repouso suficiente, volta o indivíduo aos exercícios, que devem então ser graduados, de tal forma a se atingir o máximo de intensidade, no fim de um determinado tempo de recuperação das energias.

Si o médico não estiver à testa do controle do treinamento, casos como este não podem ser prevenidos em tempo, já que o indivíduo geralmente

se apercebe das suas condições, muito tarde, quando sua forma técnica decaí, e os sintomas de fadiga começam a afligi-lo, tais como a insônia, cefálea, inapetência, febre por vezes, etc..

GRÁFICO PARA O TREINAMENTO. — Durante o controle a que ficam submetidos os indivíduos, pode-se estabelecer um gráfico que demonstra a evolução do trabalho de treinamento. Interessando ao médico o estudo do modo como atuaram os exercícios sobre o organismo do praticante, recorre ao confronto dos dados fisiológicos várias vezes mensurados: o peso, a capacidade vital, a fôrça muscular, e a prova de pulso. Com os valores determinados nos diferentes exames, pode-se estabelecer um gráfico, cuja análise demonstrará geralmente, de relance, os efeitos dos exercícios sobre as diferentes funções orgânicas.

EXAMES COMPLEMENTARES NO CONTROLE MÉDICO-ESPORTIVO

Desde que no exame de capacidade e nos exames posteriores que o médico realiza, nos indivíduos sob seu controle, se verifique a existência de causas que podem contraindicar a prática do esporte e dos exercícios físicos de maneira geral, ou que exigem uma pausa na prática dos mesmos, convem então estudar com maior cuidado os indivíduos suspeitos.

Os indivíduos suspeitos são então submetidos não só aos processos práticos e rápidos, já estudados, mas ainda, para os mesmos deve o médico recorrer a exames complementares, que permitirão em definitivo uma atitude segura em relação às suas possibilidades físicas.

Encontram então aplicação o eletrocardiograma, a radiografia, provas funcionais complementares como a prova de Burguer, e os exames de laboratório, dos quais alguns tem grande importância para os esportistas, como se verifica com a prova de fadiga de Donaggio.

Chamamos a estes exames de complementares, não porque eles não tenham importância; pelo contrário, a sua importância é muito grande. No entanto achamos que eles devem ser empregados apenas nos casos duvidosos, e isto porque não são práticos, e para o controle de grande número de indivíduos se impõe como já tivemos oportunidade de assinalar o emprêgo de processos práticos.

O controle feito com os dados fisiológicos, e a prova de pulso, nos adultos, satisfazem plenamente ao exigido, e apresentando este processo uma economia de tempo muito grande ele se impõe.

A IMPORTANCIA DA VIGILANCIA MEDICA NO ESPORTE BRASILEIRO

O papel do medico nos destinos do esporte brasileiro deve ser dos mais importantes e decisivos. Até aqui pouco tem sido... No esporte do nosso paiz, por motivos varios, a vigilancia medica torna-se de importancia capital. Não esqueçamos o nosso clime tropical e muito especialmente a maneira desordenada, sinão de todo anarquizada, como nossos moços se iniciam no esporte e depois proseguem na sua pratica.

Infelizmente, nesse terreno muito devemos ainda progredir e aqui rendemos nosso lugar a um verdadeiro apostolo da medicina esportiva no Brasil: o dr. Leite de Castro, que pode ser colocado, sem exagero algum, ao lado das maiores competencias medicas especializadas do mundo.

No Brasil, os medicos que se dedicam aos esportes são em numero muito alto, porém todos se entregam na qualidade de dirigentes politicos, administrativos, de tecnicos até, menos, porém, na qualidade de medico. Nossos clubes, de norte a sul, estão cheios de facultativos em suas direções e em seus quadros associativos, porém raros, rarissimos são os que servem o esporte com a sua profissão. A mocidade do Brasil, no entanto, precisa dos seus serviços, que se dediquem ao esporte, de corpo e alma, pondo ao seu dispor seu saber, sua ciencia. Isso seria ao medico esportista servir da melhor maneira possivel o ideal esportivo.

Em 1931, sugerimos que se creasse uma federação de medicos esportivos, pois cada vez mais serio se apresentava o problema do controle medico no esporte local. Essa iniciativa, naquela epoca, nos teria trazido os melhores frutos durante todo esse tempo? Certo que sim. Mas, infelizmente, o medico que se torna esportista, entre nós, salvo rarissimas exceções, o faz na qualidade ou de praticante ou de dirigente politico...

O nosso progresso, no terreno medico-esportivo, por isso é muito lento e falho. O primeiro grande passo foi dado recentemente, em São Paulo, com a criação do curso oficial medico-esportivo, tendo sido diplomados os primeiros medicos especializados. O Departamento Estadual de Educação Fisica de São Paulo foi o primeiro organ oficial de controle medico que se instituiu no Brasil, seguindo-se depois a criação do Departamento Medico da entidade carioca de futebol, esporte este que mais requer vigilancia medica entre nós... É um crime ver-se em nosso paiz a pratica do futebol, em plena 2 horas da tarde dos dias de verão, por parte de rapazes de 18 anos. Isso é muito comum, como tem sido comum, por exemplo, os casos de jogadores tuberculosos serem tolerados criminosamente para não só acabarem de arruinar, de vez, sua saude como para contagiar inconscientemente seus companheiros.

Em boa parte, os destinos do esporte brasileiro estão em mãos de médicos, por isso é preciso darmos a maior importancia possível a esse aspecto, uma vez que o esporte é fiscalizado pelo Estado.

É do Dr. G. Rosenthal, celebre facultativo estrangeiro, o seguinte axioma dos principios de controle medico: «Seleção medica antes do esporte, vigilancia medica durante o esporte, controle medico no momento posterior».

É uma autoridade estrangeira que declara: É necessario conhecer-se os mecanismos secretos da maquina humana, para serem empregados sensatamente. Somente os conhecimentos fisiologicos permitem seguir os bons caminhos nesta materia. E será o medico, no fim da jornada, que jogará seu papel decisivo na nova epoca do esporte».

Nos Estados Unidos, a ficha medica é obrigatoria e cuidadosa, quando o moço se inicia no esporte. Na Alemanha, em 1938, existiam 6.000 medicos esportivos. O primeiro rastro historico que se conhece em materia de medicina esportiva data de 1723. Coube ao decano da Faculdade de Medicina de Paris, professor Boissegard, lançar a seguinte tese: «O exercicio moderado é o melhor meio de se conservar a saude?»

Os que começaram a estudar sua tese não foram poucos, e pode-se dizer que desde ai surgiu o medico esportivo, ao lado do tecnico e do praticante. Uma obra das que mais contribuíram para o progresso da medicina esportiva, nestes ultimos 18 anos, foi a do dr. Thoaris, que escreveu: «La vie par le stade», quando das Olimpíadas de 1924. Fez a analise de centenas de campeões, realizando um grande avanço nos estudos da ciencia biologica.

Concretizando os modernos estudos de laboratorio, Thoaris resume esta ciencia, da construção do atleta, em tres etapas: anatomia, fisiologia e biologia. Nestas tres etapas, lança-se a harmonia em conjunto: cerebro, musculos, estomago e pulmão, que logo terão forma, uma vez que desempenhou seu papel, o edificio corporal. A vigilancia medica no esporte brasileiro é um dos aspectos mais serios e delicados e deve desempenhar no futuro um papel dos mais importantissimos si quisermos ter uma mocidade sadia e forte, com a pratica do esporte, dos exercicios fisicos.

O MAL DO ALCOOL

Nas viagens e nas concentrações dos nossos clubes, usa-se muito o costume do jogo de cartas, para os jogadores passar o tempo. Trata-se de um grande mal, especialmente em relação ao sistema nervoso. Não poucas vezes, temos visto esse habito, dos piores, tolerado pelos dirigentes, assim como os jogadores abusarem exageradamente, a ponto de jogarem cartas até altas horas da noite.

Durante a jogatina, fumam muito e bebem, e os que perdem se deixam dominar pelos nervos e pelo abatimento moral. Cita-se o caso, recente, de tres ou quatro jogadores de um clube santista terem passado a noite inteira jogando cartas. O desastre do seu quadro foi completo, além naturalmente do mal que os mesmos fizeram a sua saude. Até ha

pouco tempo, permitia-se que os jogadores viciados fumassem no vestiário, após o primeiro tempo.

Quanto á bebida, é uma das chagas do esporte brasileiro. Tivemos casos de «azes» que entraram em campo semi-alcoolizados. O vicio da bebida, na maioria das vezes, adquire-se nos pequenos clubes, nos chamados gremios varzeanos, que costumam comemorar a vitoria nos botéquins... ou mesmo na sede. Bebe-se aguardente, cachaça até a embriaguez total. O futebolista cresce, torna-se campeão e vai jogar nos campeonatos oficiais com o vicio da bebida já enraizado... Certa vez, cremos, houve um caso de um garoto torcedor ter morrido, em virtude de forte bebedeira. A policia apurou que o menino tinha estado na sede de um clube do seu bairro, a comemorar com os adultos a vitoria, ingerindo pinga até não poder mais... É, realmente, o que sucede no futebol dos bairros. Quando crianças, fizemos parte de um infantil de um clube varzeano famoso. Muitos daqueles nossos colegas, ao crescerem, se tornaram cracks e não poucos deles já dominados pelo vicio do alcool. Um deles, famoso medio esquerdo da seleção paulista, veio a falecer muito moço, fisicamente arruinado. Lembramos que esse infeliz rapaz, quando jogava ao nosso lado, no infantil em questão, a principio não gostava de nenhuma especie de bebida. Com o mau exemplo dos adultos, acabou se viciando, até que se tornou inveterado alcoolatra.

Mais de cinquenta garotos, integrantes daquele juvenil, a maioria adquiria o vicio da bebida, muitos dos quais já faleceram e outros vivem por aí, ainda moços, mas fisicamente acabados...

E quanto aos adultos que os viciaram, nem é bom falar... Poucos escaparam... Os raros componentes daquele clube varzeano da nossa infancia, que não se deixaram dominar pelo vicio do alcool além de terem resistido muito tempo, como futebolista, gozam hoje de boa saude. Essa é, aliás, a historia de todos os clubes de bairros!...

Sim, os gremios de varzea são, infelizmente, escolas de bebedeiras, uma vez que não existe controle algum. Os pequenos futebolistas crescem e depois levam o vicio para o futebol superior. Mesmo nos clubes maiores, muitos mocinhos se viciam. Tem razão o dr. Tobias Machado, chefe do Serviço de Educação Fisica do Estado do Rio, quando escreve:

— «Apesar do cuidado e do zelo demonstrados pelos dirigentes dos nossos maiores e bem organizados clubes, assiste-se constantemente á embriaguez de menores, que querem mostrar-se adultos e ao jogo a dinheiro do dominó, do bilhar, do «snooker», pois que os clubes, para se desenvolverem, necessitam dos proventos do seu bar e das suas mesas de jogo. Esses fatos se dão porque as crianças começam a frequentar o clube, sem terem conseguido antes os sadios habitos de uma correta vida social e sem que tenham concluido a formação do seu carater, perturbada ainda pela puberdade, que traz profunda transformação ao seu espirito e sentimentos».

O clube é uma das vigas da grande obra educativa e, como tal, necessita estar sob o controle do governo, que ditará as normas

para sua organização, seu aparelhamento, sua direção, sua função no modelar o caráter, a conduta, a educação moral e cívica da juventude».

Sem dúvida, o álcool é um dos maiores males do esporte brasileiro e ruína de muitos campeões.

O RENDIMENTO FISICO E TECNICO NO FUTEBOL NOTURNO

O futebol noturno acabou sendo, entre todos os países, o melhor e o que mais se pratica, no Brasil, e isso devido á ajuda do nosso clima tropical. O futebol á noite auxilia muito as qualidades inatas dos nossos futebolistas, porque permite-lhes maior improvisação e velocidade. Fisicamente, á noite, o esforço que se obtem é maior e o rendimento tecnico mais volumoso do diurno, logicamente, pois os jogadores não súam tanto. Jogam com mais disposição, com maior espontaneidade e, dai, com menor cansaço, tornando-se mais velozes.

Muita é a diferença entre o esforço diurno e o noturno, o que contribue para o jogo ter mais ritmo, mais velocidade e proporcionar maior jogo realizador, sendo de fato mais altas as contagens á noite.

Ha tempos, no Rio, o dr. Leite de Castro constatou que, após um Fla-Flu, á tarde, os jogadores perderam 2 quilos e 800 gramas de peso. Numa recente experiencia feita para nós pelo dr. Carlos Mesquita de Oliveira, medico do São Paulo F. C., tivemos a seguinte diferença na pesagem dos jogadores do São Paulo, após um prelio noturno com o Ipiranga:

	antes		depois
Doutor	72.100	71.700
Piolin	67.100	66.050
Virginio	71	69.500
Lola	61.400	59.850
Noronha	66.500	64.700
Silva	59.600	58.200
Luizinho	61	59.500
Waldemar	66	64.500
Leonidas	70.100	68.200
Remo	57.400	56
Pardal	70.350	68.700

Como vemos, a diferença da perda de peso entre as partidas noturnas e diurnas é acentuada. Por isso, o futebol noturno é mais vistoso, eletrizante e realizador, modalidade a qual os brasileiros estão mais aperfeiçoados em relação aos outros.

A ALIMENTAÇÃO E O VALOR TECNICO

Muitas vezes tem se discutido si o regimen de alimentação nos varios paizes influe no valor tecnico dos esportistas. Não temos competencia para discutir a fundo esse assunto, sob o ponto de vista científico. Lembramos, porém, da opinião de uma das maiores autoridades medicas de São Paulo, destituída todavia de qualquer contato com o esporte, quando afirmou, por ocasião de nosso revés na «Copa Roca», que a inferioridade dos brasileiros estava em relação ao melhor regimen alimentar dos argentinos. Aquele prestigioso medico encontrou, pois, nessa razão o motivo da derrota dos nossos patricios.

Existe, porém, realmente, essa superioridade tecnica, no futebol, de parte dos paizes cuja população melhor se alimenta?

Creemos que não.

Naquela ocasião, respondemos a essa opinião fazendo ver que, seis mezes antes, no III Campeonato do Mundo, o Brasil foi o 3.º classificado e, portanto, á frente de muitos paizes reconhecidamente como melhores observadores de regimens alimentares.

Si, pois, o sistema nacional de alimentação influísse, entre paizes, no valor tecnico, na habilidade pessoal, os brasileiros não poderiam ter conseguido o terceiro lugar no Campeonato Mundial de 1938.

É claro que o futebolista bem alimentado rende mais do que não está bem alimentado, como succede com os treinos, repouso, estado fisico, etc. Não é, porém, uma escola que se torna melhor, as qualidades natas, o instinto, a capacidade tecnica, enfim, que acabam superiores com a influencia da melhor alimentação.

O FUTEBOL E OS MENORES DE 12 ANOS

Não são poucas as opiniões que condenam o futebol para meninos de menos de 12 anos de idade. Realmente, a pratica do futebol para esses menores é perigosa. Pratica que se evita nas escolas, nos clubes, mas não infelizmente, nas calçadas... Entretanto, á verdade que a criança adquire seu temperamento de futebolista muito cedo, muito mesmo mais cedo dos 12 anos. A essa idade, o garoto já tem suas qualidades, seu estilo... Já sabe, com intuição, como chutar e governar a bola. Si não se permite, pois, que lide com a bola antes dos 12 anos, retarda-se muito a educação tecnica, a evolução do instinto futebolista do menino. Proibir terminantemente o futebol aos meninos menores de 12 anos, seria um grande mal. Entretanto, até aquela idade podemos evitar que os garotos disputem partidas, fazendo parte de quadros. Ao invés, até 12 ou 13 anos devem receber ensinamentos tecnicos com a bola, como seja: controle, dominio e chute, praticando individualmente o tiro á meta, o passe, a cabeçada, o drible, etc., de modo que quando o menino, aos 14 ou 15 anos, é admitido nos quadros a disputar partidas, já é um futebolista formado, tecnicamente. Creemos que

é esse o criterio que se observa na Inglaterra, onde os futebolistas mais se formam desde pequena idade.

Nas escolas, ginasios, etc., se revezam os treinadores competentes, que administram lições tecnicas aos garotos, fazendo-os lidar com a bola sem disputarem partidas. Essa é a escola. Entre nós, porém, a escola tecnica do menino é o futebol das calçadas e dos terrenos baldios. Si não aprender o a, b, c do «association», dessa maneira não o poderá fazer de outra... Essa escola, naturalmente, é livre, e apresenta não poucos inconvenientes, pois quasi sempre o menino inconscientemente vai jogar futebol na rua ou no «campinho» proximo a sua casa, após almoçar ou jantar. Aliás, neste grave inconveniente incorrem, muitas vezes, tambem os adultos que, ao deixarem as oficinas ou as fabricas, para o almoço, comem ás pressas e improvisam depois partidas de futebol.

O futebol para crianças menores de 12 anos, sem duvida, não é aconselhavel, admitindo-se os exercicios com a bola para se adquirir ensinamentos tecnicos. Igualmente, é nosso habito fazer jogar como preliminaristas quadros juvenis, ás 14 horas, muitas vezes debaixo de sol abrazador. Esse inconveniente é velho, porém os jovens jogam sempre ás primeiras horas da tarde, afetando-se assim a saude dos rapazes.

OS CASOS DOLOROSOS DOS NOSSOS FUTEBOLISTAS

O mui discutido «caso Fausto» foi um dos tantos dolorosos dos nossos futebolistas. Não foi o primeiro jogador vitimado pela tuberculose. A serie é grande. Tatú, Arturzinho, Lolico, Alfredo, Tião, Marteleti, para só citarmos azes de projeção, desaparecidos, deixando profunda impressão no ambiente futebolistico do Rio e de São Paulo.

O que mais choca é que nem sempre se descobre o mal a tempo, de modo que, quando se precipita, já é muito tarde.

O sucedido com Marteleti e Fausto, ultimamente, constitue um tipico exemplo. Ambos, sem duvida, embora atacados, vinham jogando. Não só acabaram de arruinar sua saude, com o esforço que lhes exigiam as partidas e os treinos, como tambem constituiram, inconscientemente, um grave perigo para seus companheiros, sabido como é a convivencia dos futebolistas no vestiario e nos dormitorios dos seus clubes. Nos casos citados, via-se, nitidamente que o rendimento tecnico e o esforço fisico eram, nos dois azes, irregulares, e que a forma desses jogadores acusava franco declinio; mas ninguem lhes descobria o mal.

Na maioria das vezes, o futebolista atacado, consciente ou inconscientemente, continua jogando até quando já é tarde. Muitas vezes, os proprios diirgentes que lidam com os jogadores são os culpados, pois nos vestiarios descobrem cousas que depõem contra o estado de saude dos mesmos e não tomam providencia alguma. Varios futebolistas falecidos tiveram crises de sangue, no intervalo ou após o jogo, mas, como nunca foram assistidos por um medico ou aconselhados pelos dirigentes, não se incomodaram. Tambem os proprios jogadores, ás vezes, são os culpados de nada dizerem quando se sentem doentes e enfraquecidos, para não se-

rem «barrados» por medo de irem a um consultorio, ou por ambição de continuarem na ativa. E, assim, acabam indo ao encontro de graves consequencias.

Como se explica os muitos casos de tuberculose em futebol?

Eis uma resposta que não está ao nosso alcance, porque somos leigos. O esporte, entre nós, é dirigido por muitos medicos; em todos os clubes, em todas as entidades existem facultativos que estão aptos a estudar esse problema e a apontar o melhor modo de combater o mal. A nossa longa pratica no futebol diz-nos que uma das grandes causas da tuberculose no «association» é o criminoso abuso que se faz dos gelados, quer no intervalo, quer no fim das partidas. São os proprios diretores que vão buscar para os jogadores bebida gelada, e estes abusam, abusam até que um dia...

O banho de chuveiro frio é outro crime. Os jogadores, suados, permanecem... uma hora debaixo da ducha fria. Autoridades competentes no assunto condenam o banho frio para os esportistas, já de ha muito tempo.

No Rio, sabe-se, igualmente, que a causa da ruina da saude de muitos jogadores está nas noites perdidas com passeios, bebidas e divertimentos. Isso diz respeito ao regimen dos clubes e ao juizo dos proprios jogadores. Perdem, lamentavelmente, sua saude, porque são culpados e, depois, já doentes, sem o saberem ou fazer caso, vivem em comum com os seus companheiros, nos vestiarios, nos dormitorios e restaurantes dos clubes, expondo-se sem cuidados a contagio.

Não deve ter sido este o caso de varios jogadores, um dos quais famoso zagueiro carioca até ha poucos anos? Jogador de perfeita compleição fisica, sempre demonstrou, durante longos anos de ativa, possuir invejavel saude e muita fibra. Pois bem: nos seus ultimos tempos afastou-se definitivamente do esporte, porque foi atacado pelos bacilos de Koch!

Não teria sido contagiado por um colega ignorante de seu proprio mal?

Algo é preciso que se faça, para evitar que esse mal se alastre entre os futeboistas, ceifando vidas jovens, quando, justamente, devem praticar o esporte para aperfeiçoar seu fisico.

*
* *
*

Igualmente, muitos casos ruinosos de lesões são devidos ao fato do futebolista, após um acidente, se dizer bem disposto para jogar, jurando que nada sente. Os diretores acreditam, não pedem a intervenção do medico, e o incluem no quadro. Tudo isso porque julgam que o seu rendimento será o mesmo. O jogador, por sua vez, faz esse sacrificio temendo perder o lugar no conjunto. Resultado: vai a campo, o mal volta, impede-lhe maiores esforços. Seu estado fisico sofre as naturais consequencias; joga mal e isso só não é nada, porque sua lesão piora; os dirigentes se arrependem já tarde, de o ter feio jogar. O prejuizo não é pouco. Às vezes, perde-se a partida porque o elemento em questão acaba inutilizado, nada mais fazendo de util, quando não deixa de vez o gramado.

A lesão complica-se e seu afastamento do quadro leva muito mais tempo, com maiores consequências para seu físico e para o seu quadro.

Tudo isso sucede muitas vezes, primeiro porque o jogador esconde a verdade, dizendo que nada sente e nada tem, e segundo porque os diretores julgam que é preciso jogar de qualquer maneira e não solicitam os serviços do médico...

*
* *

Em nossa longa experiência com o futebol, lembramos de dois desses casos típicos que se passaram na seleção brasileira.

Em 1937, em Buenos Aires, no certamen sul-americano, tínhamos como centro avantes Carvalho Leite, naquela época sofrendo do seu velho mal de uma das pernas. Jogava arrastando a perna, todas as vezes. Era permitida, porém, a substituição dos jogadores. Assim Carvalho Leite atuava 20 minutos e depois desistia. Claro que si pudesse resistir os 90 minutos outra seria sua atuação. Com o expediente da substituição, foi remediada sua presença no quadro. Mas, é verdade que si, ao invés de C. Leite fisicamente imperfeito, tivéssemos levado um outro centro avante categorizado, não chegaríamos á grave crise atacante final, pois nos últimos dois jogos (contra os argentinos) não fizemos um único gol, e que nos poderia ter dado a vitória... Faltou-nos um C. Leite, em bom estado físico, ou um outro campeão que pudesse ser um real valor no cento da linha atacante.

O outro caso foi o de Domingos, na estreia do Brasil na III Copa do Mundo. O celebre zagueiro «colored» desde a vespera estava febricitante. Lembramos que sugerimos aos dirigentes enviassem para a cidade do jogo (os brasileiros estavam hospedados no Interior), na noite de sábado, também o zagueiro direito, reserva, Jaú. Foi o que se deu. Apesar de enfermo, Domingos teve que jogar e quasi causou a ruína do nosso quadro. Com o aguaceiro que caiu, durante boa parte da partida, Domingos piorou. A maioria dos 5 gols dos adversários foi devido ás suas precárias condições. A teimosia em confiar em Domingos, febricitante, e não no reserva, quasi motivou nossa eliminação, no 1.º jogo!

No mesmo campeonato, jogos após, tivemos um grande contraste a essa atitude, e que contribuiu decisivamente na nossa derrota, contra a Italia. Assim é que não se forçou a inclusão de Leonidas, vítima de uma distensão no jogo anterior. Na verdade, o acidente com Leonidas foi serio e não podia jogar em tais condições. Mas, em vista das circunstancias, não seria melhor arriscar sua participação, em desespero de causa? Sua presença entre os companheiros, naquela tarde fatidica, era imperiosa, em primeiro lugar por motivos psicologicos. Sua ausencia foi um desastre, que começou pela quebra do moral do XI.

Arriscou-se Domingos numa partida facil, mas não aventuramos Leonidas, muito embora, repetimos, suas condições fossem difíceis e seu rendimento provavelmente limitado.

EXCEÇÕES...

Sim, existem as exceções, como por exemplo o caso recente de Waldemar de Brito, no jogo do 1.º turno de campeonato paulista, entre o São Paulo e a Portuguesa. No primeiro tempo, o az em questão sofreu grave distensão muscular. Estava definitivamente condenado a não voltar a campo, após o intervalo, mas sendo-lhe aplicadas injeções de novocaina, na parte doente, voltou para ser o artífice do triunfo do seu quadro.

*
* *
*

As exceções nos casos medicos do esporte, notadamente do futebol, são aliás muito frequentes. Muitos são os casos de jogadores acidentados gravemente que, por sacrificio, voltaram ou continuam no gramado. Fiedenreich, por exemplo, no celebre jogo de 1914, contra os ingleses do Exter City, foi atingido por um brutal pontapé no rosto. Ferido e ensanguentado, deveria ir para um hospital, mas pediu para que lhe fizessem os curativos de urgencia e voltou a luta, para continuar sendo a mesma soberba figura de sempre! Mais recentemente, vimos em pleno jogo final do campeonato sul-americano, em Buenos Aires, o nosso zagueiro e capitão Jaú sofrer uma verdadeira agressão, aos tres minutos de jogo. Caiu no chão em estado inconsciente, e seriamente atingido num dos braços. Reergueu-se, pouco depois, apertou o braço ferido no peito e assim atuou até o fim!

No Rio, num jogo Vasco x America, Placido, centro avante «americano», teve um choque que lhe custou a fratura de um dos braços. Saiu do campo e voltou depois com o braço na tipoia, jogando assim até se encerrar o prelio!

São exceções, grandes exemplos, como succede ás vezes com futebolistas condenados pelos medicos, por defeitos fisicos ou doenças, mas que por esta ou aquela razão, não desistem.

O caso de Luizinho, do São Paulo F. C., é um desses tipicos. Esse az foi aconselhado a desistir, desde 1934, si não nos enganamos, pois — dizia-se — corria o risco de um desastre mortal, si continuasse jogando. Todavia, ainda joga... Grandes exceções, em defeitos fisicos, conhecemos tambem de alguns jogadores que, embora sem este ou aquele membro, foram valores extraordinarios. Certa vez, visitou-nos o Universal, de Montevideo, cujo avante, dos melhores, de nome Naya, não possuia um braço. Mas tarde, a seleção uruguaia, campeã mundial e olimpica, contou com o avante Castro, que era maneta. Em Minas, existe um caso curioso, o de Geraldo Diogo, avante e artilheiro, pois fez 30 tentos nos jogos do seu clube, o B.B.C.. O rapaz declarou que o seu defeito fisico foi motivado por reumatismo, de que fora atacado aos 14 anos de idade. Durante um ano após ser vitimado do reumatismo, teve de usar muletas. Melhorando, começou a jogar o futebol. A maior exceção futebolistica-fisica que se conhece é, porém, nossa e diz respeito ao fenomeno fisico Artur Fiedenreich. «El Tigre» jogou até 43 anos de idade, durante 26 temporadas consecuti-

vas, sem nunca ter se submetido seriamente a regimens de treinos! Hoje, com 50 anos, Fried acusa um estado fisico que mais parece de um jogador moço, na ativa!... Confessou-nos recentemente que seu peso normal, nestes ultimos tempos, somente aumentou de 2 quilos! Não conta tambem em sua sempre perfeita cabeleira um fio de cabelo branco! Quem o vê julga que está na presença do mesmo Fried de 12 ou 15 anos atraz! Mais do que um fenomeno fisico! Até nisso, o heroi do sul-americano de 1919 foi uma exceção. Dom de Deus, nada mais, pois si um jogador levar a vida que levou «El Tigre», pouco se preocupando com os exercicios e indo jogar após dansar e se divertir, arruinar-se-á fisicamente em pouco meses. Fried foi assim durante 26 anos de sua gloriosa carreira e sua saude e seu fisico estão perfeitos, até hoje! Como se vê, trata-se de um caso estranho e de veras singular fenomeno fisico.

É dificil de se explicar esse fenomeno. O caso de Feitiço tambem merece ser citado. Este jogador é um dos mais perfeitos, fisicamente em nosso futebol. Jogou vinte anos consecutivos. Não bebe e não fuma e nunca esteve afastado do futebol por doença, e seu estado fisico, atualmente, embora aposentado — é dos melhores. No entanto, em 1939, um departamento medico o proibiu de jogar, alegando um mal qualquer...

ONTEM E HOJE

O esporte vulgarizou uma operação feita em toda parte, mas que desperta sempre interesse nos meios científicos. Trata-se do menisco, operação frequente entre os jogadores de futebol.

O menisco, hoje, é comum. Tambem muito se cura, atualmente, o mal conhecido por «agua no joelho».

A evolução da medicina e da cirurgia esportivas contribue para muito jogadores, especialmente, com o regimen profissional, não deixarem o futebol tão cedo. Antigamente, um «crack» com «agua no joelho» tinha que desistir. Uma fratura seria levava, igualmente, um «az» a abandonar o futebol, por falta de quem o curasse... Não havia ainda especialização. Dois dos maiores exemplos que poderemos citar são os de Lagreca e Orlando, super-cracks de outros tempos. Lagreca, capitão do selecionado paulista e brasileiro, desistiu muito jovem, devido ao seu mal incuravel no joelho, mas que hoje teria sido curado em dois mezes... Orlando Pereira, zagueiro dos mais estimados, sofreu doloroso acidente na perna, num jogo do campeonato sul-americano de 1916. Nunca conseguiu se curar. Insistiu em jogar, mas acusava continuamente o mal que muito lhe afetava seu esforço, até que temendo maior complicação abandonou o futebol.

Hoje, com o progresso da medicina e da cirurgia esportivas, não se perde tão facilmente um campeão. O primeiro grande passo á frente, em intervenção cirurgica em fratura, tivemos-lo, entre nós, quando do triste caso de Carnieri, em 1934. Fratura das mais graves. Entretanto, após tratamento, este futebolista voltou a ativa, mezes após! Casos de «agua no joelho» e menisco são, agora, comuns, motivo porque não se registram, como antigamente, desistencias lamentaveis, por falta de cura desses males.

A MISSÃO DE MASSAGISTA

A missão de massagista, até pouco tempo, em nossos clubes esportivos, estava, na maioria das vezes, a cargo de leigos, pessoas com alguma experiência pratica apenas, mas longe de profissionais diplomados. Nestes ultimos tempos, com os cursos da Escola de Educação Física, a função de massagista não se oferece tão facilmente para qualquer um. A importancia do massagista no esporte é capital. Quantos jogadores não foram inutilizados por pseudos massagistas!...

— «Todos pensam — escreveu um jornalista especializado, de Portugal — que estão aptos a exercer a profissão de massagistas. Ora, para bem poder desempenhar o lugar, é necessario ter algumas noções de anatomia e de fisiologia, que permitam assimilar e poder executar as recomendações do medico. O massagista deve ser, além disso, são de corpo e regularmente forte. A massagem é uma arte que, como todas as artes, só se adquire com muita pratica, acompanhada de lições de mestre competente».

Realmente; mas, assim não se julgava até ha pouco, entre nós. Dai, vemos massagistas improvisados, a arruinar pernas de «cracks».

Um massagista competente é cumpridor de seus deveres, desempenha tambem um bom papel de auxiliar do treinador. Um tecnico europeu escreveu, ha tempos, sobre esta parte moral do massagista o seguinte:

— «É preciso frisar que a importancia de um massagista em um quadro é ainda maior quando se pensa que depende de suas indicações si um treinador pode ou não dispor de um atleta para uma partida. O massagista é o unico que pode dar um juizo exato sobre a eficiencia de um jogador, enquanto o trata atentamente. Para isso é preciso que se acostume a referir objetivamente — sem preconceitos que prejudicariam o seu trabalho — ao treinador o estado dos atletas que trata e descrever o estado de serviço e a presença de cada um em seu gabinete.

E isso porque si, por exemplo, um jogador habituado a fazer massagens, duas ou tres vezes por semana, deixa de faze-lo em uma semana, e o massagista conta ao treinador, este é forçado a pedir explicações, afim de saber o motivo. E desta colaboração e entendimento, entre massagista e treinador, depende um pouco tambem a eficiencia do atleta: o cuidado, a vigilancia são completos quando baseados em dados reais e não sobre possibilidades ou calculos futuros.

Para que este trabalho dê resultado, é necessario que o massagista seja honesto nas suas informações.

O massagista é parte delicada do organismo-sociedade; despreza-la, significa não compreender a sua importancia. Pensar que o seu trabalho se restrinja em levar ao campo o balde com agua e a esponja, significa não compreender o que é um quadro de futebol.

Como em todos os organismos, também neste, quem altera as suas funções ou desvia os seus objetivos, faz obra nociva. O massagista será elemento útil si for enquadrado nos deveres acima expostos e si os presidentes das sociedades não façam escolhas levianas.

A importancia do massagista — acreditem — é maior do que parece!»

AS DISTENÇÕES, A SUA IMPORTANCIA E O SEU TRATAMENTO

Um dos mais frequentes accidentes do futebolista é a distensão muscular, accidente serio que obriga a inatividades inesperadas e causadoras de grandes transtornos.

É, talvez, a distensão muscular um mal que mais afeta um quadro de futebol, pois volta e meia vê-se privado do concurso de seus «azes», acidentados com a distensão, quer durante os jogos quer em pleno treinos.

Um dos mais conhecidos esportistas, dirigentes, de Portugal, e não menos illustre medico esportivo, o dr. Salazar Carreira, assim escreveu sobre a distensão e seu tratamento:

— «A distensão muscular, cujo prognostico é em regra benevolo, representa sempre, no entanto, uma temida sombra negra no espirito dos praticantes do esporte, porque, obrigando á interrupção completa de toda a especie de atividade esportiva, pode provocar a perda ingloria do aproveitamento de muitos mezes de trabalho de preparação.

A lesão conhecida por esse nome e que sempre se manifesta em ocasião de esforço corresponde á rutura de uma pequenina intra muscular ou á rasgadura de algumas fibrilas internas. Suscetivel de apresentar todos os graus na escala de gravidade, pois se estende até a rutura muscular, é na generalidade simples accidente, sem consequencias, quando convenientemente tratado.

A precipitação no retomar da atividade é o pior inimigo da cura completa das distensões; insufficientemente tratadas, estas repetem-se em gravidade crescente e, quando por sorte assim não suceda, o restabelecimento funcional arrasta-se e a cicratisação faz-se de maneira defeituosa.

A par dos tratamentos fisicos que desde o primeiro dia applica localmente, o massagista deve, desde o primeiro dia, também, aconselham o acidentado paciencia e prudencia, evitando promessas falsamente animadoras de rapida reparação. Apressa», nestas circunstancias, é demorar.

Sem querermos enveredar pelo caminho das explicações por-menorisadas que não pertencem propriamente ao objetivo destas lições, parece-nos talvez util a indicação dos sinais que permitem caracterisar a verdadeira distensão: no meio do jogo ou do exercicio, o atleta sente uma dor violenta, «como si o musculo se ras-

gasse», dizem uns, «parecendo que levava uma pedrada», explicam outros, e, imediatamente ficam impossibilitados de proseguir servindo-se do membro ferido. Todos os movimentos que se relacionem com o musculo lesado, mesmo os movimentos passivos são dolorosos. e qualquer pressão sobre o local do acidente provoca dores violentas. A palpação, impossivel de executar a fundo por esse motivo, revela o musculo endurecido, em contração de defesa, e em determinado ponto uma zona de empastamento onde a sensibilidade é maxima e que corresponde ao lugar onde a distensão se deu.

A distensão é sempre acompanhada de derrame sanguineo local, maior ou menor, que uma das vezes se concentra em torno da lesão, outras se espalha por toda a massa muscular, vindo a aparecer alguns dias depois a transparencia da pele sobe o aspecto de mancha arroxeadada.

Reconhecida a existencia duma distensão, o homem será imediatamente colocado em repouso completo; si o acidente teve lugar em musculo do membro inferior. deve ficar deitado, durante os primeiros dias, em prazo de tempo condicionado pela gravidade da lesão.

O tratamento precoce resume-se a applicações quentes permanentes; aconselho com garantia de excelente resultado o emprego das duchas de ar quente, sempre faceis onde haja uma tomada de corrente, usando o vulgar aparelho de secagem de cabelo. Onde os recursos sejam mais vastos, considero o tratamento de preferencia a applicação da luz infra vermelha, em sessões de 15 a 20 minutos, duas vezes ao dia.

A massagem começa a ser applicada dois ou tres dias depois do acidente, quando o empastamento geral tende a desaparecer, precedida e acompanhada — quando tal possa succeder — pelo emprego de luz ultra violeta.

No periodo mais adiantado de cicatrizaçào, a applicação das ondas curtas (diatermia) é bastante vantajosa.

As manobras manuais do massagista devem principiar cautelosamente: para evitar a ruptura das vénulas feridas e para não provocar dor, a qual o paciente responderia contraíndo o musculo e dificultado assim a ação das manipulações.

Procurar a anestesia da região, por meio de pressões progressivas e de frições lentas e centripetas, abrangem do muito largamente os limites da zona atingida pelo acidente.

Durante as primeiras sessões, cuja duração não excederá de dez a quinze minutos, são estas as unicas manobras empregadas; com o tempo e conforme as melhoras se forem desenhando, a massagem aumenta de intensidade, mas nunca comportando manobras violentas de esmagamento ou percução.

O regresso á atividade deve ser progressivo, tardio e suspenso ao menor rebate de agravamento. Recordar sempre que a repetição é invariavelmente mais grave do que o acidente primitivo».

AS PANCADAS NOS JOELHOS

Outro acidente muito frequente no futebol é o choque nos joelhos, que requer muita habilidade do massagista no tratamento:

O professor A. Hoffa descreve assim no seu livro a massagem do joelho doente:

— «Coloca-se sob uma superfície solida ou sobre o proprio massagista, em posição comoda, e completamente descontraída. Deve sempre ter-se presente que os derrames resaltam sobretudo na parte anterior da capsula, empurrando os sacos superiores da articulação e levantando a rotula.

Começar pela fricção circular do joelho, fazendo terminar os movimentos das mãos sobre os varios grupos musculares da coxa. Quando haja derrame procura-se, fricionando, empurrar o liquido contido nos fundos de sacos capsulares, adaptando o mais possivel o contorno de toda mão ás formas da articulação e evitando consentir que o liquido escape para traz.

As frições são a mais eficaz manobra para espremer e por em circulação os exsudados celulares. Com o doente deitado, repetem-se de ambos os lados do joelho interno e externo, procurando a entrelinha articular, que separa a tibia do femur, seguindo-a desde os bordos da rotula até a concavidade posterior ou acompanhando o bordo do tendão anterior, até a inserção na tibia.

Depois de ter feita a massagem na metade anterior do joelho, procede-se de igual modo, na metade de traz, colocando a perna em grande flexão para que os dedos possam penetrar melhor».

Em 1926, o dr. Leite de Castro assim escrevia o tratamento de «agua no joelho»:

— «Nos casos de hidartrose traumática recente (nosso caso), pode-se obter resolução do processo patológico pela compressão forçada do joelho (algodão com ataduras, elastico, etc.).

Para auxilio, devemos colocar em torno do joelho, vesicatórios — deixando a rotula descoberta.

O joelho diante de uma pancada fica inflamado e assim sendo, torna-se mister dar-lhe repouso. Para isso, pois, é preciso descansar a articulação atingida, afim de facilitar a marcha do tratamento.

Quando se torna crônico, é indispensavel a aplicação de pontas de fogo.

Duas indicações, nesse caso, são necessarias quando o quadro clinico se agrava: 1.º, «punção articular», pelo metodo de Schede, que consiste na retirada do liquido existente na articulação e injeção de solução millesimal de sublimado que se aspira em seguida (esse processo é perigoso pelo risco de intoxicação mercurial); 2.º;

«artrotomia», operação em que se abre largamente o joelho para um tratamento completo».

Por sua vez, o professor Hugo Bassi, prestigioso medico esportivo italiano, assim se manifesta sobre os males de joelhos e menisco:

— «Uma palavra a parte para as lesões do joelho: ha distensões desta importante articulação que não chegam a sarar pela complicação que surge com os destaques de ligaduras ou pela rutura ou luxações de cartilagens. Desconfiar de um joelho que se inflama pelo menor traumatismo. Em setenta por cento de joelhos examinados por mim havia complicações. Nem sempre se trata de lesões do menisco ou pelo menos nem sempre essas lesões exigem intervenções. O menisco se fere em muitos modos, e a operação não é necessaria em todos os casos.

Aliás, é preciso lembrar que esta operação é verdadeiramente benefica só nos casos indicados e quando toda a lesão da articulação resida somente no menisco.

Desde que tenho costume de tirar radiografias do joelho, com meios de contraste(quasi sempre introduzindo oxigenio na articulação), o que permite analisar melhor as lesões do proprio menisco — faço menos operações de menisco; mas as que opero apresentam todas o resultado esperado.

Como conclusão destas breves considerações, é preciso rebater o conceito de que as lesões dos atletas devem ser tratadas com meios medicos escrupulosos e que o atleta seja conduzido ao medico logo que sofre acidente e que quem cuida do atleta espere milagres, que nem a medicina que ajuda e nem a natureza que opera podem realizar».

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2023



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ